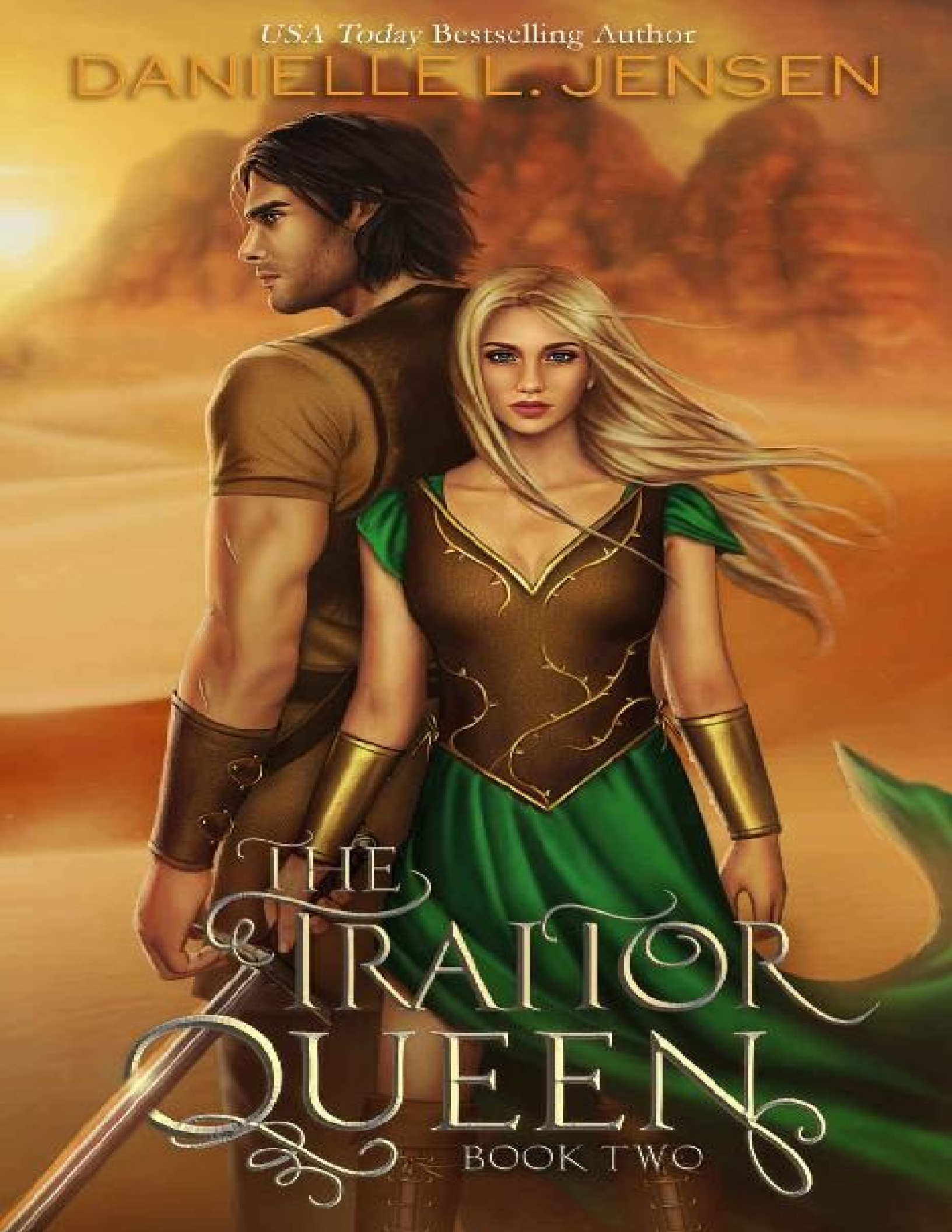

USA Today Bestselling Author
DANIELLE L. JENSEN
THE TRAITOR QUEEN
BOOK TWO

ÍNDICE

1. Aren
2. Lara
3. Aren
4. Lara
5. Aren
6. Lara
7. Aren
8. Lara
9. Lara
10. Lara
11. Aren
12. Lara
13. Aren
14. Lara
15. Lara
16. Aren
17. Aren
18. Lara
19. Aren
20. Lara
21. Aren
22. Lara
23. Aren
24. Lara
25. Aren
26. Lara
27. Aren
28. Lara
29. Aren
30. Lara
31. Lara
32. Aren
33. Lara
34. Aren
35. Lara
36. Aren
37. Lara

38. Aren
39. Lara
40. Aren
41. Lara
42. Aren
43. Lara
44. Aren
45. Aren
46. Lara
47. Aren
48. Lara
49. Aren
50. Lara
51. Aren
52. Lara
53. Aren
54. Lara
55. Aren
56. Lara
57. Aren
58. Lara
59. Aren
60. Lara
61. Lara
62. Aren
63. Lara
64. Aren
65. Lara
66. Lara

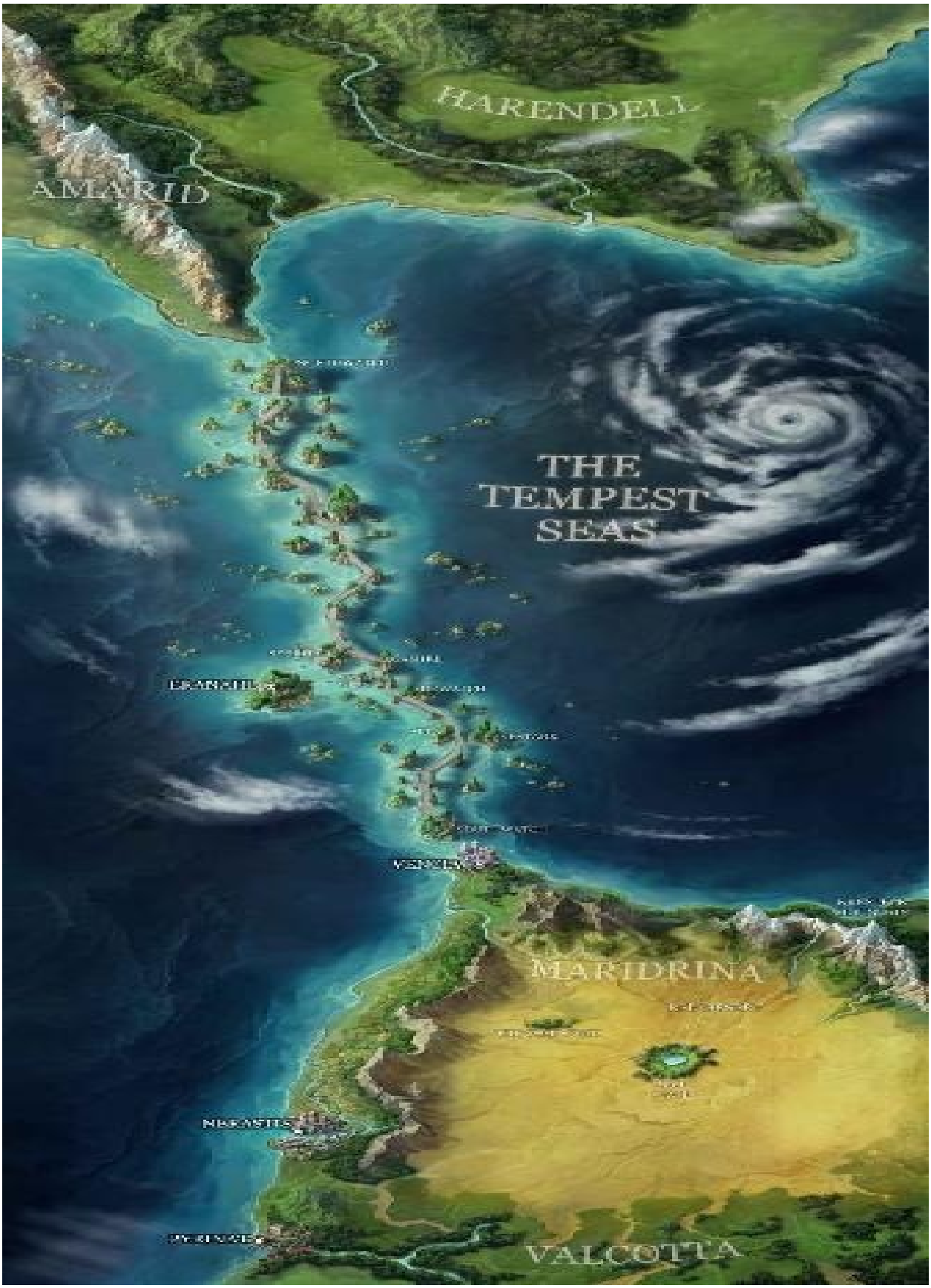


BOOKSUNFLOWERS



Para minha querida amiga e confidente,
Elise Kova




HARENDELL
AMARID
THE TEMPEST SEAS
VENICE
MARIDRINA
VALCOTTA

1

AREN



ELE ESTAVA VENDADO há treze dias.

Acorrentado também e, ocasionalmente, amordaçado. No entanto, apesar da queimação persistente das cordas esfolando a pele dos pulsos dele e do gosto ruim do tecido enfiado em sua boca, era a escuridão interminável causada pela venda que estava levando Aren, o antigo Rei de Ithicana, à beira da loucura.

Enquanto a dor era uma velha amiga e o desconforto quase um estilo de vida, estar preso às visões que sua própria mente podia conjurar era o pior tipo de tortura. Porque, apesar de seu desejo mais fervoroso que fosse o contrário, só o que a mente dele queria mostrar eram visões *dela.*

Lara.

A esposa dele.

A Rainha Traidora de Ithicana.

Aren tinha assuntos mais urgentes a pensar, sendo o mais importante como *diabos* iria escapar dos Maridrinianos. No entanto, os aspectos práticos dessa necessidade desapareciam quando ele analisava cada momento com *ela*, tentando e falhando em decifrar a verdade da mentira, a realidade da atuação – embora ele não soubesse dizer com qual finalidade. Do que *importava* saber se algo fora real quando a ponte estava perdida, o seu povo morto ou morrendo, o reino à beira da derrota, e tudo isso era resultado de Aren ter confiado em – *amado* – sua inimiga.

Eu te amo. A voz e o rosto dela ocuparam os pensamentos dele, o cabelo cor de mel emaranhado, os olhos azuis brilhantes com lágrimas que esculpiram um caminho através da lama manchada nas bochechas dela.

Verdade ou mentira?

Aren não tinha certeza de qual resposta seria um bálsamo para a ferida e qual iria abri-la novamente. Um homem sábio pararia de pensar nisso, mas Deus

sabia que ele não tinha direito a esse atributo em particular. Então, voltou a martelar sobre ela, seu rosto, sua voz, seu toque o consumindo enquanto os Maridrinianos o arrastavam, ele chutando e lutando, de seu reino caído. Só depois de deixar o mar e estar sob o calor dos céus Maridrinianos é que o desejo dele foi realizado: a venda foi removida.

Desejos eram os sonhos dos tolos.

2

LARA



LARA NÃO SABIA que Eranahl tinha uma masmorra.

Mas não havia outra palavra para a cela escura construída nas cavernas sob a cidade-ilha, as paredes de pedra escorregadias com mofo e o ar estagnado. As barras de aço da cela sem ferrugem – porque isso era Ithicana, e até mesmo as coisas que mal eram usadas permaneciam bem conservadas.

Lara estava deitada de costas no catre estreito, o fino cobertor que recebera fazendo pouco para afastar o frio úmido, seu estômago contraído de fome por ela estar sendo submetida às mesmas rações que todos os outros na ilha.

Não era assim que ela tinha esperanças que as coisas acontecessem.

Em vez de convencer Ahnna a participar do plano de resgatar Aren das garras de seu pai, só o que a exibição de artes marciais na câmara do conselho conseguiu foi fazê-la ser algemada em correntes, arrastada pelas ruas da cidade e jogada nesta cela. Aqueles que traziam comida e água fresca recusavam-se a falar com ela, ignorando seus apelos para ver Ahnna.

E cada dia que passava era mais um dia que Aren permanecia prisioneiro em Maridrina, submetido a Deus sabe que tipo de tratamento.

Se ele sequer ainda estivesse vivo.

O pensamento a fazia querer se enrolar em si mesma. A fazia querer gritar de frustração. Fazia com que ela quisesse fugir desse lugar e tentar libertar Aren por conta própria.

Exceto que ela sabia que seria loucura.

Ela *precisava* de Ithicana.

Se ao menos ela conseguisse fazê-los perceber que eles também precisavam dela.

3

AREN



— BOM DIA, VOSSA MAJESTADE — disse uma voz quando a venda foi removida do rosto de Aren.

Aren piscou rapidamente, lágrimas escorrendo pelo rosto quando o sol queimou seus olhos, cegando-o tão completamente quanto o tecido manchado de suor. Aos poucos, a ardência causada pela luz branca diminuiu, revelando um jardim de rosas bem cuidado. Uma mesa. E um homem de cabelos prateados, pele bronzeada pelo sol e olhos da cor dos Mares de Tempestade.

O Rei de Maridrina.

O pai de Lara.

Seu inimigo.

Aren saltou sobre a mesa, sem se importar com o fato de estar desarmado ou com os pulsos amarrados. Sabendo apenas que precisava ferir este homem, que destruíra tudo que ele amava.

Com os dedos a centímetros do alvo, Aren se viu sendo puxado para trás contra a cadeira, uma corrente presa à cintura segurando-o como um cachorro amarrado a uma árvore.

— Não, não. Sejamos civilizados.

— Vá. Se. Foder.

O lábio superior do rei Maridriniano se curvou em desdém, como se Aren tivesse latido em vez de falado.

— Você é como o seu reino era, Vossa Majestade. Selvagem.

Era.

O escárnio se transformou em um sorriso.

— Sim, Vossa Majestade. *Era.* Pois temo que Ithicana não exista mais e seu título agora seja uma cortesia com a qual você terá que viver sem. — Ele se recostou na cadeira. — Como devemos chamá-lo? Mestre Kertell? Ou talvez,

dado que somos uma espécie de família, uma certa familiaridade seja apropriada, *Aren.*

— Não dou a mínima para como você me chama, *Silas.* Quanto a sua outra observação, a ponte não é Ithicana. *Eu* não sou Ithicana. Meu…

— … povo é Ithicana — Silas concluiu, o olhar brilhando com diversão. — Palavras bonitas, garoto. E talvez haja verdade nelas. Ithicana permanecerá de pé… pelo tempo que Eranahl permanecer.

O estômago de Aren se revirou, o nome da cidade dele nos lábios de seu inimigo soando não só estranho como também desagradável.

— Um grande segredo para se guardar. — O Rei Silas Veliant balançou a cabeça. — Ainda que não seja mais um segredo.

— Se pretende me usar para negociar a rendição de Eranahl, está perdendo seu tempo.

— Eu não perco meu tempo. E eu não negocio. — Silas coçou o queixo. — Quase todo o seu povo está reunido em uma ilha, sem suprimentos e sem esperança de salvação. Quanto tempo irão durar? Quanto tempo até Eranahl não ser uma fortaleza, mas um túmulo? Não, Aren, eu não preciso que *você* veja Ithicana ser destruída por completo.

Não chegaria a esse ponto. Quem quer que estivesse no comando de Eranahl começaria a contrabandear civis para fora de Ithicana sob a proteção das tempestades. Norte e sul. Espalhados pelos ventos.

Mas vivos.

E contanto que estivessem vivos…

— Se sou tão inútil, por que estou aqui?

Silas juntou os dedos, em silêncio. O coração de Aren disparou, trovejando contra o peito, cada batida mais violenta que a anterior.

— Onde está Lara?

Uma pergunta inesperada, visto que Aren esperava que ela estivesse *aqui.* De volta a Maridrina. De volta ao lado do pai. Se ela não estava... Se o pai dela não sabia onde ela estava…

Eu te amo.

Aren balançou a cabeça bruscamente, uma gota de suor escorrendo pelo rosto. Ela o apunhalara pelas costas, mentiu para ele desde o início. *Nada* do que ela havia dito importava agora.

— Não faço ideia.

— Ela está viva?

Inquietação arrepiou a pele dele, a voz de Lara ecoando em seus pensamentos: *Pensei que tinha destruído todas as cópias. Isto é… isto é um erro.* As lágrimas nos olhos dela haviam brilhado como jóias.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu.

— Você a deixou ir? Ou ela escapou?

Por favor, não faça isso. Eu posso lutar. Posso te ajudar. Eu posso…

— Permitir que uma traidora escape parece uma escolha imprudente. — No entanto, era o que Aren havia feito. Por quê? Por que não a matou quando teve a chance?

A cabeça do outro homem se inclinou. Em seguida, ele enfiou a mão no bolso do casaco branco polido e tirou um pedaço de papel esfarrapado e manchado, o dourado das bordas há muito tempo gasto.

— Isso foi encontrado com você quando te revistaram. Um documento tão interessante.

Silas colocou-o sobre a mesa. A escrita de Aren mal visível entre as marcas d'água e manchas de sangue.

— De um lado, ela me trai. Do outro... — ele virou o papel — Ela trai você. Um quebra-cabeça. Devo dizer que não tínhamos certeza do que fazer com isso, especialmente somado a sua visita à minha bela cidade. Diga-me, onde você acredita que reside a lealdade de Lara?

A camisa de Aren grudou nas costas, o fedor de suor preenchendo seu nariz.

— Dadas as nossas atuais circunstâncias, eu diria que a resposta é óbvia.

— À primeira vista, talvez. — Os dedos do rei Maridriniano roçaram o maldito pedaço de papel. — Se me permite perguntar, quem matou Marylyn?

— Eu. — A mentira escapuliu antes mesmo que Aren pudesse se questionar o porquê de ele sentir que a farsa era necessária.

— Não — Silas declarou. — Não, eu não acho que você tenha matado.

— Acredite no que quiser. Não faz diferença.

Dobrando o papel, o pai de Lara se inclinou para enfiá-lo na gola da camisa de Aren.

— Deixe-me contar uma história. Uma história sobre uma garota criada no deserto com as irmãs amadas. Uma menina que, ao saber que o próprio pai pretendia matá-la e dez de suas irmãs, optou não por se salvar, mas por *arriscar* a própria vida para salvar a das outras. Optou não por escapar na direção de um futuro certo, mas por se condenar a um destino sombrio. Tudo para salvar aquelas vidas preciosas.

— Já ouvi essa história. — Pedaços dela. De Lara. E da irmã que ela assassinou.

— Ouviu, talvez. Mas você entendeu? Pois dentro de toda boa história, há algo a ser aprendido.

— Fique à vontade para me esclarecer. — Aren ergueu os pulsos amarrados. — Sou um público cativo.

Silas riu e perguntou:

— Por que, considerando que a garota estava tão condenada e determinada a proteger a vida das irmãs, teria ela mesma matado uma delas?

— Marylyn ameaçou as outras.

— As outras não estavam lá. Ela tinha tempo. No entanto, em vez de usá-lo, ela quebrou o pescoço da irmã. O que me leva, Aren, a acreditar que algo que ela valorizava muito sofria um maior risco iminente.

Imagens passaram pelos olhos de Aren. O rosto de Lara quando seus olhos pousaram sobre ele de joelhos e a faca da irmã na garganta dele. A maneira como ela vasculhara o quarto, não à procura de uma forma de escapar, mas de uma solução no meio de uma situação impossível. Havia somente uma escolha: a vida dele ou a de Marylyn.

Silas Veliant se inclinou sobre a mesa, parecendo não se importar com o fato de estar ao alcance das mãos de Aren.

— Eu fiz uma promessa à minha filha, *Vossa Majestade* — a voz dele estava cheia de zombaria — Prometi que, se ela me traísse, eu a mataria da pior das maneiras. E eu sempre mantenho minhas promessas.

Azul de bastardos Maridrinianos. Essa era a cor dos olhos desse homem. E dos de Lara. Mas enquanto os dela eram cheios de intensidade e vida, encarar os olhos de seu pai era como encontrar o olhar de uma cobra. Frio. Apático. Cruel.

— Ela não te traiu. Você tem o que queria.

Um sorriso malicioso revelou dentes que haviam visto muito tabaco.

— Mesmo agora, depois de tudo o que ela custou a Ithicana, você mente por ela. Você a ama.

Isso era mentira. Lara havia custado a Ithicana sua ponte. Ao seu povo, a vida. A Aren, seu trono. Ele a *odiava.*

— Não me importo com ela.

Silas deu uma risada e murmurou:

— Veremos. Com toda certeza, ela sabe que te prendi aqui. E com uma certeza ainda maior, ela virá atrás de você. E quando ela vier, eu a matarei.

— Eu lhe entregarei a espada.

A risada de Silas se transformou em uma gargalhada selvagem e dissonante.

— Veremos se dirá o mesmo quando sua esposa estiver de joelhos implorando pela sua vida. Ou quando ela começar a gritar pela dela.

Sem dizer mais nada, o Rei de Maridrina levantou-se, deixando Aren sozinho e acorrentado no jardim. E, embora durante dias tudo que Aren quisesse era *ver* para apagar a visão do rosto dela, agora ele fechou os olhos para vê-la. *Corra, Lara. E nunca olhe para trás.*

4

LARA



SONS DE PASSOS invadiram os sonhos dela, e Lara se levantou bruscamente, piscando na escuridão, a visão desfocada.

Há quantos dias ela estava aqui embaixo? Sem o sol, a única maneira de se orientar era pela chegada da única refeição diária. *Seis? Sete?* Ela balançou a cabeça para tentar limpar a névoa do sono, depois se concentrou na luz que acompanhava os passos.

A princesa de Ithicana, comandante da Ilha de Southwatch e irmã gêmea de Aren, apareceu diante da porta da cela. Ahnna deu uma olhada nela.

— Você está um lixo.

— Eu não estava esperando companhia.

E Lara não era a única em mau estado. Ahnna vestia as típicas túnicas, calças e botas usadas por quase todos em Ithicana, o cabelo escuro preso em um rabo de cavalo na nuca. Mas sombras escureciam a pele sob seus olhos e a boca estava comprimida em uma linha fina de exaustão. O ferimento que Ahnna sofrera ao lutar contra os Maridrinianos invasores ainda era uma linha vermelha pálida que se estendia da testa até a maçã do rosto e, enquanto Lara observava, ela tocou a cicatriz uma vez, como se estivesse se lembrando que ainda estava lá.

Embora estivesse com medo de perguntar, Lara disse:

— Alguma notícia de Aren?

Ahnna balançou a cabeça.

— Há uma grande tempestade sobre nós há quase uma semana, por isso estamos isolados.

— Então por que está aqui?

Segurando as barras da cela com as duas mãos, Ahnna se apoiou contra elas.

— A cidade inteira está exigindo que eu te execute. Você sabe como lidamos com traidores em Ithicana? — Ela não esperou Lara responder. — Nós os

penduramos sobre o mar, com a água na altura da cintura, e os usamos como isca. Se você tiver sorte, um grande tubarão aparecerá e terminará o serviço rapidamente, mas não é sempre assim.

Lara encarou a princesa.

— Você pretende atender ao pedido deles?

Ahnna ficou em silêncio por um longo momento antes de dizer:

— Vou lhe dar a oportunidade de me convencer do contrário. Acho que a melhor maneira de começar é contando a verdade.

A verdade.

Aren era a única pessoa a quem ela confiara a verdade e, mesmo então, ela guardou muito dela para si. Lara não guardaria nada agora.

Ahnna escutou em silêncio enquanto Lara lhe contava sobre ter sido levada com as irmãs para o complexo no Deserto Vermelho. Sobre o sofrimento que foi seu treinamento com Serin, o Magpie. Como elas sofreram lavagem cerebral para acreditar que Ithicana era a vilã e nunca suspeitar que o verdadeiro mal era o próprio pai. Sobre o jantar em que ela salvou a vida das irmãs ao se sacrificar, e tudo o que aconteceu depois, sem poupar detalhes.

Quando terminou, Ahnna estava sentada no chão, os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Aren disse a Jor que você tinha escapado. Mas assim que ouvi isso, eu soube que ele tinha te deixado ir. Idiota sentimental do caralho.

— Ele disse que me mataria se eu voltasse.

— E, ainda assim, aqui está você. — Ahnna tocou a ferida em seu rosto, os olhos distantes. Então, ela se concentrou em Lara. — Você disse que tinha um plano? Uma maneira de libertar Aren?

Triunfo percorreu o interior de Lara, mas ela manteve o rosto sob controle.

— Para libertar Aren, sim. Mas também para libertar Ithicana do meu pai.

Os olhos de Ahnna se estreitaram.

— Como? Os Maridrinianos têm posse de todas as nossas guarnições militares, incluindo Northwatch e Southwatch. Estão protegidos por todas as defesas que criamos e não temos gente suficiente para abrir passagem entre eles. Acredite em mim, nós tentamos. Foi assim que Aren foi pego para início de conversa.

— É por isso que você precisa de aliados.

Bufando, Ahnna desviou o olhar.

— Você soa como Aren. E foi esse tipo de pensamento que nos colocou nesta posição em primeiro lugar.

— Me escute. — Pondo-se de pé, Lara andou de um lado para o outro no chão da cela. — Depois que fugi de Ithicana, fui para Harendell. Eles não estão

felizes com Maridrina em posse da ponte, porque a aliança do meu pai com a rainha Amaridiana significa que Amarid irá receber tratamento preferencial em Northwatch e na ponte. Harendell está perdendo muito dinheiro, e você *sabe* como eles se sentem a respeito disso.

Ahnna assentiu.

— Os Harendellianos não querem Maridrina em posse da ponte e nem a querem para si. Se formos ao rei deles, acredito que podemos convencê-lo a ajudar Ithicana nessa luta.

— Ele não vai concordar em pôr em risco a marinha dele só porque pedimos com educação, Lara. Harendell pode estar perdendo dinheiro das trocas comerciais, mas eles podem perder mais ainda se forem à guerra.

— Ele irá concordar se você cumprir o que foi lhe acordado. — Segurando as barras da cela, Lara encontrou o olhar de Ahnna. — A aliança do Tratado de Quinze Anos pode ter sido rompida com Maridrina, mas continua valendo com Harendell. Ou continuará se…

— Se eu me casar com o príncipe herdeiro.

Apertando as barras da cela, Lara assentiu.

— Sim.

Em um movimento rápido, Ahnna se virou e cruzou o corredor para descansar a testa contra a cela oposta. Por fim, ela disse:

— Nunca saí de Ithicana, sabe. Nem uma vez.

A maioria dos Ithicanos nunca saíra, somente os poucos selecionados que foram treinados como espiões, mas considerando quem Ahnna era, a informação era surpreendente.

— No momento em que minha mãe permitiu, Aren partiu de Ithicana como uma flecha. De Norte a Sul, ele foi para toda parte. E houve anos em que parecia que ele passava mais tempo fingindo ser outra pessoa em outro reino do que sendo meu irmão em Ithicana. — Ahnna ficou quieta por um momento. — Eu nunca entendi. Nunca entendi por que ele poderia querer estar em qualquer lugar além *daqui*.

— Porque — Lara respondeu suavemente — ele sabia que chegaria um momento em que não lhe seria permitido partir. Assim como você sabia que chegaria um momento em que não seria permitido a você retornar.

Os ombros de Ahnna tremeram, e Lara ouviu a outra mulher respirar fundo antes de se virar. Enfiando a mão no bolso, ela retirou uma chave, que inseriu na fechadura da cela de Lara.

— Qual é o resto do plano?

5

AREN



NÃO DEMOROU MUITO para ele perceber que estavam mantendo-o no cômodo mais privativo do palácio de Vencia – um lugar reservado ao rei de Maridrina, às esposas dele e seus numerosos descendentes. O *porquê* de Aren estar sendo mantido naquele lugar e não na cela de uma das inúmeras prisões de Maridrina era mais difícil de entender.

Provavelmente porque ali era mais fácil para Silas se vangloriar, Aren pensou.

Por mais tempo que Aren tivesse passado em Maridrina, o palácio era um lugar onde ele nunca tinha entrado. Testar os níveis de segurança que Silas mantinha no local não compensava o que ele poderia ganhar com os riscos. Principalmente para alguém da importância de Aren. O único espião Ithicano a se infiltrar fora a avó dele. Nana havia conseguido ser recrutada para o harém do rei anterior, onde viveu por mais de um ano antes de fingir a própria morte para escapar. E isso havia acontecido cinquenta anos atrás.

Só que agora Aren amaldiçoava sua falta de conhecimento do lugar, porque isso o deixava em grande desvantagem em escapar de lá.

As muralhas internas tinham quase dez metros de altura, com postos de guarda em cada um dos quatro cantos e soldados patrulhando o topo. Havia somente um portão de entrada, mantido sempre fechado e vigiado tanto por dentro quanto por fora. Dentro das muralhas, havia duas construções curvas e, entre elas, a torre com telhas de bronze podia ser vista a quilômetros de distância. E no meio de tudo isso, ficavam os jardins, onde alguns servos passavam os dias cultivando o gramado, os arbustos e as flores; outros varriam os caminhos de pedra e limpavam as fontes da sujeira levada pelas tempestades – todos os esforços em prol de garantir o conforto de Silas e suas esposas.

Havia cinquenta esposas no harém. As mulheres estavam aproveitando o

tempo livre de tempestades para deixar o palácio, todas envoltas nas melhores seda, os dedos e orelhas cintilando com pedras preciosas. Algumas eram mais velhas, mas a maioria era tão jovem que poderiam ser filhas de Silas, o que fez Aren estremecer. Ele recebera ordens de não falar com elas, embora, na verdade, as mulheres permanecessem tão distantes da mesa de pedra à qual ele estava acorrentado que nem havia qualquer oportunidade para isso.

Além disso, havia as crianças.

Ele contou dezesseis, todas com menos de dez anos e, embora nem todas tivessem herdado a cor dos olhos do pai, várias delas sim. Cada vez que uma delas o encarava com os olhos azuis idênticos aos de Lara, Aren sentia como se tivesse levado um soco no estômago.

Onde ela estava?

Para onde tinha ido?

Ela ainda estava viva?

E o pior de tudo: a questão se ela cairia na armadilha de Silas e viria atrás dele. *Claro que ela não virá*, disse a si mesmo. *Ela não dá a mínima para você. Foi tudo mentira.*

Mas se eram mentiras, por que Silas estava atrás dela?

Por que, já que ela lhe dera tudo que ele mais desejava, ele ainda a queria morta?

Os pensamentos levavam Aren à loucura e, acorrentado a um banco nos jardins, ele não tinha nada para distraí-lo, nada para controlar a ansiedade que crescia em suas entranhas a cada dia que passava.

Um grito feminino cortou o ar, arrancando Aren dos seus devaneios. A mulher berrou várias vezes e Aren viu as esposas que estavam nos jardins fugirem para dentro do palácio, os servos levando as crianças com eles.

Os gritos se aproximaram e os guardas no portão se moveram para abri-lo, revelando um velho encapuzado, que caminhou lentamente entre as construções na direção de Aren.

O Magpie.

— É tão bom vê-lo novamente, Vossa Graça. — Serin inclinou a cabeça. Então, fez uma careta. — Perdoe-me, estou esquecido em minha velhice. Você não é mais rei, então devemos nos familiarizar, não é, *Aren?*

Aren não respondeu, o comportamento do mestre dos espiões em completo desacordo com os gritos vindos do lado de fora do portão aberto. Suor escorreu em gotas grossas pelas costas dele, a pulsação rugindo em seus ouvidos.

— Ocorre que você tem uma visita — disse Serin e, com uma mão, acenou para os guardas.

Dois soldados apareceram no portão do pátio, arrastando uma figura

relutante entre eles. Aren tentou se levantar, mas os grilhões o puxaram de volta ao banco.

A mulher usava um vestido de estilo Maridriniano, mas seu rosto estava coberto por um saco. As roupas estavam manchadas de sangue e, cada vez que ela tentava se livrar do aperto dos soldados, gotas respingavam nos paralelepípedos claros.

Era Lara? Ele não sabia dizer. Ela tinha a altura certa. A estrutura certa.

— Era apenas uma questão de tempo, não era? — Serin ronronou, retirando uma faca das dobras de sua túnica. — Tenho que dizer, ela foi mais fácil de capturar do que previ. A emoção deixa a pessoa desleixada, mesmo para alguém com o treinamento dela.

Aren não conseguia respirar. Não conseguia pensar.

— Lara e as irmãs estão acostumadas à dor, Aren. Mais acostumadas do que você pode imaginar.

Serin segurou a lâmina da faca sobre um braseiro que um dos soldados trouxera, observando o metal esquentar.

— Era o que eu usava para controlar suas mentes. É fascinante como, mesmo sendo eu quem as queimava, eu quem as feria, eu quem as enterrava vivas, bastava sussurrar as palavras certas nos ouvidos delas e elas culpavam *você* pelas próprias lágrimas. Crianças são coisas tão fáceis de moldar. Tire um dos sapatos dela, por favor.

Os soldados puxaram uma das pernas de Lara, removendo o sapato e, sem hesitar, Serin pressionou a lâmina quente contra a planta do pé dela.

Ela gritou, e foi o pior som que Aren já ouvira.

Ele avançou na direção dela, o banco de pedra derrapando no chão, os grilhões cortando os pulsos dele, sangue escorrendo pelas mãos.

— Solte-a! — ele gritou. — Lara!

Serin sorriu.

— E eu ouvi dizer que você não se importava em nada com nossa princesa errante. Que se o pai decidisse cortar a cabeça dela, você entregaria a espada a ele.

— Eu vou te matar por isso!

— Tenho certeza que você gostaria disso. — O Magpie segurou a faca acima do braseiro. — Quanto acha que ela aguenta? Pelo que me lembro, Lara era *bastante* resiliente. Incrivelmente resiliente.

— Por favor. — Aren arrastou consigo o banco, de centímetro a centímetro, na direção dela, mas os guardas apenas recuaram um passo.

— O que disse? — Serin pressionou a lâmina no outro pé de Lara, os gritos estridentes dela ecoando pelo pátio. — A idade não ajudou em nada a minha

audição, infelizmente.

— Por favor! Por favor, não a machuque.

— Ah. — Serin abaixou a faca. — Bem, nesse caso, talvez possamos chegar a um acordo. Você nos diz como romper as defesas de Eranahl e tudo isso acabará.

Não.

Serin estalou os dedos e um guarda apareceu carregando um rolo de couro com ferramentas, que o mestre dos espiões desenrolou cuidadosamente.

— Ao longo dos anos, fiz disso uma espécie de arte.

— Não há como invadir Eranahl. — As palavras roucas deixaram a garganta de Aren. — Os destruidores de navios acabarão com qualquer embarcação que se aproximar.

— E se for alguém com uma enorme frota à disposição?

— Tente. Veja no que vai dar.

Serin puxou uma das ferramentas.

— É a sua cidade. Você certamente conhece os pontos fracos dela.

— Não há nenhum.

— Que pena. — Serin se virou para Lara, o metal refletindo luz na mão e, um segundo depois, ela gritou sem proferir palavras.

— Pare! Solte-a! Por favor! — Uma mistura distorcida de palavras saiu da garganta dele e seu corpo tremia pelo esforço de arrastar o banco consigo para se aproximar. Ele tinha que ajudá-la. Tinha que salvá-la.

— Como entramos em Eranahl? — Serin se virou para encará-lo. — Não? Vamos ver como ela irá reagir ao perder os dedos.

— Puxando o maldito portão! — Desesperado, Aren gritou as palavras. Era a verdade, exceto que não serviria de nada a eles. Mas se salvasse Lara…

— Como fazemos isso? — Serin pegou outra ferramenta e Aren caiu de joelhos, dizendo:

— Por favor.

— Um plano, Aren. Dê-nos um plano e tudo isso acabará.

Naquele momento, Lara se retorceu. Libertando-se do aperto dos guardas que a seguravam, ela se jogou na direção de Aren, desabando sobre ele. E antes que os guardas pudessem cair sobre eles, ela ergueu os pulsos amarrados e puxou o saco da cabeça.

Emra, a jovem comandante da guarnição militar de Kestark, encarou-o com os olhos cheios de agonia e desespero. Sangue escorria de sua boca, explicando o porquê de ela não ter falado. Seus olhos estavam roxos e inchados.

— Idiotas — Serin sibilou para os guardas. — Peguem-a de volta.

Os homens se aproximaram com desconfiança nos olhos, e Aren puxou a

jovem contra si, embora soubesse que não seria capaz de mantê-los afastados por muito tempo. E assim que a pegassem, Serin iria torturá-la até que ela morresse ou Aren desse o que ele queria.

Emra fez um barulho, a palavra quase irreconhecível. Mas a súplica era clara.

Aren respirou fundo.

— Detenham-o! — Serin gritou, mas Aren foi mais rápido, o estalar do pescoço de Emra quebrando fazendo os dois soldados pararem no meio do caminho.

Lentamente, ele colocou a jovem no chão, sem se preocupar em lutar quando os homens a arrastaram para fora do alcance dele.

— Pendurem-a — Serin ordenou, e Aren cerrou os dentes, obrigando-se a assistir enquanto os homens a arrastavam até a muralha. Um dos soldados no topo jogou uma corda, que amarraram ao pescoço dela, o trio puxando-a para cima até ela ficar pendurada e fora do alcance por uma das cornijas, o sangue em seu pé respingando no gramado verde.

— É assim que vai ser, Serin? — Aren forçou sua voz a ficar firme. — Você está minerando Ithicana em busca de mulheres para disfarçar de Lara?

O Magpie coçou o queixo.

— Minerando... Veja, Aren, minerando não é a palavra correta. Isso significaria que procuramos por esse passarinho, sendo que, na realidade, ele voou até nós.

O sangue de Aren congelou.

— Seu povo parece não querer te abandonar — Serin continuou. — E embora essa tenha sido apenas a primeira tentativa de resgatá-lo, duvido muito que será a última. — Então, ele gesticulou para os soldados que aguardavam. — Tragam os outros dois prisioneiros.

Mas antes que eles pudessem se mover, uma voz cortou o ar.

— Santo Deus, Serin! Você não tem becos ou lugares escuros onde possa realizar esse tipo de atividade? O que acontecerá depois? Decapitações na mesa de jantar?

Aren virou a cabeça e viu um homem esguio vestido com roupas de grande elegância Maridriniana. Ele observava a uns doze de passos de distância com os braços cruzados e os lábios franzidos em desgosto. O homem andou na direção deles, evitando cuidadosamente os respingos de sangue no caminho. Atrás dele, dois soldados Maridrinianos escoltavam uma mulher Valcottana com os pulsos amarrados. Ela era alta e esguia, os cabelos escuros curtos e cacheados e os grandes olhos castanhos emoldurados por uma abundância de cílios. Linda, mas sua pele marrom carregava hematomas desbotados e o lábio inferior tinha uma

crosta onde fora cortado.

— Vossa Alteza. — Serin fez uma reverência rápida. — Você deveria estar em Nerastis.

— Sim, bem, nós conseguimos um grande prêmio. Pareceu prudente que eu garantisse que ela chegasse inteira. Coisas quebradas são menos valiosas.

Olhando a prisioneira, Serin arqueou uma sobrancelha.

— General Zarrah Anaphora, sobrinha da Imperatriz. Você se superou, Alteza. Seu pai te verá com bons olhos.

— Eu duvido disso.

Serin fez um ruído evasivo.

— Agora que você a entregou, suponho que retornará a Nerastis imediatamente.

Não era uma pergunta, mas uma declaração. Quem quer que fosse esse filho de Silas, o Magpie claramente não o queria em Vencia.

O príncipe puxou uma mecha do cabelo loiro escuro para trás da orelha e seus olhos azuis observaram Aren com interesse.

— Esse é o rei Ithicano, então? Devo dizer que ele é menos assustador do que eu esperava. Estou bastante desapontado ao ver que ele, na verdade, não tem chifres.

— O *antigo* rei. Ithicana não existe mais.

O olhar do príncipe foi para onde Emra estava pendurada na parede, e depois retornou para Aren.

— Erro meu. Prossigam.

Passando por Aren, ele partiu na direção da torre, seguido pelos soldados que escoltavam a General Anaphora.

Mas quando eles passaram, ela se desvencilhou do domínio deles, caindo de joelhos na frente de Aren.

— Sinto muito, Vossa Graça. — Os olhos dela fixaram-se nos dele e ele viu que brilhavam com lágrimas. — Por tudo que você perdeu. E pela minha participação nisso. Eu rezo para um dia ter a oportunidade de reparar tudo.

Antes que Aren pudesse responder, um dos soldados a puxou de volta, rosnando.

— A única coisa pela qual você deve rezar é para que Sua Majestade opte por não cravar sua cabeça no portão de Vencia, sua desgraçada Valcottana!

Zarrah cuspiu no rosto do homem, que ergueu a mão para golpeá-la, mas antes disso, a voz do príncipe cortou o ar, o tom frio.

— Você se esqueceu do que aconteceu ao último homem que bateu no meu prêmio?

O soldado empalideceu e abaixou a mão, murmurando:

— Se mexa.

O grupo seguiu em frente, mas antes que desaparecessem de vista, o príncipe gritou por cima do ombro.

— Certifique-se de limpar sua bagunça, Magpie.

— Tragam os outros dois prisioneiros — Serin comandou entre os dentes cerrados. — É hora de ver o que mais Vossa Graça tem a oferecer.

6

LARA



— COMO VOCÊ FOI até Harendell e voltou sem se afogar no mar do seu próprio vômito é um maldito mistério para mim, garota.

Lara ergueu o rosto da areia e passou a mão na boca, irritada porque depois de três dias presa em mares agitados, a *terra firme* agora parecia oscilar e sacudir embaixo dela como uma forma pessoal de punição.

— Não é uma experiência que eu gostaria de repetir. — Ela se levantou devagar antes de tirar a areia da saia.

Somente ela e Jor estavam na praia, os outros Ithicanos – os poucos sobreviventes da guarda de honra de Aren – permanecendo no barco, os rostos tão sombrios quanto o céu atrás deles.

— Não temos tempo a perder nessa missão — Jor declarou numa versão mais educada da frase que ela ouvia continuamente desde que deixaram Eranahl.

— Talvez não. — Curvando-se para recuperar sua bolsa, Lara pendurou-a no ombro, olhando as colinas íngremes que precisaria escalar. Era melhor fazer isso antes que sol estivesse totalmente no alto. — Mas dadas as nossas circunstâncias, não me parece que temos muita escolha.

— Nós poderíamos atacar agora. O desgraçado do seu pai está com Aren há *semanas*, Lara. Deus sabe o que fizeram com ele.

— Meu pai não o machucará. Não enquanto achar que ainda há uma chance de Ahnna entregar Eranahl em troca do retorno de Aren.

Lara estava presente quando a carta de seu pai foi recebida pela princesa Ithicana. Ela mesma a lera enquanto Ahnna se encolhia em sofrimento, as palavras dançando agora em seus pensamentos.

Para Vossa Alteza Real, Princesa Ahnna Kertell de Ithicana,

É hora dessa guerra acabar. Em um gesto de boa vontade, seu irmão, Aren Kertell, será entregue a você após a rendição da Ilha de Eranahl às forças navais que a cercam. Supondo que sejam pacíficos, seu povo será trazido para Maridrina e, depois de um tempo adequado, serão presenteados com terras no interior, onde poderão se estabelecer. Esperamos que você seja mais empática e que pense mais no futuro de seu povo do que seu irmão.

Vossos mais sinceros cumprimentos,

Silas Veliant, Rei de Maridrina e Mestre da Ponte.

— Ele está mentindo — ela disse para Ahnna. — Se abrir os portões, ele massacrará a todos.

— Estou ciente — respondeu Ahnna, erguendo o rosto. — Mas se eu recusar, ele pode decidir que Aren não tem mais utilidade.

— Ele sabe que irei atrás de Aren. Ele não desistirá da chance de me ver morta.

A princesa encontrou o olhar de Lara.

— Ele sabe que você irá resgatar Aren. Mas ele também sabe que é igualmente provável que irá em busca de vingança.

Jor tossiu, trazendo Lara de volta à realidade.

— Seu pai sabe que Ahnna não aceitará aquele trato.

— Talvez. Mas não dá para tirar proveito de quem está morto, e não custará nada a ele manter Aren como prisioneiro. Então, ele irá manter Aren vivo pelo menos até que a guerra seja vencida.

— Você quer dizer até Eranahl cair.

Lara grunhiu, concordando. *Esse* era o relógio que eles estavam correndo contra. A cidade estava com a capacidade máxima e, mesmo com o racionamento em vigor, os estoques diminuíam a um ritmo alarmante. Os pescadores saíam a todo vapor sempre que havia uma pausa entre as tempestades, mas não se atreviam a ir muito longe. Não com o pai dela pagando aos Amaridianos para se arriscarem pelos mares violentos, com o objetivo de vigiar a ilha-fortaleza. Eranahl tinha o suficiente para sobreviver até o início da próxima temporada de tempestades, mas nenhum dia a mais. Se chegassem a esse ponto, Ithicana estaria completamente perdida.

Jor a encarou.

— E com tudo isso em jogo, você quer que a gente sente e espere enquanto você tenta organizar uma reunião familiar?

— Seria o ideal. — Lara franziu a testa para o céu do amanhecer. — Mas presumo que você continuará a jogar fora as vidas dos nossos melhores homens

e mulheres na tentativa de se infiltrar no palácio do meu pai. O que tornará esse resgate ainda mais difícil quando chegar a hora. Precisamos trabalhar juntos se há alguma chance de libertar Aren. E se isso não é o suficiente para você, lembre-se de que Ahnna concordou com esse plano. E a última vez que conferi, era *ela* quem estava no comando.

Jor suspirou, ressentido, e Lara o observou com cautela. Isso era difícil para o velho soldado. Ele estava no grupo que lutava contra os Maridrinianos quando Aren foi capturado e ela sabia que ele se culpava, embora não tenha sido culpa dele. Lara havia extraído os detalhes da guarda-costas de Aren, Lia, e percebeu que a conduta de sempre se arriscar de Aren saíra pela culatra. Ele fora longe demais e, quando os Maridrinianos perceberam o prêmio que possuíam, recuaram, sem permitir que Jor e os demais o recuperassem.

— Não é culpa sua.

— Tem razão — ele disparou. — É *sua*. E não existe *nós*. Há *nós* e há *você*, então nem pense em fazer qualquer tipo de reivindicação sobre os homens e mulheres que lutaram e morreram tentando desfazer os seus... *erros*.

Apesar de quase todos os Ithicanos que ela cruzara terem cuspido uma variação dessas mesmas palavras em seu rosto, Lara se encolheu. Ela merecia a ira, a desconfiança, o ódio deles, porque a queda de Ithicana *era* culpa dela. O fato de ter sido um erro agravado pela própria covardia só piorava as coisas.

— Eu sei, Jor. E é por isso que estou fazendo tudo que posso para desfazer o dano que foi feito.

— Não pode trazer os mortos de volta à vida.

— É melhor você torcer pelo contrário — ela respondeu, lembrando-se das irmãs estateladas na mesa de jantar, os peitos e olhos imóveis. — Ou estamos muito ferrados.

Jor cuspiu na areia.

— Você pode pegar suas armas de volta. — Ele levou a mão para o saco aos pés dele, praguejando quando ergueu o tecido e ele balançou frouxamente.

Sorrindo, Lara puxou a barra da saia para cima, revelando uma das lâminas que havia roubado horas atrás.

— Pensamos que Maridrina havia nos enviado uma ovelha — ele comentou, balançando a cabeça. — Mas o tempo todo era um lobo jantando em nossa mesa, enganando a todos nós.

— Aren sabia. — *E a amava, apesar disso.*

— Sim. E veja aonde isso o levou.

O rosto de Aren atingido pela dor da traição preencheu a visão dela, mas Lara empurrou a memória para longe. Ela não podia mudar o passado, mas pretendia com toda a certeza moldar o futuro.

— Estarei de volta em algumas semanas. Se eu não retornar, significa que estou morta. — Lara voltou os olhos para Maridrina. Se o que Marylyn dissera era verdade, suas irmãs estavam lá, vivas e bem.

E era hora de Lara cobrar sua dívida.

7

AREN



— DIGA-NOS COMO TOMAR ERANAHL.

Serin sussurrou as palavras, a sensação da respiração do homem contra a orelha de Aren se sobrepondo à exaustão e enviando ondas de repulsa por sua espinha. Por dias, ele ficou trancado no quarto minúsculo e árido, submetido às perguntas do mestre dos espiões, às quais ele se recusava a responder.

— Não há nada a dizer — Aren rosnou por entre o pedaço de madeira que haviam colocado no meio dos dentes dele, com o objetivo de que ele nem pensasse em morder e arrancar a própria língua. — É impenetrável.

— Mas e quanto ao topo dos penhascos? — O tom da voz de Serin nunca mudava, não importando o que Aren dissesse. Não importando o quanto ele tentasse irritá-lo. — Um único soldado não consegue entrar pela cratera do vulcão sem ser detectado?

— Por que não tenta? — Aren tentou virar a cabeça o suficiente para poder ver o mestre dos espiões, mas o movimento fez todo o seu corpo girar nas correntes pelas quais ele estava pendurado, e a visão dele estava turva pelo sangue acumulado na cabeça. — Embora eu presuma que já tenha tentado. Minha irmã usou os destruidores de navios para jogar os cadáveres dentro dos seus navios? Ahnna mira *muito* bem. — Se ela estivesse lá. Se ela ainda estivesse viva.

— Descreva o interior da cratera para mim. — Serin caminhou com Aren enquanto o Ithicano continuava a girar. — Com o que se parece? De que materiais são feitas as construções?

— Use sua imaginação — Aren sibilou, mas estava tendo problemas para manter o foco, a consciência dele desfocando e desvanecendo.

Implacável, Serin continuou fazendo perguntas.

— O portão... Tem o mesmo modelo que a ponte levadiça de Southwatch?

— Vá a merda.

— Quantos soldados o vigiam?

Aren cerrou os dentes, desejando desmaiar mas sabendo que o acordariam com um balde de água no rosto. E então, fariam mais perguntas. Inúmeras perguntas. Isso Aren sabia. Após dias do mesmo tormento, Aren *sabia*.

— Quantas embarcações são mantidas dentro daquela caverna?

— Quantos civis vivem na ilha?

— Quantas crianças estão lá?

Tudo o que Aren queria era dormir. Dormir, qualquer coisa para dormir. Mas Serin não lhe permitia mais do que alguns minutos antes de acordá-lo das piores formas possíveis. Formas que faziam o coração dele querer explodir de pânico.

— Que tipos de recursos a cidade tem?

— Onde os guardam?

— Qual é a fonte de água?

— Chuva, óbvio! — As palavras explodiram dos lábios de Aren, seu corpo inteiro tremendo e sacudindo. Quente e gelado. Por que diabos o homem estava fazendo perguntas tão estúpidas?

Abruptamente, Aren foi abaixado para o chão úmido do quarto. Dois guardas o puxaram pelos braços e o arrastaram até o catre, onde ele foi jogado sem cerimônias. Um deles retirou o pedaço de madeira dos seus dentes e entregou-lhe um copo d'água. Aren engoliu o líquido e o guarda voltou a encher o copo sem fazer comentários.

Caindo no catre, Aren se curvou ao redor dos pulsos acorrentados.

Não há nada demais em dar respostas a perguntas inúteis, disse a si mesmo, mal percebendo quando o guarda jogou um cobertor sobre ele. Mas a ansiedade o acompanhou até dentro de seu sono.

Ele sonhou com Midwatch.

Com as fontes termais no jardim.

Com Lara.

Sonhou com ensiná-la a boiar de costas, o corpo nu de Lara suspenso nas mãos dele, o cabelo dela rodopiando devido aos redemoinhos da correnteza. Ela arqueou as costas, os seios fartos elevando-se acima da água, os mamilos eriçando quando gotas da chuva gelada os atingiram. Os olhos dele percorreram as planícies do estômago dela até se fixarem onde a espuma da cascata revelava e escondia o ápice de suas coxas, acendendo um desejo que nunca desaparecia de verdade quando ela estava presente.

— Relaxe — ele murmurou, sem saber se estava instruindo a ela ou a si mesmo. — Deixe a água carregá-la.

— Se você me soltar — ela respondeu — não ficarei feliz.

— É só até a cintura.

Ela abriu os olhos para encará-lo, vapor bordando seus cílios como jóias.

— Essa não é a questão.

Sorrindo, ele se curvou e beijou os lábios dela, provando-a completamente antes de sussurrar:

— Eu nunca vou te soltar.

Mas em vez de responder, Lara gritou.

Os olhos de Aren se abriram abruptamente e ele tentou se sentar, mas estava preso ao catre abaixo dele. O quarto fora lançado na escuridão total e Lara gritava, a voz cheia de dor e medo.

— Lara! — ele gritou, lutando contra as amarras. — Lara!

Em seguida, os gritos cessaram e os ouvidos dele foram preenchidos pelo som de passos fugindo. Uma porta se abriu e fechou, depois uma lamparina se acendeu, queimando seus olhos e revelando o rosto encoberto de Serin.

— Bom dia, Aren.

Não era Lara gritando. Somente mais um dos jogos mentais de Serin. Recuperando a compostura, Aren retrucou:

— Já tive manhãs melhores.

O Magpie sorriu.

— Mais duas pessoas do seu povo foram capturadas ontem à noite nos esgotos sob o palácio. Aparentemente não sabiam sobre a nossa vigilância recém-instalada. Quer se juntar a mim enquanto lhes dou uma *bela* recepção Maridriniana?

8

LARA



LARA PROTEGEU OS olhos do brilho ofuscante do lago na montanha, cuidadosamente tomando notas dos detalhes da cidade construída entre árvores na costa oeste. Ao longo da semana passada, ela visitou uma dúzia de cidades iguais a essa, perguntando com cautela sobre uma mulher bonita de cabelos pretos e olhos tão azuis quanto o oceano.

Sarhina. Sua irmã favorita. Sua irmã mais próxima. A irmã em cujo bolso Lara havia colocado sua nota de esclarecimento momentos antes de envenená-la e todas as outras.

Ela tinha estado tão certa, naquele momento, de que as irmãs entenderiam a farsa. Que acordariam de seus estupores de quase morte, encontrariam o bilhete e perceberiam que Lara lhes comprara a oportunidade de uma vida nova e liberdade. Que poderiam não agradecê-la por isso, não exatamente, mas pelo menos perceberiam que era a única forma de todas sobreviverem.

Mas a fúria de Marylyn abalou profundamente essa crença.

Era ela quem tinha mais motivos para sentir raiva. Marylyn era a irmã escolhida – aquela destinada a ser a Rainha de Ithicana – e Lara a roubou dessa honra. *Ou melhor, roubara as recompensas que seu pai havia prometido que viriam com a honra,* ela se lembrou ao pensar no brilho maníaco nos olhos de Marylyn quando ela revelou suas motivações reais.

Mas talvez as outras irmãs tivessem motivos iguais para odiar Lara pelo que ela fizera. Elas todas passaram a vida inteira competindo por uma posição. Uma posição que Marylyn conquistou, mas que Lara roubou de maneira ardilosa. Ela mentiu para todas. Envenenou-as. Deixou-as lutarem para encontrar uma saída do Deserto Vermelho sem camelos e suprimentos. Até onde Laria sabia, suas irmãs dariam uma olhada nela e cortariam sua garganta como punição.

Sarhina era a única irmã que ela tinha certeza que perdoaria suas ações.

A mais brilhante das irmãs de Lara, Sarhina era uma lutadora brutal, uma cruel estrategista e uma líder nata. No entanto, repetidamente ela fazia de tudo para não se sobressair quando, na verdade, poderia ter sido facilmente uma das melhores. Mediana por natureza, Lara passou a acreditar, mas se algum dos mestres suspeitou das táticas da irmã, nunca conseguiram provar. Sarhina não foi tola de confessar que sabotava as próprias chances de se tornar rainha, mas medos eram bastante reveladores, como Lara começou a perceber.

— Dizem que Ithicana está envolta em uma névoa tão densa que não dá para ver mais do que uma dúzia de passos em qualquer direção — Sarhina sussurrou para ela nas noites escuras no quarto compartilhado delas. — Que as selvas são tão fechadas que é preciso cortá-las com uma lâmina para abrir caminho, e que os desavisados se vêem presos nos galhos como moscas em uma teia de aranha. Que uma vez dentro das ilhas, você nunca conseguirá ver o céu.

— Parece maravilhoso — ela murmurou. — Preciso de um descanso do sol.

— Parece uma tumba — respondeu Sarhina.

As preocupações de Sarhina pouco importavam na época, mas como Serin intensificara o treinamento das irmãs, tornando-as cúmplices da tortura umas das outras, Lara passou a entender o medo de Sarhina. Viu sua irmã surtar na cova enquanto as outras jogavam areia, pá após pá, na cabeça dela, enterrando-a viva. Viu-a implorar e oferecer qualquer informação para sair daquela situação.

Serin apenas erguia as mãos em desgosto, gritando para Sarhina que os Ithicanos iriam de fato enterrá-la viva se ela confessasse, depois ordenava que ela fosse jogada de volta na cova para repetir o exercício. Inúmeras vezes, até o momento que Sarhina aprendeu a dominar o medo. Aprendeu a escondê-lo. Aprendeu a suprimi-lo.

Mas nunca a derrotá-lo.

E era por isso que Lara estava no ponto mais alto de Maridrina: as montanhas Kresteck. A cordilheira descia pela costa leste, íngreme e selvagem, cheia de lagos brilhantes, córregos impetuosos e o cheiro forte de pinheiro. Era pouco povoada, a maioria da população composta por caçadores de pequenos e grandes animais vivendo isoladamente em cabanas rústicas, os poucos vilarejos situados em vales e nas margens dos lagos, raramente abrigando mais de cem pessoas. A cordilheira era perigosa de atravessar, sujeita a deslizamentos de pedras, inundações e, no inverno, avalanches, tudo piorado por salteadores na estrada que assombravam as poucas rotas que levavam ao norte e ao sul.

Na opinião de Lara, era um lugar horrível, frio e hostil. Mas os picos alcançavam o céu, revelando uma visão ampla e aberta de um raio de muitos quilômetros e, em seu coração, Lara sabia que era para onde Sarhina tinha ido.

Rastreá-la, entretanto, era outra questão. Nos dias anteriores ao fatídico

jantar no oásis do deserto, não houve oportunidade para Lara pensar em como poderia se reunir com as irmãs no futuro, não sem revelar o plano. Razão pela qual ela dependia que Sarhina *a* encontrasse. As outras meninas sabiam que o pai delas as queria mortas. Muito provavelmente, também sabiam que a cobertura que Lara havia lhes dado foi comprometida por Marylyn. De qualquer forma, elas estariam preparadas para serem perseguidas. E estariam igualmente preparadas para lidar com qualquer pessoa que viesse procurá-las. Como Lara, todas as irmãs Veliant eram caçadoras; e para encontrá-las só era preciso acionar uma de suas armadilhas.

E dado que ela foi avisada na última cidade que poderia haver uma jovem com a descrição de Sarhina nesse lugar, Lara estava certa de que finalmente tinha a encontrado.

Desmontando, Lara amarrou seu pônei da montanha longe o suficiente da trilha para que ele não fosse visto, depois se dirigiu ao povoado. Fumaça subia pelas chaminés das casas, e ela avistou dois homens esticando peles sobre estruturas para secarem. A pelagem atravessaria a ponte e, eventualmente, seria vendida para forrar mantos e luvas de nobres Harendellianos ou Amaridianos. Outro homem, de boa forma e nu da cintura para cima, cortava lenha para depositá-la em uma grande pilha. Uma idosa se agachou perto de uma fogueira para regar molho em uma carne no espeto e, atrás dela, um bando de crianças corria pelas construções, as risadas ecoando pelas árvores até alcançarem os ouvidos de Lara.

Ela circulou a cidade, identificando cada indivíduo e as armas que eles portavam, assim como as melhores rotas de fuga para caso a situação piorasse rapidamente. O povo da montanha era bastante pacífico, mas a necessidade os fazia desconfiar de estranhos e bons lutadores. Ninguém a incomodara ainda, mas isso podia mudar em um piscar de olhos. Além disso, a última coisa de que ela precisava era que Serin, em Vencia, ficasse sabendo da existência de uma mulher com a descrição dela, principalmente se somada à informação de que ela procurava por mulheres que se encaixavam na descrição de uma princesa Veliant.

Satisfeita após aprender a disposição do lugar, Lara deu um passo em direção à cidade, a história da busca por uma irmã perdida na ponta da língua, quando a porta de uma das casas se abriu e Sarhina saiu, uma cesta sob o braço.

Lara congelou no meio do caminho, observando a irmã caminhar despreocupadamente pela área comum até o homem cortando lenha. Ele fez uma pausa na tarefa e enxugou o suor da testa antes de se curvar para sussurrar algo no ouvido da mulher. A risada de Sarhina se espalhou pelo ar e ela se inclinou para trás, o manto dela se abrindo e revelando duas lâminas matrimoniais presas

por um cinto sobre um ventre inchado.

Lara não conseguia respirar.

Lançando uma piscadela de flerte por cima do ombro para o homem sorridente, Sarhina continuou descendo por uma trilha em direção à floresta, o manto fluindo atrás dela.

Lara não se moveu, a lenta percepção de que as coisas mudaram penetrando sua mente. Por razões que não conseguia explicar, ela imaginou que encontraria as irmãs exatamente como antes: princesas guerreiras competindo pelo direito de defender seu país. Como se elas vivessem congeladas em um tipo de estagnação. Porém, fazia mais de um ano e meio desde que ela as deixara no oásis e Sarhina, pelo menos, havia seguido em frente.

Se casou.

Estava grávida.

Construiu uma vida para si mesma.

Exatamente como Lara esperava que sua irmã fizesse. Como ela poderia destruir essa nova vida agora? Como poderia pôr em risco tudo que Sarhina havia construído para si, as vidas das pessoas que a mulher claramente amava, tudo para corrigir os erros de Lara? Para salvar um homem?

Os olhos de Lara se fecharam, lágrimas caindo no cachecol ao redor do seu pescoço. Ela sabia que precisava ir embora. Para deixar sua irmã na paz que ela conseguira para si. Para tentar encontrar uma das outras… Cresta. Talvez Bronwyn.

Ou talvez nenhuma delas.

Talvez isso fosse algo que ela precisasse fazer sozinha.

Mas então, uma lâmina pressionou contra a garganta dela, e uma voz familiar disse:

— Se achou que ia nos pegar desprevenidas, Marylyn, você é ainda mais louca do que pensávamos.

9

LARA



— MARYLYN ESTÁ MORTA.

A mulher segurando a faca respirou fundo, mas a lâmina permaneceu contra a garganta de Lara, mesmo quando o capuz dela foi puxado para trás a fim de revelar seu rosto.

— *Lara?* Nós pensávamos que *você* estava morta.

— A pequena barata é difícil de matar. — Ela virou a cabeça e viu a irmã mais alta e de cabelos castanhos pelo canto do olho. — Se importa em retirar a faca, Bron?

— Não até você explicar o que está fazendo aqui.

— Largue a maldita arma, Bronwyn. — A voz de Sarhina cortou o ar frio. — Se Lara quisesse você morta, essa faca não a impediria.

— Isso não significa que eu tenha que facilitar para ela.

— Relaxe, Bron — Lara falou. — Não estou aqui para criar problemas.

— Só o que você faz é criar problemas.

Não era bem uma mentira. Suspirando, Lara ergueu o braço rapidamente, agarrando a mão de Bronwyn que segurava a faca, e a puxou para baixo, contra o peito dela, ao mesmo tempo que girava sob o braço da irmã. Mas em vez de usar o impulso para enfiar a lâmina entre as costelas da outra mulher, Lara a soltou e recuou. Do outro lado da clareira, Sarhina abriu caminho até elas, uma Cresta que parecia achar graça atrás dela.

— Devia ter me escutado, Bron. — Sarhina pousou a mão no quadril, a cesta ainda pendurada pelo cotovelo. — Poupar-se um pouco desse constrangimento.

— Anotado. — Bronwyn esfregou o pulso, carrancuda.

— Isso é real? — Lara apontou para o ventre inchado da irmã, incapaz de tirar os olhos dela.

— É melhor ser — Cresta comentou, um sorriso malicioso surgindo em seus

lábios. — Não há nenhuma outra explicação para a quantidade de ar que ela está soltando.

Sarhina revirou os olhos.

— Ainda faltam mais três meses disso.

— Aquele homem na cidade cortando lenha é o pai? — Lara indagou.

— O pai e meu marido. — Sarhina empurrou o cabelo preto sedoso para trás da orelha. — Mas temos assuntos mais importantes do que minha vida amorosa para discutir.

Nenhuma delas falou, as quatro irmãs se encarando em um silêncio melancólico, o único som o vento que soprava entre os pinheiros. Ela era uma estranha agora, Lara percebeu. Não mais uma delas, não de verdade. Era por causa do que ela fizera? Ou porque o último ano e meio mudou suas irmãs tanto quanto a si mesma?

Como era de se esperar, Sarhina quebrou o silêncio.

— Você disse que Marylyn está morta. Foi nosso pai quem a matou?

Um gosto amargo preencheu a boca de Lara e ela engoliu em seco.

— Não. Eu a matei.

A tensão entre as quatro aumentou, Cresta e Bronwyn se mexendo inquietamente, as mãos indo para as armas e depois voltando a se afastar. Apenas Sarhina permaneceu imóvel.

— Por quê?

— Nosso pai a enviou para me matar na noite em que ele tomou Ithicana. Ela ameaçou o meu mari... o rei Ithicano. E ameaçou o resto de vocês. — A pulsação rugiu nos ouvidos dela, cada palavra precisando ser arrancada à força da garganta dela. — O jeito que ela estava agindo… as coisas que ela disse... Eu tive que matá-la.

Os olhos de Sarhina se estreitaram, formando uma ruga entre as sobrancelhas.

— Por que nosso pai iria te querer morta? Certamente as suas… *conquistas* superaram aquela pequena farsa que você realizou no oásis?

— Provavelmente ele a quer morta *por causa* das conquistas dela. — Os dedos de Cresta brincaram com a empunhadura da espada dela. — Ele não precisava mais dela, e *todas* nós sabemos o quanto ele gosta de amarrar pontas soltas. — Erguendo a mão, ela passou um dedo pela própria garganta.

— Foi porque eu o traí.

Três pares de olhos azuis se fixaram nela, todos cheios de descrença.

— Como você o traiu? — Sarhina indagou. — Você fez *exatamente* o que foi… o que *nós* fomos treinadas para fazer. Se infiltrou nas defesas de Ithicana e criou uma estratégia para derrotá-los. Uma estratégia claramente eficaz, visto

que Ithicana caiu, o rei está preso e nosso pai em total controle da ponte.

O coração de Lara bateu de forma irregular no peito, a respiração saindo em pequenas arfadas rápidas que não pareciam encher seus pulmões. Não havia orgulho na voz de Sarhina pelo que Lara havia feito, mas sim reprovação.

Elas sabiam.

Sabiam que foram alimentadas com mentiras durante a vida inteira. Que Ithicana não era uma opressora sedenta por poder mais do que Maridrina era uma vítima faminta. Sabiam que Lara não era uma heroína por salvar sua nação, mas sim uma conquistadora banhada em sangue que capturou uma recompensa de guerra.

— Lara?

As palavras que ela preparou para explicar o que havia acontecido entre ela e Aren desapareceram da mente dela, deixando-a abrindo e fechando a boca como uma idiota.

Mas Sarhina sempre soube dizer o que Lara estava pensando.

— Você se apaixonou por ele, não foi? O rei Ithicano? Contou-lhe o que foi enviada para fazer e tentou reparar os prejuízos que causou, e nosso pai descobriu? Algo assim?

— Algo assim. — Lara se sentou no chão úmido, tentando sem sucesso reprimir a náusea que se contorcia em suas entranhas, mesmo quando uma lágrima quente escorreu pelo rosto dela. — Estraguei tudo.

— Não é uma surpresa total. Você controla suas emoções tão bem quanto Bronwyn ataca com faca por trás. Mal pra caralho. — Sarhina se acomodou no chão diante de Lara. — Você estragou tudo, e agora nosso pai está tanto com o seu reino quanto com o seu marido nas mãos.

— Esse é o resumo de tudo.

Sarhina deu-lhe um olhar de quem entendeu tudo, depois balançou a cabeça.

— E deixe-me adivinhar, você está aqui porque precisa da nossa ajuda para recuperá-los.

10

LARA



SARHINA E SEU MARIDO, Ensel, moravam em uma das pequenas cabanas que formavam Renhallow. A casa deles era feita de troncos abatidos e habilmente encaixados como peças de um quebra-cabeça, protegendo com eficácia contra o ar gelado. Cheirava à madeira queimando e pinheiro, todos os móveis feitos à mão por Ensel e envoltos por mantas de tecido – tecidas pela mãe dele, que morava na casa ao lado –, para serem confortáveis. Os limpos pisos de madeira eram cobertos por tapetes em tonalidades escuras de verde e azul, e na sala principal predominava uma mesa de madeira pesada com a superfície cortada e marcada, mas polida até ficar lustrosa.

Era estranhamente aconchegante para um lugar em que ela nunca esteve, mas Lara rapidamente aceitou que o conforto vinha do fato de ser a casa da irmã, o toque de Sarhina visível de inúmeras maneiras. Jarras perfeitamente enfileiradas, potes bem posicionados e botas com os saltos alinhados como se tivessem sido dispostos com o uso de uma régua. Sarhina encontrava conforto na ordem, e Lara encontrava conforto na irmã, então parecia certo sentar-se à mesa da cozinha diante dela.

Ela e Sarhina observaram Bronwyn colocar uma chaleira no fogo para ferver, a luz do fogo transformando o castanho de seu cabelo em bronze. Cresta apareceu com o braço cheio de lenha e ajoelhou-se ao lado de Bronwyn, que atiçava o fogo, o cabelo ruivo da primeira pendurado em uma trança grossa pelas costas. As duas eram tão próximas quanto Lara era de Sarhina, embora não pudessem ser mais diferentes. Bronwyn era alta, ousada com as palavras e aberta sobre os próprios sentimentos. Enquanto isso, Cresta era minúscula, seletiva com as palavras e as emoções legíveis só quando ela queria que fossem.

— Onde vocês duas ficam?

— Com a mãe de Ensel — Bronwyn respondeu. — Ela precisa de ajuda e

nós precisamos do telhado, então é um arranjo perfeito.

— Onde estão as outras?

— Não faço ideia. Parecia melhor não sabermos onde as outras estão, caso Serin capturasse uma de nós.

— Sensato. Presumo que tenham maneiras de se comunicar?

— Talvez sim, talvez não. — Bron se virou para aquecer o traseiro magro contra o fogo.

A testa de Cresta se franziu quando ela se encostou na parede e, embora não dissesse nada, Lara sentiu desconfiança irradiando da irmã, e ela suspeitava que sabia o motivo.

— Quando vocês perceberam que Marylyn não estava do nosso lado? — Lara perguntou, aceitando uma xícara fumegante de Ensel. — Ela ficou com raiva desde o momento em que acordou das drogas?

— *Todas* nós ficamos com raiva de você desde o momento que acordamos, Lara. Ou pelo menos depois do momento que determinamos que você não estava entre os mortos. — Cresta retrucou. — Tem alguma ideia de como foi acordar cercada por fumaça, chamas e *corpos?* Eu ainda tenho mais pesadelos sobre isso do que sonhos normais.

— Você tinha sumido. — Sarhina olhou para a mesa de madeira entre elas, os olhos distantes. — Acordei com a pior dor de cabeça da minha vida, com tanta náusea que mal conseguia ficar em pé, mas tudo que conseguia pensar era que você tinha sumido. Que você tinha morrido lutando.

O estômago de Lara se contraiu.

— Mas o bilhete…

— Procurar um bilhete no bolso *não* foi a primeira coisa que pensei em fazer. — Sarhina ergueu a cabeça para encontrar o olhar de Lara. — A primeira coisa que fizemos foi procurar entre os corpos, tentando encontrá-la. — Ela virou as mãos para cima, revelando palmas marcadas por cicatrizes rosadas. Cicatrizes de queimaduras. — Todas nós temos. Até Marylyn.

— Eu sinto muito. — A culpa a inundou. — Foi a única forma que consegui pensar de tirar todas vocês vivas daquela situação.

— Suponho que não tenha pensado em nos contar o plano de nosso pai? — Bronwyn perguntou de onde estava ao lado da lareira. — Teria sido um bom lugar para começar. Pelo menos teríamos acordado sabendo o que estava acontecendo.

— Obviamente eu pensei nisso. Mas quando nós doze concordamos sobre qualquer coisa sem discutir por dias? — Lara tomou um gole do chá, estremecendo quando queimou a língua. — Nós teríamos brigado sobre o que fazer. Em seguida, brigado sobre quem deveria ir para Ithicana. Depois,

voltaríamos a brigar sobre o que deveríamos fazer. Não havia tempo para isso, por isso fiz o que achava que devia ser feito.

— E estamos todas vivas por isso. — Sarhina falou, encerrando a discussão como sempre fazia. — Mas para responder à sua pergunta, Marylyn não falou muito sobre o assunto até sairmos do Deserto Vermelho. Quando estávamos fora, ela não disse nada, só desapareceu no meio da noite. Nossa primeira pista de que ela nos traiu foi quando os soldados do nosso pai começaram a nos caçar. — Ela cuspiu na lareira. — Vadia traidora.

— Ela não era quem acreditávamos. — No entanto, Lara ainda se sentia mal sempre que pensava na morte da irmã. Ainda sentia o estalo do pescoço de Marylyn reverberando por seus braços. Ainda via a luz sumir dos olhos da irmã.

— Ela foi uma criação de papai — murmurou Cresta. — Mais do que qualquer uma de nós.

Todas ficaram em silêncio por um tempo, o único som sendo o crepitar da lareira e os ruídos suaves que Ensel fazia enquanto preparava o jantar, as mãos calejadas dele cortando metodicamente cenouras para o ensopado. Ele era surdo, ela foi informada, mas Sarhina rapidamente acrescentou que ele conseguia ler lábios mesmo em uma noite sem lua, e Lara sentiu o olhar dele sobre elas quando perguntou:

— Como vocês ficaram escondidas dos homens do nosso pai?

Sarhina encolheu os ombros.

— O povo dessa região não é aliado dele, nem de Serin. Quando um forasteiro chega fazendo perguntas, somos avisadas. Se chegam perto demais, nós lidamos com ele. Mas isso não é viável. Serin sabe que estamos nessas montanhas e é só uma questão de tempo até que uma de nós seja pega.

— Presumo que vocês tenham um plano para que isso não aconteça?

— Planejamos nos separar definitivamente ao fim da temporada de tempestades. Zarpar em navios de norte a sul para lugares distantes do alcance de Serin.

Lara olhou para Ensel, depois para Sarhina.

— Até você?

— Eu não. Este é o meu lar agora.

Uma casa que estaria sob constante ameaça, já que todas sabiam que o pai delas nunca pararia de caçá-las.

Precisando aliviar a tensão que havia se formado na sala, Lara questionou:

— Como vocês dois se conheceram?

Um sorriso suave se formou no rosto de Sarhina quando ela olhou para o marido, que observava os lábios dela se moverem.

— Depois de pegarmos o que precisávamos do complexo, partimos do

deserto para o leste. Quando Marylyn foi embora, decidimos que seria mais seguro nos dividirmos em grupos menores, então Bron, Cresta e eu adentramos nas montanhas.

"Não tínhamos dinheiro, então caçávamos o que era possível e roubávamos o resto. Principalmente de viajantes na estrada que pareciam não precisar tanto das coisas, mas às vezes tínhamos que roubar algo nas aldeias. Ou passávamos fome."

A culpa de Lara voltou a queimar ao saber que suas irmãs haviam passado fome enquanto ela se enchia da melhor comida que existia. Que elas tinham dormido na chuva, no frio e no chão enquanto ela se banhava na fonte termal de Midwatch.

— Nós estávamos nos esgueirando em Renhallow há cerca de uma semana — Sarhina prosseguiu. — Colhendo vegetais da horta. Pegando uma galinha ocasionalmente.

— Quatro galinhas, amor. — Ensel murmurou, depois voltou o olhar para os vegetais diante dele. — Vocês, moças, conhecem centenas de formas de matar um homem, mas não sabem capturar um coelho.

As bochechas de Sarhina coraram.

— De qualquer forma, eu estava prestes a pegar cinco, mas Ensel tinha armado uma armadilha do lado de fora do galinheiro e eu pisei nela. Quando percebi, estava pendurada de cabeça para baixo com uma flecha apontada para o meu rosto.

Ensel sorriu.

— Eu pensei que tinha pegado um fantasma. Mal sabia eu que tinha capturado algo muito mais perigoso. — Afastando-se do fogão, ele abaixou a cabeça para beijar Sarhina, que disse:

— Ele me conquistou com seus elogios encantadores e eu decidi ficar.

E agora Lara estava aqui para levá-la embora. Arriscar a vida da irmã e do filho ainda não nascido, tudo para corrigir os próprios erros.

— Eu não deveria ter vindo aqui — ela falou, levantando-se. — Não é certo eu pedir a ajuda de vocês. Vocês seguiram em frente com suas vidas.

— Seguimos mesmo? — Sarhina a encarou sem piscar. — Quem é você para decidir isso? E mesmo que tivéssemos seguido em frente, isso não significa que esquecemos o que nosso pai, Serin e o resto fizeram conosco. Nenhuma quantidade de tempo ou distância nos permitirá esquecer isso.

Tanto Cresta quanto Bronwyn concordaram com a cabeça.

— Nosso pai precisa pagar — Sarhina constatou. — E eu ficaria muito feliz se ele pagasse em primeira mão com o que nos treinou para fazer. Porque te conhecendo como conheço, seu objetivo não é limitado a resgatar o rei de

Ithicana.

Lara deu o típico sorriso irônico dela, depois balançou a cabeça.

— Mas ele é a parte mais importante. Pelo bem de Ithicana, tenho que libertá-lo. — E para o próprio bem dela. — Mas será perigoso. Ele está trancado no palácio do nosso pai em Vencia, cercado por guardas o tempo todo. Os Ithicanos tentaram resgatá-lo várias vezes, mas todos os enviados até agora foram capturados ou mortos. — Vendo o brilho arrogante nos olhos de Bronwyn, ela acrescentou: — Eles eram bons lutadores e espiões ainda melhores, Bron. O fato de não terem tido sucesso significa que pode ser impossível.

Na verdade, o brilho nos olhos de sua irmã só aumentou.

— Nós fomos treinadas para fazer o impossível. E por bem ou mal, o que você conquistou provou que somos mais do que capazes.

— Nosso pai e Serin sabem que irei atrás de Aren. E Serin, especialmente, sabe de tudo o que sou capaz. Como eu penso. Ithicana não tinha essa vantagem.

Bronwyn inclinou a cabeça para o lado.

— Você veio aqui para nos convencer a te ajudar ou a nos dissuadir? Porque está soando estranhamente como o segundo.

Com o canto do olho, Lara pôde ver Ensel observando-as atentamente, lendo os lábios delas. Então, ela se virou para encará-lo diretamente.

— A vida de vocês não vale menos do que a de Aren. E nem a vida do bebê em sua barriga, Sarhina.

A mandíbula de Ensel se retesou e o olhar dele foi para a esposa, o casal conversando sem trocar palavras. Então, ele expirou e deu um leve aceno.

— Algumas coisas precisam ser feitas — a irmã dela afirmou — Não importa o risco. Não quero que meu filho cresça com esse legado, Lara. Eu quero que ele tenha orgulho da própria mãe. E das tias.

Mordendo o interior das bochechas, Lara considerou argumentar mais, porém, em vez disso, falou:

— Você ficará de fora na luta. Quero sua palavra.

De repente, Lara se viu deitada de costas, a cadeira sob ela arrancada com um rápido movimento do pé da irmã por baixo da mesa.

— Você é uma vaca — murmurou Lara, esfregando a nuca enquanto Cresta e Bronwyn riam.

Sarhina circulou a mesa, então se abaixou para que ficassem cara a cara.

— Eu estou no comando, Vossa Majestade. Entendido?

Lara a encarou, carrancuda, e sorriu.

— Entendido.

— Vocês duas — Sarhina disse para Cresta e Bronwyn — Comam até não aguentarem mais, arrumem suas coisas e peguem a estrada. É hora das irmãs

Veliant terem uma pequena reunião.

11

AREN



O VENTO SOPRAVA pelo jardim, fazendo as roseiras bem cuidadas e os arbustos esculpidos farfalharem, antes de assobiar pelas cornijas que adornavam a muralha, deixando para trás o som das cordas de onde os corpos balançavam. Havia dezoito deles agora. Dezoito Ithicanos mortos na tentativa de resgatar o rei deles. Na tentativa de resgatá-*lo*.

Ele não merecia isso. Não merecia a vida deles. Não quando tudo o que aconteceu a Ithicana foi resultado das escolhas feitas por *ele*. Lara podia ser quem escreveu a carta com todos os detalhes condenáveis, mas se ele não tivesse confiado nela, se não tivesse a *amado*, ela nunca teria o poder de prejudicar o povo dele.

E, ainda assim, lá estavam corpos balançando, um novo homem ou mulher somado às fileiras a cada poucos dias. Às vezes, um longo período se passava e Aren estupidamente tinha esperanças que seu povo tivesse desistido dele. Mas então, Serin chegava com outra figura se debatendo a reboque, e Aren se retraía para dentro da própria mente. Era a única forma de ele suportar as coisas que Serin fazia com seus homens sem revelar todos os segredos de Ithicana.

O cadáver de Emra era pouco mais do que um esqueleto consumido pelos corvos, impossível de identificar se não fosse pela memória dele. Mas os cadáveres mais recentes o observavam com órbitas vazias, rostos familiares escurecendo e inchando a cada dia que passava com ele acorrentado à mesa de pedra neste jardim infernal.

De onde não havia escapatória.

Embora Deus soubesse que ele havia tentado. Uma dúzia de guardas com olhos roxos, narizes quebrados e um deles com o pescoço cheio de hematomas – cortesia dos grilhões que uniam os pulsos de Aren – eram provas disso. Ele matou outro depois de conseguir roubar a espada dele, mas foi imediatamente

dominado por mais uma dúzia de guardas. Só o que ele conseguira foram costelas machucadas, uma dor de cabeça e mais guardas ao seu redor dia e noite, sem nenhum momento de privacidade. Ele era regularmente revistado em busca de qualquer coisa que pudesse usar para abrir as fechaduras das algemas, além de ser forçado a dormir preso a um catre sob a luz brilhante de uma lamparina, de modo que não tivesse chance de fugir acobertado pela escuridão. O único talher que lhe era permitido era uma maldita colher de pau.

Ele havia exaurido todos os truques que conhecia em tentativas desesperadas de escapar, quando a estratégia lógica deveria ter sido esperar pelo momento certo. Mas a lógica significava pouco quando, a cada dia que passava, mais Ithicanos eram torturados e mortos devido às tentativas de libertá-lo.

O que deixava Aren com apenas uma alternativa: se tirar da jogada.

Ele encarou a pedra da mesa, reunindo coragem, sentindo o coração trovejar no peito. Suor escorria em uma torrente pelas suas costas, o linho fino com o qual o vestiram encharcado. *Faça,* ele comandou silenciosamente. *Faça. Não seja um maldito covarde. Se você estiver morto, Ithicana terá que seguir em frente sem você.* Ele se inclinou para trás o máximo que os grilhões permitiam, respirou fundo e…

— As esposas estão começando a reclamar do cheiro. Não posso dizer que eu as culpo.

A voz assustou Aren de tal forma que ele estremeceu, os grilhões chacoalhando quando ele viu o príncipe loiro que conhecera no dia em que Emra morreu, um livro gasto enfiado sob o braço do jovem.

— É uma prática terrível — o príncipe prosseguiu, semicerrando os olhos para os corpos alinhados na muralha, a carne putrefata cheia de insetos. — O cheiro é o de menos, isso aqui chama moscas e outros vermes. Propaga doenças. — A atenção dele voltou para Aren. — Embora eu suponha que seja muito pior para você, dado que os conhece, Vossa Graça. Principalmente porque morreram tentando te libertar.

Esse era o último assunto que Aren desejava discutir. A visão, o cheiro e o *conhecimento* já eram ruins o suficiente sem palavras inúteis para acompanhar.

— Você é…?

— Keris.

O príncipe sentou-se à mesa de Aren com uma ousadia surpreendente, considerando o que Aren era capaz de fazer, mas o brilho nos olhos do homem sugeria que ele não era bobo. Este era o príncipe filósofo a quem Aren deu permissão para viajar pela ponte até Harendell, onde ele supostamente planejava frequentar a universidade. A escolta que lhe acompanhava era, na verdade, formada por soldados disfarçados, parte fundamental na invasão Maridriniana.

Se Aren pudesse estender a mão sobre a mesa, ele quebraria o pescoço do príncipe alegremente.

— Ah. O herdeiro *inadequado.*

Keris deu de ombros, depositando o livro, que parecia ser sobre ornitologia, sobre a mesa. Filósofo *e* observador de pássaros. Não admirava que Silas não quisesse nada com ele.

O príncipe disse:

— Oito irmãos mais velhos que se encaixam perfeitamente no perfil, todos mortos, e agora meu pai está preso tentando escapar de me nomear herdeiro sem quebrar uma de suas próprias leis. Eu o desejaria sorte na tentativa não fosse pelo fato de que as formas de escapar dele e de Serin provavelmente me colocarão em um túmulo ao lado dos meus irmãos.

Aren recostou-se na cadeira, os grilhões fazendo barulho.

— Não deseja governar?

— É um fardo árduo.

— Verdade. Mas quando se tem a coroa, você pode mudar a decoração. — Aren apontou para os cadáveres que revestiam as muralhas do jardim.

A risada que deixou a boca do príncipe foi assustadoramente familiar, e os pelos dos braços de Aren se arrepiaram como se ele tivesse sido tocado por um fantasma.

— Governar é um fardo, mas talvez seja particularmente pior para um rei que inicia seu reinado desejando mudanças. Isso porque ele passará a vida lutando contra a corrente. Mas você entende isso, não é, Vossa Graça?

Era a segunda vez que o príncipe usava o título de Aren, algo que Silas havia expressamente proibido.

— Você é o filósofo. Ou isso também fazia parte da farsa?

Um sorriso irônico se formou no rosto do príncipe, que balançou a cabeça.

— Acho que Serin ficou particularmente feliz em usar meus sonhos de forma tão perversa. Foi uma daquelas únicas ocasiões em que ele conseguiu me enganar, e o choque de ser amarrado e escanteado enquanto minha *escolta* invadia Ithicana não é algo que esquecerei facilmente. Ainda assim, eu poderia ter perdoado a farsa se meu pai tivesse permitido que eu rumasse até Harendell em busca de meus estudos, mas como você pode ver... — Ele esticou os braços. — Aqui estou eu.

— Minhas condolências.

Keris inclinou a cabeça diante do sarcasmo de Aren, mas disse:

— Imagine um mundo em que as pessoas passem tanto tempo filosofando quanto aprendendo a usar armas.

— Não consigo imaginar — mentiu Aren. — A única coisa que conheço

direito é a guerra, o que não diz muito, dado que dessa vez estou do lado que está perdendo.

— Perdendo, talvez — ele murmurou. — Mas ainda não perdeu. Não enquanto Eranahl estiver de pé, e não enquanto você ainda viver. Por qual outro motivo meu pai insistiria em manter essa encenação?

— Uma isca para a filha errante dele, pelo que me disseram.

— Sua esposa.

Aren não respondeu.

— Lara. — Keris coçou o queixo. — Ela é minha irmã, sabe.

— Se você pretendia que isso fosse uma grande revelação, receio ter que desapontá-lo.

O homem deu uma risada suave, mas Aren não deixou de notar a forma como os olhos do príncipe rapidamente examinaram o jardim, a primeira fenda na fachada de indiferença divertida dele.

— Não minha meia-irmã. Também temos a mesma mãe.

Contra a própria vontade, Aren se empertigou, a memória daquele jogo da verdade brutal, aquele que jogou com Lara, vindo à tona em seus pensamentos. A pior lembrança dela, ela contou a ele, era a de ser separada da mãe e levada para o complexo onde foi criada. O medo de não reconhecer a própria mãe agora, de não saber como ela é. A lógica dizia a Aren que não passava de uma história com a intenção de conseguir a compaixão dele, mas o instinto lhe dizia o contrário.

— E daí?

Keris passou a língua pelos lábios, os olhos distantes por um segundo antes de se concentrar em Aren.

— Eu tinha nove anos quando os soldados do meu pai levaram minha irmã. Era jovem o bastante para ainda morar no harém, mas velho o suficiente para lembrar bem do momento. Para lembrar como minha mãe lutou contra eles. Para lembrar como ela tentou fugir do palácio para ir atrás da minha irmã, sabendo em seu coração que meu pai levou Lara para usá-la para um propósito cruel. Velho o suficiente para lembrar como, quando ela foi pega e arrastada de volta, meu pai a estrangulou na frente de todos nós. Como punição. E aviso.

A mãe de Lara estava morta.

Uma pontada de dor preencheu o peito de Aren. Essa verdade machucaria muito Lara, especialmente considerando que a mãe morrera em defesa dela.

Ele afastou o pensamento abruptamente. Por que ele se importaria se ela chorasse? Ela mentiu para ele. O traiu. Destruiu tudo que era importante para Aren. Ela era sua inimiga. Exatamente como esse homem sentado diante dele.

Mas se o que Keris disse era verdade, ele era um inimigo que poderia se

tornar um aliado. O príncipe tinha motivos para odiar e temer o próprio pai, o que significava que ele, assim como Aren, tinha um interesse pessoal em ver Silas morto.

— Que jogo você está jogando, Keris?

— Um longo, e você não é nada além de uma peça singular no tabuleiro, embora seja de alguma importância. — O príncipe o observou, sem piscar. — Eu sinto que você está pensando em se tirar do jogo. Peço que reconsidere.

— Enquanto eu estiver vivo, eles continuarão tentando me salvar. E continuarão morrendo nessa tentativa. Não posso permitir isso.

Os olhos de Keris se direcionaram para cima do ombro de Aren, um lampejo de ódio passando por eles devido a algo que o príncipe viu.

— Continue jogando o jogo, Aren. Sua vida não é tão inútil quanto você pensa.

Antes que Aren pudesse responder, uma voz irritantemente familiar falou.

— Uma escolha de companhia questionável, Vossa Alteza.

Keris encolheu os ombros.

— Sempre fui vítima da minha própria curiosidade, Serin. Você sabe disso.

— *Curiosidade.*

— De fato. Aren é um homem que é basicamente um mito. Antigo rei das enevoadas ilhas de Ithicana, lutador lendário e marido de uma das minhas misteriosas irmãs guerreiras. Como eu poderia resistir a pedir detalhes de suas aventuras? Infelizmente, ele não foi particularmente cooperativo.

— Você devia ter retornado a Nerastis — Serin respondeu, mencionando a cidade cercada próxima à disputada fronteira entre Maridrina e Valcotta. — Você precisa estudar com os generais do seu pai.

— Os generais do meu pai são entediantes.

— Entediantes ou não, é parte necessária do seu treinamento.

— *Mag, mag, mag!* — Keris reproduziu de forma espantosamente realista o canto de uma pega. — Não é à toa que as esposas do harém te batizaram assim, Serin. Sua voz irrita mesmo os nervos. — Ele se levantou. — Foi um prazer conhecê-lo, Aren. Mas você terá que me dar licença, esse cheiro está me deixando nauseado.

Sem outra palavra, o príncipe Keris caminhou pelo pátio, deixando Aren sozinho com o Magpie.

— Sua Majestade deseja a sua presença no jantar esta noite.

— Não. — A última coisa que Aren queria era bater papo com Silas e suas esposas.

Serin suspirou.

— Como quiser. Irei deixá-lo na companhia de seus conterrâneos. Acredito

que outro veio se juntar à festa. — Ele estalou os dedos e, um momento depois, vários guardas apareceram arrastando uma forma imóvel envolta em um lençol manchado de sangue.

— Infelizmente, esse tirou a própria vida quando percebeu que foi pego. — Serin balançou a cabeça. — Quanta lealdade. — Então, ele caminhou na mesma direção que Keris havia seguido.

Aren observou os soldados erguerem o corpo muralha acima, prendendo-o em uma das cornijas. *Gorrick.* Seu amigo desde a infância e um dos poucos guarda-costas restantes de Aren.

Os ombros dele caíram, e Aren cerrou os dentes, tentando conter o soluço de angústia que crescia no peito e a náusea que aumentava em seu estômago. *Por quê?* Por que continuavam vindo atrás dele? Por que não o deixavam? Ele não merecia a lealdade deles. Não merecia seus sacrifícios.

Ele tinha que fazer isso parar.

Com os olhos queimando, Aren piscou furiosamente, fixando o olhar na pedra lisa do tampo da mesa, se preparando. Mas então, ele hesitou.

Keris havia deixado para trás o livro sobre pássaros.

Pássaro Pega.

Com os grilhões chacoalhando, Aren pegou o livro, virando lentamente as páginas até encontrar o capítulo sobre Corvidae, lendo rapidamente o texto até achar um desenho do pássaro comum na costa leste de Maridrina. Ele leu a descrição, parando quando chegou aos hábitos alimentares do pássaro. *Oportunista, a pega mata e come filhotes de aves canoras…*

Aren fechou o livro e empurrou-o para longe. Keris disse que foram as esposas do harém que batizaram Serin com o apelido. Mas não por causa da natureza irritante da voz do espião mestre, pensou Aren. As esposas sabiam que fora Serin, por ordem do rei, quem levou Lara e suas irmãs. E elas não haviam, ele suspeitava, perdoado o Magpie pelos crimes dele.

Seus compatriotas mortos o observavam. Morreram tentando ganhar a liberdade dele e, até esse momento, Aren tinha a intenção de tirar a própria vida antes de permitir que outros morressem em seu nome. Mas se as esposas estivessem dispostas a ajudá-lo, talvez ele pudesse fazer com que seu povo parasse com as tentativas de resgate. E talvez, com isso, Aren pudesse, como Keris colocou, jogar o jogo.

O problema era: o contato de Aren com as esposas era proibido. E qualquer tentativa que fizesse para isso faria chover escrutínio sobre a mulher em questão. A menos que…

Aren voltou-se para um dos guardas parado na entrada, rosnando:

— Você! Venha aqui.

Com uma careta, o homem foi até ele.

— O que você quer?

— Mudei de ideia — disse Aren. — Diga ao seu rei que ficarei encantado em me juntar a ele para o jantar hoje à noite.

12

LARA



— TEM CERTEZA QUE É AQUI? — Sarhina perguntou, puxando as rédeas e fazendo a carroça em que elas viajavam parar.

— Foi para cá que Jor me falou para vir. — Esse era o único detalhe específico que ele estava disposto a dar a ela, ainda não confiando em Lara o suficiente para comprometer a presença Ithicana em solo Maridriniano. — Ele me deu uma senha para dizer à taberneira, que saberá como entrar em contato com eles.

— Então, acho melhor pedirmos uma bebida.

Apesar da barriga grande, Sarhina desceu da carroça com uma agilidade que ainda surpreendia Lara, mesmo estando na estrada com a irmã há mais de uma semana. Durante grande parte desse tempo, Ensel as acompanhou, em parte para ajudar a dissuadir qualquer um de atacá-las ao longo da jornada, mas principalmente para reduzir quaisquer suspeitas que as pessoas pudessem ter sobre duas mulheres Maridrinianas viajando sozinhas. Ele tinha voltado para casa essa manhã, e o inchaço ao redor dos olhos da irmã causado pelas lágrimas acabara de sumir. A despedida do casal soou tão permanente que Lara considerou amarrar Sarhina e mandá-la de volta para casa.

Depois de amarrar o burro a um poste, Lara abriu caminho até a sala comum da taberna, o cheiro de cerveja derramada e de comida picante invadindo os sentidos dela enquanto seus olhos se ajustavam à luz fraca. Era um estabelecimento rústico, adequado para a pequena aldeia de pescadores, o chão coberto de serragem e a mobília apresentando sinais de que havia suportado mais do que um punhado de brigas. Dois velhos estavam sentados à uma mesa no canto, os dois mais ocupados com suas tigelas de sopa do que com o outro. Fora isso, a única outra pessoa no estabelecimento era a taberneira, que polia um copo atrás do balcão.

Lara deu um longo suspiro.

— Estamos no lugar certo.

As mãos de Marisol pararam no processo de polir, os olhos fixos nas duas irmãs. Os vestidos bordados caros que ela usava quando Lara a conheceu não estavam à vista: seu vestido era de um tecido sem graça e o cabelo dourado estava preso em uma única trança descendo pelas costas. Ela largou o copo quando Lara se aproximou com Sarhina logo atrás.

— Vejam só quem apareceu.

— Olá, Marisol. — Sentando-se em um dos banquinhos, ela apoiou os cotovelos no bar. — Você está bem longe de Songbird.

— Sua visita comprometeu meu disfarce. Pareceu prudente me esconder por um tempo.

— Esperta.

Marisol a encarou, e Lara não deixou de perceber o julgamento nos olhos dela, os músculos da mandíbula se retesando visivelmente, as mãos tremendo de fúria reprimida. Portanto, não foi nem um pouco surpreendente quando a mulher ergueu a mão e estalou a palma contra o rosto de Lara.

— Deviam ter te matado. *Eu* deveria te matar.

Esfregando a bochecha dolorida, Lara balançou a cabeça para Sarhina, que parecia pronta para disparar para o outro lado do bar.

— Felizmente para mim, aqueles no poder decidiram que sou mais útil viva do que morta para eles.

— Você é uma criatura repugnante e nojenta — Marisol sibilou. — Uma traidora. Como podem confiar em você está além da minha compreensão.

— Eles não confiam em mim. — Vendo que a outra mulher se preparava para dar outro tapa nela, Lara acrescentou: — Você já fez o que queria. Tente de novo e irei quebrar o seu pulso.

Os olhos de Marisol ficaram cautelosos, indicando que ela havia sido avisada sobre as habilidades de Lara, mas a raiva neles não diminuiu.

— Você é igualzinha ao seu pai.

— Cuidado com o que fala. — A voz de Sarhina estava gélida, o tom chamando a atenção de Marisol para ela pela primeira vez.

— Me disseram para vir até aqui. — disse Lara antes que a situação piorasse ainda mais. — Que você poderia me colocar em contato com meus associados. Talvez possamos recuperar o atraso depois, visto que agora o tempo é essencial.

Marisol lançou um olhar para Lara, mas deu um breve aceno de cabeça. Em seguida, pegou um lenço verde debaixo do balcão e se dirigiu para a porta da frente.

— Quem é ela? — Sarhina indagou baixinho. — Parece Maridriniana, não

Ithicana. Fala como uma também.

— Porque você é super familiarizada com a aparência e o sotaque dos Ithicanos? — Lara murmurou de volta.

— Basta responder à pergunta.

— Ela é Maridriniana, mas é espiã dos Ithicanos — Lara hesitou, depois acrescentou: — Aren costumava frequentar Vencia disfarçado. Ela era amante dele.

— Isso é bem óbvio.

A conversa foi interrompida pelo retorno de Marisol.

— Vocês querem comer alguma coisa enquanto esperam?

Lara balançou a cabeça, mas Sarhina disse:

— Sim. E uma garrafa de leite, se você tiver. Traga para minha irmã algo mais forte.

O queixo de Marisol caiu, então, através da luz fraca, ela espiou os olhos de Sarhina, que eram gêmeos dos de Lara. Ela balançou a cabeça e rosnou:

— Espero que uma de vocês, princesas, tenha dinheiro para pagar.

— Coloque na conta dos nossos associados — Sarhina respondeu, então puxou Lara para uma das mesas. — Você parece nervosa. Devemos nos preocupar?

— A única coisa que me preocupa é se serei capaz de cumprir as *minhas* promessas. — Elas não receberam nenhuma notícia de Bronwyn ou Cresta acerca de elas terem sucesso ou não em recrutar o resto das irmãs. Agora, Lara temia ter perdido semanas em uma missão tola, que teriam sido melhor aproveitadas tentando libertar Aren de Vencia.

Sarhina fez um barulho evasivo, aparentemente mais interessada na comida que Marisol trazia na direção delas. A mulher bateu a travessa na mesa.

— Aproveitem. — Então, ela retornou ao bar e aos seus copos.

Puxando uma das tigelas à sua frente, Sarhina começou a comer com entusiasmo.

— Não é ruim. Você deveria comer.

Provavelmente era verdade, mas a ideia de colocar qualquer coisa no estômago deixava Lara nauseada. Em vez disso, ela pegou o copo, tomou um gole do líquido âmbar, reconheceu o gosto e o ergueu, brindando à Marisol. A outra mulher apenas lançou um olhar furioso para ela.

— Eles estão aqui. — Sarhina parou de comer, observando os dois velhos no canto abandonarem a comida e saírem da sala comum.

Momentos depois, a porta voltou a se abrir e Jor entrou, Lia logo atrás dele. Os dois estavam disfarçados com roupas Maridrinianas e as únicas armas à vista eram as lâminas matrimoniais que Lia carregava na cintura, embora Lara

soubesse que eles portavam outras.

— Nem um pouquinho demoníaco — Sarhina comentou entre colheradas de sopa. — Estou desapontada.

Lara lançou-lhe um olhar de advertência e depois recostou-se na cadeira, encontrando o olhar sombrio de Jor.

— Bom, agora — ele começou, sentando-se. — Semanas esperando você nos trazer reforços e você nos traz... — ele olhou Sarhina de cima a baixo — uma garota grávida com um apetite feroz.

— Colheres são armas extraordinariamente formidáveis quando empunhadas por mãos experientes. — Sarhina ingeriu a sopa de sua colher e deu a ele um sorriso brilhante antes de voltar a comer.

Jor a ignorou, fixando o olhar em Lara.

— Então?

— Está demorando mais para reunir minhas irmãs do que eu previ. Elas não estavam todas em um só lugar. — Sem contar o fato que ela não tinha certeza se as irmãs viriam mesmo.

— Sempre uma desculpa. — Lia puxou uma das facas e depositou-a sobre a mesa, a lâmina extremamente afiada. Sarhina a pegou e usou para cortar o pão ao meio, mas Lia a apanhou de volta quando a irmã de Lara começou a usá-la para passar manteiga no pão.

Lara sabia que ocorreria uma série de brigas, mas não esperava que começasse tão cedo.

— Não podemos fazer nada em relação ao atraso. — Inclinando-se para a frente, ela perguntou: — Há alguma notícia? Alguém o viu? Vocês sabem se ele está bem?

— Sabemos que ele está vivo.

Vivo. Lara exalou um longo suspiro, a tensão deixando seus ombros. Ela podia trabalhar com *vivo*. *Vivo* significava que ele poderia ser salvo.

— E Eranahl?

Jor sacudiu levemente a cabeça.

— As tempestades têm sido violentas. Sem pausas. Sem notícias.

E sem chances de os barcos entrarem na água para pescar, o que significava que a cidade estava sobrevivendo à base de mantimentos, apenas. Lara cerrou os dentes, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito desse problema.

— Gorrick está morto.

A voz de Lia saiu amarga e afiada, e Lara se encolheu. Os dois eram amantes desde que ela os conheceu, e Aren muitas vezes especulava que era somente uma questão de tempo até que se casassem. Nem todas as vítimas da guerra eram só corpos.

— Eu sinto muito.

— Não estou interessada nas suas desculpas. A única razão pela qual ainda não cortei sua garganta é porque essa honra pertence à Ahnna.

Sarhina se moveu e Lara sabia que ela estava pegando uma arma. Então, pisou no dedo do pé da irmã.

— Ele e Aren cresceram juntos, sabe. — A voz de Lia soou estranha. Sufocada. — Gorrick não suportava o fato de Aren estar preso enquanto ele estava livre. Cansou de esperar por você e decidiu ir sozinho. — A mandíbula dela tremeu. — Se eu soubesse que te esperar seria uma perda de tempo, teria ido com ele. E talvez ele ainda estivesse vivo.

— Mais provável que o Rei Rato tivesse agora dois cadáveres para torturar Aren — Jor disparou. — Se não consegue lidar com isso, espere do lado de fora.

— Estou bem.

Lara mal escutou a resposta da mulher, os olhos fixos em uma ranhura na mesa de madeira e sangue rugindo em seus ouvidos. Aren estava acostumado às baixas de batalha, mas isso? Esfregarem os cadáveres do próprio povo dele em seu rosto e ele saber que morreram tentando salvá-lo? A culpa iria destruí-lo.

— Eu falei para cessarem as tentativas de resgate. Vocês irão levá-lo ao limite.

— Melhor não fazer nada, então? — Lia retrucou. — Ou isso é tudo parte do seu plano, *Vossa Graça*? Nos distrair com promessas até que seja tarde demais para fazer qualquer coisa?

O crânio de Lara latejou e ela esfregou as têmporas, tentando afastar as visões que dançavam em sua mente de Aren tirando a própria vida em uma tentativa desesperada de impedir que mais gente morresse. Ele não era um covarde. Se pensasse que não havia outra saída, ele se mataria.

— Precisamos tirá-lo de lá.

— Onde estão suas irmãs? — Jor exigiu. — Quanto falta para elas chegarem?

— Eu não sei. — Ela deveria ter tentado tirá-lo de lá sozinha. *Vivo* não bastava. Para salvar Ithicana, Aren precisava ser forte. Inquebrável. — Elas virão.

Elas tinham que vir.

— Isso é uma perda de tempo. Vou embora. — Lia levantou, se virando.

Só para dar de cara com Athena.

Conhecida pelas irmãs como *o espectro,* Athena tinha cabelos da cor de cinzas e sua pele branca fantasmagórica era cortesia de uma mãe de algum lugar ao norte de Harendell. Ela conseguia se mover em um espaço aberto em plena luz do dia sem que o sol a notasse o suficiente para fazer sombra. Assim como

ela acabara de provar.

— De onde diabos você surgiu? — Jor exigiu saber, levantando-se. Apenas para encontrar Cresta e Shae ao redor dele, as mãos das irmãs descansando casualmente em seus quadris. Atrás delas, Brenna e Tabitha estavam sentadas no bar, sorrisos estampados nos rostos. — Que tipo de bruxaria é essa?

— Nenhuma bruxaria. — Sarhina afastou a tigela vazia enquanto Katrine, Cierra, Maddy e Bronwyn entravam na sala comum. — Só um bom planejamento. Agora, que tal nos sentarmos e elaborarmos uma estratégia para chutar nosso pai onde o sol não brilha.

— O que importa é resgatar Aren — Jor retrucou. — Vocês devem colocá-lo à frente do desejo de vingança de vocês ou isso não vai funcionar.

— Dois coelhos — Sarhina respondeu. — Uma cajadada.

E se havia uma coisa que Lara sabia com certeza, era isso: as irmãs Veliant tinham uma mira muito boa.

13

AREN



Os guardas de Aren conduziram-o para uma sala de jantar com o ar pesado de incenso. As correntes entre seus tornozelos chacoalharam ruidosamente, apesar dos tapetes felpudos que revestiam a sala. Ele havia sido arrumado quase até a morte, uma dúzia de homens armados observando-o apreensivamente enquanto o barbeiro pessoal do rei o barbeava. A mão do homem tremia tanto que Aren prendeu a respiração quando a navalha raspou por sua jugular, e ele se perguntou durante o procedimento se Silas pretendia se livrar dele assim e alegar depois que fora um acidente. Mas ele sobreviveu sem nenhum arranhão e, vestido com um casaco verde, calças pretas e sapatos ridículos porque as algemas não cabiam ao redor das botas, Aren foi finalmente considerado apto para jantar com o rei de Maridrina.

Empurrando-o em uma cadeira, os guardas prenderam as correntes dele às pernas da mesa, de modo que Aren não pudesse estender as mãos além do alcance da própria taça de vinho. Um dos guardas observou a taça por um momento e a removeu, ordenando a um servo que passava que buscasse o copo de latão em tamanho infantil que era permitido ao Ithicano.

Havia vários Maridrinianos sentados à mesa, todos observando-o pelo canto dos olhos enquanto tentavam conversar. Na outra extremidade da mesa, o príncipe Keris, com o nariz enfiado em um livro, estava sentado ao lado de Zarrah, os dois se ignorando cuidadosamente. Zarrah se levantou e pressionou a mão contra o coração em reconhecimento a Aren. Keris apenas virou uma página de seu livro, franzindo a testa para o que quer que estivesse lendo.

A sala era mal iluminada devido ao fato de não haver janelas visíveis, embora elas pudessem estar escondidas atrás das dobras do veludo escuro que ocultava as paredes e caía do teto. Tudo, exceto a mesa, era de veludo e acolchoado e, somado ao ar denso e quente, dava a Aren uma leve sensação de

claustrofobia.

— É como ser enfiado de volta ao útero, não é?

Aren piscou, virando-se para olhar a mulher gorducha sentada à sua direita. Ela talvez fosse da idade de Nana, embora consideravelmente menos envelhecida. O cabelo castanho dourado dela se misturava a fios grisalhos, os ombros eram ligeiramente curvados e rugas marcavam a pele ao lado dos seus olhos verdes. Ela usava um vestido brocado vermelho que estava rígido com bordados dourados, os pulsos estavam cheios de pulseiras e um rubi do tamanho de um ovo de pombo decorava um de seus dedos. Uma mulher rica ou de posição elevada. Provavelmente ambos.

— Uma forma poética de descrever.

Ela deu uma risadinha.

— Meu sobrinho está sempre tentando impor em mim as bobagens poéticas dele. Qual é o termo? Metáfora?

— Símile, acredito.

— Um homem instruído! E me disseram que você não era nada mais do que uma besta cruel sujeita a ataques de fúria.

— Ao contrário do que alguns acreditam, essas não são características mutuamente excludentes.

Ela deu uma risada.

— Meu sobrinho discordaria de você, mas, pensando bem, ele discute com quase todo mundo, embora não chame assim.

— Debater.

— Exatamente. Como se a semântica mudasse a natureza da coisa. Flatulências cheiram tão mal quanto um peido.

Apesar de tudo, Aren riu, o comentário dela lembrando-o novamente de Nana. Mas a risada cessou quando ele pensou na avó. Ele não fazia ideia se ela estava viva. Ela e seus alunos não estavam em Eranahl quando Ithicana perdeu o domínio da ponte, mas a carta de Lara incluía detalhes sobre como entrar na Ilha Gamire usando o píer. A mesma carta que estava agora no bolso dele, nunca longe de si, e ele a tocou, usando o papel para reacender sua fúria. Para lembrar de seu propósito.

— Você sabe quem sou eu, mas não posso dizer o mesmo de você, Lady…?

— Coralyn Veliant — ela respondeu, a resposta fazendo as sobrancelhas de Aren se erguerem. Era uma das esposas de Silas. A primeira que Aren via que não era pelo menos vinte anos mais jovem do que o homem. A boca da mulher se curvou diante da reação dele. — Eu era esposa do pai dele. Para o desgosto dele, ele me herdou.

O harém do rei anterior... Nana havia passado um ano naquele harém como

espiã antes de escapar. Elas se conheciam? O pensamento oscilou na mente de Aren, tentando-o com as possibilidades.

— Um costume... *interessante.* — Ele estava tão envolvido pela ideia de haver uma ligação que Aren pudesse explorar que o sarcasmo escapou de seus lábios antes que ele pudesse contê-lo.

Lady Veliant se virou na cadeira, apoiando um cotovelo no braço do objeto para se recostar e encará-lo.

— Uma *lei* que impede homens de jogarem as antigas na rua. Então, por gentileza, contenha seu escárnio em relação ao que você não entende.

Aren considerou as palavras dela.

— Peço desculpas, Lady Veliant. Fui criado para respeitar as matriarcas do meu povo. A ideia de fazer o contrário disso está além da minha compreensão, porque compreender implica um certo grau de condolências por um comportamento que considero condenável. Portanto, receio que meu escárnio permaneça intacto.

— Um espertinho corajoso é uma coisa terrível — ela murmurou. — Verdade seja dita, eu tinha apenas 23 anos quando o velho desgraçado morreu e ficaria feliz em encontrar meu próprio lugar no mundo, não fosse pelos meus filhos.

— Você tem muitos?

— No momento já perdi a conta.

Aren piscou e ela sorriu.

— Essa é a realidade no harém, Mestre Kertell. — A voz da mulher estava cheia de sarcasmo, como se chamá-lo assim fosse o cúmulo do ridículo. — Cada filho ou filha nascido no harém faz parte da família de cada mulher dentro dele. Portanto, embora eu não tenha nenhum filho do meu sangue, tenho incontáveis filhos de coração e protegeria cada um com a minha vida.

E não havia maior inimigo para os filhos do harém do que o homem que gerou todos eles.

A conversa foi interrompida quando dois homens se sentaram à mesa. O mais baixo se acomodou na cadeira à direita de Coralyn e o alto e magro à esquerda de Aren, o último puxando a cadeira para o mais longe possível de Aren sem ocupar a vaga da cadeira vizinha.

Coralyn riu.

— Claramente ele está por dentro das fofocas e não quer que a corrente ao redor dos seus pulsos vá parar em volta do pescoço dele.

— O quê? Essa daqui? — Erguendo as mãos, Aren descansou os pulsos algemados na mesa, divertindo-se com a maneira que o homem magro recuou.

— Não se dê ao trabalho de aprender os nomes deles — ela comentou. —

Não são nada mais do que parasitas do meu marido, enviados para espionar cada palavra sua. O risco de você quebrar o pescoço deles vale o favor que eles poderiam ganhar ao fornecer informações valiosas. Não há muito que você possa fazer sobre isso, mas pelo menos não precisa se incomodar em bater papo com eles. Ou tentar fazê-los de reféns.

Os dois homens lançaram olhares carrancudos, mas não falaram nada.

— E você, minha senhora? — Aren indagou, observando o resto dos indivíduos ocuparem a mesa. Todos nobres Maridrinianos, sendo as únicas exceções um ruivo de pele pálida, que Aren suspeitava ser o embaixador Amaridiano, e um loiro de nariz enorme que devia ser de Harendell. Eles estavam sentados em lados opostos da mesa, os dois se encarando furiosamente com desprezo indisfarçável. A relação entre as duas nações era quase tão ruim quanto entre Maridrina e Valcotta, embora tendessem mais a embargos comerciais, posturas políticas e assassinatos ocasionais do que à guerra aberta.

Aren se virou para Coralyn.

— Você também se sentou aqui para espionar?

— Eu sentei aqui porque a etiqueta exige que você tenha uma companhia feminina, mas Silas não estava disposto a arriscar a vida de uma de suas favoritas. Ele não derramaria nenhuma lágrima se você me matasse, caso esteja tendo ideias de colocar essa corrente em volta do *meu* pescoço. Há anos, ele tenta encontrar uma maneira de me calar sem transformar sua cama em um lugar perigoso. Você estaria fazendo um favor a ele.

Seria um favor a Silas e também custaria a Aren qualquer chance de conseguir ajuda do harém.

— Terei que me contentar com uma discussão, então.

Um leve tinido encheu a sala e todos se levantaram. Aren apenas se recostou na cadeira, observando enquanto Silas entrava na sala, cercado por guarda-costas e seis das esposas. Todas as mulheres vestiam sedas finas e eram adornadas com jóias, todas jovens e incrivelmente belas.

Silas sentou-se à cabeceira da mesa e as esposas deslizaram para as cadeiras vazias entre emissários e vizires, que permaneceram de pé. Os olhos do rei se fixaram na forma relaxada de Aren, seu rosto inexpressivo enquanto provavelmente considerava ordenar os guardas forçarem Aren a se levantar.

Aren suspeitava que a presença dele aqui esta noite era para demonstrar a todos os reinos, do norte e do sul, que Ithicana era agora submissa a Silas. Mas todos sabiam que Ithicana ainda não tinha caído... não com Eranahl ainda autônoma. Forçar Aren a se levantar só chamaria atenção para a resistência Ithicana. Mas não dizer nada faria Silas parecer fraco. Como não era um tolo, o rei Maridriniano disse:

— Precisamos encontrar para você um conjunto de correntes mais leves, Aren? Talvez possamos pedir a um dos joalheiros que lhe faça algo menos pesado?

Os pesados elos que uniam os grilhões do Ithicano estalaram e sacudiram ameaçadoramente contra a madeira da mesa quando Aren pegou o pequeno copo de latão com vinho e bebeu dele sem esperar que um dos provadores verificasse se havia veneno. Então, ele encolheu os ombros.

— Uma corrente mais leve daria um belo garrote, mas há algo mais... *gratificante* em sufocar um homem até a morte. Eu perguntaria se você concorda, Silas, mas todos aqui sabem que você prefere apunhalar os homens pelas costas.

Silas franziu a testa.

— Estão vendo, cavalheiros? Só o que os Ithicanos conhecem são insultos e violência. É muito melhor agora que não precisamos mais lidar com essa laia para fazer comércio pela ponte.

O embaixador Amaridiano bateu a mão na mesa em concordância, mas o embaixador de Harendell apenas franziu a testa e coçou o queixo. Entretanto, Aren não soube dizer se foi em discordância a Silas ou se o homem não queria ser visto concordando com o Amaridiano.

— Receio que Valcotta não concorde com sua opinião, Vossa Graça — Zarrah comentou. — E até que Maridrina se retire de Ithicana e liberte o rei deles, os mercadores Valcottanos continuarão a evitar a ponte em favor de rotas de navegação.

— Então é melhor sua tia se acostumar a perder navios para os Mares de Tempestade — Silas retrucou. — E seria bom para você se lembrar da sua posição aqui e controlar a língua, menina. Sua presença aqui é somente uma gentileza. Deveria estar me agradecendo por poupar sua vida, não testando minha paciência com sua tagarelice. Sua cabeça ficaria linda espetada nos portões de Vencia.

A jovem Valcottana ergueu um ombro marrom em um dar de ombros elegante, mas ao lado dela, os nós dos dedos de Keris embranqueceram ao redor da haste da taça de vinho, parecendo ter problemas com a ameaça feita à vida de Zarrah. O que era bastante interessante, visto que deveriam ser inimigos mortais.

Bebericando do próprio copo, Aren disse:

— Como alguém intimamente familiarizado com o assunto, Silas, permita-me contar a você um pequeno segredo: ponte vazia não ganha ouro.

Zarrah e o Harendelliano sorriram por trás das mãos, mas foi a reação do embaixador Amaridiano que Aren assistiu atenciosamente. Uma leve onda de excitação o invadiu quando o homem franziu a testa e lançou um olhar pelo

canto do olho para Silas. Parecia que alguém estava atrasado no pagamento das dívidas causadas pelo uso contínuo da marinha da rainha Amaridiana.

Por algum sinal silencioso ou pelo senso inato de criados bem treinados, jovens carregando pratos de verduras caprichosamente esculpidas escolheram aquele momento para entrar na sala, cortando a tensão. Um deles depositou um prato na frente de Aren cuidadosamente, ao lado da colher de pau que lhe era permitida.

Algo caiu no colo de Aren e ele olhou para baixo e viu um garfo de prata.

— Perdoe-me — disse Coralyn. — Meus dedos não são tão ágeis quanto antes. — Então, ela estalou os dedos ruidosamente e um servo correu para lhe fornecer um substituto.

— Você está louca, mulher? — o homem baixo à direita dela perguntou agressivamente. — Guardas, ele tem um…

— Ah, cale a boca, seu idiota covarde. É um garfo. O que acha que ele vai fazer com um talher?

Aren poderia enfiar aqueles dentes de prata na jugular de alguém rapidamente, mas em vez disso, encheu a boca de salada, mal sentindo o gosto do vinagre e dos temperos do molho enquanto mastigava. Um dos guardas avançou na direção dele, mas um olhar penetrante de Silas o fez recuar. Um indivíduo em uma suposta posição de poder não discutia por conta de garfos.

No entanto, foi demais para o homem magricela à esquerda de Aren, que murmurou algo, insinuando que precisava se aliviar, depois saiu correndo porta afora. A jovem esposa que estava sentada ao lado dele continuou a comer, mas Aren não deixou de perceber a forma que os olhos dela se voltaram para Coralyn, ou o suave aceno que ela deu para a mulher mais velha.

Por trás de uma das cortinas, as primeiras vibrações de música começaram a tocar e a garota largou o garfo. Levantando-se, ela inclinou a cabeça uma vez na direção de Silas, depois começou a dançar, um conjunto de movimentos lentos e sedutores que pareciam mais apropriados para um quarto do que para uma sala de jantar, mas quase ninguém à mesa lhe deu atenção. Exceto pelo homem baixo à direita de Coralyn, que observava a jovem com desejo indisfarçável.

Esperta.

— Essa salada absurda parece um topiário de jardim — Coralyn reclamou, derrubando a estrutura arquitetônica de alface e pepino com um violento golpe do garfo. — Vocês têm jardins em Ithicana?

— Sim. — Aren engoliu em seco, pensando no jardim de sua casa em Midwatch. Mesmo se tivesse a sorte de voltar, ele destruiria aquele lugar antes de dormir na cama que compartilhou com *ela.* — Mas não refinados como os seus jardins aqui. É preciso deixar as plantas livres para crescerem ou os tufões

as destruirão. Coisas selvagens são melhores indomáveis. E mais bonitas por isso também.

— Você fala como uma criança que conheci.

Aren cerrou os dentes e viu a garota que dançava passar, o cabelo loiro dela roçando no ombro da espiã. A música estava alta a ponto de abafar a conversa do outro lado da mesa e, embora Silas não tenha desviado a atenção dos embaixadores, Aren podia ver que os músculos da mandíbula do homem estavam tensos de irritação.

— Ela era uma criança determinada. Não me surpreende que tenha tido sucesso no que foi criada para fazer.

Falar sobre Lara era inevitável. Qualquer chance do harém ajudá-lo era baseada no ressentimento das esposas por Silas, causado pelo fato de ele ter levado suas filhas, sendo que Lara era uma delas. Revelar o quão profundamente Aren odiava a própria esposa faria mais mal do que bem.

— Ela não é tola o suficiente para vir aqui e cair na armadilha dele, se é disso que você tem medo.

— Tem tanta certeza assim?

Não.

— Sim.

Coralyn exalou suavemente.

— E as nossas outras flores? — Apesar de Coralyn jogar o jogo muito bem, Aren detectou expectativa na voz dela. E medo.

— Uma foi cortada — ele falou, parando quando um criado pegou o prato diante dele, junto com o maldito garfo. — O jardineiro está de olho nas outras.

— O jardineiro. — Ela hesitou. — Temos outro nome para ele.

— Foi o que o seu sobrinho me disse.

— Um pouco menos de energia — Silas disparou aos músicos. — Mal consigo ouvir meus pensamentos!

A mão de Coralyn parou na haste da taça de vinho, movendo-a somente quando outro servo trouxe a sopa. Pelo menos para isso, Aren poderia usar sua colher. Não fosse pela sua garganta seca e o fato de que a ideia de comer o deixava doente.

Dar essa informação significaria arriscar o povo de Aren, mas se funcionasse, significaria também impedi-los de jogar suas vidas fora em tentativas fúteis de resgatá-lo.

Ele tinha que arriscar.

A música estava no fim, a dança quase terminada e, do outro lado da sala, o magricela entrara novamente. Aren disse:

— Pelo que sei, você não gosta do cheiro das flores que foram plantadas

recentemente em seu jardim.

— Não — respondeu Coralyn, pegando a colher de sopa. — Não gosto.

— Talvez deva considerar pedir ao fornecedor que desista de enviá-las.

Ela ficou em silêncio, mas Aren não ousou olhar para ela. Não ousou chamar atenção para essa conversa que poderia mudar a maré de seu cárcere.

— É uma ideia. Infelizmente, não tenho certeza de onde encontrar o homem.

— Mulher — ele corrigiu, o peito apertando. E se estivesse errado sobre Coralyn? E se tudo isso fosse só um plano para capturar mais de seu povo? E se ele tivesse caído no jogo de Silas?

Inúmeras incertezas, mas não havia dúvida na mente de Aren do que aconteceria se ele não tentasse.

— Você costuma visitar o Mercado de Safira no lado leste? — ele questionou, sabendo a resposta.

— Obviamente. — Ela ergueu um pulso adornado em jóias. O Mercado de Safira atendia à elite de Vencia, as ruas repletas de lojas cheias de jóias, tecidos finos e outras mercadorias caras, incluindo flores exóticas.

— A floricultura que você procura fica na esquina da Gret com a Amot — disse Aren, dando o endereço. Não uma florista, mas uma ourive: a mesma que fizera o colar da mãe dele, o qual ele viu pela última vez ao redor do pescoço amaldiçoado de Lara. A mulher era uma espiã Ithicana e entraria em contato com seu encarregado, e Aren rezava para que ele soubesse onde encontrar o comandante que ordenava essas tentativas de resgate.

— As flores estão sendo enviadas para o rei — ela respondeu. — Haverá consequências se for descoberto que cancelei as encomendas. Parece um grande risco para assumir por um cheiro. Por que eu deveria me dar ao trabalho?

O homem magro estava circulando a mesa. Levaria somente alguns segundos até ele ouvir Aren, e não havia mais tempo para essa conversa cheia de rodeios.

— Vingança.

— Não trará nossas flores de volta. Nem fará nada para mantê-las protegidas das forças que as ameaçam.

Aren não tinha mais nada a oferecer. Essa não era uma mulher que podia ser comprada, e ele não estava em posição de oferecer proteção às irmãs de Lara, a única coisa que poderia tentar a mulher. Tudo o que ele tinha era a possibilidade de que a lealdade de Coralyn às esposas do harém e aos filhos se estendesse à única mulher que escapara de Maridrina. À espiã que voltou para Ithicana e se casou novamente. Que teve um filho que se casou com uma rainha, que deu à luz um rei.

— Chega! — Silas gritou para a esposa dançarina. — Sente-se!

Aren disse:

— Visite a florista, minha senhora, e diga a ela que o neto de Amelie Yamure a enviou.

14

LARA



AS IRMÃS SE DIVIDIRAM em pequenos grupos ao longo do território de Vencia para evitar chamar atenção, mas o ponto de encontro era a oficina nos fundos de uma joalheria, sendo a proprietária Maridriniana também uma espiã de Ithicana.

Elas infiltraram-se no local lentamente, escapando da chuva, vestidas nas mais diversas roupas. Algumas fingiam ser clientes nobres, outras comerciantes, e as demais criadas ou fornecedoras. A oficina logo ficou cheia, as capas úmidas penduradas nas costas das cadeiras e as tábuas do piso de madeira manchadas com rastros de lama e água. Assim que todos se sentaram ao redor da mesa, incluindo Jor e Lia, Sarhina ergueu a mão, pedindo silêncio.

O que significou que todos eles escutaram a porta da loja se abrir e uma velha disparar:

— Qualquer um poderia entrar aqui, Beth. Pelo menos tranque a maldita porta quando tiver uma reunião com as mulheres mais procuradas de Maridrina sob seu teto.

— Merda — Lara murmurou, os olhos disparando para os de Jor em acusação.

Ele apenas deu de ombros.

— Onde está aquela vadiazinha traidora que chamamos de rainha? Eu vi dez princesas de olhos azuis valsando aqui para dentro, mas não ela. O destino me trouxe um pouco de sorte e a matou?

Sarhina bateu o ombro no de Lara.

— Quem quer que seja, não parece ser sua maior admiradora.

Engolindo em seco, Lara virou-se para a porta da frente da loja, vendo Nana aparecer com as mãos manchadas pela idade apoiadas nos quadris, a água pingando de suas roupas e caindo aos seus pés.

— Sinceramente, você não acreditou que eu iria deixá-la resolver esse

problema sem supervisão, não é, sua idiota ardilosa? — A velha curandeira tirou a capa e jogou-a em Jor. — Não com o seu histórico de estragar tudo.

Atrás de Lara, ouviu-se o barulho de cadeiras sendo empurradas para trás e lâminas sibilando ao sair das bainhas quando suas irmãs se levantaram. Sarhina se colocou entre Lara e Nana.

— Cuidado com a língua quando estiver falando com minha irmã, velha, ou logo ficará sem uma.

Com uma carranca no rosto, Lia moveu-se para o lado de Nana, a mão na própria arma. Mas a avó de Aren só zombou.

— Grande exército esse que você reuniu, Lara. Um bando de rostos bonitos e uma mulher grávida.

Sarhina fingiu fazer um beicinho triste.

— Uma noite de paixão e fui expulsa do bando de rostos bonitos? É tão injusto. É a barriga? Ou as manchas? Me disseram que os dois desapareceriam quando o bebê nascesse.

Nana não achou graça.

— Você será quase inútil para essa tarefa, garota. Vá para casa e se preocupe com o que está crescendo em seu ventre.

— Sou *eu* quem decido com o que me preocupar, mulher — Sarhina respondeu em um tom leve e despreocupado. — E nesse momento, é a espinha na minha bochecha e *você*.

As palavras de Sarhina eram mais intimidantes do que o arsenal atrás delas. Mas nada disso, nenhuma das alfinetadas e ameaças, faria *nada* para libertar Aren. Lara pousou a mão no braço da irmã, puxando-a para trás.

— Essa é... Amelie. Ela é a avó de Aren.

A avó que não perdoara Lara por seus erros e provavelmente nunca perdoaria.

Se dependesse de Nana, Lara teria sido executada menos de uma hora depois de chegar em Eranahl, provavelmente para alimentar os tubarões que os Ithicanos tanto estimavam.

— A avó dele e a única pessoa nessa sala que está familiarizada com a disposição e a segurança de dentro das muralhas do palácio — Nana respondeu.

— Todas nós nascemos lá — disse Bronwyn. — Passamos nossos primeiros cinco anos de vida lá.

— Memórias de infância! — Nana caminhou pela sala para sentar-se à cabeceira da mesa. — Passei um ano naquele harém espionando para Ithicana.

— Um ano *cem anos atrás*? — Bronwyn olhou Nana de cima a baixo. — O que lhe dá a memória de um octogenário de lá.

— Cuidado com a boca! — Lia sacou a faca, os olhos brilhando de raiva.

Bronwyn bateu com a faca no queixo, sorrindo diabolicamente.

— Quem é você mesmo?

Lara encontrou os olhos de Jor e ele deu um aceno entrecortado, aparentemente sendo a única pessoa presente tão frustrada quanto ela.

— Chega — ela disse. — Todos aqui querem a mesma coisa, que é libertar Aren. Estamos em desvantagem em relação à disposição e à segurança dos cômodos mais privativos do nosso pai, mas talvez nosso conhecimento coletivo do lugar seja suficiente. Se trabalharmos juntos.

— Um grande talvez. — Sarhina alertou. — A esse ponto, iríamos às cegas. Não só não estamos familiarizadas com os padrões de proteção e defesas, mas também não temos ideia de onde estão mantendo Aren ou a rotina diária dele. A única maneira de isso funcionar é se um bom número de nós entrarmos para dominar os guardas, o que não será uma tarefa fácil. E um grupo de mulheres estranhas perambulando pelo palácio e checando atrás de cada porta trancada não é o caminho para o sucesso. Precisamos de alguém de dentro.

— Tentamos comprar criados. — Jor tomou um gole de um cantil que havia retirado do bolso. — Primeiro, eles são difíceis de contatar. Só um punhado deles tem permissão para entrar e sair do palácio, e são ou muito leais ou têm muito medo de Silas para trocar de lado. Pensamos que tínhamos conseguido um, mas ele nos deu informações inúteis que fizeram dois dos meus melhores homens serem mortos.

— E os guardas?

— Os membros do grupo militar de Silas são leais até a alma.

— Então nós mesmas precisamos nos infiltrar no palácio — disse Sarhina. — Uma de nós contratada como criada, talvez.

— Os criados trabalham para o rei durante anos antes de serem autorizados a assumir funções nos cômodos privativos — interrompeu Nana. — E nós não temos anos.

— Que tal um criado de algum nobre? — Lara sugeriu. — Eles parecem ir e vir quando querem.

— Os criados pessoais só são permitidos dentro das muralhas externas. — Nana apoiou os cotovelos na mesa, observando os mapas grosseiros do palácio que Bronwyn desenhara ao sentar-se no topo de uma colina com uma luneta. — E os vizires não têm liberdade dentro das muralhas internas. Eles são levados para onde a presença deles é necessária e, em seguida, escoltados para fora.

— A menos que sejam vendados, eles ainda veem coisas — Sarhina contemplou. — Qualquer um deles pode ser comprado?

— Não com os recursos que temos à nossa disposição — respondeu Jor. — Silas esvaziou os cofres de Northwatch e Southwatch, e os de Midwatch

também. Arriscar uma viagem de volta a Eranahl representaria uma série de riscos.

— E o embaixador de Harendell?

Jor bufou.

— Impossível. Eles nem deixam o cara dar uma mijada sozinho.

Empurrando os mapas para longe, Nana recostou-se na cadeira.

— Vocês acharam que seria fácil, meninas? Não me prostituí para o avô fedorento de vocês porque fiquei encantada por ele. Era a *única* maneira de entrar. E a única razão pela qual consegui sair foi porque tinha um lugar para ir, um que eu sabia que seria seguro. Nós não temos mais isso — Ela encarou Lara, o ressentimento palpável.

Lara sabia que não seria fácil, mas agora, diante de um relógio correndo e tantos obstáculos aparentemente impossíveis de ultrapassar, a impossibilidade da tarefa criava um buraco no estômago dela. Diversos planos circulavam sua mente, ela os considerava e depois os descartava. Os Ithicanos eram excelentes com explosivos, mas o palácio estava cheio de mulheres e crianças, sem contar que poderiam matar Aren acidentalmente nas explosões. Poderiam trazer reforços de Ithicana, mas o número de mortos seria astronômico, além do sucesso da missão não ser garantido. Ela e as irmãs poderiam tentar se infiltrar no palácio às cegas, mas isso provavelmente faria com que mais do que algumas delas fossem mortas, e o fato era: ela não estava disposta a arriscar a vida delas em um plano inconsistente. Havia vítimas em todos os pontos que ela analisava, corpos para empilhar sobre os cadáveres de todos aqueles que já haviam morrido por causa dos erros dela.

— Sugestões? — ela indagou.

Todos eles encararam os mapas em silêncio, até que o som de uma batida forte os salvou de ter que responder.

— Beth pendurou uma placa de "fechado" — disse Jor. — Quem quer que seja terá que esperar.

Outra batida forte e o som fraco de uma voz do lado de fora exigindo permissão para entrar na loja.

— Malditos Maridrinianos — murmurou Nana. — Nunca aceitam um não como resposta.

— Beth terá que… — Jor foi interrompido pelo clique de uma trava e um toque suave quando a porta da frente foi aberta.

— Você disse que essa mulher era leal a Ithicana — Sarhina sibilou para Jor, que deu um aceno assustado e se aproximou da porta. Abrindo uma fresta da cortina, ele espiou o lado de fora enquanto Bronwyn e Cresta se deslocavam para os fundos do prédio para verificar se havia algum sinal de que a reunião fora

comprometida.

Da parte da frente da loja, a ourive disse em voz alta:

— É uma honra ter uma das esposas de Sua Majestade em meu estabelecimento, milady. Como posso ajudá-la nessa bela manhã?

Merda. Beth não tinha escolha. Não abrir as portas para uma das esposas do harém atrairia todos os tipos de problemas para eles, mas ainda assim era um pouco de má sorte.

— Vocês, esperem aqui fora — ordenou uma voz desconhecida, o timbre de uma mulher mais velha. — Não preciso de vocês olhando por cima do meu ombro para espiar quanto do dinheiro de Silas eu gasto.

— Minha senhora… — um homem começou a responder, mas foi interrompido por um feroz:

— Fora!

A porta se fechou. Cresta reapareceu do fundo, sussurrando:

— Escolta de seis guardas. Parece uma infeliz coincidência.

O que significava que eles não tinham escolha a não ser esperá-la ir embora.

— Fui levada a acreditar que se tratava de uma floricultura — a esposa do harém comentou. — E que *você* era uma florista, não uma joalheira.

A mão de Jor foi para a faca em sua cintura e Lia puxou a dela, ambos com expressões sombrias.

— Esse é o codinome dela — Lia disse suavemente. — Fomos descobertos. Hora de ir.

Bronwyn retornou, balançando a cabeça.

— Dois guardas vieram para os fundos para fumar. Não é possível passar por eles sem matá-los.

— Sou especialista em joias em formato de flores — respondeu Beth. — Talvez essa tenha sido a causa na falha de comunicação.

— Não foi uma falha de comunicação — a esposa retrucou. — Foi uma orientação errada. Há uma diferença, você vê.

Os dois guardas provavelmente eram iscas pretendendo parecer alvos fáceis. Haveria outros esperando. Medo se acumulou nas entranhas de Lara. Ela trouxera suas irmãs até aqui, havia arriscado a vida de todas elas para salvar Aren. *Outro erro. Ela cometeu outro erro.*

— Claro. Eu entendo. — Havia um leve tremor na voz da joalheira. — Posso mostrar-lhe um pouco do meu trabalho ou deseja que eu a encaminhe a uma florista de renome nas proximidades?

— Nenhum dos dois.

— Milady?

— Temos um conhecido em comum, foi o que me disseram. Ele sugeriu que

talvez você pudesse fazer algo a respeito das flores que continuam chegando ao jardim do palácio. Nenhum de nós gosta muito do cheiro, e ele sugeriu que você poderia garantir que qualquer pedido futuro seja cancelado.

— Há algo familiar na voz dela… — Sarhina disse, fazendo uma careta quando Nana a empurrou para o lado e chegou perto de Jor para espiar as mulheres por cima do ombro dele.

— Que peculiar — Beth falou. — Infelizmente, não vejo como posso ajudá-la. Meu negócio é pedras preciosas, não flores, e não tenho comissões para com a coroa.

— Não com a coroa Maridriniana, você quer dizer. Mas talvez outra.

Bronwyn puxou o braço de Lara, apontando para o teto, onde uma escotilha já estava aberta, a chuva respingando na mesa.

— Você e Sarhina, vão — ela sibilou. — Vamos distraí-los enquanto vocês fogem pelo telhado.

— Não. — Lara puxou o braço da mão da irmã. — Sou eu quem nosso pai mais quer, e tenho certeza de que ele me quer viva. Eu serei a distração, o resto de vocês foge.

Sarhina se virou para ela.

— Não seja idiota, Lara. Se nosso pai capturá-la, ele terá menos motivos para manter Aren vivo. E se ele morrer, qualquer chance de Ithicana resistir também morrerá. Isso é muito maior do que você.

A ourive tagarelava sobre os trabalhos que ela havia feito para as realezas estrangeiras, tentando segurar a atenção da esposa por tempo suficiente para que o grupo fugisse.

— Nós precisamos ir. — Sarhina subiu na cadeira que Bronwyn havia colocado sobre a mesa, alcançando o alçapão que levava ao sótão.

— Você também, Nana. Aren nunca vai me perdoar se eu deixar você ser capturada. — Jor puxou a velha para tentar afastá-la da porta, mas ela o dispensou com um gesto de mão.

E da parte da frente da loja, a voz da esposa do harém se elevou sobre o barulho dos soldados marchando.

— Chega de tagarelice, mulher. Eu não tenho muito tempo. Agora diga a todos os Ithicanos que você está abrigando que o neto de Amelie Yamure me enviou.

15

LARA



A OURIVE, Beth, continuou a divagar, tentando ganhar tempo para o grupo conseguir escapar, mas ninguém na sala se moveu.

— Deixe-a entrar. — Pela primeira vez desde que conhecera Nana, Lara detectou um leve tremor na voz da velha. Uma pitada de nervosismo.

— Chega disso. — Houve um estalo de saltos contra o piso de madeira, e uma senhora idosa envolta em veludo caro e joias ainda mais caras apareceu na porta.

Ela congelou, os olhos se arregalando como pires ao vê-las.

— Meu Deus, isso é real?

Sarhina deu um passo adiante, a testa franzida.

— Tia?

O olhar da mulher se fixou nela.

— Pequena Sarhina? — Com dois passos, ela fechou a distância, envolvendo os braços ao redor dos ombros de Sarhina e puxando-a para perto enquanto observava o resto das irmãs. — Não era isso que eu esperava encontrar. Como ele sabia? — E então, ela balançou a cabeça. — Não, claro que ele não sabia. Nunca teria concordado se isso significasse... — A voz dela ficou afiada. — Qual de vocês é Lara?

Lara deu um passo à frente, desejando estar vestida com roupas mais elegantes. Trajes sempre foram armaduras para ela, ferramentas para empunhar. E agora ela se sentia terrivelmente despreparada.

— Sou eu.

A velha a encarou por um longo momento, depois fez uma reverência.

— Vossa Majestade.

— Por favor, não. — A voz de Lara saiu rouca. — Não é um título que mereço.

— A maioria das pessoas com títulos não os merece.

— Muito menos ela — disse Nana. — Já faz muito tempo, Coralyn. Parece que você tem vivido bem.

— E parece que você foi deixada para assar sob o sol nos últimos cinquenta anos.

Ninguém na sala respirou enquanto as duas matriarcas se encaravam.

— Então você se lembra de mim — Nana finalmente declarou.

— Meu corpo ficou mais fraco, não a minha mente. — A velha, Coralyn, fungou. — Você é a única que conseguiu desaparecer sem explicação. — A mandíbula dela se retesou. — Nós pensamos que você estava morta.

— Não, não — Nana respondeu. — Eu já tinha reunido o que precisava. Despedidas só colocariam tudo pelo que eu trabalhei em risco.

Rápida como um raio, Coralyn se moveu, a mão atingindo o rosto de Nana.

— Isso é pelas mentiras. E por abandonar o harém.

— Acho que mereci isso. — Nana esfregou a bochecha com uma das mãos e, para surpresa de Lara, fechou a distância e abraçou a outra mulher com força. — Você viu meu neto, então?

— Ah, sim. Aren é muito bonito. Herdou a sua beleza.

Sarhina gargalhou, mas as duas mulheres a ignoraram. E Lara perdeu a paciência.

— Ele está bem? Meu pai o machucou?

Exalando, Coralyn balançou a cabeça.

— O Magpie não é tolo o suficiente para feri-lo de maneira visível. Não enquanto Silas ainda estiver tentando negociar a rendição de Eranahl em troca da vida de Aren, e certamente não com os Harendellianos reclamando da prisão dele. Mas quanto à mente de Aren… — Ela parou, sacudindo lentamente a cabeça. — A culpa está quase o levando à loucura e piora cada vez que mandam mais alguém para ser capturado e morto. Serin os tortura e depois pendura os corpos nos jardins, garantindo que o garoto de vocês passe um bom tempo do lado de fora, sem nada para fazer a não ser vê-los apodrecerem. É só uma questão de tempo até que as táticas do Magpie o enlouqueçam.

Lia ofegou e o rosto de Jor se contraiu com angústia. Mas só o que Lara sentiu foi uma resolução gelada preenchendo suas veias.

— Eu vou matá-lo. Vou arrancar o maldito coração dele.

— E ele espera que você tente — respondeu Coralyn. — Ele está preparado para você, Lara. Se ele te pegar, irá matá-la da pior forma possível.

— Preparado para mim, mas não para todas nós juntas.

— E imagine como ele ficará satisfeito por você facilitar o desejo dele de ver cada uma de vocês morta. — A velha sacudiu a cabeça, os brincos pesados em

suas orelhas balançando para frente e para trás. — Meninas, vocês precisam fugir. Precisam correr para o mais longe possível de Maridrina.

— Não. — Lara rosnou a palavra, e ela ouviu as irmãs avançarem, nenhuma delas recuando. — Se você se preocupa tanto com o nosso bem-estar, então nos ajude. Dê-nos as informações de que precisamos para libertar Aren.

— Não há nada que eu possa dizer que fará diferença. Você precisaria de um exército para tirá-lo de lá, e você não tem um. E não te ajudarei com nada que coloque em perigo as vidas do harém e das crianças.

— Você pode nos dizer onde ele está sendo mantido. Dê-nos informações sobre a disposição do local e onde os guardas estão posicionados. Pode nos ajudar a encontrar uma maneira de entrar.

A mandíbula de Coralyn se retesou e ela balançou a cabeça bruscamente.

— Entrar? Essa é a parte fácil, menina. É tentar escapar, especialmente com Aren a reboque, que matará todas vocês. O palácio foi construído para confinar. Não é nada mais do que uma linda prisão.

— Ela está certa. — A voz de Nana estava rouca. — Nunca tive a intenção de passar um ano inteiro dentro do harém, mas depois que entrei... — Ela soltou um longo suspiro. — Sair era impossível. Minha única opção foi me esforçar para ganhar confiança o suficiente do rei para que ele permitisse que eu deixasse o palácio sob escolta. Mesmo assim, foram necessárias várias tentativas antes de eu conseguir escapar. E eu não estava sob o escrutínio que Aren está.

Um rugido surdo invadiu os ouvidos de Lara. *É impossível. Impossível.*

— Mas você pode nos fazer entrar. — A voz de Sarhina interrompeu o ruído que preenchia a cabeça de Lara. — Você disse que era fácil, embora não seja exatamente a nossa opinião sobre a questão.

— Fácil é relativo.

— Por favor, responda à pergunta, tia — Sarhina pediu. — Nós *vamos* fazer isso, com ou sem a sua ajuda.

Silêncio.

— Que tipo de treinamento vocês receberam no deserto? — Coralyn finalmente perguntou, dando a todas um olhar avaliador. — Não a bobagem de guerreira-espiã. As outras habilidades. — Ela ergueu a mão antes que Lara pudesse responder. — Uma pergunta diferente: *Quem* seu pai contratou para treiná-las como esposas?

Lara lançou um olhar rápido para Sarhina e respondeu:

— Mestra Mezat.

O rosto de Coralyn ficou sombrio, mas ela assentiu.

— Talvez eu saiba uma maneira, mas irei precisar que algumas das esposas mais novas ajudem.

— Você acha que elas concordarão? — Lara questionou, duvidosa de que as mulheres com idades mais próximas à dela e de suas irmãs se importassem com as decisões que o pai delas tomara há mais de dezesseis anos, muito menos que estivessem dispostas a arriscar tudo para puni-lo por elas.

Coralyn assentiu.

— Vocês não foram as únicas crianças que Silas permitiu que o Magpie pegasse. E certamente não são as únicas cujas vidas estão em perigo por causa dele.

— Excelente — Sarhina disse. — Agora só precisamos descobrir uma maneira de sair de um lugar que não vemos há mais de dezesseis anos.

O que eles precisavam eram olhos de dentro. E não qualquer olho.

Mordendo a unha do polegar, Lara considerou o problema. Coralyn poderia fornecer a elas descrições do interior, mas a mulher não tinha treinamento para encontrar detalhes que poderiam ser úteis para uma fuga. Para isso, elas precisavam de alguém que soubesse tudo sobre defesas e, consequentemente, todas as maneiras possíveis para contorná-las.

— Eu tenho uma ideia.

16

AREN



UMA TEMPESTADE CAIU no dia seguinte ao jantar, uma monstruosidade que se projetou sobre eles e não deu indícios de que se dispersaria durante a maior parte da semana. Vencia foi alvo de um dilúvio permanente, o que fez com que Aren fosse mantido dentro do palácio a maior parte do tempo, quase sempre confinado ao seu pequeno quarto. Não para seu conforto, ele suspeitava, mas sim porque os soldados de Silas não tinham interesse em ficar do lado de fora no aguaceiro.

Estar tão confinado normalmente teria deixado Aren nervoso, mas em vez disso, fez com que ele se visse perdido em pensamentos enquanto considerava como poderia usar uma aliança com o harém em seu favor.

O primeiro passo seria Coralyn ter ou não sucesso em se encontrar com os associados do Ithicano e repassar as ordens para eles cessarem as tentativas de resgate. Aren não conseguia raciocinar com os corpos se acumulando e os rostos conhecidos e amados preenchendo lentamente as paredes do horrível jardim de Silas. Ele preferia estar morto a aguentar isso.

Mas se seu povo parasse de morrer…

Fazendo barras no batente da porta que dava para a câmara de banho, Aren analisou exatamente o que esperava conseguir ao continuar vivo. A fuga era um objetivo óbvio, embora egoísta. Trancado nesse palácio, ele se sentia impotente para fazer qualquer coisa que ajudasse seu reino. As únicas informações que ele tinha sobre Ithicana eram fragmentos selecionados que Silas ou Serin decidiam dar, e todos deveriam ser vistos com desconfiança. Ele não fazia ideia de quanto do seu exército havia sobrevivido, onde estavam escondidos ou se estavam em condições de lutar. Sem esse conhecimento, era impossível traçar uma estratégia, como tentar lutar no escuro. Mas se ele conseguisse escapar…

Acompanhada por esse pensamento, sempre vinha a incerteza de que, mesmo se ele *estivesse* livre, o fato não mudaria em nada a maré. Afinal, que bem ele

havia feito antes de ser capturado? Lutando dia sim e dia não, mas sempre sendo oprimidos pelos Maridrinianos e Amaridianos, que tinham mais homens, mais recursos, mais tudo. A presença dele não mudaria isso, e Ahnna ou qualquer um dos outros comandantes eram tão capazes quanto ele de comandar o exército de Ithicana.

Você é inútil.

Ele tentava afastar o pensamento, que surgia repetidamente, apesar de seus melhores esforços. *Ele* causara tudo isso ao confiar em Lara. Tudo isso era culpa dele. O que significava que talvez Ithicana estivesse melhor sem ele.

Rosnando em irritação, ele caiu no chão e começou a fazer abdominais, os grilhões ao redor dos tornozelos e pulsos tilintando.

— Não sei por que se dá ao trabalho — um dos guardas comentou de onde estava encostado na parede. — Me parece um esforço inútil.

— Talvez — Aren respondeu entre abdominais. — Só não quero começar a me parecer com você.

O rosto do guarda ficou vermelho e ele lançou um olhar pelo canto do olho para seu companheiro, que sorriu maliciosamente.

— Suponho que seja importante estar no seu melhor a caminho da execução.

Aren franziu a testa. Não porque a ameaça particularmente o preocupasse, mas porque estava começando a questionar o *porquê* de Silas mantê-lo vivo. Ser isca para Lara era a razão que lhe deram, mas muito tempo havia se passado desde que ele fora capturado e, se alguém ficou sabendo de alguma coisa sobre o paradeiro da Rainha de Ithicana, não havia sido repetido para ele.

Talvez ela esteja morta.

O pensamento enviou uma onda de emoção através dele e, em um movimento violento, ele se levantou e foi até a janela gradeada para observar o jardim.

Era possível que ela não tivesse escapado de Ithicana. A temporada de tempestades já havia começado quando Maridrina atacou, e Lara não era nenhuma marinheira. Ela também não tinha conhecimento prático da geografia de Ithicana, além do que estava dentro e ao redor de Midwatch. Havia uma grande chance de que ela tivesse morrido menos de um dia depois de fugir implacavelmente dele, um dos muitos perigos à espreita nas praias de Ithicana ou pelos mares subjugando-a.

Exceto que os instintos de Aren lhe diziam que ela não estava morta. Que, apesar de ser impossível, ela havia sobrevivido. O que significava que o silêncio dela era por escolha própria.

Ela não virá.

Aren não tinha certeza se ele sentia pesar ou alívio com esse fato, apenas

sabia que ela se recusava a deixar seus pensamentos, o rosto dela zombando dele.

Eu te amo, a voz de Lara sussurrou em sua cabeça.

— Mentirosa — ele murmurou para ela. Enquanto fazia isso, seus olhos se fixaram em uma figura esguia que seguia para o jardim com um livro em uma das mãos. Virando-se para os guardas, ele falou: — Eu quero ir lá fora.



KERIS ESTAVA SENTADO à mesma mesa em que eles conversaram pela primeira vez. Ao redor dele estavam suas meias-irmãs mais novas, as princesinhas trajando vestidos vibrantes, versões em miniatura daquele usado pela esposa que as presidia. A julgar pelos músicos sentados por perto, as meninas estavam prestes a receber algum tipo de lição de dança. Apesar de estar no centro do grupo de meninas rodopiando, Keris não lhes dava um pingo de atenção, o olhar fixo no livro que segurava em uma mão.

Aren sentou-se diante dele, os grilhões tilintando quando os guardas os prenderam ao banco. Só quando eles se afastaram que o príncipe abaixou o livro e fixou os olhos azuis em Aren.

— Bom dia, Vossa Graça. Veio aproveitar a breve trégua da tempestade?

— A chuva não me incomoda.

— Não, suponho que não. — Keris depositou o livro em um ponto da mesa seco pelo sol, voltando a atenção para os guardas perto deles. — Precisam de algo?

Os dois homens se mexeram desconfortavelmente.

— Ele é perigoso, Vossa Alteza — um deles finalmente respondeu. — É melhor ficarmos perto para caso precise ser contido. Ele é muito rápido.

Keris arqueou as sobrancelhas, depois se abaixou para olhar sob a mesa na direção das pernas de Aren e, com a voz um pouco abafada, retrucou:

— Ele está acorrentado a um banco de pedra. — Sentando-se ereto, ele indagou: — Exatamente quão fraco vocês acreditam que eu sou para não conseguir escapar de um homem acorrentado a um banco?

— Sua Majestade…

— Não está aqui — interrompeu Keris. — Vocês dois estão próximos o suficiente para fazer parte da conversa e, por essa curta troca de palavras, já posso dizer que não tenho interesse em conversar mais nada com nenhum de vocês. Além disso, vocês estão atrapalhando a lição das minhas irmãzinhas. Saiam.

Os rostos dos guardas escureceram, mas eles se afastaram para manter uma distância respeitável. Entretanto, um deles olhou por cima do ombro enquanto saíam e disse:

— Grite se ele lhe causar problemas, Alteza. É o que as esposas foram instruídas a fazer.

— Anotado — Keris respondeu e, embora o tédio não tenha deixado sua expressão, Aren viu lampejos de malícia nos olhos do outro homem. Viu a forma como os músculos definidos em seus antebraços se flexionaram como se ele estivesse se preparando para pegar uma faca. Um lobo em pele de cordeiro, muito parecido com a irmã. Aren se perguntou se Silas sabia.

Percebendo o escrutínio de Aren, Keris puxou as mangas do casaco para baixo, apesar do calor ardendo através das nuvens.

— Agora, como posso ajudá-lo, Vossa Graça? Mais material de leitura, talvez?

— Por mais esclarecedor que tenha sido seu livro sobre pássaros, eu passo.

— Como quiser.

As meninas começaram a girar em círculos, batendo palmas em intervalos determinados, a esposa do harém dando instruções ocasionais.

Mas Keris deu pouca atenção a elas e, em vez disso, encarou Aren atentamente, como se esperando que ele falasse.

— Com a maneira como trata os homens do seu pai, você arrisca levar uma facada por trás.

— Esse risco existe independente do que eu diga ou faça. — O príncipe apoiou os cotovelos na mesa. — Assim como meu pai, os homens consideraram minha falta de interesse em ser soldado um insulto pessoal e, a não ser que eu me torne algo que não sou, não há caminho para a redenção com nenhum deles. Já cavei minha própria cova.

Aren coçou o queixo, considerando as palavras do príncipe, nenhuma delas, pensou ele, dita sem propósito. Silas não aprovava Keris, isso já era sabido. O rei fazer o próprio herdeiro ser assassinado a fim de abrir caminho para os irmãos mais novos – considerados por Silas como mais adequados para o trono – parecia inevitável. No entanto, apesar de todas as palavras do príncipe, Aren não acreditou nem por um segundo que o irmão de Lara aceitara a morte.

— Existem outras maneiras de ganhar popularidade além de brandir uma espada.

— Como alimentar uma nação faminta? — Keris levou a mão ao ouvido. — Preste atenção. Você os ouve?

Vencia sempre era barulhenta, especialmente em comparação a Ithicana, e as vozes das milhares de pessoas nas ruas formavam um zumbido monótono. Mas

hoje, gritos se elevavam acima do barulho, a raiva neles clara mesmo quando as palavras não eram. Dezenas de pessoas, Aren pensou. Talvez centenas. E para ele conseguir ouvi-las, deviam estar bem do lado dos muros do palácio.

— O boato que corre por aí é que você está sendo torturado para o reino obter informações sobre como meu pai pode derrotar Eranahl — Keris contou. — Ideias terríveis que surgem quando as massas permanecem confinadas durante as tempestades. Mãos ociosas podem fazer o trabalho do diabo, mas mentes ociosas…

Alcançam os fins de um príncipe.

Embora quais fins fossem esses, Aren não tinha certeza.

— Estou surpreso que eles se importem.

— Está mesmo? — O nariz de Keris se enrugou com desdém. — Minha tia acredita que você é mais inteligente do que parece, mas estou começando a questionar o julgamento dela.

— Você acabou de me chamar de *burro?*

— Se a carapuça serviu…

Deus, não havia como confundi-lo com outra coisa senão carne e sangue de Lara.

Ouvindo os gritos crescentes, que pareciam nitidamente com os de uma multidão, Aren estreitou o olhar. O plano de Lara era usar os recursos de Ithicana para alimentar Maridrina, a fim de acabar com o plano do pai de culpar Ithicana pelos infortúnios de Maridrina. Durante todo o período das Marés de Guerra, Aren acreditou que o plano dela havia funcionado. Os Maridrinianos cantavam o nome dele pelas ruas, declarando a todos que quisessem ouvir que a aliança com Ithicana era a salvação. Parecia pequena a chance de Silas seguir com a intenção de dominar a ponte, mas é claro que Aren estivera dolorosamente errado sobre isso. Tão errado que Aren presumiu que o plano de Lara fosse enganá-lo para que ele baixasse a guarda de Ithicana. Mas agora…

— Permita-me ajudá-lo — Keris prosseguiu. — Você diria que entender a natureza do povo Ithicano foi a chave para governá-lo com sucesso?

— Eu não os governei com sucesso.

Keris revirou os olhos.

— Não seja melancólico.

Veliant detestável de merda. Aren o encarou, carrancudo.

— É óbvio que essa foi a chave.

— Pense além. Saberei pela expressão no seu rosto quando você entender.

Fechando os olhos e respirando fundo para conter a irritação, Aren refletiu sobre a questão, que não tinha nada a ver com ele e Ithicana, mas tudo a ver com Silas e Maridrina.

Os Maridrinianos estavam irritados com a prisão de Aren por ele ter conquistado a amizade e lealdade do povo. E ao contrário do rei deles, eles não eram gentis com aqueles que apunhalavam amigos pelas costas. Aren havia visto esse comportamento em inúmeras ocasiões durante seus momentos em Maridrina. A relutância em tirar proveito das dificuldades de um amigo. Os Maridrinianos morreriam de fome antes de comerem um pedaço de pão pego de forma desonesta. A compreensão surgiu abruptamente e o estômago de Aren embrulhou.

— Finalmente! — Keris bateu palmas e, bem na hora, os músicos começaram a acompanhar as crianças dançando, que pulavam e balançavam sinos, as vozes agudas preenchendo o ar. — Achei que teria que esperar a manhã toda.

Aren ignorou a zombaria.

— O povo Maridriniano não quer a ponte.

— Não, não quer. Eles não ganharam nada com a tomada da ponte, mas custou-lhes muito.

Aren estava tão focado em seu próprio povo que não parou para pensar nos Maridrinianos. Não havia parado para pensar o que deter a ponte significava para eles.

A ponte era tanto um fardo quanto um trunfo. Ela exigia que seu mestre apertasse a mão das mesmas pessoas que atacariam se tivessem a oportunidade. Exigia imparcialidade ao lidar com as nações, mesmo entre amigas e inimigas. Exigia o sangue de bons homens e mulheres para protegê-la daqueles que a tomariam, e assim, só assim, ela prosperaria. Mas Silas rejeitava os Valcottanos. Favorecia os Amaridianos em detrimento dos Harendellianos. E a única coisa que ele estava dando à ponte era sangue Maridriniano, mas isso não era o suficiente.

O comércio havia falido.

A ponte estava vazia.

— Imagino que seja assim que os pais se sentem quando os filhos aprendem a falar — Keris comentou. — É tremendamente satisfatório ver essa demonstração de inteligência da sua parte, Vossa Graça.

— Fique quieto — Aren respondeu distraidamente, analisando a complexa reviravolta da política em jogo, embora fosse difícil com o barulho que as crianças faziam.

Por quanto tempo os Maridrinianos aceitariam pagar com sangue por algo que não queriam? Por algo que não lhes rendia nada? Quanto tempo até que tirassem Silas do trono e o substituíssem por alguém mais alinhado ao modo de pensar deles?

Alguém como o príncipe sentado diante dele.

— Quando o dinheiro irá acabar? — Aren perguntou, sabendo que a rainha Amaridiana não permitiria o uso contínuo de sua marinha se não a pagassem. Especialmente se as tensões estivessem aumentando entre Amarid e Harendell.

Keris sorriu para duas de suas irmãzinhas quando elas passaram por ele, rodopiando.

— Os cofres, infelizmente, estão completamente vazios.

— Você parece extremamente satisfeito para um herdeiro de um reino quase falido.

— Melhor isso do que um túmulo.

Aren fez um ruído evasivo, traçando uma rachadura na mesa com a ponta do dedo enquanto pensava. Mas pela primeira vez, Keris parecia impaciente demais para esperar.

— Se Eranahl se render, meu pai não precisará mais da marinha Amaridiana — o príncipe continuou. — E considerando que ele é pouco misericordioso com aqueles que se rendem, Ithicana não será mais uma ameaça ao controle da ponte de Maridrina. A posição do meu pai será a mais poderosa de todos os tempos. Então, como pode ver, Vossa Graça, muita coisa depende da sobrevivência da sua pequena ilha-fortaleza.

— Primeiro e mais importante, depende da sua capacidade de tirar a coroa Maridriniana do seu pai por meio de um golpe.

Keris nem piscou.

— Primeira e mais importante, a minha *vida*. O golpe e a coroa são só um meio para um fim.

— Você está arriscando muito ao me dizer isso — Aren argumentou. — E não consigo ver com qual objetivo. Meu envolvimento não muda nada. No mínimo, minha morte servirá para colocar seu povo ainda mais contra seu pai. Mas também sei que não teríamos essa conversa se você não quisesse algo de mim.

Keris ficou em silêncio. E apesar de toda a conversa girar em torno desse tópico específico, Aren pôde sentir a relutância do príncipe em dar voz ao seu pedido. Não… não relutância. Inquietação. Talvez até medo.

— Zarrah.

Keris deu o mais leve dos acenos.

— Você quer que eu providencie a fuga dela.

Outro aceno de cabeça.

— Por que acha que eu botaria em risco meu próprio povo para salvá-la quando não estou nem mesmo disposto a arriscá-los para salvar minha própria pele?

— Porque — respondeu Keris — se você fizer isso, ela prometeu que Eranahl receberá comida suficiente para sobreviver ao bloqueio do meu pai.

Era uma oferta melhor do que Aren poderia sonhar. Principalmente ao considerar que ele havia destruído totalmente o relacionamento entre Ithicana e Valcotta ao quebrar o bloqueio em torno de Southwatch.

— Não consigo ver a Imperatriz concordando com isso.

— Zarrah é uma mulher poderosa, e o acordo será com ela, não com a Imperatriz. É pegar ou largar.

— Aliando-se ao maior inimigo do seu próprio reino para ganhar a coroa. — Aren deu um assobio baixo. — Se o seu povo descobrir isso, custará caro.

— Concordo. É por isso que será muito melhor para nós dois se aparentar que foram você e os seus homens os responsáveis por libertá-la.

Era um risco. Um que poderia custar a vida de dezenas de pessoas se a tentativa de resgate fracassasse. Mas Zarrah estava sob um escrutínio muito menos intenso do que Aren. E se o povo Ithicano conseguisse libertá-la, poderia significar potencialmente a salvação de todos em Eranahl.

Mas ainda havia uma coisa que o preocupava.

— Você tem acesso ao meu povo agora. Não precisa de mim para isso.

Keris fez uma careta.

— Serin não confia em mim, então estou sob vigilância quase constante quando saio do palácio, o que significa que não posso contatar diretamente seu povo. Preciso do harém para facilitar a comunicação. Mas eis o problema: elas desprezam os Valcottanos tanto quanto qualquer Maridriniano, então sem chances de concordarem com o meu plano.

— E qual sua solução para esse problema? — Aren perguntou, vendo exatamente a direção que o príncipe estava seguindo.

— O harém não vai me ajudar a libertar Zarrah. Mas elas ajudarão a libertar *você*. — Keris sorriu, os olhos brilhando. — É por isso que você vai usá-las para ajudar a orquestrar sua própria fuga e, quando sumir, levará Zarrah junto.

17

AREN



DURANTE DIAS DEPOIS da conversa com Keris, Aren passou cada minuto acordado estudando as defesas do palácio, reconhecendo rapidamente o que já sabia: não havia saída. Pelo menos não para alguém tão bem vigiado quanto ele.

Havia sempre oito homens a poucos passos dele. Outra dúzia vigiando qualquer rota que desse acesso a ele. Inúmeros outros apenas esperando para reforçar a guarda, se necessário. E somente os melhores soldados mantinham contato direto com Aren. Não havia chances do pessoal de Aren silenciar todos sem que um alarme fosse disparado e, no momento que as badaladas começassem a soar, as verdadeiras defesas dos cômodos mais privativos de Silas seriam ativadas.

Portões fechados e trancados por dentro e por fora.

Dezenas de homens posicionados no topo da muralha interna.

Incontáveis soldados enviados para patrulhar a base.

A lista de contingências parecia interminável, para frustração de Aren, já que ele testava uma rota de fuga diferente todo dia. Não para ter chances de sucesso por conta própria, mas sim porque a única maneira de revelar todas as defesas dos cômodos privativos era acionando-as.

Teste após teste após teste, que o deixaram machucado e sangrando, mas todas as tentativas deixaram-no com nada além da verdade: escapar era impossível.

Por toda a sua vida adulta, ele se esforçou para tornar Ithicana impenetrável, colocando-se na mente dos inimigos de seu reino para tentar entender como e onde atacariam. Como afugentá-los da melhor forma possível. E acima de tudo, como identificar fraquezas nas defesas de Ithicana. Contudo, por mais tempo que passasse tentando se colocar no lugar de Silas, Aren não conseguia encontrar uma saída.

Mas isso não significava que ele tinha intenção de desistir.

Os guardas o conduziram por uma das passarelas cobertas que ligavam as construções do palácio, dois deles segurando os braços de Aren e o resto disposto na frente e atrás do Ithicano. A chuva caía do céu, mas as esposas ainda estavam nos jardins, seis delas praticando um tipo de dança enquanto Silas observava.

Previsivelmente, os guardas de Aren assistiam as mulheres dançarem – ou melhor, a maneira como a névoa fazia os vestidos delas grudarem em seus corpos esguios – e Aren viu a brecha.

Jogando todo o seu peso para o lado, Aren comprimiu o guarda à sua esquerda contra a balaustrada enquanto segurava o braço do homem e o empurrava.

O soldado gritou ao cair para fora da passarela, mas Aren não o soltou, usando o peso do homem para se libertar do aperto do outro soldado.

Eles despencaram na direção do chão, mas Aren se segurou contra o soldado de modo que o corpo do outro homem recebesse o impacto quando atingiram o solo.

Ainda assim doeu.

Mas essa era a primeira vez que ele conseguia ficar longe dos guardas, e Aren pretendia tirar vantagem disso.

Ignorando as esposas gritando à distância, ele se levantou, movendo-se tão rápido quanto os grilhões entre seus tornozelos permitiam enquanto se arrastava em direção à grade aberta do bueiro em um dos lados do jardim.

Sinos de alarme soaram e o ar se encheu de gritos quando os Maridrinianos entraram em ação. Aren observou cada um dos movimentos deles enquanto se esquivava atrás de vasos de plantas e estátuas.

Adiante, ele podia enxergar a grade ao lado da abertura. Se conseguisse entrar, ele…

Alguém o atingiu com força nas costas, derrubando-o, e depois mais pessoas se amontoaram em cima dele até que Aren mal conseguia respirar.

— Não consegue simplesmente desistir, não é? — A voz de Silas chegou aos ouvidos de Aren. — Estou começando a me perguntar se você traz mais problema do que vale a pena, Mestre Kertell. Se eu não fosse um homem honrado, ordenaria que sua cabeça fosse espetada nos portões de Vencia ainda nesta tarde.

— Eu conheci ratos com mais honra do que você — Aren retrucou, acotovelando um dos guardas no rosto e sendo recompensado com um gemido de dor. — E você está perdendo seu tempo. Lara não irá arriscar o próprio pescoço para salvar o meu. Não é da natureza dela.

— Tem certeza? — Silas se abaixou, o rosto a somente alguns centímetros do de Aren. — Por quanto tempo você manterá sua sanidade quando nós a esfolarmos viva e a pendurarmos na parede para observá-lo?

Aren estava sendo esmagado pelo peso dos guardas, mas o Ithicano ainda se contorcia abaixo deles, se importando com nada além de matar o homem diante dele.

— Igual a um cachorro selvagem tentando escapar da jaula — disse Silas às esposas, que esperavam atrás dele. — Disposto a quebrar os próprios ossos nas barras, apesar da inutilidade de seus esforços. É a natureza do povo Ithicano, minhas queridas. Eles não são nada como nós.

Furioso, Aren mostrou os dentes e várias das jovens saltaram para trás, alarmadas.

— Não tenham medo, queridas — Silas riu, depois puxou para perto uma esposa cuja barriga exibia um formato curvado de início de gestação. — Esse cachorro foi amordaçado.

Os soldados esperaram até que Silas e as esposas tivessem partido, depois saíram de cima dele lentamente. Quando o colocaram de pé, o olhar de Aren se fixou na torre que se erguia até bem alto no céu, e uma ideia se formou em sua mente.

Silas estava certo: Aren não era nada parecido com ele. E era hora de Aren se lembrar de como era pensar como um Ithicano.

18

LARA



LARA ESTAVA PARADA diante da bancada de uma confeitaria, com Bronwyn ao seu lado e as duas provando os doces.

— Cadê ela? — Bron murmurou, enfiando outro caramelo salgado na boca.

— Ela virá. — A mensagem solicitando a presença de Lara chegara à loja de Beth essa manhã e, desde então, as entranhas de Lara retorciam-se em uma combinação de nervosismo e ansiedade.

A porta se abriu.

— Esperem aqui fora — uma voz familiar ordenou. — Não preciso de vocês pingando água em mim enquanto faço compras.

Os outros clientes se viraram, então Lara fez o mesmo, observando sua tia Coralyn atravessar o cômodo com roupas secas e sapatos milagrosamente sem lama.

O confeiteiro lutou para montar uma bandeja de amostras e depositá-la na bancada exatamente no momento que Coralyn se aproximou de Lara. Estendendo a mão, a velha pegou um chocolate, examinou-o por um segundo e o colocou na boca. Enquanto mastigava, ela murmurou:

— Seu marido decidiu.

— Perdão, milady? — O confeiteiro se inclinou para frente.

— Eu disse que vou levar cem desses.

Os olhos do homem brilharam e ele se virou para pegar um formulário de compra. Enquanto o confeiteiro se ocupava, Coralyn colocou um pedaço de papel nas mãos de Lara.

— Está na hora.

19

AREN



TERIA QUE SER no jantar. Era o único momento em que ele e Zarrah ficavam juntos no mesmo cômodo e, embora talvez existissem momentos e lugares mais oportunos para o pessoal de Aren resgatá-*lo*, a necessidade de libertar a general Valcottana era maior do que o perigo crescente. Então, teria que ser no jantar.

Coralyn pretendia infiltrar seis dos soldados dele dentro das muralhas, mas além desse fato, Aren não sabia mais nada sobre os planos de seu pessoal. Já fora muito difícil entregar a informação a ela. Ele foi forçado a rabiscar os detalhes em um pedaço de papel, escondido no banheiro durante os minutos de privacidade que lhe eram cedidos, o processo exigindo que ele fingisse um problema intestinal por vários dias para anotar todas as informações.

Mesmo assim, era somente metade do plano, e o resto dependia daqueles vindo resgatá-lo.

O pequeno boato de Keris ganhou vida própria, e dia e noite havia uma verdadeira multidão do lado de fora dos portões do palácio, os gritos que penetravam as grossas muralhas de pedra exigindo a libertação de Aren. A manifestação se tornara violenta recentemente, obrigando os soldados de Silas a recorrerem à força para expulsar as pessoas para que a nobreza pudesse entrar e sair sem ser perturbada. Nobreza essa que, por sua vez, foi instruída a dizer à multidão que Aren estava sendo tratado com grande amabilidade e respeito.

Entretanto, só o que isso conseguiu foi colocar lenha na fogueira dos boatos. No melhor dos casos, o povo Maridriniano já desconfiava da nobreza. E esse não era o melhor dos casos.

Os guardas conduziram-o pelos corredores do palácio até os confins escuros da sala de jantar, onde a maioria dos convidados já estava reunida, conversando entre si. Trajando um vestido azul Maridriniano que exibia os braços e a maior parte das costas, Zarrah estava sentada na outra ponta da mesa, o rosto apático

enquanto escutava a conversa, mas Keris não estava à vista. Sabendo o que sabia, o merdinha provavelmente estava escondido em algum lugar.

Mas talvez fosse melhor assim. A longo prazo, Aren precisaria do príncipe vivo, e acidentes aconteciam durante batalhas.

Sentando-se em seu lugar habitual na extremidade da mesa, Aren acenou com a cabeça para Coralyn enquanto seus grilhões eram presos às pernas da mesa.

— Boa noite, minha senhora.

— A noite está adorável, não acha? Nenhuma nuvem à vista. — Ela sorriu para ele, depois seu rosto ficou sério e a mão enrugada dela tocou a dele. — Tome cuidado.

O coração dele deu um salto, e foi necessária cada grama de autocontrole para impedir que as reviravoltas de excitação e medo em suas entranhas não se tornassem aparentes em seu rosto.

Silas entrou na sala, pela primeira vez sem estar ladeado pelas esposas favoritas.

— Onde elas estão? — ele rosnou para Coralyn. — Se você começar a fugir de seus deveres, seus dias de extravagância no Mercado de Safira chegarão ao fim.

Coralyn inclinou a cabeça.

— As meninas do harém chegarão em breve, *marido.* Elas prepararam uma apresentação para você. Dado o esforço delas em torná-la memorável, você deveria considerar dar-lhes sua total atenção quando chegarem.

A expressão de Silas endureceu, mas ele deu um breve aceno de cabeça antes de se virar para o embaixador de Amarid, claramente sem qualquer intenção de seguir a instrução da esposa *menos* favorita.

Criados entraram trazendo a entrada de salada, e Aren comeu mecanicamente com os ouvidos atentos a sons de luta no corredor. Atentos ao som de botas martelando. A gritos ou berros ou qualquer outro sinal de que seu pessoal estava a caminho.

Mas não havia nada.

Suor escorreu pela espinha de Aren e a salada em sua boca ficou com gosto de serragem. Porém, ao lado dele, Coralyn comia entusiasmadamente, parecendo não se importar com o mundo.

Os criados voltaram para retirar os pratos, embora Aren mal tivesse tocado no dele.

Onde eles estavam?

A porta principal se abriu e Aren se sobressaltou, fazendo os grilhões chacoalharem. Mas em vez de guerreiros Ithicanos, dois homens entraram na

sala batendo vigorosamente em tambores, seguidos por outros dois batendo pratos, assumindo posições em lados opostos da sala. Eles mantiveram a batida raivosa e então, com um trovão estrondoso, silenciaram.

A pulsação de Aren substituiu o som, rugindo em seus ouvidos no mesmo ritmo que os tambores. Então, as esposas de Silas entraram na sala e o estômago dele caiu.

Fora um truque.

Tudo um truque porque não havia chance nenhuma de Coralyn expor o harém à violência. Ou o pessoal dele havia sido capturado ou não viriam. De qualquer forma, tudo havia sido em vão.

Com olhos sem vida, Aren observou, o que era mais do que ele podia dizer que Silas estava fazendo. O desgraçado ainda conversava com o Amaridiano.

Todas as seis mulheres vestiam sedas finas e véus que escondiam seus rostos, tinham sinos presos aos tornozelos e pulsos e os pés estavam descalços. Em um arco-íris de cores, elas cercaram a mesa, seus passos um balançar sedutor de quadris que faziam as sedas brilharem à luz da lamparina.

Havia uma energia – um propósito – em seus passos que Aren nunca vira antes e, embora não tivesse certeza do porquê, a atenção dele se focou nelas enquanto as esposas tomavam suas posições.

— Você é tão querido. — Coralyn estendeu a mão para dar um tapinha na bochecha dele. — E na realidade, elas se apresentarão melhor para você do que para o velho desgraçado fedorento do outro lado da mesa.

Uma mulher esbelta com cabelo loiro cor de mel começou a dançar, os pequenos movimentos de seus pulsos fazendo os sinos que os decoravam tilintarem suavemente. Ela se balançou em um conjunto elaborado de passos, os quadris movendo-se de um lado para o outro de forma sedutora. Então, as outras se uniram a ela, reproduzindo os movimentos em perfeita harmonia, e os músicos se juntaram às esposas.

As mulheres circularam a mesa, os pés descalços batendo rapidamente no chão em uma complexa série de passos que preencheram o ar com música. Elas giraram, as longas mechas balançando antes de caírem e roçarem nas costas nuas das esposas.

A batida dos tambores se intensificou. As mulheres contornaram a mesa de jantar, os quadris que se moviam em círculos sugestivos fazendo alguns dos homens fingirem que não estavam claramente boquiabertos, mas Silas ignorou-as de forma determinada.

Uma jovem com longos cabelos castanhos passou por Aren, a seda da manga transparente roçando na bochecha dele, e ele se virou para olhá-la. Como as outras, o rosto dela estava coberto por um véu e somente seus olhos eram

visíveis. Olhos azuis. Ela deu uma piscadela para ele antes de se afastar.

Nenhuma das esposas tinha olhos dessa cor. Nenhuma delas. Mas à medida que a atenção dele saltou de mulher para mulher, cada uma delas com olhos azuis de bastardos Maridrinianos, a pele de Aren começou a formigar.

— Talentosas, não? — Coralyn murmurou.

— Sim. — Ele teve que forçar a palavra para fora da garganta, estudando o corpo musculoso das mulheres, o que era totalmente atípico das esposas mimadas de Silas. Os olhos de Aren captaram linhas fracas de cicatrizes quase totalmente cobertas por cosméticos. Havia um fogo na apresentação, uma aura que ele nunca vira em nenhuma das esposas do harém, que sabiam que eram um entretenimento criado para ser ignorado.

Essas não eram as esposas do harém.

Essas mulheres eram outra coisa. Como Coralyn as chamara? *As meninas do harém.*

As filhas do harém.

Com o coração na boca, Aren direcionou sua atenção para a loira-mel, que ele ignorou consciente e inconscientemente cada vez que ela passava, a seda das roupas flutuando e se movendo e revelando um corpo que ele conhecia melhor que o próprio.

Lara girava e dançava, evitando cuidadosamente o olhar de Aren até se aproximar do pai. Então, ela virou a cabeça e os olhos dos dois se encontraram. O coração de Aren estrondou violentamente no peito.

Ela o traiu. Roubou o reino dele e causou a morte de seu povo. Ela era a razão pela qual Silas o mantinha encarcerado. Aren a *odiava* como a ninguém mais, mas naquele momento, foram as memórias dos dedos dele emaranhados no cabelo de Lara que invadiram os pensamentos do Ithicano. A sensação das mãos dela em seu corpo, as pernas dela em volta da cintura dele, os lábios pressionados contra os dele. O cheiro dela penetrando suas narinas e o som da voz dela em seus ouvidos.

Foi tudo mentira, ele gritou silenciosamente para si mesmo enquanto ela circulava a mesa. *Ela é sua condenação.*

No entanto, não havia como negar que ela viera por ele.

Os tambores assumiram um ritmo frenético, terminando a apresentação com o barulho dos pratos batendo enquanto cada uma das mulheres fazia uma pose final.

— Muito bem! — Coralyn gritou, batendo palmas. — Lindamente executado, minhas adoráveis meninas. Elas não foram estupendas, Silas?

O Rei de Maridrina deu-lhe um sorriso amargo.

— Maravilhoso, embora um tanto barulhento. — Então, ele as dispensou

com um aceno de mão, e as jovens recuaram para as sombras das paredes com as cabeças baixas.

Todas, menos uma.

Lara deu três passos rápidos e saltou, pousando no centro da mesa como um gato, fazendo a vidraria da mesa chacoalhar.

— O que você está fazendo, mulher? — Silas exigiu. — Desça e saia antes que eu a açoite.

— Ora, ora, pai — ronronou Lara, caminhando pela mesa e chutando taças de vinho a cada passo, fazendo nobres e embaixadores recuarem, alarmados. — Isso é maneira de cumprimentar sua filha mais *querida?*

Os olhos de Silas se arregalaram quando ela puxou o véu que ocultava seu rosto, deixando a peça cair em um prato. Arquejos preencheram o ar, mas ninguém falou. Ninguém ousou.

— Sua idiota. — Silas se levantou e puxou a espada. — O que você esperava ao vir aqui hoje?

— Pretendo recuperar o que é meu.

Eu não sou seu, Aren quis gritar para ela, mas Coralyn pressionou a mão contra o braço dele.

Lara parou no meio do caminho, erguendo o quadril pro lado enquanto batia um dedo fino contra os lábios.

— Você mentiu para mim. Me manipulou. Me usou. Não para o benefício do nosso povo, mas para seu próprio proveito. Para satisfazer sua própria ganância. Por isso, acho que uma punição se faz necessária.

Silas apontou a ponta da espada para ela.

— Admiro sua confiança em achar que pode realizar tal façanha sozinha, filha.

Rindo, Lara jogou a cabeça para trás.

— Você acha mesmo que sou idiota a ponto de vir sozinha?

O som de gorgolejos distintos e baques de corpos caindo no chão cortou o ar.

A atenção de Aren desviou-se de Lara para as outras cinco dançarinas, todas agora empunhando armas brilhantes com o sangue dos guardas que haviam acabado de executar. Como uma só, elas puxaram os véus e sorriram ao dizer:

— Olá, pai.

A sala explodiu em caos.

Convidados gritavam enquanto tentavam correr em busca de um lugar seguro e, no meio do processo, colidiam com os guardas de Silas que avançavam na direção das dançarinas. Mas as jovens apenas pegaram as armas de suas vítimas e massacraram os soldados facilmente.

— Esqueçam *delas.* Peguem *ela!* — Silas gritou, e dois soldados correram

em direção à mesa, lâminas desembainhadas nas mãos e olhos em Lara. Que estava desarmada.

Aren tentou se levantar, mas seus pulsos e tornozelos estavam presos à mesa, deixando-o impotente para fazer qualquer coisa além de observar enquanto os soldados avançavam para o massacre.

Mas Lara não precisava da ajuda dele. Ou de qualquer outra pessoa.

Pegando uma taça, ela a atirou no rosto de um guarda, usando a distração para chutá-lo no pulso e mandar a lâmina para longe.

O outro guarda atacou com a arma dele, mas ela saltou. A lâmina passou chiando sob ela e Lara chutou, acertando o homem no rosto com a perna. Ele caiu para trás, segurando o nariz quebrado.

O primeiro guarda se recuperou, agarrando os tornozelos dela. Antes que ele pudesse puxar as pernas dela, Lara se lançou sobre ele, os dois caindo atrás da mesa, fora do campo de visão.

Aren ouviu o estalo de um pescoço quebrando, então Lara apareceu com uma espada na mão. Em um movimento violento, ela cortou a garganta do guarda com o nariz quebrado. Em seguida, girou para enfrentar outro e aparar os golpes de um homem corpulento, o que fez os ombros da mulher estremecerem com o impacto das armas.

Uma, duas vezes, ela bloqueou os golpes do soldado, mas na terceira, a força arrancou a espada da mão dela.

— Não! — Aren tentou avançar, lutando contra as algemas, mas a mesa mal se mexeu.

Com um rugido gutural, o homem se lançou na direção do pescoço dela.

Lara se esquivou do golpe ao mesmo tempo que pegava uma taça de vinho quebrada, que ela enfiou no ombro do guarda enquanto rodopiava, o calcanhar dela se projetando adiante para quebrar o joelho do homem.

— Acho que devemos dar um jeito nesses grilhões, não é? — Coralyn se levantou de onde estava sentada observando serenamente a carnificina. Puxando uma chave, ela abriu as algemas dos pulsos de Aren antes de se curvar para fazer o mesmo nos tornozelos. Do outro lado da sala, protegido por oito de seus guardas, Silas a viu fazendo isso.

— Matem-o! — o rei gritou. — Matem o Ithicano!

Um guarda se afastou, correndo na direção de Aren, mas Aren chicoteou com um de seus grilhões, os elos envolvendo a espada do homem. Com um puxão forte, a lâmina voou. O homem tropeçou, alcançando outra arma, mas Coralyn libertou os tornozelos de Aren a tempo de ele conseguir atacar, derrubando o soldado no chão.

Eles lutaram, rolando entre as pernas de convidados em pânico. O homem

puxou uma faca, mas Aren bloqueou o golpe, agarrando o pulso do guarda. Rangendo os dentes com o esforço, ele forçou a lâmina para baixo lentamente. O soldado gritou, mas logo engasgou quando a arma perfurou sua garganta.

Ficando de pé, Aren deu um soco no rosto de um guarda, depois usou a faca para estripar outro. Sons de marteladas invadiram seus ouvidos.

As portas.

Eles estavam trancados do lado de dentro.

Exatamente como ele solicitara no plano que havia entregado à Coralyn. Que posteriormente foi entregue à *Lara,* o que significava que ele esteve trabalhando com a esposa inconscientemente o tempo todo. Mas agora não era hora de pensar em como ele foi enganado.

Girando, Aren procurou Zarrah em meio ao caos, encontrando a general Valcottana lutando, armada com um pedaço quebrado de uma cadeira. Ela o afundou na cabeça de um homem e estava prestes a atacar outro quando Aren a segurou, quase não escapando de ser atingido no crânio quando ela trocou o alvo.

— Tudo isso significará nada se você for morta — ele sibilou, arrastando-a em direção a uma das cortinas e empurrando-a para trás do tecido.

Vá embora. Uma voz sussurrou dentro da cabeça dele. *O resto do plano é seu. Você não precisa delas. Só o que importa é tirar Zarrah daqui.*

Mas em vez de ouvi-la, ele procurou pela forma familiar de Lara, encontrando-a lutando contra dois soldados; uma espada em uma mão e uma faca na outra.

Os homens eram habilidosos. Cabeças e ombros mais altos que ela. Mas a velocidade com que ela se movia…

Ele nunca a vira lutar, somente viu os resultados que ela deixou para trás em Serrith. Mas agora... agora ele entendia por que a contagem de corpos havia sido tão alta.

Aren observou, fascinado, Lara se esquivar e abaixar. Ela girou em torno de um guarda ao mesmo tempo que o parceiro dele brandia uma espada, a lâmina afundando profundamente no peito do homem enquanto Lara se lançava para frente para estripar o outro, os dois caindo no chão aos pés dela.

Ela se virou, os olhos se arregalando. Em um movimento rápido, ela se moveu, a faca na mão dela passando voando pela orelha de Aren. Virando-se, ele encontrou um soldado atrás de si, a espada ainda erguida para atacá-lo enquanto o homem tombava para trás, a faca de Lara cravada no olho esquerdo.

— Você não irá escapar. — A voz de Silas cortou o barulho.

O rei de Maridrina estava encurralado em um canto, o escudo de soldados diante dele sem demonstrar interesse em atacar as jovens que massacravam seus

companheiros.

— Eu sabia que você viria. — A risada de Silas era selvagem. — Essa armadilha era para você, e você caiu nela. Caiu tão bem que trouxe suas irmãs junto.

— Não é uma armadilha muito boa. — Lara se abaixou para cortar a garganta do soldado que ofegava a seus pés. — Você está perdendo o jeito.

O sorriso largo de Silas era assassino.

— Não há escapatória. Foi Serin quem lhe treinou. Acha que ele não adivinhou todos os seus possíveis movimentos? Ele sabe exatamente como você pensa!

— Estou contando com isso. — Lara lançou a faca em sua mão na direção da cabeça de Silas.

Um dos soldados se jogou na trajetória, a lâmina acertando-o e produzindo um barulho de carne sendo cortada, mas Lara já estava do outro lado da sala, a espada erguida, matando outro.

Então, um estalo alto cortou o ar. Os olhos de Aren se voltaram para a porta principal. Uma grande fenda havia se formado na madeira, os soldados do outro lado tentando forçar passagem. Eles tinham minutos para conseguir escapar.

Talvez menos.

Ele viu Lara se virar para a porta. Viu os lábios dela formarem em um xingamento raivoso. Ela começou a recuar, e as irmãs seguiram o exemplo, todas tão encharcadas com sangue e coágulos que pareciam mais demônios do que mulheres.

— Você precisa vir conosco, tia — disse Lara, puxando o braço de Coralyn, mas a velha apenas balançou a cabeça, colocando-se entre elas e os guardas de Silas.

— Mesmo se eu não fosse velha demais para fugir, nunca abandonaria minha família. — Então, ela ergueu a voz. — Você achou que íamos deixá-lo se safar, Silas? Deixá-lo se safar de roubar nossas crianças? De assassinar nossos filhos? Achou que não haveria um preço a pagar pela sua ganância?

— Eu vou estripá-la por isso, sua vadia velha!

— Fique à vontade, Silas, por favor! — Coralyn riu. — Ficarei entretida no pós-morte vendo o quão bem você irá dormir sabendo que cada esposa que você tem e cada esposa que tiver estará vigiando e esperando por um momento para se vingar pelo que você fez. O harém protege os seus e você provou ser nosso *inimigo.* Acho que não baixará as calças tão facilmente sabendo que todas as lindas bocas que lhe cercam têm dentes. Então, fique à vontade, Silas. Me martirize. Isso só me dará uma posição estratégica excepcional para vê-lo pagar por seus crimes.

A fenda na porta principal aumentou. Eles só tinham segundos.

— Temos que ir — uma das irmãs de Lara avisou. — Não há mais tempo.

Aren segurou o braço de Coralyn, mas sabendo o tipo de mulher que ela era, ele não a pediu para correr.

— Obrigado.

— Perdoe-a. Ela te ama.

Ele largou o braço da velha, sentindo o olhar de Lara nele. Sabendo que ela estava ouvindo.

— Ela não sabe o que é amor.

— É por *isso* que você deve perdoá-la.

Antes que Aren pudesse responder, Coralyn tirou um frasco de vidro das dobras de seu vestido e jogou-o no chão, uma fumaça espessa e sufocante preenchendo a sala.

Eles precisavam sair. Agora.

Lara e suas irmãs já haviam agido, puxando a mesa pesada para usá-la como escudo. Correndo para as cortinas, Aren segurou o braço de Zarrah.

— Vá para trás da mesa e cubra os ouvidos!

Com os olhos ardendo por causa da fumaça, ele encontrou os frascos que o harém havia deixado na moldura da janela. Colocando dois deles nos bolsos, ele usou os outros para montar os explosivos e ativou o detonador. Jogando-se para o lado, Aren cobriu os ouvidos.

Um estrondo ensurdecedor cortou o ar, fazendo a janela e o metal das grades explodirem e os estilhaços caírem nos jardins. Ficando de pé, Aren correu na direção da janela, retirando os frascos dos bolsos e jogando-os nas fontes e poços abaixo.

Uma névoa turva subiu da água, tornando impossível ver mais do que trinta centímetros adiante.

— Quem é ela? — Lara segurava Zarrah pelo braço, as duas tossindo.

— Depois — ele sibilou. — Escalem!

As irmãs saltaram agilmente pelas ruínas enegrecidas da moldura da janela, desaparecendo na névoa. Rasgando a saia do vestido para que suas pernas ficassem livres, Zarrah subiu atrás delas.

Aren subiu na moldura da janela, a tosse daqueles presos na sala encobrindo o som dos movimentos dele. Ele escalou a parede do palácio, os dedos encontrando apoios para as mãos onde a argamassa havia desmoronado, seus sapatos finos quase tão úteis quanto pés descalços. Abaixo dele, Lara o seguia, uma faca presa entre os dentes.

Ao chegar à sacada, Aren usou as grades de ferro forjado para se apoiar e subir. Uma das irmãs estava na varanda jogando os sinos que ela usava nos

jardins, mas o resto esperava lá dentro. Ele murmurou:

— Por aqui.

Os sinos de alarme tocavam, o barulho fazendo os ouvidos de Aren doerem, mas o som acobertava qualquer ruído que o grupo fizesse enquanto se movia pelo corredor vazio, as lamparinas regularmente espaçadas iluminando a passagem. Atrás das portas, Aren podia ouvir conversas alarmadas entre mulheres. Um bebê chorando. Uma criança gritando algo sobre um brinquedo perdido.

— Eles irão permanecer trancados nos quartos até o alarme cessar e o harém ser instruído de que o palácio está seguro — Lara murmurou, caminhando à esquerda dele. — Mas Coralyn avisou que teríamos só alguns minutos antes dos guardas virem checar se todos estão aqui.

Era estranho ouvir a voz dela e, ainda assim… *não era.* Ela assolava os pensamentos dele. Assolava seus sonhos. Era quase como se eles nunca tivessem se separado.

Os olhos dele foram até a esposa, bebendo a visão. O sangue encharcando Lara fazia mais para esconder o corpo dela do que o traje de dança arruinado. A seda rasgada que ela vestia estava frouxa, exibindo a curva interna de seu seio direito, o abdômen musculoso completamente exposto. Em uma mão, ela segurava uma faca e, na outra, uma espada, os nós dos dedos feridos da luta. O que ele queria sentir era repulsa, mas em vez disso, desejo ardia por suas veias.

Irritado, ele deu um passo adiante para andar ao lado de Zarrah, que caminhava silenciosamente sobre pés descalços.

— Quanto ele te contou? — Somente Keris parecia saber todas as partes desse plano. E todos que participavam dele.

— Só para te seguir.

— Você confia nele?

Olhos escuros se ergueram para encará-lo.

— Com a minha vida.

Botas trovejando escada acima puseram fim a mais perguntas.

Eles correram pelo corredor, o carpete abafando o som dos passos. Depois de uma curva, chegaram a uma porta, que Aren abriu facilmente, revelando uma das pontes cobertas sobre o jardim. O interior estava escuro, mas o cheiro de lamparinas recentemente apagadas ainda pairava no ar. Do lado de fora, uma névoa densa e fumegante subia das fontes. Os frascos que as esposas depositaram lá já haviam dissolvido, os produtos químicos dentro deles reagindo com a água. Isso criava uma névoa tão sombria quanto qualquer outra em Ithicana, e era igualmente útil em desorientar os soldados Maridrinianos que os caçavam.

— E o harém nos salva mais uma vez — Lara comentou, e o grupo se apressou, mantendo-se abaixados apesar da pouca chance de serem vistos.

Chegando ao outro lado, eles entraram na torre e Aren gesticulou para a escada.

— Subam.

Lara e as irmãs subiram os degraus de dois em dois, nenhuma delas parecendo nem mesmo ofegante. Mas uma cãibra se formou na lateral do tronco de Aren, consequência dos longos dias sedentários em que ele foi mantido prisioneiro. Conforme subiam, eles ultrapassaram as portas que levavam aos outros níveis da torre.

Então, a porta à direita de Aren se abriu, uma figura invadindo a escadaria.

Lara empurrou Aren para o lado, empunhando uma lâmina enquanto se movia para enfrentar o indivíduo. Pouco antes de ela atacar, Aren reconheceu o rosto de Keris. Estendendo a mão, ele agarrou o pulso fino de Lara, puxando-a para trás.

— Quem é ele? — ela exigiu.

— Já faz muito tempo, irmãzinhas — disse Keris, inclinando a cabeça para as mulheres Veliant. — Gostaria que tivéssemos nos reunido em melhores circunstâncias.

Lara o encarou, e seus olhos se arregalaram.

— *Keris?*

O príncipe assentiu, um sorriso crescendo em seu rosto, mas desapareceu um segundo depois.

— Você está nos ajudando?

— Estou me ajudando — Keris corrigiu. — Mas essa noite, nossos interesses estão alinhados. — Ele direcionou sua atenção para Zarrah, que deu um passo à frente de Aren.

Keris estendeu a mão para tocar um hematoma que escurecia a bochecha da mulher Valcottana.

— Você está bem?

— Não é nada.

Assentindo, o príncipe voltou a atenção para Aren.

— É aqui que você se separa da general.

— Eu acho que não. Zarrah virá conosco. Tenho a intenção de garantir que ela cumpra a parte dela do acordo.

Keris se colocou entre Aren e a mulher Valcottana, ignorando quando Lara e as irmãs ergueram as armas.

— Há uma grande chance de você ser capturado ou morto. E a vida dela é mais importante do que a sua. Enquanto todos te perseguem, irei tirá-la daqui.

Aren fez uma carranca.

— Eu sou só a merda de uma distração?

— Exatamente. Mas considerando que meu plano tem mais probabilidade de alcançar o que você deseja, talvez seja melhor evitar reclamar. O tempo é curto. — Keris empurrou Zarrah gentilmente em direção à porta aberta, mas Aren segurou o braço dela.

Os olhos escuros dela encontraram os dele.

— Dou a minha palavra que, se eu sair daqui viva, enviarei suprimentos para os pontos de entrega em Ithicana que seu povo conseguir chegar. — Então, ela tocou o coração com a mão. — Boa sorte, Vossa Graça.

Sem outra palavra, ela desapareceu no cômodo.

— É hora de vocês prosseguirem — disse Keris. — Mas antes de irem, preciso que façam parecer que pelo menos *tentei* impedi-los.

— Com prazer. — Aren golpeou, o punho acertando a maçã do rosto de Keris com força.

O príncipe tropeçou no batente da porta, estremecendo quando tocou no rosto, que já começava a inchar.

— Vocês têm dez minutos até eu descer para alertar os guardas. Façam com que valham a pena.

Eles correram na direção do topo da torre, chegando a uma sala envidraçada cercada por uma ampla sacada. A vista da cidade era incrível, mas não havia tempo para apreciá-la.

— Cadê? — Ele exigiu.

Uma das irmãs foi até a parede e puxou uma peça de arte emoldurada. Eram pedaços de madeira e metal dispostos em um padrão aleatório, mas quando a mulher retirou a moldura e despejou o conteúdo aos pés dele, Aren percebeu para o que estava olhando.

— Jor me disse que você conseguiria montar isso — ela falou.

— Ele está vivo?

— Estava na última vez que o vi. Ele disse que se você não conseguisse montar isso, então talvez merecesse seu destino. A propósito, eu sou Bronwyn.

Sem responder, Aren se ajoelhou, separando as peças enquanto as mulheres vestiam os uniformes Maridrinianos escondidos em um dos baús.

Lara depositou roupas e botas ao lado dele.

— Rápido — disse ela. — Já se passaram cinco minutos.

Como se ele precisasse de mais pressão. Suor gotejava de sua testa enquanto ele encaixava as peças da arma, usando as pequenas ferramentas para apertar parafusos e encaixar as peças no lugar. Segundos se passaram. Depois, minutos.

— Depressa — murmurou uma das irmãs, mas Aren a ignorou,

concentrando-se na tarefa em mãos.

— Pronto.

Erguendo a grande besta, ele testou o mecanismo duas vezes para garantir que funcionava, depois pegou a única flecha que fazia parte da obra de arte. Enquanto ele montava o dispositivo, a morena alta chamada Bronwyn desmontou a moldura oca que envolvia a obra de arte, revelando uma linha de corda, que ela entregou a Aren.

— Tem certeza de que é longa o bastante? — ele perguntou, vestindo a roupa e colocando os pés nas botas.

Ela apenas ergueu uma sobrancelha e acenou com a cabeça para a sacada.

— Hora de fazer jus à sua reputação, Vossa Majestade.

— Você só não quer errar o tiro.

Ela sorriu.

— Bonito *e* inteligente. Eu deveria ter lutado mais para ser quem casaria com você.

— Chega, Bronwyn — Lara murmurou. — Deixe isso para quando sairmos deste lugar.

Balançando a cabeça, Aren abriu a porta da sacada, mantendo-se abaixado enquanto se esgueirava para espiar através do parapeito de ferro forjado. Abaixo deles, o jardim estava completamente oculto pela névoa, alta o suficiente para flutuar ao redor das botas dos soldados infestando a muralha interna. A muralha externa também era bem protegida, mas o foco dos guardas permanecia na enorme multidão em torno do palácio, nos civis gritando o nome de Aren e exigindo sua liberdade.

Lara se ajoelhou ao lado dele, o rosto escurecido pelo capuz do casaco. Mas mesmo com o cheiro de sangue, não havia como confundir o doce aroma dela invadindo o nariz de Aren, sua presença familiar demais para ser qualquer uma das outras mulheres.

Ele se afastou, concentrando-se no teto abobadado do posto de guarda no canto da muralha interna. Essa era a falha potencialmente fatal no plano dele. Alguns do grupo conseguiriam descer a tirolesa antes que os guardas percebessem, mas não todos. E no segundo que os soldados os vissem, teriam que lutar.

— Não vai funcionar. — Lara disse baixinho. — Você precisa nos levar até a muralha externa.

Ele olhou para onde o dedo dela apontava: a torre de guarda da muralha externa, a estrutura feita de pedra e nada mais, além de ser uns bons quinze metros mais distante do que o alvo previsto dele.

— Impossível.

— Jor disse que não é.

— Não há nada para eu atingir. Aquela torre de guarda é feita de pedra sólida. A flecha vai ricochetear imediatamente.

— Você só precisa atirar naquela janela — ela falou. — Minhas irmãs já devem ter tomado a torre de guarda por agora. Elas irão sinalizar assim que... — Ela se interrompeu quando dois lampejos de luz piscaram através da estreita fresta da janela.

— É um tiro arriscado. — E ele teria que acertar de primeira. Não haveria como puxar a flecha de volta pelo terreno do palácio para uma segunda tentativa. — De jeito nenhum os soldados na muralha não vão nos perceber voando por cima deles, Lara. Seremos alvos fáceis para os arqueiros abaterem. É um plano de merda. Estamos presos.

— Se você acha que não consegue acertar — ela retrucou —, então me dê a maldita coisa. Quanto ao resto, nosso pessoal providenciou uma distração.

— Nosso pessoal? — Não era a hora. Não era o lugar. Mas os meses que eles passaram separados não fizeram nada para abafar a fúria dele pela traição. — Essas seriam as pessoas que perderam suas casas? Seus entes queridos? Suas vidas? Por *sua* causa. Eles *não* são seus.

Lara puxou o capuz do casaco para trás, voltando-se para ele.

— Guarde o drama para quando estivermos fora daqui. Ithicana usou quase todos os recursos que lhe restavam nesse resgate, e seria uma pena desperdiçar os esforços de todo mundo por causa de semântica.

— Lara, elas estão prontas. — A voz de Bronwyn cortou a tensão e, no topo das colinas distantes, Aren avistou uma luz piscando novamente. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

— Você consegue ou não?

Aren ergueu a besta, mirando na torre de guarda.

— Eu consigo.

— Cinco. Quatro. Três. — contou Bronwyn. — Dois… — O sussurro dela foi abafado por uma explosão na cidade que fez a torre estremecer. Em seguida, outra explosão e mais outra. Lampejos claros iluminaram o céu escuro e os tímpanos de Aren zumbiram por causa do barulho.

— Agora — Lara disse, e ele respirou fundo, focando na pequena abertura. Em seguida, lançou a flecha.

Ela disparou pelo ar, o cabo se arrastando atrás de si e, enquanto voava, mais explosões sacudiram a cidade. Abaixo do grupo, soldados gritavam, a organização transformando-se em caos diante da convicção de que a cidade estava sob ataque. Mas Aren mal os ouvia. Mal os via.

— Por favor. Por favor.

A flecha atravessou a janela.

Bronwyn estendeu a mão para dar um tapinha na bochecha dele.

— Ah, você é magnífico.

Aren se afastou, lançando um olhar para ela.

Duas das outras irmãs amarraram o cabo, a tensão aumentando enquanto esperavam que quem estivesse na torre de guarda fizesse o mesmo. Então, uma luz brilhou.

Lara e as irmãs portavam ganchos idênticos aos usados em Ithicana, e Lara estendeu um para ele.

— Eu vou primeiro. E depois você. — Os olhos dela se voltaram para as irmãs. — Não percam a concentração.

Segurando firmemente a alça do gancho, ela o colocou sobre o cabo.

— Espere. — Aren estendeu a mão para ela, já tendo visto cabos falharem. Tendo visto seus próprios soldados caírem, embora geralmente caíssem na água, o que significava que sobreviviam. Ninguém sobreviveria a uma queda nos jardins abaixo. — Me deixe…

Outra explosão iluminou o céu noturno, e Lara saltou.

O estômago de Aren embrulhou. Ele agarrou-se ao parapeito, observando Lara voar silenciosamente para baixo, ganhando velocidade à medida que avançava. *Não olhem para cima,* ele orou silenciosamente enquanto ela voava por sobre a muralha, apenas uns quatro metros acima das cabeças dos soldados. *Não olhem para cima.*

Mas a sorte ou o destino estava a favor deles, e os soldados em pânico mantiveram o olhar nos jardins e pátios enevoados abaixo, onde presumiam que Aren estava escondido.

Aproximando-se da torre de guarda, Lara levou a mão enluvada ao cabo para diminuir a velocidade. Seus pés atingiram a pedra, e ela parou para garantir que ninguém havia notado sua presença. Então, subiu no topo da torre, onde se empoleirou, escondida nas sombras.

— Vá! — Bronwyn deu um empurrão suave entre os ombros dele e, dando uma espiada para baixo para confirmar que ninguém olhava para cima, Aren saltou.

20
LARA



ELA NÃO CONSEGUIU respirar durante o tempo em que ele voou sobre o palácio enevoado, as roupas pretas tornando-o quase invisível na noite sem lua. Mais explosões sacudiram o chão, o ar denso com fumaça. Do lado de fora da muralha, a multidão se transformou em caos, pessoas gritando, mas Lara não deu atenção.

Até agora, tudo correu de acordo com o plano dela, mas isso podia mudar em um piscar de olhos. Seu *irmão* – que, sem o conhecimento dela, estivera envolvido no planejamento – estava indo alertar aos guardas que o grupo fugitivo estava na torre. Aqueles vasculhando no jardim não conseguiriam ver através da névoa, mas os soldados na muralha interna sim. E suas irmãs seriam alvos fáceis.

Entretanto, ela só conseguia pensar nos olhos de Aren quando ele a reconheceu. Quando Lara os vira pela última vez em Midwatch, eles estavam avermelhados e cheios de raiva e mágoa. Mas agora… estavam frios. Como se ela não significasse nada para ele e nunca tivesse significado.

As botas de Aren batendo contra a torre de guarda a arrastaram de volta ao momento. Ela se abaixou para ajudá-lo, mas ele empurrou a mão dela, levantando-se em um simples movimento.

Ele se agachou perto dela nas sombras, e Lara cerrou os dentes, o peito doendo por tê-lo tão perto.

E, ainda assim, tão distante.

— Não pense que isso muda alguma coisa — ele sussurrou entre as explosões. — Eu não valorizo meu próprio pescoço o bastante para o seu resgate desfazer o dano que você causou. Assim que estivermos longe do seu pai, não quero vê-la novamente. Entendido?

Não adiantava discutir, considerando os planos que ela tinha em mente, e ela

foi poupada de ter que fazer isso quando Athena subiu na torre para se juntar a eles.

Faltam mais quatro.

Com o coração martelando, Lara dividiu a atenção entre assistir suas irmãs deslizarem pela tirolesa e os guardas se aglomerando abaixo deles. Apesar do caos na cidade, ninguém parecia estar se preparando para deixar o palácio. O foco dos guardas se direcionava inteiramente para recapturar ela e Aren.

Cierra se juntou a eles no topo, seguida por Cresta. Brenna foi a próxima, o rosto branco como um lençol.

— Isso foi horrível demais — ela murmurou. — Nunca mais.

Só faltava Bronwyn. Mas a névoa começava a se dissipar devido ao vento de uma tempestade que se aproximava. Lara cerrou os dentes, observando a figura sombria da irmã avançar lentamente pelo cabo e depois começar a deslizar para baixo.

— Vamos — ela murmurou. — Mais rápido.

Bronwyn acelerou, mas ao voar sobre a muralha interna, gritos ecoaram do santuário.

— Eles estão na torre!

Todos os guardas na muralha ergueram os olhos a tempo de ver Bronwyn acima deles. Eles gritaram e se viraram, erguendo as armas.

— Explodam o portão! — Lara ordenou, mesmo que fosse cedo demais.

— Já sinalizei — Atena respondeu. — Fechem os olhos e cubram os ouvidos.

Um batimento cardíaco depois, o mundo explodiu ao redor deles.

21

AREN



POR INSTINTO, AREN cobriu os ouvidos com as mãos e fechou os olhos, pressionando o rosto contra o parapeito.

Mas não adiantou muito, visto que a explosão estilhaçou pelo ar, o brilho ardente dos produtos químicos queimando através das pálpebras dele, e seus ouvidos começaram a zumbir. Ele mais sentiu do que viu Lara se mover ao lado dele, e abriu os olhos para encontrá-la inclinada sobre o parapeito, as mãos estendidas para segurar Bronwyn, que estava pendurada.

— Sua vadia — a morena alta rosnou enquanto Lara a puxava para cima. Os olhos dela marejados de lágrimas devido ao brilho da explosão. — Você não podia ter me avisado? E nem se preocupe em discutir. Não consigo ouvir porra nenhuma.

Lara apenas a puxou para o topo da torre de guarda. As outras irmãs já escalavam a muralha em direção ao térreo, aproveitando os poucos momentos que os muitos soldados continuariam surdos e cegos como Bronwyn.

Seguindo o exemplo delas, Aren viu mais duas irmãs que vestiam uniformes Maridrinianos deixarem o interior da torre da guarda. Uma delas fez sinal para o grupo levantar os capuzes e segui-la enquanto ela descia correndo as escadas internas e prosseguia na direção do caos. O ar estava cheio de fumaça e o portão fora explodido para dentro pela força da explosão. Vários soldados estavam de joelhos, apertando as próprias orelhas ensanguentadas.

Mas não era nessa direção que as mulheres o levavam. Em vez disso, elas entraram nos estábulos no canto mais distante, os cavalos lá dentro dando voltas nas baias, aflitos. Vários dos animais usavam selas e freios, e as mulheres entraram nas baias agilmente, depois se agacharam.

Lara arrastou Aren para uma baia e o puxou para baixo.

— Não vai demorar — ela murmurou.

Logo em seguida, gritos se infiltraram pelas paredes de pedra.

— São eles! Eles estão fora das muralhas!

Espiando através das ripas de madeira, Aren viu os soldados invadirem os estábulos. Os homens pegaram os cavalos nas primeiras fileiras das baias e subiram nas selas antes de galoparem porta afora em busca das distrações, Aren presumiu.

— Agora. — Lara se levantou, pegando as rédeas do cavalo na baia e entregando-as a ele.

Ele encarou o animal enorme.

— Eu não sei andar a cavalo.

— Aprenda. E pelo amor de Deus, mantenha seu capuz sobre a cabeça.

Tomando cuidado com boca cheia de dentes do cavalo, Aren o conduziu para fora da baia, depois passou as rédeas por sobre a cabeça do animal. Ele enfiou o pé no estribo e o aperto mortal que o Ithicano deu no arreio foi a única coisa que o impediu de cair quando o animal balançou para as laterais.

— Rápido! — Lara já estava na sela de outro animal, o capuz puxado para frente a fim de esconder seu cabelo e rosto, vestida em roupas largas que davam volume à sua forma esguia. Um arco estava preso ao ombro dela e havia uma aljava cheia de flechas fixada à sela.

— Eu posso portar algumas armas — ele rosnou.

— Concentre-se em permanecer na sela.

Carrancudo, Aren se esparramou no dorso do cavalo, mal conseguindo colocar o outro pé no estribo antes de Lara bater nas ancas do cavalo dele. Então, eles começaram a se mover.

Os cascos dos cavalos bateram ruidosamente no paralelepípedo quando eles passaram pelo portão cheio de fumaça, os uniformes e as armaduras dos animais convencendo aqueles que vigiavam as muralhas de que o grupo também galopava para a cidade em busca das distrações. No entanto, se algum deles prestasse atenção, perceberia instantaneamente que Aren não era um soldado Maridriniano. Não com a maneira como ele se agarrava à crina de sua montaria, balançando descontroladamente nas costas do animal e as rédeas se debatendo inutilmente diante dele.

Os manifestantes nas ruas saíram do caminho quando o grupo passou. As mulheres guiavam seus cavalos habilmente pelas ruas sinuosas. A montaria de Aren seguia os outros cavalos, o que era uma benção, já que ele não tinha a menor ideia de como guiá-lo, toda a sua atenção focada em não cair.

— O porto estará infestado de soldados — ele gritou. — Eles irão amarrar as embarcações ao cais. Nunca vamos conseguir sair daqui usando navio.

— Não vamos para o porto — Lara respondeu. — Confie que nós temos um

plano, Aren, e concentre-se em não cair do cavalo.

Como se eu pudesse confiar em você, ele pensou, mas uma conversa mais longa se revelou impossível quando começou a chover. Os paralelepípedos ficaram escorregadios, mas as mulheres mantiveram o ritmo, embora os cavalos lutassem para conservar o equilíbrio. A montaria de Aren escorregou e ele quase caiu, o coração disparando e suor escorrendo pelas costas.

Atrás deles, a torre de alerta do palácio percutiu, as batidas de tambor ecoando uma mensagem. As mulheres inclinaram a cabeça, escutando, e Aren fez uma careta por não saber o código, embora suspeitasse que o ponto crucial era que o plano deles fora descoberto.

— Bem na hora — Bronwyn berrou, e o grupo desviou para uma rua principal, rumando na direção dos portões a leste, os cavalos galopando a toda velocidade. À distância, o céu se iluminou quando explosivos detonaram no portão. Vários dos cavalos recuaram quando o enorme *bum* cortou o ar, os olhos dos animais selvagens.

Quando o zumbido em seus ouvidos se dissipou, Aren escutou o som de cascos e gritos. Soldados convergiram no grupo de todas as direções, correndo para interceptá-los antes que eles alcançassem os portões.

Batidas de tambor preencheram o ar, e essa mensagem Aren entendeu: *Portão leste sob ataque.*

Ithicana. Tinha que ser.

— Mais rápido! — Lara gritou. — Precisamos deles para o plano dar certo!

Os cavalos avançaram, as construções nas laterais do grupo nada além de manchas escuras, a chuva agora um dilúvio cegante. Havia chamas adiante, parte do portão pegando fogo, e a luz iluminava dezenas de soldados alinhados na muralha. E mais incontáveis soldados abaixo trabalhavam para apagar o incêndio e proteger os portões.

A torre de alerta dos portões percutia, repetindo a mesma mensagem.

— Eles estão nos vendo! — Bronwyn gritou. — Estão pedindo reforços!

Uma flecha passou perto do rosto de Aren e outra feriu as ancas do cavalo de Lara, fazendo o animal guinchar de dor. Mais três atingiram as paredes das casas, que eram a única coisa impedindo que o grupo ficasse à mercê da escuridão e da chuva.

— Quase lá! — Lara gritou.

O sinal dos tambores se repetiu, sendo interrompido abruptamente no meio da mensagem. Ao lado de Aren, Lara empurrou o capuz para trás, os olhos na linha do telhado. O Ithicano seguiu o olhar dela, identificando uma silhueta sombria em um telhado adiante. A figura ergueu um braseiro, iluminando seu rosto. *Lia.*

Sua amiga e guarda-costas o saudou uma vez quando o grupo passou. Lara se abaixou e agarrou as rédeas de Aren, fazendo os dois animais pararem. As outras irmãs fizeram o mesmo, os cavalos se virando e circulando uns aos outros enquanto os soldados no portão formavam uma linha e os perseguidores do grupo corriam atrás deles.

Lia jogou algo na rua.

Uma explosão rasgou o ar, fazendo os cavalos tremerem e saltarem. Aren mal conseguiu se segurar quando o som de outra explosão em um bloco mais adiante invadiu seus ouvidos, cercando o grupo pelos lados e ocultando-os com fumaça.

Três das garotas conduziram seus cavalos por uma rua, rumando em direção ao norte. Mas o cavalo de Aren seguiu na direção oposta, Lara puxando as rédeas e conduzindo-o para um beco, Bronwyn liderando o caminho e uma das outras irmãs na retaguarda.

Eles mergulharam na penumbra da viela, depois saíram em uma rua, galopando na direção da qual vieram.

As ruas estavam quase vazias agora. Os Maridrinianos, por acreditarem que Vencia estava sob ataque, se abrigavam em suas casas fechadas.

— Para onde diabos estamos indo? — Aren exigiu.

— Oeste. — Os olhos de Lara estavam na rua atrás deles. — Temos só alguns minutos antes que a torre de alerta volte a soar, e logo toda a guarnição estará atrás de nós. — Então, ela praguejou. — Cresta! Bronwyn! Temos companhia!

Assim que o aviso saiu da garganta dela, o cavalo de Lara tropeçou e quase caiu, lutando para se endireitar. As ancas estavam encharcadas de sangue onde ele fora atingido por uma flecha. O animal não conseguiria manter o ritmo por muito tempo.

— Me peguem no outro lado — ela gritou para Bronwyn. — Vou ganhar tempo para nós.

Ao lado das construções, ela puxou as rédeas do cavalo cambaleante, depois subiu nas costas dos animal, onde se agachou com o arco pendurado em um ombro. Então, ela saltou.

Arriscando perder o equilíbrio ao olhar para trás, Aren a viu pendurada em uma sacada. Escalando. Ela encaixou uma flecha no arco e prendeu outras duas entre os dentes enquanto mirava nos soldados em perseguição. Um deles caiu do cavalo e outro levantou a mão para agarrar o próprio ombro, de onde uma flecha se projetava. Os outros soldados avistaram Lara, apontando e erguendo suas armas, mas o cavalo de Aren dobrou a esquina da rua, matando o campo de visão dele.

Eu preciso voltar. O pensamento invadiu a mente dele, mas Bronwyn foi até ele, balançando a cabeça.

— Ela sabe o que está fazendo. Continue andando.

Eles subiram a rua íngreme, a respiração ofegante dos cavalos quase tão alta quanto seus cascos no chão.

Ela pode estar morta, ele pensou. *Ela pode estar deitada sangrando na rua.*

— Se ela estiver, ela merece — ele rosnou para si mesmo. No entanto, apesar da repreensão, alívio o inundou quando uma sombra apareceu no topo dos edifícios adiante. Lara saltou para uma sacada e depois para a rua, onde caiu rolando. Em um piscar de olhos, ela estava de pé e correndo.

Bronwyn galopou na direção dela, Lara alcançando o estribo da irmã no último segundo. Ela saltou no ar, sua perna arqueando por sobre as costas do cavalo. Bronwyn agarrou a mão livre de Lara, ajudando-a a se acomodar nas costas do animal.

Os tambores começaram a tocar em um novo padrão, o som parecendo um trovão perseguindo o grupo pelas ruas.

O portão oeste mal merecia o nome, visto que não passava de uma fenda gradeada na parede que conduzia a uma passagem estreita. O acesso levava a uma ladeira que descia até a costa. Não havia onde atracar um barco; a única maneira de chegar a um navio seria nadando para encontrá-lo. Ele poderia fazer isso. Facilmente. Mas Lara e suas duas irmãs…

Eles subiram a colina pelas ruas sinuosas, os cavalos sem fôlego e perto do esgotamento. Então, o portão apareceu, um estreito rastrilho de aço vigiado por seis soldados altamente armados.

— Não temos os códigos. — A outra irmã, Cresta, parou ao lado de Aren, o grupo diminuindo a velocidade para um trote e depois para uma caminhada. — Diga a eles que as torres de alerta foram comprometidas, mas que houve relatos de embarcações Ithicanas do lado de fora do quebra-mar. Só precisamos chegar perto o bastante para acabar com eles.

— Parem e identifiquem-se! — um soldado gritou.

Aren pigarreou, lutando para controlar a voz o suficiente para que assumisse um sotaque Maridriniano.

— As torres de alerta foram comprometidas — ele informou, saindo de cima do cavalo, as pernas doendo.

— Os códigos — gritou o homem, erguendo o arco e apontando uma flecha para o peito de Aren.

— Os códigos foram comprometidos, seu idiota — Aren respondeu, improvisando. — Os Ithicanos sabem quais são. Como diabos você acha que eles entraram e saíram do maldito harém do rei?

O soldado franziu a testa, mas não abaixou a arma, e seus companheiros mantiveram as mãos nos punhos das lâminas.

— Há relatos de embarcações Ithicanas do lado de fora do quebra-mar. A última atualização confiável foi que o rei Ithicano estava indo na direção do portão sul. Se ele circular ao redor da cidade, conseguirá descer os penhascos e chegará à água sem que vocês sequer percebam, seus malditos idiotas.

O homem abaixou o arco, mas quando Aren deu um passo na direção dele, o soldado balançou a cabeça.

— Me divirta, amigo. Qual é o…

O homem se interrompeu, uma faca cravada em sua garganta.

Lara e as irmãs atacaram, um turbilhão de lâminas de aço se chocando. Aren pegou a espada caída do homem e se jogou na briga; ele abateu um soldado e, com o arco do homem morto, atirou nas costas de outro que tentava fugir pela extensão da muralha.

Tudo acabou em questão de minutos, mas, pela retaguarda, cavalos corriam na direção deles. Reforços.

As irmãs já estavam com o rastrilho entreaberto quando ele se virou, as quatro rolando por baixo das pontas de ferro parcialmente levantadas, as correntes do rastrilho presas com uma espada para retardar os soldados que os perseguiam.

Eles se moveram cautelosamente pela trilha escura até chegarem a uma encruzilhada, uma ramificação levando para a baía e a outra subindo a encosta íngreme. O som das ondas invadiu os ouvidos de Aren, o ar pesado com cheiro de salmoura. Já fazia meses desde que ele vira o mar pela última vez. Que o escutara. Que o cheiro do oceano preenchia os pulmões dele sem o fedor da cidade contaminando-o. Em algumas horas, ele estaria de volta a Ithicana.

Mas Lara o puxava na outra direção.

— Por aqui.

Ele se recusou a se mover.

— Aren, não há navios. Nem barcos. — ela sibilou. — Foi só uma distração. Novos cavalos nos esperam nas árvores a uma curta distância daqui.

Ele não queria ir com ela. Não queria estar em qualquer lugar perto dela, não só por causa do que ela havia feito, mas também porque ele não confiava nos próprios instintos perto dela.

— Para nos levar para onde?

— Para o ponto de encontro, onde temos suprimentos. — Ela se virou para olhar para trás, na direção da trilha que levava à cidade, revelando seu nervosismo. — Temos que nos apressar.

— Eu não vou a lugar nenhum com você, Lara. Vou voltar para Ithicana. —

Porque ele conseguiria fazer isso sozinho. Poderia ficar na costa até conseguir roubar um navio e depois voltar para casa.

— Não seja idiota. — Havia raiva na voz dela agora. — Semanas de preparação foram colocadas nesse plano, e você pretende jogar tudo isso fora.

— Eu não confio em você — ele retrucou. — Ou nos seus planos. Eu te disse que nunca mais queria ver seu rosto de novo. Que te mataria. Você tem sorte de eu não jogá-la desse penhasco.

— Tente, seu idiota ingrato — Bronwyn rosnou, mas Lara acenou com a mão para acalmá-la.

— Não te culpo por não confiar em mim — ela admitiu. — Mas pelo menos tenha fé na sua irmã. Na sua avó. Em Jor. Em cada Ithicano que investiu tudo nesse plano. Confie neles.

Indecisão invadiu o estômago dele, e Aren lançou um olhar para ela. Ainda bem que estava escuro.

— Quando eu apareci em Eranahl, a *única* razão pela qual Ahnna permitiu que eu vivesse foi porque ela sabia que eu era a melhor chance de Ithicana de te resgatar. E ela deixou bem claro que quando você estivesse livre e de volta para casa, ela me mataria se eu voltasse a pisar em Ithicana. Pela primeira vez, você pode, por favor, mostrar um *pouco* do pragmatismo dela.

Como diabos Lara havia chegado a Eranahl? foi o primeiro pensamento que o atingiu, mas ele o repeliu.

— Certo.

— Subam, seus idiotas — disse Cresta de onde vigiava a trilha de volta a Vencia. — Eles estão quase nos alcançando.

Cerrando os dentes, Aren escalou a encosta do penhasco, encontrando apoios para as mãos ao tateá-los na escuridão. Abaixo, botas batiam subindo a trilha, os soldados em rápida perseguição após descobrirem os companheiros mortos.

Mais rápido.

— Eles estão escalando!

O grito subiu até eles e, um segundo depois, cordas de arcos ressoaram pelo ar, flechas ricocheteando na encosta.

Aren fez uma careta quando uma delas afundou no solo rochoso a centímetros de sua mão, e outra passou de raspão no calcanhar de sua bota.

Mas eles estavam quase lá.

Então, um grito de dor invadiu os ouvidos dele.

— Bronwyn! — Lara arfou, e Aren olhou para além de seus pés e viu uma figura deslizando penhasco abaixo e se segurando a uns cinco metros abaixo dele.

— Vão! — Bronwyn gritou. — Tirem-o daqui!

— Eu não vou te deixar!

Aren escutou Lara começar a descer, e ele hesitou.

— Não! — A voz de Bronwyn estava esganiçada. — Se eles pegarem ou matarem você e Aren, isso significa que nosso pai vence. Significa que ele vai se safar de tudo que fez conosco. De tudo que nos obrigou a fazer. *Por favor,* Lara. Você precisa continuar lutando.

Lara parou de se mover abaixo dele, e Aren percebeu que ela estava tomando uma decisão. Em seu coração, ele sabia o que ela faria.

Mas ele estava farto de pessoas morrendo por ele.

— Vá até o topo e me dê cobertura — ele sibilou para Cresta, então começou a descer.

Lara agarrou o braço dele quando ele passou por ela, mas ele a afastou.

— Leve sua bunda até o topo e faça cada tiro valer.

Levou segundos para chegar a Bronwyn, a respiração dela ruidosa por causa da dor.

— Onde?

— Ombro direito. — ela respondeu, a voz tensa. — Vá. Não deixe que eles acertem outro de nós por sorte.

Ignorando-a, Aren passou a cabeça e o ombro sob o braço bom dela.

— Aguente firme.

Ela firmou o aperto, envolvendo as pernas ao redor da cintura dele, um leve gemido escapando dos lábios dela quando seu ombro ferido foi empurrado.

De cima, arcos ressoavam enquanto Lara e Cresta trocavam tiros com os soldados, gritos de dor vindos de baixo sugerindo que as mulheres estavam tendo mais sorte em acertar seus alvos. Aren ignorou tudo isso e escalou, rangendo os dentes devido ao peso extra, além de seu equilíbrio precário e sua força não ser mais o que era. Ele podia sentir o calor do sangue de Bronwyn encharcando as roupas dele, o cheiro forte no nariz dele, mas o aperto dela não vacilou.

Uma flecha ricocheteou em uma rocha perto do rosto dele e, bem fracamente, Aren captou o som dos soldados escalando, mas ele não olhou para baixo. Nem ergueu os olhos para ver quanto ainda faltava subir.

— Te peguei. — A voz de Lara. Então, Bronwyn o soltou, as irmãs puxando-a para cima.

A mão de Aren encontrou a borda do penhasco e ele subiu, mantendo-se abaixado para o caso de algum dos soldados abaixo ter alguma flecha preparada no arco.

Em seguida, eles correram o mais rápido possível sobre o terreno acidentado, pedras e arbustos batendo em seus pés e Lara arrastando Bronwyn.

— Vá na frente e pegue os cavalos — sussurrou Lara para Cresta. — Eles estarão aqui em cima em minutos e, a essa altura, cavaleiros já devem estar vindo do portão sul. Temos que nos apressar.

Cresta desapareceu na escuridão e Aren parou ao lado de Lara e Bronwyn, pressionando a mão nas costas da última. Estava encharcada de sangue.

— Merda — ele xingou, então a pegou nos braços. — Você tem alguma flecha sobrando?

— Três — Lara respondeu. — Mas tenho outras maneiras de matá-los. Só deixem um cavalo para mim.

Então, ela recuou e sumiu.

22

LARA



AS COISAS *NÃO* ESTAVAM INDO DE acordo com o plano.

Com passos silenciosos, Lara retornou pelo caminho de onde viera, o arco livre nas mãos enquanto escutava os sons dos soldados que os perseguiam.

Ela ouviu o baque surdo de botas e se esgueirou para a lateral da trilha, contando os homens que passaram correndo com espadas empunhadas. *Seis.* E em breve, haveria mais a caminho.

Contornando por trás deles, ela atirou flechas nas costas de três soldados, depois deslizou para as sombras enquanto o restante deles gritava, alarmados, os guardas correndo para encontrar abrigo. Puxando uma faca, Lara rastejou ao redor das rochas, se demorando para evitar ser detectada, depois parou para ouvir.

Nada.

Mas uma brisa roçou a bochecha dela, carregando consigo o cheiro rançoso de suor. Sorrindo, Lara se agachou, mantendo o nariz empinado enquanto dava passos lentos, parando quando avistou uma grande pedra que daria uma boa cobertura. Ela jogou uma pedra nos arbustos mais distantes e se atentou ao fraco movimento de quando os homens viraram as cabeças naquela direção.

Jogando outra pedra, ela deu vários passos rápidos e atirou a faca.

Em vez de um grito, um barulho de carne sendo cortada refletiu a pontaria certeira da mulher. Puxando sua espada, Lara desistiu de fingir furtividade e atacou.

Os soldados empunharam suas lâminas, preenchendo a noite com tinidos de aço ao entrarem na luta. Ela lutou com um deles fervorosamente, esquivando-se dos golpes enquanto ele tentava esfaqueá-la por trás, atraindo-o cada vez mais para perto até ele atacar. Então, ela deu um passo para o lado, cortando o braço dele e separando-o do corpo um segundo depois de o guarda esfaquear o

companheiro no peito.

O soldado gritou, caindo no chão e agarrando o cotoco sangrento, mas Lara rasgou a garganta dele com a ponta da espada, silenciando-o. Logo em seguida, ela fez o mesmo com o companheiro moribundo dele. Ela recuperou a faca dela do terceiro homem, levantando-se no mesmo momento que o som de cascos chegou até ela.

Os guardas do portão sul.

Xingando, ela correu em direção ao bosque, onde os cavalos estavam escondidos. Como prometido, haviam deixado um para trás, e ela se jogou na sela, apertando os calcanhares, e cavalgou na direção dos soldados que se aproximavam.

Com Bronwyn ferida e Aren totalmente incompetente a cavalo, ela precisava atrair os perseguidores. Precisava comprar tempo para que o grupo chegasse a Sarhina, que tinha mais suprimentos.

Puxando o capuz para trás, ela arrancou o amarrador de cabelo para que os fios pudessem esvoaçar por suas costas. Mesmo no escuro, deveria ser o bastante para confirmar sua identidade.

Galopando pela estrada, ela esperou até que o grupo estivesse à vista. Então, empinou seu cavalo, girando o animal em um círculo como se estivesse perdida. Em pânico. Depois, Lara depositou as rédeas no ombro do animal e disparou estrada abaixo, sorrindo maliciosamente enquanto eles a perseguiam.

A chuva tinha parado, mas a estrada estava lamacenta. Água suja salpicava a montaria e pernas de Lara enquanto ela levava os soldados do pai para longe de Aren e suas irmãs, em direção a uma cidadela em uma enseada a oeste de Vencia. O animal derrapou e escorregou ladeira abaixo, rumo às casas de pedra que ladeavam a encosta, a luz das lamparinas brilhando nas janelas. Somente algumas pessoas estavam nas ruas. Elas encararam, boquiabertas, e pularam para fora do caminho quando Lara passou galopando, indo para as pequenas docas onde os navios de pesca ficavam atracados.

— Esperem! — Ela gritou alto o bastante para que metade da cidade pudesse ouvir. — Estou indo, não me deixem para trás! Aren, não me deixe para trás!

Chegando nas docas, ela se jogou para fora do cavalo e desamarrou as cordas que atracavam as embarcações, empurrando-as para longe do cais, de forma que o porto ficou uma bagunça. Então, escutando os soldados a alcançarem, ela mergulhou sob o cais, seu corpo quase todo submerso e os dedos segurando um píer incrustado de cracas.

As ondas a empurravam e puxavam, e um antigo medo familiar surgiu em seu peito. E se ela não conseguisse se segurar? E se a maré a puxasse para o mar? E se houvesse tubarões espreitando abaixo?

— Está vendo ela? — um soldado gritou. Ele e vários de seus companheiros corriam no cais acima de Lara. — Aquele era o cavalo dela!

Mais soldados correram para as docas, as botas provocando fortes baques que ocultavam a respiração ofegante dela. Eles caminharam até o final, e ela pôde imaginá-los procurando pelo mar escuro em busca de qualquer sinal de uma embarcação.

— Testemunhas dizem que ela estava gritando algo para alguém aqui, senhor — um homem caminhando acima dela informou, a silhueta escura dele visível através das lacunas entre as tábuas. — Para esperarem por ela. Ela usou o nome do Ithicano.

O comandante praguejou.

— Eles estão na água. Acenda os sinais para alertar os navios patrulhando. Se a marinha não capturá-los logo, eles se perderão. Traga alguns pescadores aqui para ajudar na caçada.

Lara esperou que eles recuassem para a costa, depois se moveu lentamente pela parte inferior do cais, passando os dedos entre as aberturas, sabendo que precisava se apressar. Assim que a luz do dia raiasse, os cães rastreadores rapidamente determinariam que Aren e as irmãs não haviam seguido por esse caminho, e o pai de Lara suspeitaria de um truque. Eles precisavam sumir antes disso.

Chegando à praia rochosa, Lara rastejou até a água estar na altura dos joelhos, fazendo uma careta toda vez que uma onda passava por sobre sua cabeça. As mãos e joelhos dela sangravam por causa das pedras afiadas, mas ela não podia arriscar se levantar enquanto ainda estava no campo de visão do grupo de soldados.

E mais guardas chegavam a cada minuto. Eles não eram idiotas. Revistariam todos os barcos de cima a baixo na costa, e ela não ficaria surpresa se trouxessem cães para ajudar na busca.

Julgando estar fora de vista, Lara emergiu na praia, estremecendo com a maneira como suas botas rangeram, o barulho parecendo ecoar pela noite. Contornando a orla da cidade, ela subiu a colina correndo, depois foi para o leste. Ela manteve uma dúzia de passos de distância da estrada até chegar a uma ponte sobre um pequeno rio, o barulho da água invadindo seus ouvidos. Começou a chover novamente, o lampejo ocasional de um relâmpago iluminando o céu. Ela seguiu rio acima e procurou a mancha quase indecifrável de algas cintilantes que marcava o caminho que ela precisava seguir.

E foi só quando encontrou a mancha que ela se permitiu imaginar se Bronwyn ainda estava viva. Se alguma de suas outras irmãs fora ferida. Se elas haviam sido mortas.

Culpa a queimava por dentro. Elas sabiam no que estavam se metendo quando concordaram em ajudar, mas, ainda assim, estavam nessa posição por causa de Lara. Ela havia salvado as vidas das irmãs apenas para arriscá-las novamente.

E Aren?

Pensar nele deixava Lara enjoada. A maneira como ele a olhara, o ódio na voz dele. Não havia razão para acreditar que seria diferente, mas ela ainda teve esperanças.

Seguindo as marcas fracas das algas e apagando-as ao passar, Lara escalou a encosta, seus braços e pernas parecendo feitos de chumbo, e incontáveis pequenos ferimentos sugando sua força.

Chegando à entrada da pequena caverna, ela viu os cavalos amarrados a um lado. Viu as gotas de sangue na rocha que levavam para dentro. *Por favor, que todos ainda estejam vivos,* ela orou. *Por favor, ainda esteja aqui, Aren.*

— Caçadora. — A voz dela estava rouca e ela engoliu em seco antes de acrescentar: — É a Lara.

Então, ela entrou, só para ser saudada por uma voz familiar e amarga.

— Bem, as estrelas realmente *não* estão a nosso favor esta noite, já que aqui está você, ainda viva.

23
AREN



DEPOIS DE DEZ MINUTOS DE CAVALGADA, eles tiveram que parar para amarrar Bronwyn ao cavalo dela.

— Tire a flecha — ela murmurou para ele. — Dói.

— A flecha é a única coisa te impedindo de sangrar até a morte. — Mas Aren não era insensível, visto que ele mesmo já fora atingido mais de uma vez. — Vamos tirá-la assim que estivermos em um lugar seguro.

Se ela sobrevivesse até chegarem lá.

Cresta segurava as rédeas da montaria da irmã, e Bronwyn estava caída sobre o pescoço do cavalo. Mas mesmo na escuridão, Aren percebeu a maneira que Cresta continuava olhando para trás, ocasionalmente parando para verificar o pulso da irmã. Distraída.

— Para onde estamos indo? — ele perguntou por fim. — E quem nos encontrará lá?

— Há uma pequena caverna rio acima. Nossa irmã, Sarhina, estará lá com os suprimentos que você e Lara precisam para a viagem.

— Viagem para onde, exatamente? — Ele odiava não saber o plano. Odiava ser um seguidor quando passara a vida inteira sendo um líder.

— Lara irá explicar quando nos encontrar.

— Ou não. Ela pode estar morta.

Cresta riu baixinho.

— Ainda bem que não vou com vocês dois. Não há nada pior do que ficar de vela em uma briga de amantes.

— Ela não é mais minha *amante* — ele retrucou entredentes.

A única resposta dela foi um som de divertimento, como se o conflito entre ele e Lara não fosse nada mais do que uma discordância sobre a decoração de um quarto.

— Como você quiser, Vossa Graça. Mas não pense que irá escapar tão facilmente. Lara não será morta pelos soldados de nosso pai. A mulher é quase impossível de matar. É por isso que a chamamos de pequena barata. E o fato de não termos sido capturados sugere que tudo está indo exatamente de acordo com o plano dela.

Bronwyn aproveitou a oportunidade para gemer, e Aren bateu os calcanhares no cavalo, puxando desajeitadamente as rédeas até estar próximo dela, a água do rio espirrando e encharcando as pernas dele. Erguendo a mão na direção de Bronwyn, ele pressionou os dedos contra a garganta da mulher. A pulsação estava fraca e a pele dela, gelada.

— Precisamos nos apressar.

Entretanto, na escuridão, os cavalos só conseguiam se mover lentamente rio acima, os cascos derrapando nas pedras escorregadias. Aren conseguiria subir com o dobro da velocidade a pé, mas não carregando Bronwyn. Ele estava exausto, seu corpo desacostumado a atividades tão intensas, o que ele odiava. Odiava se sentir fraco quando passara a vida inteira sendo forte.

Ele avistou o brilho familiar das algas antes de Cresta, e seu peito apertou diante da visão. Um pedaço de Ithicana e prova de que o povo dele estava envolvido nessa etapa do plano.

Mais dez minutos seguindo a trilha entre as árvores os levaram a um penhasco baixo, uma abertura de caverna revelada pelo brilho tremeluzente da luz da fogueira.

Desmontando às pressas, Cresta amarrou os cavalos enquanto Aren desamarrava Bronwyn. Tirando-a da sela, ele a levou para dentro da caverna.

— Caçadora — Cresta falou e, um momento depois, uma mulher grávida com cabelos longos e escuros apareceu, uma espada em uma mão e uma faca na outra.

— Bronwyn levou uma flechada.

— Merda! — A mulher grávida, que Aren presumiu ser a irmã Sarhina, embainhou as armas, caminhando na direção dele. Então, ela parou. — Onde está Lara?

— Atraindo-os para longe — respondeu Cresta. — Ela chegará em breve.

— Entrem.

Aren carregou Bronwyn para dentro da caverna, parando no meio do caminho ao avistar um rosto familiar.

— Nana?

Ela estava de pé segurando as armas dela, mas quando o viu, o facão caiu de sua mão com um estrondo.

Pelo que pareceu uma eternidade, Nana não disse nada. Depois, ela

sussurrou:

— Você está vivo. Você está aqui. Graças ao Deus misericordioso... — Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela.

Em toda sua vida, ele nunca vira a avó chorar. Nem mesmo quando o pai dele – o filho de Nana – se perdera no mar.

Então, os olhos dela foram para Bronwyn, e ela enxugou as lágrimas do rosto, se recompondo em um instante.

— Traga-a aqui.

— Uma flecha no ombro — ele alertou, abaixando a jovem no chão. — Ela perdeu muito sangue.

Nana apenas grunhiu, puxando uma faca para cortar a roupa de Bronwyn.

— Ah, Bronwyn. — A mulher grávida deu uma cotovelada na lateral de Aren para ele abrir espaço para ela, e abaixou-se lentamente para segurar a mão da irmã. — Por que você sempre se machuca?

A flecha havia perfurado o ombro dela, a ponta larga brilhando com sangue à luz do fogo. Cresta se aproximou pelo outro lado, o rosto pálido de preocupação.

— Ela vai ficar bem?

Nana não respondeu.

— Aren, quebre essa ponta de flecha, depois vá para fora e vigie. Você. — Ela lançou um olhar sombrio para Sarhina — Vá com ele.

— Cresta vai com ele.

— Cresta vai ficar aqui — retrucou Nana. — Preciso de uma assistente e, ao contrário de você, ela segue instruções.

Ignorando a batalha de vontades acontecendo entre elas, Aren se abaixou e quebrou a ponta da flecha. Bronwyn apenas gemeu em resposta. Jogando o objeto de lado, ele se levantou e, em seguida, uma voz rouca falou do lado de fora:

— Caçadora. — Depois: — É Lara.

Alívio o inundou quando a esposa errante dele entrou, os ombros subindo e descendo devido à respiração rápida e ofegante. Ela estava encharcada, o cabelo cor de mel caindo em emaranhados sobre os ombros. Havia um hematoma lívido em uma bochecha e os joelhos das calças estavam rasgados, a pele sob o tecido ensanguentada. No entanto, quando ela ergueu o rosto para encará-lo, o coração de Aren disparou.

A voz de Nana o trouxe de volta à realidade.

— Bem, as estrelas realmente *não* estão a nosso favor esta noite, já que aqui está você, ainda viva.

— Desculpe desapontá-la. — O olhar de Lara foi para Bronwyn, crispando os lábios ao ver a irmã. — Ela está…?

— Viva, mas por pouco. Limpe as mãos e venha me ajudar. Pela primeira vez, você pode ser útil.

Sem dizer uma palavra, Lara passou por ele e Aren praticamente se jogou para fora pela abertura da caverna. O peito do Ithicano parecia estar muito apertado, os pulmões não inalando ar suficiente. Foi só quando ele parou sob o céu nublado, com a chuva quente lavando o suor de seu rosto voltado para cima, que seus músculos relaxaram o suficiente para respirar fundo.

Cresta passou por ele.

— Eu vou patrulhar a região — Tão silenciosa quanto qualquer Ithicano, ela desapareceu entre as árvores, um vulto na noite.

Um soluço de dor veio de dentro da caverna, sugerindo que a flecha havia sido removida, e ele desceu a encosta, sem querer ouvir. Sem querer sentir.

— Então você é o rei de Ithicana.

Aren saltou, assustado. Ele se virou e encontrou Sarhina parada ao lado dele, a chuva encharcando o cabelo escuro dela. Apesar de parecer que estava a somente algumas semanas de dar à luz, ela se movia tão silenciosamente quanto Cresta. Doze delas. Silas havia criado doze dessas armas. E Aren suspeitava que só agora o homem percebia o quão perigosas elas eram.

— Eu era.

Ela bufou, exasperada.

— Por favor, não banque o melancólico comigo. Minha irmã pode estar morrendo lá dentro, e não tenho paciência para choramingos desnecessários.

— Desnecessários? — A voz dele estava cheia de veneno, mas ele não se deu ao trabalho de escondê-lo.

— Ithicana ainda não caiu. Eranahl resistiu a todas as tentativas de violação de suas defesas. Até onde sei, a maioria dos civis conseguiu chegar à segurança da ilha antes dos soldados do meu pai.

Ele sabia disso. Sabia que a maioria havia chegado com pouco mais do que as roupas do corpo, deixando somente os soldados de Ithicana nas outras ilhas para combater as forças Maridrinianas. Por meses, Aren vivera ao ar livre com o que restava da guarnição de Midwatch, dormindo no chão e comendo o que conseguiam caçar ou procurar na selva; o tempo todo lutando contra os soldados que viviam nas casas dos Ithicanos e se alimentavam como reis, comendo os suprimentos que chegavam pela ponte.

— E o que você acha que todos esses civis estão comendo agora?

Ela o analisou com o olhar fixo, imperturbável.

— Eles recebem rações, obviamente. É por isso que o tempo é essencial. Sua irmã está se empenhando na primeira parte do plano de Lara e, com você liberto, a segunda parte pode começar. Você irá se sentar no seu trono novamente,

guarde minhas palavras. Meu pai irritou a mulher errada quando irritou sua esposa.

— Não a chame assim.

— Por que não? É a verdade.

— Porque ela é uma mentirosa e uma traidora que merece ter a garganta cortada, é por isso!

De repente, Aren se viu deitado de costas com uma faca pressionada contra sua jugular.

— Deixe-me ser bem clara, Vossa Graça — Sarhina sibilou, o branco dos dentes dela a única coisa visível na escuridão. — Você nunca irá falar sobre minha irmã dessa forma ou será você quem terá a garganta cortada. Entendido?

Encarando-a, ele não respondeu.

A lâmina da faca foi pressionada com mais força, fazendo uma gota de sangue escorrer pela garganta dele.

— Você não significa nada para mim. Você não é nada. A única razão pela qual minhas irmãs e eu concordamos em ajudá-lo foi porque *Lara* ama você, e nós a amamos. Isso sem mencionar que devemos nossas vidas a ela.

Ela relaxou um pouco, e Aren analisou como poderia tirá-la de cima dele sem machucar a criança.

Mas grávida ou não, Sarhina sabia o que estava fazendo. Ele estava à mercê dela.

— Você não faz ideia do que ela sofreu — Sarhina prosseguiu. — Do que todas nós sofremos nas mãos do meu pai, de Serin e do resto deles. *Quinze* malditos anos de lavagem cerebral para nos fazer acreditar que nosso povo estava faminto e morrendo por causa de Ithicana. Eles nos espancaram, nos deixaram passar fome e nos transformaram em assassinas. E em cada momento, sussurravam que era tudo para salvar Maridrina de *você*. Que era por causa de *você* que precisávamos sofrer. Que você era um demônio odioso que não se importava com os inocentes que feria, apenas para satisfazer a própria ganância!

Havia fúria na voz dela, e a razão dizia ao Ithicano que provocá-la seria imprudente. Mas Aren não conseguiu se parar antes de explodir:

— Ela viu a verdade poucos dias depois de chegar em Ithicana. A realidade foi esfregada no rosto dela várias e várias vezes e, ainda assim, ela escolheu acreditar nas mentiras do pai e me apunhalar pelas costas!

— Escolheu? — A palavra saiu entre os dentes da mulher. — Por que você é tão estúpido que não consegue entender que as mentiras dele eram como veneno? Um veneno do qual *nunca* iremos nos recuperar totalmente. Eu sei a verdade. Eu a vi com meus próprios olhos e, mesmo assim, acordo em frenesi quase toda noite, meu ódio por Ithicana de volta como se nunca tivesse ido

embora.

Tão abruptamente quanto o atacou, Sarhina se colocou de pé, esfregando a parte inferior das costas. Observando-a com cautela, Aren se levantou, tocando a garganta, que ardia.

— Lara cometeu um erro — ela admitiu, cansada. — Se ela tivesse confiado em você e te contado toda a verdade, nada disso teria acontecido. Mas, por favor, entenda que o fato de ela confiar em você não passa de um milagre. Ela é tão vítima das maquinações de meu pai quanto você e Ithicana. No entanto, ao contrário de você, ela não está disposta a deixá-lo vencer. Lara continua a ser a Rainha de Ithicana, mesmo que você tenha desistido de ser o rei.

Sem outra palavra, ela entrou, deixando-o na chuva. Poucos minutos depois, Lara apareceu na entrada da caverna, onde parou. Então, ela caminhou na direção dele.

— Como está Bronwyn?

— Paramos o sangramento, mas ela está muito fraca. Levará mais um ou dois dias antes que haja qualquer garantia de que ela irá se recuperar e, mesmo assim, sempre há o risco da ferida infeccionar. — Ela esfregou as têmporas. O cansaço e o custo de tudo que ela fizera para distrair os perseguidores eram palpáveis, e ele conteve o desejo de massagear o pescoço dela no local onde ele sabia que sempre havia nós.

— Ela irá sobreviver — ele disse em vez disso. — Ela é uma guerreira.

Lara removeu as mãos do rosto, olhando para ele.

— Seja como for, estou surpresa que você se importe.

Claro que me importo, eu não sou como você, ele quis explodir de volta, mas em vez disso, respondeu:

— Não tenho ressentimentos com suas irmãs.

— Nem mesmo com a irmã que acabou de ferir a sua garganta?

Ela levou uma das mãos ao pescoço dele, mas ele a afastou.

— Não me toque.

Abraçando o próprio corpo, ela deu um passo para trás.

— Sarhina disse que você arrastou Ahnna para esse seu plano — ele falou. — Onde ela está? O que ela está fazendo? E para onde, exatamente, você presume que irei com você?

— Ahnna está a caminho de Harendell — Lara respondeu. — Ela foi cumprir a parte dela no Tratado de Quinze Anos e implorar para Harendell ajudar Ithicana a retomar Northwatch ao nosso controle. — Ela virou a cabeça para longe dele. — Ao controle de *vocês*, digo.

As mãos de Aren se transformaram em gelo.

— Você entregou minha irmã por causa de um tratado que não existe mais?

Ela não tem poder lá. Nem aliados. Eles podem fazer o que quiserem com ela. — Ele se virou, pensando em como poderia parar Ahnna antes que fosse tarde demais. — A única razão pela qual eles seriam benevolentes com ela era porque isso lhes renderia condições favoráveis na ponte. Uma ponte sobre a qual Ithicana não tem mais controle! Aos olhos deles, ela não vale nada.

Ithicana não valia nada. Se Harendell desejasse arrancar Northwatch do controle de Maridrina, provavelmente conseguiriam. Mas não havia razão para eles não pegarem a ponte para si.

— Esse plano é uma loucura.

Lara ficou em silêncio, depois disse:

— Eu discordo. Depois que nos separamos, passei meses em Harendell. Esse é um risco que eles assumiram com prazer, mas só se você cumprir a outra parte do acordo.

— Que é?

— Uma coisa é Harendell tomar Northwatch. Outra bem diferente é eles navegarem pelos Mares de Tempestade para tomar Northwatch bem debaixo de nariz Maridriniano. Precisamos garantir outro aliado.

O estômago de Aren despencou, porque ele *sabia* o que ela planejava. Assim como ele sabia que era loucura até mesmo sonhar que isso aconteceria.

— E é por isso que — Lara prosseguiu — você e eu iremos cavalgar para o sul e reparar o relacionamento de Ithicana com a Imperatriz de Valcotta.

24
LARA



ESTAVA PERTO DO AMANHECER, e o céu havia clareado durante a noite, dando lugar a um nascer do sol brilhante rosa, laranja e dourado. No entanto, Lara não deu atenção à beleza do momento. Ela estava de pé do lado de fora da abertura da caverna, mordiscando um pedaço de pão, apesar de não ter apetite.

Ela mal dormira.

Como poderia dormir quando Bronwyn estava à beira da morte, o ferimento dela sendo resultado de Lara ter arrastado-a para essa confusão. Cada vez que adormecia, Lara acordava de repente, certa de que a irmã havia parado de respirar. Certa de que havia a perdido. Que ela tinha matado Bronwyn com tanta certeza quanto matara Marylyn.

E Aren piorava tudo. Depois de ela contar-lhe o plano, ele fez de tudo para se manter tão longe dela quanto a caverna permitia, recusando-se a encontrar o olhar dela e, em vez disso, escolhendo encarar as profundezas da pequena fogueira por horas.

A culpa era companheira constante de Lara desde a noite em que ela fora exilada de Ithicana, mas agora o sentimento ressurgia, renovado, fazendo o estômago dela doer. Ela havia causado danos demais. Mesmo se seu plano funcionasse, mesmo se Ithicana garantisse alianças e retomasse a ponte, esse dano não seria desfeito.

— Está pronta?

Sarhina apareceu por trás dela, entregando à Lara um copo de lata cheio de um líquido fumegante.

— Ele me odeia. — Contra a própria vontade, uma lágrima quente escorreu pela bochecha de Lara, que ela enxugou com raiva. — Eu pensei... — Ela se interrompeu, balançando a cabeça. — Eu não sei o que pensei.

— Que ele te perdoaria porque você resgatou aquela bunda ingrata, embora

bastante perfeita?

Lara fez um ruído que foi meio riso, meio soluço.

Lançando um olhar para trás na direção da caverna, Sarhina pegou Lara pelo braço e a conduziu pelo barranco.

A claridade havia aumentado o suficiente para que Lara conseguisse enxergar o rosto da irmã, as sombras sob os olhos dela e a tensão ao redor da boca. Exaustão e preocupação, nada disso era bom para o bebê.

— Ele pode nunca te perdoar, você sabe disso, certo? E você não tem controle sobre isso.

O pescoço de Lara estalou quando ela assentiu, os músculos tensos.

— Eu sei.

— Isso muda alguma coisa? — Sarhina indagou. — Você quer desistir disso tudo? Porque você pode. Podemos dar os cavalos e suprimentos para aquela vaca velha e Sua Graça, depois nós quatro saímos daqui e os deixamos fazerem o que bem entenderem.

— Não. — Lara não podia desistir. Ela morreria antes de desistir, independente de como Aren se sentia sobre ela. Porque libertar Ithicana da opressão do pai dela era algo que ela precisava fazer para viver consigo mesma. — Mesmo que ele me perdoe, o resto de Ithicana nunca perdoará. E não irei obrigá-lo a escolher entre nós. Vou até o fim nisso, depois irei embora e…

Ir embora e depois o quê?

Os planos de Lara se limitavam a libertar Aren e depois libertar Ithicana, e ela não se permitia imaginar o que faria depois de atingir tais objetivos. Não se permitia pensar no momento em que teria que se afastar de Aren e nunca mais olhar para trás.

— Suspeito que irei atrás de nosso pai.

Sarhina exalou.

— Ou talvez seja melhor deixar tudo isso para trás e vir me encontrar. Construir uma vida em algum lugar que não seja castigado por política e violência. Seguir em frente com alguém que irá colocá-la em primeiro lugar.

O peito de Lara se apertou, uma onda repentina de angústia a invadindo, e ela desviou o olhar.

— Dói pensar nisso. — E por mais ilógico que fosse, o que Sarhina descreveu *não* era o que ela queria. Não era *quem* ela era.

— Dói agora porque a dor é recente. Vai melhorar com o tempo. — Sarhina puxou Lara para perto e pressionou os lábios contra a testa dela. — Faça o que for necessário para resolver isso e depois retorne para nós. Promete?

Antes que ela pudesse responder, passos soaram contra o chão, e Lara se afastou da irmã para ver Aren parado na entrada da caverna, os braços cruzados

e a boca comprimida em uma linha fina.

Era a primeira oportunidade de Lara de vê-lo à luz do dia, e Lara encontrou seus olhos vagando pela forma alta do Ithicano, os ombros largos e quadrados, a cabeça erguida. O cabelo de Aren estava mais comprido do que ele usava em Ithicana, mostrando um pouco dos cachos de Ahnna, e o rosto dele estava sombreado com barba por fazer.

— Bronwyn está acordada e te chamando — ele avisou, a voz profunda e ilegível.

— Obrigada por me dizer. — Ela tentou encontrar o olhar dele, mas Aren o desviou, dizendo:

— Vou preparar os cavalos.

Sarhina bufou.

— Como se você soubesse fazer isso. Vou te ajudar.

— Vou me despedir de Bronwyn e Cresta — murmurou Lara. Entrando na caverna, ela respirou fundo quando viu Bronwyn sentada, o peso apoiado em Cresta enquanto Nana colocava caldo em sua boca. — É bom te ver acordada.

— Relutantemente. — A irmã dela sorriu. — Mas eu não poderia deixar você me largar inconsciente perto do fogo de novo, não é?

Nana bufou e cuspiu no canto, saindo de perto delas.

— Deus, como ela é teimosa — Bronwyn murmurou, o rosto ainda pálido se contraindo. — Como você a aguentou por um ano?

— Mantendo meu contato com ela o mínimo possível. — Lara deu um sorriso presunçoso. — Teve uma noite em que precisei fugir, então dei laxante pra ela. Tive horas de liberdade enquanto ela permanecia confinada à latrina.

As duas irmãs riram e Bronwyn agarrou o próprio ombro.

— Pare. Pare. Isso dói.

Lara se inclinou e pressionou a testa contra a da irmã.

— Você vai melhorar. Eu não vou aceitar o contrário.

— Você se tornou muito autoritária, Vossa Majestade — Bronwyn comentou antes de se inclinar na direção de Lara.

Cresta pressionou a cabeça contra a delas. Depois, outro par de braços as envolveu, e a barriga grávida de Sarhina abriu caminho por dentro do abraço.

Lara se permitiu um momento para respirar antes de dizer:

— Sigam com o plano. Voltem para as montanhas e se mantenham seguras. — Uma declaração tão fácil de fazer, mas Lara sabia que as irmãs ainda corriam grande perigo. As que ainda estavam em Vencia permaneceriam na cidade, escondendo-se até que a temporada de tempestades se acalmasse, depois se dividiriam e pegariam navios para o norte e para o sul. Sarhina, Bronwyn e Cresta se encontrariam com uma caravana mercante do povo de Ensel, que lhes

daria cobertura e levaria-as de volta para Renhallow. Com sorte, isso aconteceria antes do bebê de Sarhina nascer.

— Iremos embora imediatamente. — Sarhina se levantou. — A carroça tem um compartimento para contrabando. Vamos esconder Bronwyn e Cresta lá dentro para caso cruzemos com uma patrulha. Ninguém vai suspeitar de uma velha e de uma menina grávida. E nenhuma patrulha vai querer revistar uma carroça cheia de esterco de vaca em busca de contrabando.

— Você planeja tudo.

— Você deveria tentar um dia — a irmã dela respondeu, depois deu à Lara um sorriso e um empurrãozinho na direção da entrada da caverna.

Do lado de fora, Aren estava com os cavalos, imerso em uma conversa com Nana, mas eles se calaram no momento em que avistaram Lara. Caminhando até seu cavalo, Lara apertou a cilha no animal e verificou se os alforjes estavam bem presos antes de montar. Ela desviou o olhar quando Aren montou desajeitadamente no cavalo dele, embora uma certa parte mesquinha dela gostasse de vê-lo ser incompetente em alguma coisa. Especialmente depois de toda a zombaria que ela havia sofrido por causa do enjoo que sentia no mar.

— Se acontecer alguma coisa com ele... — Nana começou a dizer, mas Lara estava cansada das ameaças dela.

— Sim, sim. Você vai me caçar e me dar de comida aos tubarões. Eu lembro. — Ela estalou a língua para fazer o cavalo se mover, descendo a trilha até o rio. Um momento depois, ela ouviu o baque surdo do cavalo de Aren trotando atrás dela.

Ela esperou até eles cruzarem o rio, rumando ao sudeste em direção às montanhas baixas, antes de ficar ao lado dele.

— A essa altura, eles já devem ter determinado que minha fuga de ontem à noite foi só uma armadilha e que nós não escapamos pela água. Mas eles irão prever que essa é a nossa intenção, então suspeito que as patrulhas ao longo da costa estarão reforçadas. Por isso, contornaremos pelos limites do Deserto Vermelho até chegarmos ao território Valcottano, e aí podemos retornar à trilha e cavalgar direto para Pyrinat. — A capital de Valcotta era o lugar mais certeiro para encontrar a Imperatriz.

Os olhos de Aren permaneceram fixos no caminho à frente deles, os nós dos dedos brancos de segurar as rédeas.

— Supondo que Keris tenha libertado Zarrah, tudo isso é desnecessário. Ela deu a palavra dela de que iria abastecer Eranahl.

— O que irá comprar tempo, mas não resolve o problema. E não temos como saber se ela conseguiu escapar, especialmente porque meu meio-irmão está envolvido. Você confia demais, Aren.

— Irmão completo.

Lara abriu a boca e a fechou de novo. Depois de um momento, ela perguntou:

— Como disse?

— Vocês têm a mesma mãe, ou foi o que ele disse.

Era possível. Lara deixou o complexo quando tinha cinco anos e, embora se lembrasse de Keris, suas memórias eram confusas e inespecíficas.

— E eu não confio em Keris, nem de longe — Aren prosseguiu. — Mas tenho total confiança de que ele fará o que for preciso para permanecer vivo e, para que isso aconteça, ele precisa pegar a coroa do seu pai. E para que isso aconteça, ele precisa que Eranahl resista.

Em silêncio, Lara escutou Aren explicar o plano de Keris, que, na opinião dela, era excessivamente complicado. Mas em vez de focar na trama do *irmão,* a primeira pergunta que deixou os lábios dela foi:

— Minha mãe... Ela ainda está viva?

Aren ficou em silêncio por um longo momento, depois balançou a cabeça.

— Não.

Dor a apunhalou no estômago, os longos anos desde que vira a mãe não servindo de nada para diminuir a dor.

— Você sabe como ela morreu?

— É melhor se você não souber. — Aren chutou as laterais do cavalo e seguiu adiante dela na trilha.

Um lampejo de raiva queimou pelas veias dela, e Lara galopou, passando por ele, e virou o cavalo para bloquear o caminho dele.

— Não seja mesquinho, Aren. Esconder isso só para me irritar é um golpe baixo.

— Grande presunção achar que me importo o suficiente para irritá-la.

Ele desviou o olhar ao dizer isso, e ela estreitou os olhos, sabendo que ele estava mudando de assunto. Exalando lentamente, ela pediu:

— Por favor, me diga a verdade.

O silêncio se estendeu.

— O que eu sei é o que Keris me contou. — Aren encontrou o olhar dela. — Ele disse que sua mãe tentou ir atrás de você para trazê-la de volta, e que seu pai a estrangulou como punição. E também como um aviso para as outras esposas não o contrariarem. — Ele hesitou, depois acrescentou: — Sinto muito.

Lara não conseguia respirar. O mundo girou, focando e desfocando, e ela se dobrou para a frente, os punhos cerrados em torno das rédeas. Entredentes, ela rosnou:

— Eu o odeio!

— Keris também. Portanto, se não confia em nada mais, confie nisso. — Ele bateu os calcanhares nas laterais do cavalo e quicou adiante como um enorme saco de batatas, deixando-a sem escolha a não ser segui-lo.

O ritmo rápido e a necessidade de manter-se alerta serviram bem para distrair Lara da dor que pesava em seu estômago enquanto eles cavalgavam ao longo da trilha sinuosa que levava pelas colinas e montanhas ao redor do Deserto Vermelho. Ocasionalmente, eles passaram por um fazendeiro ou pastor, mas as pessoas prestaram pouca atenção, já que os dois estavam vestidos como mercadores Maridrinianos e as armas de Lara permaneciam escondidas.

Eles pararam perto de um córrego ao meio-dia para comer e permitir que os cavalos bebessem água. Mesmo assim, Aren não disse uma palavra. Então, Lara pulou quando ele perguntou:

— Como você fez aquilo?

— Fiz o quê? — ela perguntou, embora soubesse ao que ele se referia. Essa não era uma conversa que ela queria ter.

— Como e *quando* escreveu o plano de se infiltrar em Ithicana naquela carta que enviei para seu pai? Eu a escrevi pouco antes de nós… — Ele se interrompeu, virando-se para mexer no arreio de seu cavalo. — Deixa pra lá. Não importa. Eu não quero saber.

— Aren…

— Eu não quero saber. — Ele montou no cavalo. — Vamos.

Com o peito apertado, Lara encheu seu odre no riacho, depois montou e cavalgou atrás dele.

— Eu o escrevi na noite em que você foi atingido no ombro por aqueles invasores. — Enquanto ela dizia essas palavras, a mente dela foi preenchida pela visão de Aren ajoelhado na trilha lamacenta, sangrando enquanto tentava explicar seu sonho de uma Ithicana diferente, uma que não fosse dominada pela guerra e violência constante. — Escrevi a mensagem em todos os pedaços de papel, sabendo que eventualmente você escreveria algo para meu pai.

— Eu não quero ouvir isso. — Ele chutou o cavalo, mas puxou as rédeas ao mesmo tempo, e o animal apenas bufou e empinou-se, irritado. — Mova-se, sua criatura estúpida!

— Na noite em que ficamos juntos pela primeira vez, antes de eu sair para falar com você no jardim, eu estava no seu quarto destruindo os papéis. Toda aquela tinta derramada que você achou que era culpa do seu gato era culpa minha. E eu contei todas as páginas. A carta que você começou somada ao resto… estavam todas lá. Não sei como uma passou despercebida por mim, mas por favor, saiba que quando fui até você, eu acreditava que tinha acabado com meus planos.

Desistindo do cavalo, Aren escorregou para o lado e caminhou pela trilha.

— Não importa, Lara! Ainda assim aconteceu.

Como poderia não importar? Como poderia não importar para ele que ela tentou impedir os próprios planos de verem a luz do dia? Como poderia não importar que ela virou as costas para o pai e para uma vida inteira de treinamento? Como poderia não importar que a invasão tivesse sido um choque tanto para ela quanto para ele?

Pegando as rédeas do cavalo dele, ela gritou atrás dele.

— Aren, escute! Sei que a culpa é minha, mas por favor, entenda que não era minha intenção que isso acontecesse.

Ele se virou, enfiando a mão no casaco, e retirou uma página amassada e gasta devido a ser dobrada e desdobrada constantemente, e Lara a reconheceu como aquela carta desgraçada.

— Eu li essa carta todos os dias desde que sua irmã a esfregou na minha cara. Porra, todos os dias eu leio seus planos e vejo como você me manipulou. Como cada momento juntos era só parte da sua estratégia de me atrair e me fazer confiar em você. De encontrar as informações de que precisava para destruir tudo que era importante para mim.

Tolice ou não, essa era a razão pela qual ela nunca havia contado a ele que escreveu a carta: porque ela sabia que ele reagiria assim.

— Mas isso não é o pior de tudo — ele berrou. — Você tinha seus motivos para fazer o que fez. Qual é a minha desculpa? Cada detalhe que você aprendeu, cada oportunidade que teve de espiar... foram erros meus. Te levar para Ithicana foi erro meu. Confiar em você foi erro meu. Te amar foi erro meu. — Pegando uma pedra, ele a arremessou contra uma árvore. — Ithicana caiu por minha causa e, se você acha que ela se reerguerá sob meu comando, está extremamente enganada

Naquele momento, ela entendeu o que alimentava a raiva nos olhos dele. Não era ela. Não era o que ela havia feito. Era a si mesmo quem Aren realmente culpava.

E o que ela poderia dizer? Argumentar que ele não deveria se culpar por ter se casado de boa fé parecia vazio e idiota. Lara abriu a boca e voltou a fechá-la, rejeitando cada palavra que chegava aos seus lábios.

— Aren…

Ela se interrompeu, o som de cascos invadindo seus ouvidos. Virando-se na sela, ela olhou para trás por onde tinham vindo, mas era impossível enxergar qualquer coisa por entre as árvores.

— Tem alguém vindo.

— Mais de um. — Ele foi para o lado do cavalo dela, a cabeça inclinada

enquanto escutava. — Ouviu isso?

Ela percebeu os sons fracos de cães latindo.

— Estão nos rastreando. Precisamos cavalgar rápido. Agora!



POR DOIS DIAS eles avançaram pelas colinas e vales, lutando para fugir de perseguidores que pareciam nunca se cansar, sempre apenas alguns passos atrás, não importando quantos truques Lara utilizasse. Ela roubara montarias descansadas quando cruzaram pequenas aldeias e fazendas, deixando seus animais exaustos para trás como forma de pagamento. Mas os cavalos não tinham a qualidade da montaria dos soldados do pai de Lara, então a cada hora que se passava, o som de cães latindo e cascos galopando se aproximava.

— Eles sabem para onde estamos tentando ir — Aren falou para ela, movendo-se na sela enquanto os cavalos bebiam de um pequeno riacho.

— Eu sei. — Ela tampou o odre e o entregou a Aren antes de encher o outro. — Eu esperava que Serin descobrisse meu plano, mas não tão rápido. — Ela só rezava para que fosse porque ele a conhecia bem, e não porque havia capturado uma das irmãs de Lara.

— Os soldados do seu pai irão cavalgar a todo vapor pela estrada principal na costa e depois irão para o leste para nos interceptar. Não temos chance de fugir deles. Não nesses pôneis.

— Não são pôneis — ela murmurou, dando tapinhas em seu cavalo suado enquanto subia de volta na sela. — Eles só não foram feitos para velocidade.

— Peço desculpas por ofendê-los — Aren retrucou. — Mas o fato que importa é que, nesse instante, velocidade é o que precisamos.

Dormir era o que os dois precisavam. Nenhum deles havia tido mais do que algumas horas de sono, todas elas na sela enquanto o outro conduzia os cavalos. Lara se sentia exausta e dolorida, e a acidez constante de Aren estava acabando com a paciência dela.

— Vamos nos aproximar dos limites do deserto. Não terá muita água por perto, e por isso eles podem não esperar a mudança. Depois que nós os contornarmos, podemos voltar para a costa e comprar cavalos mais rápidos.

Se ao menos ela se sentisse tão confiante quanto as próprias palavras soavam.

Apertando os calcanhares, ela conduziu Aren pela trilha estreita, lançando olhares ocasionais para trás. Era impossível esconder a rota que eles seguiram no terreno acidentado, que agora não tinha árvores. Ela conseguia ver o brilho do

sol refletindo em uma luneta, a nuvem de poeira levantando sob cascos.

O que ela não daria para chover naquele exato momento, para que água limpa e gelada caísse do céu e lavasse a sujeira, enchesse sua boca, afogasse o cheiro do rastro deles. Mas o único tipo de tempestade que provavelmente encontrariam agora era o tipo cheio de poeira.

A cada hora que passava, eles cavalgavam mais para o leste, o ar ficando mais seco e o vento carregando o cheiro familiar de areia. Conduzindo o cavalo até o topo de uma colina, Lara parou para olhar na direção das areias vermelhas que se estendiam diante dela, vastas e sem fim como o oceano.

— A partir daqui, seguimos para o sul o máximo que conseguirmos até os cavalos precisarem de água. Daí, vamos…

Ela se interrompeu, os olhos indo para a nuvem de poeira que se movia em direção a eles. *Impossível.*

— Droga! — Aren rosnou as palavras, apontando para trás deles. Mais dois grupos se moviam rapidamente. Enclausurando-os em todas as direções.

Todos as direções, isto é, exceto uma.

Girando seu cavalo, Lara olhou para o leste, as areias vermelhas parecendo se deslocar e se mover com as ondas de calor.

Eles não estavam equipados para isso. Não tinham água suficiente, especialmente considerando os cavalos. Mas lá, pelo menos, eles tinham uma chance, enquanto permanecer aqui significaria ser mortos ou capturados.

Tomando uma decisão, Lara cravou os calcanhares nas laterais do cavalo suado e conduziu Aren e a montaria dele para dentro do Deserto Vermelho.

25

AREN



ELE NUNCA CONHECERA calor como este.

Durante dias, eles avançaram pelo deserto, a poeira levantada por seus perseguidores sempre visível no horizonte.

Ele havia exaurido o resto da água, a boca dele agora totalmente seca, a pele queimando sob o ataque incessante do sol e os lábios rachando. Abaixo do Ithicano, o cavalo cambaleou, suas laterais arfantes e a crina com crostas brancas causadas pelo suor seco. O animal soltou um gemido e caiu de joelhos, fazendo Aren tombar na areia.

— Levante-se! — ele gritou para o animal, puxando as rédeas, mas o cavalo apenas permaneceu deitado de lado, as narinas dilatadas.

— Deixe-o. — Lara passou por ele, desatando os alforjes do animal, entregando-os a Aren antes de retirar os dela. Desamarrando os dois animais, ela acariciou os pescoços deles antes de colocar as próprias bolsas nos ombros.

— Nós vamos morrer aqui — ele disse a ela.

Em vez de responder, Lara ergueu a mão para proteger os olhos enquanto observava o horizonte.

— Ainda não. Agora ande.

Horas se passaram, cada passo um ato de vontade, cada respiração dolorosa. Mas Lara não vacilou, e ele se recusava a ser o primeiro a desistir.

Eles escalaram uma duna que parecia alcançar o céu, uma montanha de areia que deslizava e se movia sob os pés de Aren, fazendo-o tropeçar. Cair. Levantar-se de novo só para repetir o processo.

Ele estava com muita sede. Sedento de uma forma que ele não sabia ser possível. A necessidade de água era tão terrível que o pânico começava a se instalar, como ficar preso debaixo d'água e precisar respirar desesperadamente. Exceto que essa tortura parecia durar para sempre.

Chegando ao topo da duna, ele parou ao lado de Lara, ofegante, sabendo que deveria olhar para trás para ver o quão perto seus perseguidores estavam, mas incapaz de reunir energia para isso.

E então, ele ergueu a cabeça e viu o que fez Lara parar em primeiro lugar.

O paredão de areia devia ter uns trezentos metros de altura. Raios lampejavam através dele, o trovão ecoando e o som atravessando as dunas momentos depois.

Lara não se moveu, encarando a tempestade como se estivesse hipnotizada, o vento esvoaçando seu cabelo em uma nuvem dourada. Desviando o olhar dela, Aren viu os oito homens montados em camelos à distância, agitando os braços enquanto batiam em suas montarias para irem mais rápido.

— Lara! — A boca dele estava completamente seca. — Os camelos conseguem ser mais rápidos do que a tempestade?

Ela se virou para analisar a tropa, que se aproximava rapidamente.

— É nisso que eles estão apostando. Nos capturar ou matar e depois correr em direção às extremidades, onde se protegerão em tendas até a tempestade passar.

— Então nós lutamos e tomamos os animais deles.

E talvez, se os dois não estivessem a um passo de morrer de desidratação e exaustão, seria um plano. Mas eles não tinham mais flechas para reduzir o número de homens, e até mesmo desembainhar a espada exigia quase toda a força de Aren. Não seria uma luta que eles ganhariam.

E pela expressão sombria no rosto de Lara, ela sabia disso.

— A tempestade precisa lutar essa batalha por nós. — Correndo, ela entrou no pesadelo de vento e areia.

26
LARA



ERA A ÚNICA CHANCE DELES.

A maioria pensaria que era uma miragem ou uma ilusão, mas ela havia visto um tremor verde à distância, uma espécie de sexto sentido enraizado nela devido a uma vida vivida no deserto. Só o que eles tinham que fazer era correr em direção à tempestade.

A cabeça dela martelava, uma batida constante que rivalizava com o volume crescente do trovão, mas ainda assim, ela seguiu em frente, arrastando Aren junto.

Ele tropeçou e caiu, mas ela o ajudou a se levantar, puxando o braço de Aren por sobre o ombro dela, embora os joelhos de Lara mal sustentassem o próprio peso. Um olhar para trás revelou os cavaleiros cada vez mais próximos.

O que o pai dela oferecera a esses homens? Que recompensa, que riquezas valiam a pena cavalgar em direção a uma morte em potencial para capturar duas vidas?

Ou talvez não fosse uma recompensa.

Talvez fosse o medo do que o pai dela faria com eles se não levassem as cabeças dela e de Aren de volta.

Os ventos estavam aumentando, enchendo o ar de areia, e Lara parou para ajustar seu lenço de modo que a peça ficasse apertada sobre a boca e orelhas dela. Ela fez o mesmo com Aren, mas cobriu os olhos dele.

— Não me solte — ela gritou, e o conduziu adiante.

Os olhos dela ardiam por causa da areia e dos grãos, seu corpo incapaz de produzir lágrimas para limpá-los.

Mas ela conseguia sentir o cheiro. Água. Salvação.

Eles estavam tão perto.

Lara ouviu os gritos dos homens do pai dela mesmo enquanto o sol

desaparecia do céu, coberto pelo rápido redemoinho de areia. Minutos. Eles tinham minutos antes que a tempestade caísse sobre os dois e eles perdessem a visão.

Eles tinham que continuar seguindo em frente.

O rugido do vento era ensurdecedor, sua força golpeando-os de um lado a outro. A areia atingia a carne exposta de Lara e os olhos dela estavam em pura agonia enquanto ela agarrava a mão de Aren, arrastando-o passo após passo.

Você consegue, ela gritou silenciosamente para si mesma. *Você irá sobreviver a isso.*

A escuridão caiu sobre eles e Lara fechou os olhos, puxando o lenço para cobrir o rosto completamente.

Ela não tinha senso de direção. Quase nenhum sentido de cima e baixo.

Agora, havia coisas mais pesadas do que areia no ar e ela gritou quando uma pedra cortou seu ombro.

Ao lado dela, Aren tossia violentamente. Então, ele caiu, soltando a mão dela.

— Aren! — ela berrou, tateando a areia, agora tossindo também, partículas minúsculas atravessando seu cachecol e sufocando seus pulmões. — Aren!

Mas ela não conseguia encontrá-lo e estava com medo de se mexer e seguir na direção errada.

— Aren!

Ela estendeu os braços o máximo que pôde enquanto girava em círculos, de joelhos. Pedaços de rocha atingiam Lara, cortando suas roupas. Cortando sua carne.

— Aren!

Os dedos dela roçaram tecido e Lara se lançou para frente, encontrando a forma curvada do Ithicano. Ela pressionou os lábios onde o tecido do lenço cobria a orelha dele.

— Levante-se! — Eles seriam enterrados se ficassem parados por muito tempo. — Rasteje!

Ele se mexeu, colocando-se sobre as mãos e os joelhos. Ela podia senti-lo estremecer a cada tosse, embora não conseguisse escutá-lo acima do vento. Acima do alto crepitar de trovão.

Através de suas pálpebras, ela viu um lampejo de relâmpago e seus ouvidos doeram com o *bum* que se seguiu. Então, cheiro de fumaça invadiu o nariz dela.

O raio havia atingido uma das árvores do oásis.

Mal conseguindo respirar, Lara agarrou-se com força ao casaco de Aren, seguindo o cheiro estranho que girava e dançava ao redor dela.

Continue, ela entoou. *Você não irá deixá-lo morrer.*

Os dedos dela pressionaram contra algo duro. Tossindo, Lara tateou o objeto. Pedra lisa. Blocos.

O muro do pátio de treinamento, agora quase enterrado por areia.

Ela avançou avidamente, seguindo o muro, que eventualmente circularia ao redor da construção onde as armas eram guardadas. Eles poderiam se proteger lá dentro até que a tempestade passasse.

Aren desmaiou.

— Não! — ela gritou. — Não! — Então, um acesso de tosse tornou impossível falar.

Pegando-o por baixo dos braços, ela o arrastou, passo após passo, cada um deles agonizante. Caindo e forçando-se a voltar a levantar, verificando constantemente se o muro ainda estava próximo a ela.

Mas ele era pesado demais. Duas vezes o tamanho dela, e ela estava esgotada. Estava exausta e sufocando, e se ela pudesse só se deitar e descansar…

— Não! — A palavra se forçou a passar por entre respirações sufocantes.

Passo.

Passo.

O muro sumiu sob a mão esquerda dela. Confiando em sua memória, ela avançou até colidir com uma construção. Abaixando Aren no chão, ela manteve uma mão na dele enquanto tateava em busca da porta.

Aqui.

Estava aberta, e ela arrastou Aren para dentro, deitando-o próximo à parede de fundo. Lara recuou até a porta, retirando punhados de areia do caminho e puxando até a madeira fechar, a trava pesada se encaixando.

Os olhos dela ardiam e, a cada três respirações, ela tossia, a boca cheia de areia e seca demais para cuspir. Mas Aren, Lara temia, estava em um estado pior.

Ele não se moveu de onde Lara o deixara. Ele tossia quase continuamente, mas era a desidratação que mais a preocupava porque poderia matá-lo. *Iria* matá-lo, se ela não lhe desse água logo.

Mas a tempestade poderia durar horas. Dias. E os odres amarrados nas laterais deles estavam totalmente secos.

Deixando o lenço enrolado em volta do próprio rosto, Lara rastejou na direção do som da tosse dele, tateando até colocar os dedos na garganta nua de Aren. O pulso dele estava acelerado e a pele ardia em febre.

— Aren. — Ela o sacudiu. — Aren, você precisa acordar.

Ele resmungou e se moveu, afastando-a.

— Merda — ela rosnou, pânico crescendo em seu peito. — Não se atreva a morrer, seu idiota.

Ela precisava coletar água do riacho, e precisava fazer isso agora, com ou

sem tempestade.

Depois de puxar o lençol que cobria os olhos de Aren para baixo a fim de que ele não acordasse vendado, Lara tateou o caminho de volta para a porta. Certificando-se de que seu próprio lenço estava bem preso, ela pressionou o ombro contra a porta e empurrou, as botas deslizando no chão de pedra enquanto ela lutava contra o vento.

Lentamente, a porta entreabriu e a tempestade a puxou, arrancando a madeira da mão dela e fazendo o objeto bater com força contra o muro da construção.

Areia e vento giravam para dentro, um rugido estrondoso invadindo os ouvidos de Lara enquanto ela lutava para fechar a porta novamente. Ela se colocou entre a porta e a construção e esticou as pernas, empurrando a porta para fechá-la. A mulher prendeu a própria faca em uma das dobradiças para impedi-la de voltar a se abrir, depois começou a engatinhar.

O único sentido que restava a ela era o toque, e Lara se moveu com lentidão meticulosa, porque se perdesse o rumo, não conseguiria chegar ao riacho, muito menos voltar para Aren, antes da tempestade matá-la.

A memória a guiou, os dedos dela percorrendo as laterais da construção e cavando fundo para encontrar o mosaico de pedras enterrado pela areia. A última vez que ela veio aqui fora naquele fático jantar, prestes a falsificar a morte das irmãs para salvar suas vidas. Memória invadiu a cabeça dela, o som de seus saltos contra o chão, o cheiro de comida no ar, a sensação das saias de seda contra suas pernas. A única coisa que essa jornada tinha em comum com a última era o medo que Lara sentia.

Centímetro após centímetro, ela se moveu na direção do riacho, a tosse sacudindo suas laterais e as mãos queimando enquanto a areia as esfolava. O vento a empurrou em uma direção, depois em outra, derrubando-a no chão e golpeando o corpo dela com pedras e galhos arrancados da vegetação do oásis. Sangue escorria pela pele de Lara em uma dúzia de lugares.

A cabeça dela latejava tanto que ela mal conseguia pensar, a desorientação fazendo-a questionar cada movimento feito, quase paralisando-a.

Continue, ela gritou silenciosamente. *Só mais uma dúzia de passos.*

Mas e se ela estivesse errada? E se ela tivesse dado a volta?

Lara paralisou, o pânico sufocando-a tanto quanto a areia, sua respiração saindo em arfadas tão rápidas que não davam a seus pulmões nada do que ela precisava. Tontura tomou conta dela. Os braços e pernas de Lara se contraíram e o corpo dela se curvou sobre si mesmo até ela se tornar uma bola comprimida na areia.

Continue. Você é a Rainha de Ithicana, merda! Você não *será derrotada por areia!*

Com uma lentidão dolorosa, os membros de Lara obedeceram e ela se rastejou adiante.

A memória lhe dizia que a pequena ponte acima do riacho estava bem adiante, mas quando os muros baixos de pedra que delimitavam o caminho terminaram, só o que ela sentia na frente dela era areia. Mantendo um pé pressionado contra a parede para não se perder, Lara se esticou, apoiando o peso em uma das mãos enquanto estendia a mão, procurando por algo familiar.

Então, o chão desabou embaixo dela.

Ela caiu de cara em uma mistura de água e areia. Debatendo-se, ela rolou, colocando os joelhos sob o corpo e sentando-se, a lama na altura da cintura dela.

Xingando, ela se lembrou da última vez que uma tempestade de areia atingiu o complexo e como levou semanas para limpar o riacho… e mais um mês para ele fluir normalmente. A água seria potável, mas ela precisaria filtrá-la.

Desamarrando um dos odres da cintura, Lara rasgou um pedaço de tecido de suas roupas e envolveu-o na abertura, certificando-se de que estava bem preso. Em seguida, ela o mergulhou na sujeira pastosa, esperando até o odre estar cheio antes de afastar o lenço do rosto e tomar um gole. Estava arenosa e tinha um gosto terrível, mas ainda assim, a sensação da água gelada na boca era nada menos que uma bênção. Ela lavou a boca e cuspiu antes de tomar um longo gole.

Lara bebeu o máximo que pôde sem passar mal. Ela encheu o odre de água novamente, assim como o de Aren, garantindo que estavam presos com segurança em seu cinto antes de retornar ao percurso.

A água deu-lhe força e ela rastejou rapidamente de volta por onde viera.

— Estou indo — ela murmurou entre tosses. — Aguente firme.

Alcançando o arsenal, ela abriu a porta com força, prendendo-a atrás de si. Acima do rugido da tempestade, ela podia distinguir a tosse de Aren. Rastejando cegamente na direção dele, ela ergueu a cabeça e os ombros do Ithicano de modo a descansá-lo contra ela, depois abriu a tampa de um dos odres.

Esperando o acesso de tosse cessar, ela abriu a boca dele e pingou um pouco de água antes de fechar a mandíbula de Aren até que ele engolisse, repetindo o processo. Na quarta vez, ele engasgou e balbuciou. Saindo do aperto dela, ele rolou para o lado.

— Aren?

— Mais água — ele resmungou, e Lara empurrou o odre nas mãos dele, ouvindo-o engolir até julgar que era o bastante, depois o tomou de volta.

— Mais.

— Mais um pouco e você vai vomitar — ela respondeu, bebendo do odre. — E não vou voltar lá para buscar mais até que a tempestade tenha passado.

Lara se sentou contra a pedra fria da parede, tomando outro gole de água.

Seus olhos ardiam com uma ferocidade enlouquecedora, e ela rezou para que o dano não fosse permanente. Eles precisavam ser lavados, mas para isso, ela precisava de uma água mais limpa do que a que tinha. Ela estava encharcada por ter caído na fonte, com arranhões causados pela areia em lugares onde não era normal, as entranhas doloridas e todos os os músculos contraídos. Mas o pior de tudo era que ela estava congelando, as roupas molhadas parecendo gelo contra sua pele enquanto a temperatura do deserto caía na noite crescente.

— Onde estamos? — A voz dele estava rouca. — O que é este lugar?

Era um lugar secreto. Um lugar ao qual ela nunca pretendera retornar.

— Aqui — ela sussurrou, desabotoando a roupa encharcada e puxando-a sobre a cabeça — é onde tudo começou.

27

AREN



AREN CAMINHOU PELO corredor gelado, escutando o trovão do tufão lá fora, o ar pesado com umidade e a descarga elétrica dos relâmpagos. Ele tinha centenas de coisas para fazer. Milhares. Mas como ferro atraído por um ímã, ele sempre tentava encontrá-la, mesmo que tivesse que deixar de lado até mesmo as tarefas mais importantes.

Parando no patamar das escadas, ele apoiou os cotovelos no corrimão para observar o saguão do palácio. Lara estava sentada no chão em meio a uma dúzia de crianças, que a olhavam com expressões extasiadas. Ela lia para elas, como costumava fazer durante as tempestades, a voz se erguendo e abaixando dramaticamente, e as crianças inclinaram-se para frente com expectativa quando a história alcançou o clímax. Sentindo a presença dele, ela olhou para cima, um sorriso lento cruzando seu rosto.

Boom.

O palácio estremeceu com a intensidade do trovão, e várias crianças pularam de susto.

— Calminha. — Lara sussurrou. — Não há perigo aqui.

Um relâmpago lampejou, iluminando a sala abobadada, e ocorreu a Aren que aquilo era estranho, porque não havia janelas.

Boom.

Todas as luzes se apagaram, mergulhando o palácio na escuridão. Gritos preencheram o ar e Aren desceu as escadas correndo, tropeçando e vacilando na penumbra.

— Lara!

Mais gritos.

— Lara!

O relâmpago lampejou novamente e, por um segundo, Aren conseguiu

enxergar. Enxergar os pisos e paredes do palácio salpicados de vermelho. Então, mais uma vez, ele estava mergulhado na escuridão.

Boom.

— Lara! — ele gritou o nome dela, tateando na escuridão. — Onde você está?

Mais relâmpagos, iluminando Lara de joelhos, o pai dela parado atrás com uma faca na garganta da mulher.

— Diga-nos como entrar em Eranahl.

Aren acordou de repente.

Tudo ao seu redor era escuridão e barulho, e ele tossiu violentamente, a boca seca como serragem e a língua com gosto de areia.

Pânico o percorreu, e ele arrancou o lenço que envolvia seu rosto, os nós dos dedos roçando uma textura macia de cabelo.

Lara.

O corpo trêmulo dela pressionado contra o dele. Um dos braços dele estava sob o pescoço da mulher e o outro em volta do torso, os dedos do casal entrelaçados. Ela tossiu e rolou para ficar de frente para ele, ainda dormindo. E embora soubesse que não deveria, Aren apertou os braços ao redor dela, segurando-a contra o frio glacial da noite do deserto.

O barulho era inacreditável – tão intenso quanto o de qualquer tufão. O vento forte ricocheteando areia e Deus sabe o que mais contra as paredes da pequena construção de pedra. O trovão fez o chão tremer. Apesar da porta fechada e da total falta de janelas, poeira e areia ainda pairavam no ar, forçando-o a puxar o lenço de volta sobre o nariz e boca, embora odiasse a sensação sufocante.

Lara falou pouco depois de revelar que estavam no complexo onde ela crescera, os dois tão exaustos que adormeceram um ao lado do outro, ela usando a camisa dele em vez da roupa encharcada. Mas não foi necessária nenhuma explicação para Aren perceber que ela havia salvado sua vida.

Ele se lembrou de estar cercado por uma escuridão sufocante e arenosa, e então, nada, até que acordou com ela derramando água em sua boca. O que significava que ela havia conseguido encontrar esta construção, arrastado ele para dentro e depois voltado para fora em busca de água. Feitos aparentemente impossíveis, embora ela tivesse provado o contrário, e isso evocava nele uma admiração relutante.

A capacidade de Lara de suportar adversidades era nada menos que impressionante, e isso o surpreendia ao mesmo tempo que, de certa forma... *não surpreendia*. Mesmo quando ela escondia sua verdadeira natureza de Aren, ela se mostrara adaptável e disposta a se esforçar nas piores circunstâncias. Parte disso se dava por causa do treinamento, ao qual Serin e outros submeteram Lara

e as irmãs durante o tempo que elas passaram neste lugar, mas não era só isso.

Força de vontade. Era isso que a mantinha firme. Pura força de vontade e teimosia para combinar.

Mas o que ela esperava ganhar ao ajudá-lo?

Se fosse para ele aceitá-la de volta, ela estava perdendo tempo. Não importava que o fato da carta chegar ao pai dela tivesse sido um erro; as consequências foram as mesmas. E era tudo resultado das mentiras, farsas e manipulações dela. A mulher por quem ele se apaixonou não existia. Ela era só uma máscara que Lara escolhera usar por um tempo. Ele não a conhecia. Não queria conhecer.

Mentiroso, uma vozinha sussurrou dentro da cabeça dele. *Olhe para você! Se vocês não estivessem quase mortos, você provavelmente estaria entre as pernas dela!*

Raiva queimou por dentro dele, e Aren retirou o braço de debaixo do pescoço de Lara e se sentou. Procurando na escuridão, ele encontrou a roupa dela, que estava seca, e a colocou sobre o corpo adormecido da mulher. Então, a ventania morreu abruptamente, o bombardeio de projéteis contra o abrigo cessando o ataque.

A porta estava delineada por uma luz fraca, e ele a abriu. Piscando por conta do brilho do sol da manhã, ele assistiu o paredão da tempestade de areia se mover firmemente para o oeste. Totalmente diferente dos tufões que assolavam Ithicana, mas não menos mortal.

Fechando a porta atrás de si, ele analisou o lugar onde Lara havia crescido.

Havia areia vermelha por toda parte, amontoada alta o bastante para cobrir partes das construções de pedra no perímetro do complexo, mas o olhar dele foi imediatamente para as árvores e folhagens, que pareciam tão deslocadas no deserto.

Assim como o cheiro de água.

Aren caminhou entre as construções, que estavam manchadas de fuligem, algumas das portas destruídas ou carbonizadas. Mas ele não parou para investigar, a sede fazendo-o seguir em frente.

Chegando às árvores, que estavam com os troncos danificados e sem folhas devido à tempestade, ele encontrou o riacho que mantinha a vegetação, embora não fosse nada além de uma sopa de areia. Retirando a areia até uma poça de água se formar, ele bebeu das mãos em formato de concha, engasgando com a areia ao mesmo tempo que saboreava a sensação do líquido morno na língua. Somente quando sua sede foi saciada, ele caminhou na direção do centro do oásis, onde encontrou uma grande mesa cercada por cadeiras tombadas, quase enterradas por areia. Pedaços de talheres espalhados espreitavam pela areia,

refletindo o sol, e havia pratos quebrados e pedaços de vidro dispersos.

Curioso, Aren se aproximou, mas seu pé atingiu algo na areia, fazendo-o tropeçar e quase cair. Abaixando-se para libertar a bota, a mão dele congelou quando ele percebeu no que havia pisado.

Um cadáver ressecado.

Xingando, ele libertou o pé dos ossos e roupas, mas quando ergueu a cabeça, percebeu que o corpo não estava sozinho. Para onde quer que ele olhasse, ossos projetavam-se da areia, a cena não mais parecendo uma festa abandonada, mas sim um túmulo.

Ele procurou pelas construções ao redor, seus conteúdos destruídos e queimados, e encontrou mais corpos. Dezenas de mortos, o fogo não havia sido quente o suficiente para apagar as evidências. Apesar de ter visto mais do que a cota dele de cadáveres, este lugar fazia a pele de Aren arrepiar.

— Aren! — A voz de Lara alcançou os ouvidos dele, e ele saiu da construção, piscando sob o sol forte. — Aren, onde você está?

Deixe-a entrar em pânico, sussurrou a parte irritada da consciência dele. *Deixe-a pensar que você partiu, que não precisa dela.*

Então, ele a viu andando pela trilha, vestindo somente a camisa dele e botas. Ela se movia lentamente, uma venda ainda em volta dos olhos. O que havia de errado com ela?

— Aren! — Os braços dela estavam estendidos, tocando as laterais das construções em busca de orientação, mas a bota dela prendeu em uma pedra e ela tropeçou e caiu. Ela voltou a se levantar em um piscar de olhos, mas pela maneira como ela vacilou, ele percebeu que ela estava desorientada. Perdida. — Você está bem?

A angústia e o medo na voz dela fizeram o peito de Aren apertar.

— Estou bem, Lara. Fique aí. Estou indo.

Andando na direção de Lara, Aren removeu a venda dela cuidadosamente, fazendo uma careta diante da visão. Os olhos dela estavam quase fechados devido ao inchaço, a pele ao redor deles vermelha e com arranhões, e lágrimas escorriam pelo rosto cheio de areia e sangue dela.

— Você consegue enxergar?

— Não muito bem.

A memória da tempestade o invadiu, da mulher cobrindo o rosto dele, incluindo os olhos de Aren. De ela levando-o para a segurança enquanto os próprios olhos pagavam o preço.

— Deixe-me dar uma olhada.

Não que ele tivesse certeza de como ajudá-la. Olhos eram coisas delicadas e, embora ele fosse hábil o suficiente para consertar ossos e suturar feridas, isso

não era algo que ele conhecia bem. Mas eles precisavam ser lavados, no mínimo, e isso ele conseguia fazer.

— Eu encontrei a cozinha na minha exploração. Lá deve ter o que precisamos para te limpar.

Pegando a mão dela, ele a conduziu pelas trilhas, tentando não notar a textura da pele dela sob a própria. Não mais macia e lisa como era quando eles estavam em Ithicana, mas seca e calejada. Ainda assim, o formato da mão dela, a forma como se enrolava à mão dele, era dolorosamente familiar. Ele a largou no momento em que chegaram à cozinha.

— Fique aqui — ele murmurou. — Vou pegar um pouco de água.

A areia começava a assentar no riacho, mas a água ainda estava turva. Ele encheu uma chaleira e uma panela e levou-as para dentro. Depois de pensar um pouco, ele foi até uma das construções onde havia visto restos de vestidos e encheu o braço de pedaços de seda. Depois de várias tentativas, Aren conseguiu filtrar a água pelo tecido até ficar límpida, depois a ferveu no fogão, deixando a chaleira de lado para esfriar.

— Você me disse uma vez que seu pai mandou matar todos os que conheciam os planos dele. Foi aqui que aconteceu?

Ela virou a cabeça, enxugando as bochechas.

— Sim.

— Você o ajudou a matá-los?

— Não. — A voz dela estava apática. — Mas também não fiz nada para salvá-los.

Aren a encarou, esperando, observando o leve enrijecimento dos músculos da mandíbula dela. O mais leve sulco na testa dela, que agora ele sabia que significava que ela estava considerando se devia dizer a verdade ou mentir.

Lara suspirou.

— Meu pai veio com os guardas dele para buscar a garota escolhida por Serin para se casar com você, que era minha irmã, Marylyn.

A mulher que tentou matá-lo em Midwatch. Que *havia* matado Eli, bem como a mãe e tia do menino, e Deus sabe quantos outros. A irmã que *Lara* matou com um estalar de pescoço.

— Eu era próxima do meu mestre de armas. Na primeira noite do grupo do meu pai aqui, ele deu um jeito de eu ouvir os planos deles. Descobri que meu pai pretendia me matar e as minhas outras irmãs na noite em que Marylyn fosse anunciada oficialmente como a escolhida. Os custos associados a nós permanecermos vivas eram maiores do que ele queria pagar. O que significava que eu só tinha alguns dias para descobrir como salvar todas as nossas vidas.

— Seu pai me contou essa história.

Ela franziu o cenho.

— Por quê?

— Eu não sei. — Uma mentira. Havia conforto na crença de Aren de que Lara não era o tipo de pessoa que arriscava a própria vida em uma tentativa de resgate. Silas havia roubado isso dele. — Por que não contou às suas irmãs e fugiu? Com o seu treinamento, teria sido fácil.

— Sim, mas também significaria que passaríamos nossas vidas inteiras fugindo, a menos que também matássemos meu pai e todos os seus guardas, o que tinha riscos óbvios. Mas... — Ela parou, sacudindo levemente a cabeça. — Naquela época, todas nós ainda acreditávamos no que ouvíamos sobre a vilania de Ithicana e o sofrimento de Maridrina. Partir significaria abandonar o que eu acreditava ser a única chance do meu país de melhorar, e eu não podia aceitar isso. — O rosto dela se contraiu. — Parece tão estúpido agora ter acreditado nisso, mas suponho que seja difícil imaginar ser cego quando se consegue enxergar.

Foi por isso que Silas as manteve escondidas. Não para protegê-las de assassinos, mas para impedir que suas filhas descobrissem a verdade.

— Por que você? Você podia ter fingido a sua morte e a das suas irmãs, e deixado Marylyn continuar como a escolhida do seu pai.

— Teve algumas razões logísticas. — Ela mordeu o lábio inferior. — Mas foi principalmente porque não achei que ela sobreviveria a você. — Ela deu uma risada amarga. — Eu mal sabia que as coisas seriam ao contrário e que teria sido você quem não sobreviveria a ela. Se nada mais, pelo menos eu te poupei disso. — A voz dela falhou no final.

Um par de lágrimas rolou pelas bochechas inchadas dela, e ele se esforçou para não puxá-la em seus braços. Em vez disso, Aren se levantou, testou a água e descobriu que havia esfriado.

— Descanse sua cabeça sobre a mesa — ele pediu, enrolando um vestido de seda em forma de travesseiro para colocar sob a bochecha dela. — Isso vai doer.

Ela cerrou os dentes, mas não disse uma palavra enquanto ele derramava a água cuidadosamente em seus olhos vermelhos. O rosto dela estava marcado com arranhões e hematomas, mas ainda assim, ela era linda.

Ele teria se apaixonado por qualquer uma das outras irmãs, se elas tivessem sido escolhidas para irem até ele? Teria cometido os mesmos erros?

Talvez, mas Aren achava que não. Havia algo *nela*. Algo que conversava com a alma dele de uma maneira que nenhuma outra mulher que ele conhecia já fizera.

Ithicana nunca a perdoará, ele se repreendeu silenciosamente. E pedir isso seria cuspir na cara de todo o seu povo que perdera filhos, pais, irmãs e irmãos.

Ele não podia fazer isso, não importando o que sentia por ela.

Entretanto, isso não significava que ele precisava continuar preso à dor de todas as coisas que não podiam ser desfeitas. O passado era passado e os olhos dele precisavam estar no futuro.

Enfiando a mão no bolso, Aren retirou a carta. Ele leu a frente e depois o verso, mas pela primeira vez desde que Marylyn a entregara a ele, as palavras falharam em acender a raiva do Ithicano. Ele encarou a caldeira, observando as chamas tremeluzirem sob a chaleira de água.

Lara se mexeu, levantando a cabeça.

— O que está queimando?

— Nada importante — ele respondeu, e continuou a observar enquanto a carta se transformava em cinzas.

28

LARA



O COMPLEXO PODIA ter salvado as vidas deles, mas não era a salvação. Não quando não havia comida. E não quando mais soldados do pai de Lara estavam a caminho para garantir que ela e Aren estivessem mortos. O que significava que o maior desafio estava à frente: como sair vivos do Deserto Vermelho.

As irmãs de Lara haviam feito a limpa nos suprimentos do complexo, e o que restava estava sujo de areia, quebrado ou queimado. O pior, enquanto suas irmãs haviam feito a jornada mais curta para o norte, em direção a Maridrina, Lara e Aren precisavam seguir para o sul, para Valcotta, que era o dobro da distância.

— Encontre tudo o que puder que consiga reservar água — ela disse a Aren. — E qualquer coisa comestível, embora eu duvide que haverá muitas.

Ela estava certa nessa contagem. Além de um punhado de tâmaras, um único saco de farinha e um pote de pimenta, Lara não encontrou nada para comer. Várias árvores produziam frutos no oásis, mas a tempestade as desnudou. Os jardins estavam enterrados em areia, e o que ela encontrou sob os grãos não era nada mais que polpa não comestível. O que significava que eles ficariam quase duas semanas sem comer.

— Não há muito a ser encontrado. — Aren largou os suprimentos que reuniu no chão, próximo ao riacho, que Lara usava uma pá para limpar, seu vestido encharcado de suor pelo esforço. Estava quente pra caralho, mas eles precisavam de água limpa mais do que ela precisava de um banho, e era uma tarefa que ela conseguia fazer de olhos fechados. O que, considerando a maneira como seus olhos ainda doíam, era uma bênção.

Tateando ao redor por um copo, ela o encheu e entregou a Aren.

— Água é o mais importante.

— Também pesa muito. — Ela o ouviu bebendo, depois escutou um *splash* e ele murmurou: — Deus, isso é bom. O que eu não daria para nadar.

— Saia! — ela gritou, forçando as pálpebras a se abrirem, o horror pelo que ele estava fazendo pior do que a dor. — É proibido! — Ignorando como ele a encarou enquanto saía do riacho, Lara ergueu a mão e contou nos dedos enquanto dizia: — Nenhum animal pode beber diretamente daqui, ou irão sujar as águas. Só recipientes limpos devem ser usados, de preferência de prata ou ouro. E não pode tomar banho, merda!

— Está cheio de areia e não tem ninguém aqui além de nós.

Ela o fitou, o efeito da fuzilada arruinado pela torrente de lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

— Que tal: eu não quero beber a água que encharcou seus pés suados.

Ele deu de ombros como se essa fosse a única parte válida da discussão.

— Devíamos voltar à costa. É mais perto.

— A costa estará patrulhada de forma intensiva. Os soldados do meu pai estarão vigiando o deserto para caso a gente saia daqui.

Os olhos dela exigiam ser fechados, mas Lara ignorou a dor quando Aren tirou a camisa e a jogou para o lado. Então, ele ergueu a mão para fazer sombra no rosto e examinou o deserto ao redor deles. Ele tinha uma nova cicatriz ao longo das costelas e outra logo acima do cotovelo, e ela se viu examinando-o em busca de mais mudanças no corpo que conhecia tão bem. Aren estava mais magro do que antes, o cativeiro responsável por desgastar parte da massa muscular dele, embora isso não prejudicasse sua aparência. Aren se virou e ela voltou a fechar os olhos antes que ele a pegasse espiando.

— De jeito nenhum aqueles soldados sobreviveram àquela tempestade — ele comentou. — E quando eles não retornarem, seu pai vai assumir que estamos tão mortos quanto eles.

— Ou que os matamos.

Ele bufou.

— Talvez.

— E só porque esse grupo está morto não significa que mais não virão — disse Lara. — Serin suspeitará que eu iria tentar chegar aqui. Ele não deixará nada ao acaso.

— Podemos encurralar quem quer que ele envie. Depois, pegamos suas montarias e suprimentos.

Apoiando-se na pá, Lara considerou a ideia.

— Ele não vai mandar um grupo pequeno. E eles virão com a cobertura da escuridão.

— Podemos nos esconder e encurralá-los por trás quando amanhecer.

— Isso poderia dar certo se tivéssemos alguma flecha, mas minhas irmãs pegaram todas quando fugiram. Além disso, não gosto da ideia de lutar corpo a

corpo com mais de vinte soldados treinados.

Aren ficou em silêncio por um momento.

— O que você propõe, então? Que nos sentemos aqui e morramos de fome lentamente?

Uma gota de suor rolou pelos arranhões ao redor do olho dela e Lara estremeceu, controlando o desejo de esfregá-los para diminuir a dor.

— Há uma rota de caravanas a leste daqui. Proponho que embosquemos um grupo mercante e peguemos o que for necessário para chegar a Valcotta. Eles terão guardas, é claro, mas nada que nós dois não consigamos lidar.

Silêncio.

Lara voltou a retirar areia, recusando-se a abrir os olhos e encará-lo, porque já conseguia sentir o julgamento. Já sabia as palavras que sairiam dos lábios dele, mesmo enquanto ele inalava o ar necessário para formá-las.

— Você quer que a gente mate mercadores inocentes para pegar os suprimentos deles? Isso parece um tanto cruel.

Ela era uma sobrevivente e, para ser uma, muitas vezes a crueldade era exigida.

— Você prefere que a gente morra?

— Prefiro que a gente considere opções menos extremas. Por que não podemos pedir ajuda aos mercadores? Ou só roubar o que precisamos e deixá-los vivos. Ou melhor ainda, usar um pouco daquele ouro que sei que você tem para *comprar* o que precisamos.

Era estranho pensar que uma vez ela acreditou que Aren era um homem cruel e impiedoso, totalmente desprovido de compaixão. Que ela passara quase a vida inteira tendo a certeza de que todos os Ithicanos eram iguais a ele.

Enterrando a lâmina da pá em uma pilha de areia, ela se virou para encará-lo.

— Os mercadores que encontraremos serão aqueles que estão indo para o norte no encalço da tempestade, o que significa que, se os deixarmos vivos, será só uma questão de dias até que cheguem aos arredores do Deserto Vermelho. Onde, sem dúvida, irão encontrar os soldados do meu pai, que os questionarão exaustivamente. No momento, temos a vantagem do meu pai não ter certeza se estamos vivos, o que perderemos assim que esses mercadores descreverem terem sido abordados por um casal que encaixa com a nossa descrição.

— Estou ciente disso. — O tom de Aren era frio. — Mas teremos uma vantagem grande demais para eles conseguirem nos capturar no deserto.

— Mas não é uma vantagem boa o suficiente para que os cavaleiros mais velozes, capazes de atravessar montanhas todos os dias, não consigam chegar antes de nós em Valcotta e nos interceptem pelo lado oposto.

— Você tem uma resposta para tudo, não é? — Ouviu-se um ruído surdo

quando ele chutou a pá, depois um *splash* quando o objeto caiu no riacho. — E como é chocante que sua resposta seja matar.

Lara pôde sentir o temperamento esquentando, o sangue nas veias fervendo enquanto ela lutava para manter a compostura. Mas era uma causa perdida.

— Você acha que quero matar pessoas? Que eu gosto? — Abrindo os olhos, ela passou por sobre a pilha de areia e fechou a distância entre eles, os punhos cerrados. — Não estou tentando me salvar. Estou tentando salvá-*lo* porque você é a única pessoa capaz de assegurar uma aliança com Valcotta.

— Por que precisa ser eu?

— Porque sim! — ela gritou. — Além de Ahnna, você é o único Ithicano que a Imperatriz conhece a identidade! Acha que ela irá submeter a marinha dela a uma batalha custosa porque Jor pediu? Porque Lia pediu? Tem que ser você porque você é a única pessoa que ela acredita ser capaz de cumprir suas promessas.

Ele desviou o olhar.

— Eu conheço escolhas difíceis, Aren. — A voz dela tremia. — Eu sei o que é sacrificar a vida de inocentes para salvar a vida das pessoas com quem me importo. — Ela gesticulou para a ilha, cheia de ossos de servos e músicos que ela não havia feito nada para proteger. — E isso me assombra, mas não significa que eu não faria de novo, porque a outra alternativa seria a vida das minhas irmãs. Só porque uma escolha é difícil não significa que você não tem que fazê-la. — Ela fez uma pausa e perguntou: — Então, o que vai ser: um punhado de mercadores ou todas as malditas almas de Eranahl? Escolha!

Os únicos sons eram o gotejar do riacho e o rugido do sangue nos ouvidos dela.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Não matarei pessoas inocentes para salvar minha própria pele. Eu me recuso.

Frustração a atacou como uma coisa selvagem, alimentada por desespero, porque, embora pudesse protegê-lo de tempestades, soldados e fome, ela não podia proteger Aren de si mesmo. Lara abriu a boca para discutir, mas o som de cascos batendo em pedra invadiu seus ouvidos e o coração dela disparou.

— Se esconda!

Agarrando o braço dele, ela o arrastou para dentro do complexo, se escondendo atrás de um dos dormitórios. Ela o empurrou contra a parede, muito consciente dos músculos rígidos do peito nu dele contra a palma da mão dela, do cheiro familiar dele em seu nariz.

Concentre-se, sua idiota!

Agarrando o punho da espada com uma mão, Lara espiou pelo canto, escutando.

— Quantos? — Aren sussurrou, o hálito quente contra o ouvido dela, a mão dele agarrando o antebraço dela.

Ela só conseguia escutar um, mas isso não significava que não haveria mais. Não significava que não poderiam estar vindo de todos os lados, prontos para atacar.

Virando-se, Lara pressionou as costas contra a parede ao lado dele, examinando os arredores por qualquer sinal de movimento enquanto amaldiçoava sua visão embaçada.

Mas não havia nada. Nada além do único indivíduo cujo camelo agora bebia no riacho. Uma morte fácil.

Ou seria, se ela não estivesse cega por lágrimas.

Erguendo sua arma, Lara respirou fundo.

— No três — ela murmurou para Aren.

— Um.

Aren dobrou a esquina, correndo. Xingando, Lara correu atrás dele.

Apenas para colidir com as costas dele.

— O que você está fazendo? — ela rosnou.

— Agradecendo à Senhora Sorte — ele respondeu, então deu um passo para o lado. — Veja por si mesma.

29

AREN



O CAMELO ESTAVA com a cabeça enfiada no riacho, a garganta convulsionando ao tomar goles de água, embora um dos seus olhos tenha se desviado na direção de Aren quando o Ithicano se aproximou.

O camelo ainda usava rédea e sela, a última assentada sobre ornamentos nas cores Maridrinianas. Entretanto, o que mais chamou a atenção de Aren foi o homem morto pendurado de cabeça para baixo na lateral do camelo, seu pé emaranhado em parte do arreio.

— Suponho que ninguém tenha explicado as regras sobre a água para o camelo. — Aren caminhou na direção deles dois.

— Aren, pode ser uma armadilha! — Lara saltou no caminho dele, passando os olhos pelos arredores.

Ele deu um passo para o lado e passou por ela.

— Eu acho que não. — Ou, pelo menos, era isso que seu instinto, junto aos anos de experiência em repelir invasores, lhe dizia.

O camelo deu um passo para o lado quando Aren pegou as rédeas penduradas, fazendo um barulho terrível antes de exibir os dentes amarelos para o Ithicano.

— Não o irrite enquanto ele estiver bebendo água. — Lara se aproximou de Aren, a espada ainda empunhada. Com a testa franzida, ela soltou o pé do soldado morto, e o homem caiu no chão com um baque.

Aren arrastou o cadáver para fora do alcance dos cascos do camelo e se agachou para examiná-lo. O corpo do soldado estava surrado por ter sido arrastado, a pele arranhada pela areia e pela tempestade, mas Aren julgou que ele estava morto há menos de um dia. O que significava que o homem provavelmente era um dos perseguidores. E com sorte, isso significava que o resto deles estava morto.

Lara removeu a sela do animal e largou-a ao lado de Aren. O Ithicano desatou as fivelas dos alforjes e pegou o conteúdo. Carne seca, frutas e nozes. Não muito, mas o suficiente para alimentá-los por alguns dias. Possivelmente uma semana.

Havia também lona e cordas para uma barraca, e as estacas de sustentação que faltavam podiam ser substituídas facilmente. Dois odres de água, que Aren acrescentou à pilha, e, no fundo do alforje, um frasco cheio de uísque.

— Parece bom. — Lara soltou o casco traseiro do camelo, que ela inspecionava, e deu um tapinha na anca do animal. — Os alforjes têm o que precisamos?

— O bastante para sobreviver.

— Bom. — Lara limpou as mãos nas saias. — Vamos deixar esse garoto beber até se fartar, depois daremos a ele o que tiver de ração nos estábulos. Vamos descansar um pouco. Partimos hoje à noite.

30

LARA



EM VEZ DE seguir o próprio conselho, Lara deixou Aren dormindo em uma das camas, incapaz de resistir à tentação de explorar o lugar que um dia fora prisão e lar.

Suas pernas a levaram pelos dormitórios, passando de cômodo em cômodo até chegar ao que dividia com Sarhina, que permanecia praticamente intocado. Mal era grande demais para os dois catres estreitos dentro, desprovido de qualquer toque pessoal devido a tais coisas sempre serem proibidas para ela e suas irmãs. A pequena cômoda estava marcada com fuligem, mas abri-la revelou as roupas que Lara usava durante o tempo passado aqui.

Tirando o vestido arruinado do corpo, Lara inspecionou seus ferimentos o melhor que pôde, os olhos ainda marejados. Ela vestiu roupas íntimas limpas, calças, uma camisa de linho e um casaco, depois trançou o cabelo, sentindo-se mais humana do que se sentia desde a noite em que resgatou Aren.

Caindo de joelhos, ela ergueu a pedra solta sob a cama dela, revelando o minúsculo buraco onde Lara havia escondido sua caixinha de madeira com os tesouros da infância. Ela se sentou no catre com a caixa no colo e retirou o conteúdo, um por um.

Uma pulseira de couro tecida por Bronwyn para ela, que Lara colocou no pulso.

Uma moeda de prata brilhante que Sarhina havia encontrado e dado a ela, o rosto na peça tão gasto que a identificação era impossível. Ela enfiou o objeto no bolso.

Pedaços de papel com bilhetes reclamando de seus mestres, que suas irmãs haviam escrito e repassado entre si.

Aqueles ela folheou, sorrindo para alguns, seu coração se partindo com outros, pois muitos dos mestres foram cruéis em sua tutela. O nome de Serin

estava notavelmente ausente, nenhuma das garotas corajosa o bastante para escrever qualquer coisa crítica sobre ele. Ele sempre fora muito bom em desmascará-las.

Colocando os bilhetes de lado, ela enfiou a mão na caixa e afastou um frasco para pegar um colar de prata com um pingente de safira pendurado. Tinha um tamanho infantil, pequeno demais para caber no pescoço dela agora, mas ela ainda o segurou contra a garganta, lágrimas que não tinham nada a ver com areia brotando em seus olhos com a sensação do objeto contra sua pele.

Sua mãe tinha dado a ela. Lara tinha somente algumas lembranças dela, mas uma delas era da mulher prendendo este colar ao redor do pescoço de Lara. Ela o usava quando os soldados de seu pai a levaram, e o escondeu todos esses anos, seu bem mais precioso. A prova de que, em algum momento, ela havia sido amada.

E a mãe que a amava morreu por isso.

Um soluço deixou a garganta dela e ela se encolheu, os ombros tremendo.

— Você está bem?

O catre na frente dela rangeu, e ela olhou para cima para encontrar Aren sentado nele, os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto a observava.

— Minha mãe me deu — ela contou, erguendo o objeto. — É a única coisa que me resta dela.

— Fico feliz que você tenha tido a chance de recuperá-lo.

Esfregando o polegar na pedra, Lara assentiu.

— Eu estava usando o colar da sua mãe na noite... — Ela se interrompeu, sacudindo a cabeça. — Foi assim que consegui voltar. Tracei as pedras em um pedaço de papel e usei como um mapa.

— Esperta.

— Achei que você iria querer de volta, então o deixei em Eranahl.

Ele não respondeu, apenas olhou para o chão entre eles.

— Enquanto procurava por você, encontrei o quarto onde Serin mantinha os.... *instrumentos* dele.

Ela enrijeceu, sabendo exatamente o que Aren queria dizer. Serin considerava a tortura uma forma de arte a ser aperfeiçoada e, como cortesia de seu *treinamento,* ela era alvo e empunhava os instrumentos dele.

— Serin não podia me machucar fisicamente, então me obrigou a assisti-lo torturando os Ithicanos que capturava. Quando não estava fazendo perguntas sobre como romper as defesas de Eranahl, ele falava sobre as coisas que tinha feito com você e suas irmãs. E as coisas que ele mandou que vocês fizessem umas às outras.

Lara sentiu o sangue sumir do rosto e desviou o olhar.

— Nós doze não fomos as únicas meninas trazidas para o complexo. Éramos vinte. Duas morreram de doença. Quatro morreram em treinamento de combate e uma em um acidente. Mas uma... Seu nome era Alina e ela se recusou a participar dos joguinhos de Serin. Recusou-se várias vezes. Então, uma noite, ela desapareceu. — Lara engoliu em seco. — Não acho que ela tenha escapado.

Aren balançou a cabeça lentamente.

— Ele gostava especialmente de me dizer o que pretendia fazer com você quando fosse capturada. Me manipulava a acreditar que tinham te pegado. E eu estava apavorado porque sabia que se eles tivessem sucesso em capturá-la, eu contaria a eles qualquer coisa que quisessem saber.

Uma dor latente se formou no estômago de Lara. Pela dor que Aren havia suportado, e também por Serin ter sido capaz de usá-la contra ele.

— Ele vai receber o que merece algum dia, eu prometo a você.

— Não tenho certeza de que isso mudará alguma coisa.

Precisando cortar a tensão, ela perguntou:

— Como é meu irmão?

Aren bufou.

— Ele é detestável pra caralho. Eu não o suporto.

— Não pedi sua opinião sobre ele. Eu perguntei como ele é.

— Ele é um engraçadinho calculista e bastante interessado na própria inteligência.

— Ele é inteligente?

Aren concordou com a cabeça relutante.

— Sim. Mas ele é... difícil de definir. Ele afirma que só quer a coroa porque a outra alternativa é um túmulo ao lado dos irmãos, mas não estou convencido. Seu pai o detesta por ele não se encaixar no molde que tem em mente para um herdeiro, mas, em vez de ser complacente, Keris o provoca. — Franzindo a testa, Aren olhou para o chão de pedra rachada sob seus pés. — Ele está disposto a arriscar a própria vida para defender certos princípios, mas fala de si mesmo como se fosse um covarde. Ele não faz sentido para mim.

— Não confie nele, Aren. Ele só ajudou você e a mulher Valcottana a escaparem porque alimentar Eranahl favorece as próprias ambições.

— Eu acho que é mais complexo do que isso — ele respondeu, depois enfiou a mão na caixinha de tesouros dela e retirou o último item. — O que é isso?

— Veneno.

— A maioria das garotas guarda cartas de amor em suas caixinhas de tesouros, mas você guarda armas fatais.

A risada que deixou a garganta dela foi amarga.

— É o que eu usei para forjar a morte das minhas irmãs. É uma poção

própria. Mais do que algumas gotas e você morre, então lembre-se de não enfiar os pés na minha água potável de novo.

— Anotado.

Levantando-se, Lara enfiou o frasco, junto ao colar, no bolso do casaco.

— Vamos. O sol está prestes a se pôr e precisamos começar a nos mover.

31

LARA



Não o pressione demais. Pela milésima vez, o pensamento circulou pela mente de Lara, e ela lançou um olhar de soslaio para onde Aren se arrastava pela areia, os ombros curvados e o rosto marcado pelas sombras da lamparina que ela carregava.

Eles estavam caminhando há uma semana e ainda não haviam alcançado o oásis mais próximo do entreposto de Jerin.

Ela não contabilizou o preço que o cativeiro cobrou dele, mental ou fisicamente. O Aren que ela conheceu em Ithicana estava tão em forma quanto um homem poderia ser, capaz de se levar a extremos durante dias, até semanas, sem vacilar. Mas durante a prisão, ele havia sido algemado, nunca andando mais longe do que a distância entre os quartos dele e os jardins do palácio. A vida sedentária era tão diferente do que ele estava acostumado que era uma benção ele não ter sido levado à loucura.

Se eles tivessem seguido o plano dela e prosseguido pelo litoral, ele estaria bem, ou bem o suficiente para não causar preocupação, mas o Deserto Vermelho era um percurso totalmente diferente. Uma fera totalmente diferente.

Aren conhecia calor, mas não assim. E ela duvidava que ele já tivesse passado mais do que algumas horas sem água. Por que ele faria isso quando os céus de Ithicana forneciam mais água do que alguém poderia beber? Até a fome real era estranha para ele, visto que as ilhas eram cheias de coisas comestíveis para alguém que soubesse onde olhar – razão pela qual o povo dele conseguia sobreviver mesmo sem a ponte.

Pensar nos Ithicanos fazia Lara cerrar os dentes em frustração. Ela e Aren estavam atrasados, um luxo que eles não podiam se dar. O período de calmaria, anterior às Marés de Guerra, logo começaria, o que significava que eles tinham pouco tempo para garantir a ajuda de Valcotta para expulsar Maridrina. Mais

atrasos e perderiam a oportunidade, já que um ataque durante a temporada de tempestades seria impossível. Mesmo que o pai dela perdesse o apoio da marinha Amaridiana, ainda seria quase impossível para aqueles em Eranahl sobreviverem a outra temporada de tempestades sem a ponte.

Aren escolheu aquele momento para tropeçar, quase caindo, e o coração de Lara afundou. Puxando a rédea do camelo até o animal parar, ela disse:

— Suba e cavalgue um pouco.

— Sem chance.

Aren não se dava bem com o camelo, que Lara batizou de Jack. Eles dois trocavam olhares sombrios quando pensavam que o outro não estava olhando. Ela convenceu o Ithicano a montar uma vez, porém, enquanto Aren ainda se endireitava na sela, Jack se levantou, fazendo Aren cair de cabeça na areia. Dizer que ele levou o incidente a mal seria um eufemismo.

Lara mastigou o interior das bochechas.

— O oásis de Jerin fica a somente algumas horas daqui. Se vamos entrar e sair sem ser pegos, você precisa *não* tropeçar nas próprias botas.

— Nós temos bastante água sobrando. Vamos contornar o oásis e continuar caminhando.

Eles provavelmente tinham água suficiente para passar direto, mas a pequena quantidade de comida nos alforjes de Jack já não existia mais. Lara não achava que Aren sobreviveria por mais uma semana nestas condições com o estômago vazio. Não tinha nem certeza se ela conseguiria.

— Jack já está há uma semana sem beber nada. Ele precisa de um pouco de água. — Uma mentira, já que o animal poderia facilmente passar mais uma semana sem o líquido, mesmo com aquele calor. Mas Aren não sabia disso. — Portanto, a menos que você queira abrir mão da sua comida, precisamos parar.

— Eu não vou matar comerciantes inocentes.

Lara olhou para as estrelas, implorando por paciência.

— Provavelmente existem cerca de cem pessoas em Jerin, então matar todos para calá-los não é uma opção. Permanecer camuflado sim. Mas nesse momento você não conseguiria se esgueirar nem por uma taverna Harendelliana cheia de bêbados.

Ela quase pôde ouvir a teimosia dele em conflito com a praticidade, mas eventualmente a última venceu e ele parou de andar.

— Só por uma hora.

— Tudo bem. — Comandando o camelo a se sentar, ela esperou Aren subir e pegou um pouco de corda.

— O que você está fazendo?

— Para caso você caia no sono. Não preciso que você caia e quebre o

pescoço.

O fato de ele ter permitido que ela o amarrasse à sela era uma prova de cansaço, mas Lara não disse nada enquanto terminava o trabalho, depois cutucou Jack para colocá-lo de pé e o conduziu adiante.

Eles caminharam durante a noite e, como ela previra, os passos regulares do animal lentamente acalentaram Aren em direção ao sono, os ombros do homem caindo mais e mais até seu rosto descansar contra o pescoço do camelo. Foi mais ou menos nesse momento que uma leve brisa soprou sobre eles e Jack ergueu a cabeça em alerta, o ritmo dos passos acelerando.

— Está sentindo cheiro de água, garoto? — ela indagou, dando um tapinha no pescoço dele. — Bom. Continue andando nessa direção.

Grunhindo, Jack puxou a guia, tentando fazê-la se mover mais rápido.

— Eu sei — ela murmurou — Mas preciso que você ganhe tempo pra mim.

Parando o animal, ela o amarrou de forma que ele só conseguisse andar lentamente. Removendo todos os odres vazios, ela os jogou por cima do ombro.

— Cuide dele para mim — ela pediu, acariciando o pescoço do camelo, depois correu lentamente na direção do oásis.

LARA LEVOU MAIS ou menos uma hora para chegar ao entreposto comercial que circundava o pequeno lago, a luz forte de lamparina fazendo o entreposto brilhar como a borda ardente de um sol eclipsado.

Agachando-se atrás da borda de uma duna, Lara examinou as construções. Eram estruturas de pedra, quase sem janelas, como as do complexo onde ela foi criada. Carrilhões de vento feitos de vidro colorido caíam presos nas extremidades dos telhados, preenchendo o ar com uma música suave, e, no bosque bem-iluminado entre os edifícios e a água, painéis de seda colorida pendiam de galhos. Apesar da influência Valcottana, a fronteira entre as duas nações era tão indefinida aqui quanto ao longo do litoral, embora muito menos disputada. Nenhuma das nações se importava muito com alguns quilômetros de areia, ou, pelo menos, não o suficiente para fazer um exército marchar pelo deserto para lutar pelo território. Dessa forma, Jerin era um entreposto das duas nações ou de nenhuma, dependendo de para quem você perguntasse.

Aproximando-se, Lara olhou para as pessoas nas ruas, o comércio do entreposto refletido nos hábitos noturnos de quem fazia a rota das caravanas. Muitos eram compatriotas dela, reconhecíveis pelas calças justas, botas e casacos, enquanto os Valcottanos preferiam roupas volumosas que apertavam

nos pulsos, tornozelos e cinturas, e sandálias de couro amarradas aos pés. O tom de pele dos Valcottanos também era significativamente mais escuro, somado aos seus cabelos castanhos cacheados cortados curtos ou enrolados em nós apertados no topo das cabeças.

Todos se moviam em grupos, e Lara percebeu que eles mantinham uma grande distância entre si, apesar da regra subentendida de paz no oásis. Sinal, ela imaginou, que o conflito entre Maridrina e Valcotta estava chegando a um ponto febril. O que só funcionaria a favor de Aren e Ithicana.

Aproximando-se lentamente do entreposto, ela parou quando dois cães latindo irromperam por entre as construções, indo direto na direção dela. Agarrando a pimenta que ela encontrara no complexo, e que havia trazido apenas para este propósito, Lara a jogou no rosto dos animais enquanto eles se aproximavam. Os cachorros começaram a espirrar imediatamente, arranhando os próprios focinhos, permitindo que Lara se enfiasse no estreito espaço entre duas construções sem ser tocada.

E lá, ela parou.

Houve um som de confusão e alguém abriu a porta.

— O que é toda essa algazarra, suas criaturas malditas? Voltem aqui!

Lara pulou em cima de um barril e estendeu a mão para a borda do telhado. Puxando-se silenciosamente para cima, ela rastejou ao longo da superfície plana até chegar ao lado oposto, onde poderia observar as idas e vindas.

Seu mestre de armas, Erik, havia descrito o oásis para Lara uma vez, e essa informação somada ao que ela conseguia ver eram o limite do seu conhecimento. Muitas das edificações eram alojamentos para viajantes, embora algumas fossem residências privadas daqueles que viviam permanentemente no oásis. Havia vários estabelecimentos que forneciam comida, bebida e entretenimento, uma ferraria, uma série de estábulos e várias construções bem-iluminadas que pareciam fornecer os serviços necessários para aqueles que cruzavam o deserto de um lado ao outro.

Havia principalmente homens se movendo pelas ruas estreitas, mas Lara avistou algumas mulheres Valcottanas, as cabeças erguidas e orgulhosas, seus cajados, preferidos a armas, nas mãos. Havia pessoas de outras nações também, identificáveis pelas vestes e cores de pele. Nenhuma delas parecia ser Ithicana, mas isso significava pouca coisa, porque ela sabia o quão facilmente o povo de Aren se disfarçava.

O cheiro saboroso de carne cozinhando invadiu o nariz de Lara, e sua atenção se voltou para algumas construções abaixo, onde havia uma mulher ao lado de uma grelha cheia de espetos. A boca dela salivou ao mesmo tempo que seu estômago roncou. *Água primeiro,* ela decidiu, direcionando o foco para a

escuridão do lago adiante. Ela teria que atravessar três ruas para chegar às árvores, todas bem-iluminadas, e estar sozinha chamaria atenção imediatamente.

O que significava que ela precisava de uma distração.

Fogo era a escolha óbvia, mas como se ele estivesse sentado ao lado dela, Lara sentiu o julgamento de Aren pela ideia de destruir casas ou os meios de sustento das pessoas por uma distração. Franzindo o cenho, Lara considerou suas opções enquanto observava um grupo de camelos amarrados na periferia da cidade, as corcundas deles carregadas de mercadorias e suprimentos e um único menino vigiando-os. Mas havia apenas um espaço aberto ao redor deles, tornando quase impossível chegar furtivamente aos animais.

Abaixo dela, os cachorros finalmente se recuperaram da pimenta, latindo enquanto corriam para cima e para baixo entre os prédios.

O que deu à Lara uma ideia.

Ela esperou por um momento oportuno, se levantou e saltou no prédio vizinho. Depois, no próximo. Aproximando-se da frente da casa, ela ouviu a mulher cantarolar enquanto se dividia entre as tarefas internas e a rotação da carne grelhada. Desembainhando a espada, Lara segurou a ponta da lâmina, esperando. Quando a mulher voltou para dentro, ela se inclinou sobre a borda, engatando o punho da espada sob um dos espetos, deslizando-o até a carne estar presa. Em seguida, ela ergueu a arma com cuidado e correu para os fundos da casa.

Incapaz de resistir, ela enfiou um pedaço na boca, sem se importar quando a carne queimou sua língua. Soltando o resto da carne, ela abandonou o espeto e abaixou a mão entre as casas, imediatamente chamando a atenção dos cães.

Estremecendo quando eles latiram e pularam, Lara correu para o lado oposto da casa, os cães seguindo-a. Esperando até saber que eles a observavam, ela jogou a carne nas costas carregadas dos camelos.

Os cães correram atrás do prêmio, os camelos erguendo a cabeça em alarme quando os animais correram na direção deles, o som de suas altas bufadas preenchendo o ar.

Como um só, os camelos oscilaram, puxando as cordas e galopando para a cidade, os cães em perseguição. O guarda dos animais gritou, tentando agarrar as rédeas, mas era uma causa perdida, e logo as ruas viraram uma loucura, homens e mulheres perseguindo os camelos, o ar cheio de gritos.

Certificando-se de que seu lenço estava preso ao cabelo, Lara saltou do prédio e juntou-se ao caos, abrindo caminho rua após rua antes de mergulhar nas sombras do bosque. Movendo-se cuidadosamente por entre a folhagem, ela correu em direção ao lago.

Para manter o oásis limpo e puro, pedras haviam sido depositadas

cuidadosamente de modo que a água pudesse ser alcançada sem ser pisada. Caindo de joelhos, Lara se abaixou para encher um odre de água. Um depois do outro, ela os encheu, depois voltou ao limite do bosque.

À distância, Lara podia ouvir gritos de raiva, os mercadores donos dos camelos que ela assustara repreendendo o dono dos cães. A julgar pelos sotaques, eram Maridrinianos, enquanto o dono dos cães era Valcottano. Mais e mais vozes se juntaram à briga, o incidente acabando com a frágil paz entre as pessoas das duas nações, e punhos começaram a voar. Mais e mais pessoas vinham correndo de todas as direções, e Lara estremeceu, percebendo que o fogo poderia ter causado menos danos do que a briga que ela instigou.

Mas não havia nada a fazer a respeito disso agora.

Lara juntou-se aos que gritavam e corriam em direção à briga, que ocorria no mercado. Os camelos haviam virado várias barracas e mais de uma dúzia de homens brigava, aumentando o caos.

Tecendo entre as pessoas, Lara agarrou um saco de damascos secos que foram arrancados de uma barraca de mercado e um punhado de pãezinhos de uma bandeja em outra, todos muito distraídos pela luta para perceber o furto. Pegando mais alguns itens de comida, Lara deu um passo para trás entre duas barracas, rastejando por trás de uma fileira delas.

Só o que ela precisava fazer agora era sair da cidade, interceptar Aren e Jack e...

Mãos pesadas apareceram na parte de trás da barraca, fechando-se em torno dos antebraços de Lara. E uma voz profunda falou:

— Aqui está nossa ladrazinha.

32

AREN



AREN ACORDOU, ASSUSTADO, as mãos voando em busca de apoio quando ele deslizou para o lado. Os dedos dele se fecharam em torno do pescoço do camelo, sua cabeça nadando em vertigem enquanto ele se endireitava cuidadosamente na sela. Sela essa a qual ele estava amarrado.

Ele olhou para o sol nascente e rosnou:

— Por que você não me acordou?

Sem resposta.

Girando na sela, ele examinou os arredores, mas Lara não estava à vista. Apreensão invadiu o peito dele. Ela havia desmaiado? Estava atrás dele em algum lugar, deitada na areia e indefesa?

Pegando as rédeas do camelo, ele as puxou, tentando forçar o animal a se virar, mas Jack ignorou-o, as orelhas se erguendo na direção de algo que Aren não conseguia enxergar na luz fraca.

— Você não quer deixá-la para trás — disse Aren, puxando novamente as rédeas. — Ela gosta de você. Eu não.

Mas seus esforços foram inúteis.

Desistindo, Aren largou as rédeas e começou a desatar os nós que prendiam suas pernas à sela, a única coisa que o impedia de cair completamente. Deslizando para o chão, ele cravou os calcanhares na areia, puxando o camelo à força até o animal parar. Foi só então que ele percebeu as maneias em torno das patas dianteiras de Jack.

Ela tentou parar para passar a noite e o camelo se afastou com Aren montado? Mesmo enquanto o pensamento cruzava sua mente, ele o afastou, a cabeça doendo com o movimento. O casaco de Lara e todos os suprimentos ainda estavam presos à sela e, mesmo se o animal tivesse se assustado, Jack não conseguiria se mover rápido o bastante com as maneias para escapar das mãos

experientes de Lara.

Uma leve brisa roçou o rosto de Aren, e o camelo puxou com insistência, mostrando mais entusiasmo pela velocidade do que Aren vira dele durante toda a jornada. E só poderia haver um motivo para isso: água. O camelo estava indo na direção do oásis que Lara mencionou.

Em um instante, a mente confusa pela insolação de Aren entendeu o que Lara havia feito, e ele praguejou, chutando a areia. Jack aproveitou o momento para tentar seguir em frente, mas Aren o puxou de volta.

— Precisamos esperar *Sua Majestade* voltar, para não frustrarmos o precioso plano dela.

A extremidade do sol apareceu ao leste, subindo mais e mais, mas Lara ainda não havia voltado. Aren bebeu com intensidade de um dos odres, enxugando o suor da testa enquanto examinava o horizonte em busca de movimento.

Jack expressou seu descontentamento com o atraso, o som ecoando pelas dunas vazias.

— Eu sei — respondeu ele ao camelo. — Ela já devia ter voltado.

O que significava que algo havia dado errado.

33

LARA



ELES A PRENDERAM numa maldita berlinda.

No meio do mercado, o homem gigante e seus companheiros forçaram Lara, que chutava e gritava, a ficar de joelhos enquanto a cabeça e as mãos dela eram enfiadas na estrutura de madeira da berlinda, a parte superior descendo para mantê-la presa ao mesmo tempo que ela cuspia maldições para eles.

Não que isso tivesse feito algum bem a ela.

Suor escorria em rios pelo corpo dela, o sol nascente queimando sua pele nua, porque é claro que eles não permitiram que ela mantivesse as próprias roupas. Eles tiraram tudo dela, não deixando o bastante nem mesmo para mantê-la decente.

E ela sabia exatamente o porquê.

— Beba, linda, beba.

Um copo foi colocado nos lábios dela e água preciosa se derramou em sua boca enquanto ela tentava desesperadamente engolir o máximo que conseguia sem engasgar. Depois, ela moveu os olhos para examinar o homem gigante que a capturou. Ele era um produto do deserto, o rosto e a pele cortesia de ancestrais Maridrinianos e Valcottanos.

— Uma morte fácil não é punição. — Ele deu um tapinha na bochecha dela. — E eu apostei dinheiro que você irá durar até o fim da semana. Tempo suficiente para o sol cozinhar a sua pele até os ossos.

Enquanto um copo d’água podia significar vida ou morte, roubo no Deserto Vermelho era levado tão a sério quanto assassinato, e punido de acordo. Eles encontraram um pedaço de carne preso em uma das bolsas amarradas aos camelos e determinaram que foi ela quem os assustou, e toda a ira antes dirigida ao dono dos cães se voltou contra ela. Foi somente esse homem que impediu os outros de espancá-la até a morte, mas não por um senso altruísta. Ela roubara os

damascos dele e aparentemente o homem apreciava uma morte mais prolongada.

— Vai se foder — ela rosnou, mas ele apenas riu e deu um tapa na bunda de Lara. A pele dela, desacostumada à exposição ao sol, já estava bastante queimada.

Por isso, ela pretendia estripá-lo completamente.

A agradável imagem dessa promessa circulava pelos pensamentos de Lara quando o som de um homem cantando desafinado alcançou os ouvidos dela. Era uma canção vulgar de taverna Harendelliana, sobre um homem e uma mula, que ela escutara muitas vezes durante suas semanas passadas na nação do norte, mas nunca mais desde então.

Erguendo a cabeça, Lara apertou os olhos contra a luz brilhante, observando o camelo solitário se aproximando da cidade. O homem que o montava balançava na sela, uma das mãos agarrando as rédeas, a outra segurando um cantil, o metal cintilante ao sol. Cavalgando até a praça do mercado, ele puxou as rédeas e o camelo parou na mesma hora que que o homem terminou a canção.

Aren desmontou desajeitadamente e seu pé prendeu na sela, o que o fez cair esparramado no chão, arrancando risadas dos poucos comerciantes que permaneciam no mercado.

— Maldito seja, besta infernal! — Aren gritou com Jack. — Você se mexeu! — Então, ele levou o cantil aos lábios, aparentemente encontrando-o vazio, e o jogou de lado. — Eu preciso de uma bebida! Alguém me venda uma bebida!

O comerciante cujos camelos Lara havia assustado andou na direção dele, uma garrafa segurada frouxamente em uma das mãos.

— Meu amigo, meu amigo, como é que você chegou até nós sozinho e em tal estado? O que aconteceu com você?

Lara observou Aren descansar a cabeça nas mãos, o queixo dela caindo quando ele lamentou abruptamente:

— Eles se foram. — Quando Aren ergueu a cabeça, lágrimas escorriam por seu rosto. — Uma tempestade como nenhuma que já vi varreu nosso acampamento, levando meus companheiros e mercadorias. Todos mortos. Tudo se foi. Minha avó me avisou para não arriscar minhas riquezas nas areias, mas minhas ambições superaram meu bom senso.

Lara se esforçou para não revirar os olhos. Claramente, Aren a notara na berlinda, o comentário dele tanto para ela quanto para o comerciante.

— O deserto é uma mulher inconstante, meu amigo. — O comerciante deu um tapinha no ombro de Aren. — Como é que você sobreviveu?

Aren enxugou os olhos.

— A sorte claramente desejou que eu vivesse com meus erros em vez de descansar na ignorância em um sono sem fim. — Então, o olhar dele fixou-se na

garrafa nas mãos do comerciante. — Se você é um verdadeiro amigo, irá me ajudar a afogar minhas mágoas.

— É claro, é claro. — O homem pegou um copo e serviu uma dose, entregando-a a Aren, que engoliu de uma só vez, e estendeu o copo para mais. Mas o comerciante estalou a língua pesarosamente.

— Infelizmente, amigo, todas as coisas têm um preço no deserto.

— Mas eu perdi tudo! — ele gemeu. — Tenha piedade de mim.

Isso era mentira. Lara sabia que Aren tinha ouro e prata nos bolsos porque ela dera a ele para o caso de eles se separarem. Era mais do que suficiente para pagar estadia e suprimentos e para Jack beber até se fartar. O que ele estava fazendo?

— Talvez você tenha algo que deseja vender?

— Não tenho nada. — Aren descansou a cabeça na areia, desempenhando com maestria o papel de filho mimado de um comerciante. Jack escolheu aquele momento para começar a caminhar em direção ao lago. Aren rastejou atrás dele, tentando alcançar as rédeas. O comerciante estendeu a mão e puxou Jack, seus olhos percorrendo o animal e as bolsas, calculando o valor de tudo ao mesmo tempo em que media o nível de desespero de Aren.

— Talvez possamos chegar a um acordo. Aquela desgraçada — o comerciante apontou o queixo na direção de Lara — fez com que um dos meus animais ficasse coxo, e não posso me dar ao luxo de perder tempo para o bicho se curar. Se estiver disposto a se separar do seu, eu pagaria um preço justo.

Os lábios de Lara se separaram, o desejo de gritar *Não se atreva a vendê-lo!* surgindo em sua boca. Eles precisavam daquele camelo para ter uma chance de sair vivos do deserto.

Exceto que Aren não era idiota. Ele sabia que eles precisavam de Jack, o que significava que ele tinha um plano. Acontece que a mente assada pelo sol de Lara estava muito lenta para descobrir.

— Mas eu preciso dele — Aren choramingou. — De que outra forma irei chegar em Valcotta?

O comerciante coçou o queixo.

— Talvez possamos verdadeiramente ajudar um ao outro, meu amigo. O que acha de se juntar à nossa caravana quando formos embora hoje à noite? Seu bicho pode carregar parte dos meus bens e, em troca, iremos tirá-lo do deserto em segurança

Com o rosto cheio de descrença, Aren deixou escapar:

— Você faria isso?

No entanto, mesmo a uma dúzia de metros de distância, Lara conseguia enxergar o brilho nos dele que sugeria que essa era *exatamente* a oferta que o rei

de Ithicana planejava extrair do comerciante. E o sangue de Lara gelou. Se ele fosse com eles, não precisaria dela; os homens eram mais do que capazes de cumprir a promessa, e o camelo valia o preço de seus serviços e muito mais.

Ele não iria deixá-la. Não podia. Mas uma voz dentro da cabeça dela sussurrou: *Por que ele não deveria ir? Ajudar você seria um risco, e ele não lhe deve nada.*

— A sorte sorriu para nós dois! Qual é o seu nome, amigo? Me chamam de Timin.

— James. E estou em dívida com você, Timin.

O comerciante colocou Aren de pé, levando o Ithicano e Jack em direção aos estábulos. E Aren nem ao menos olhou Lara pelo canto do olho quando passou.

A dor no peito dela superou a intensidade da pulsação em sua cabeça, e Lara afundou na berlinda com os olhos ardendo, embora estivesse desidratada demais para chorar. Ela pensou que as coisas haviam mudado, que Aren tinha, se não perdoado-a, pelo menos libertado o ódio que o consumia.

Mas talvez ela só tivesse visto o que queria ver. O que esperava ver. Ou talvez ele tivesse somente fingido. De qualquer forma, parecia que Aren planejava deixá-la aqui para morrer.

O queixo de Lara tremeu quando ela lutou para não soluçar, e ela cerrou os dentes com força. Ela era uma rainha. Uma guerreira. Porém, mais do que isso, ela era a pequena barata.

E ela não tinha nenhuma intenção de morrer.



AS HORAS SE ESTENDERAM, o sol se movendo lentamente no céu e o único alívio do calor escaldante era a sombra que a berlinda fazia. Lara manteve a cabeça baixa, o cabelo cobrindo o rosto, as mãos enroladas o máximo possível sob os pulsos para protegê-las do sol. Com os joelhos e os dedos dos pés, ela cavou lentamente no chão, cobrindo a parte inferior das pernas com areia enquanto mantinha as coxas sob a sombra do próprio torso.

Mas não havia nada que ela pudesse fazer para proteger suas costas ou bunda, a pele exposta já queimada a ponto de formar bolhas. Mais cicatrizes para adicionar à coleção.

Como um relógio, o homem gigante trouxe água para ela, que Lara bebeu avidamente enquanto contemplava como o mataria assim que fosse solta. Não importava que ela ainda não tivesse noção de como fugir da berlinda.

Em nenhum momento ela viu Aren.

Ele estava descansando, ela supôs, aproveitando o acordo que tinha feito com o comerciante para ter algumas horas de sono nos confins gelados de uma das construções. Mas, apesar da própria situação, uma onda de alívio invadiu o peito dela quando ele retornou ao mercado, flanqueado pelo comerciante e dois de seus companheiros. Eles caminharam na direção da taverna e se acomodaram em uma mesa à sombra da edificação.

Garrafas de um licor âmbar e copos minúsculos apareceram, assim como um prato de tâmaras cristalizadas, e logo os homens bebiam e riam como se fossem velhos amigos, nenhum deles mais alegre do que Aren. Mais homens se juntaram a eles, e rapidamente se tornou uma verdadeira reunião. Aren os entreteve com uma versão fabricada de sua sobrevivência à tempestade de areia.

De vez em quando, um dos homens se afastava da mesa para mijar na areia perto da berlinda. Lara se encolhia para longe dos respingos nojentos, mesmo enquanto imaginava remover uma certa parte do corpo de cada suspeito. O fedor ao redor dela era quase insuportável no calor.

O sol estava baixo no céu quando Aren decidiu que era a vez dele.

— As coisas não parecem boas pra você — ele comentou, desabotoando o cinto. — Esses homens levam roubo *muito* a sério.

Rangendo os dentes para conter a raiva, Lara ergueu a cabeça.

— Você pode pegar aquele frasco de veneno pra mim? Está no meu casaco, que estava preso ao arreio de Jack.

Ele ergueu as duas sobrancelhas.

— Este frasco?

O vidro marrom apareceu na mão dele, depois desapareceu com a mesma rapidez de volta ao bolso.

— Aren…

— É um plano interessante. — Terminando, ele afivelou o cinto. — Mas eu não recomendaria. Eles planejam alimentar os cães com seu corpo. É melhor você ter outra ideia.

Sem dizer outra palavra, ele se voltou para seus companheiros.

— Com licença um instante, cavalheiros. Vou entrar para conversar com aquela garota bonita atrás do bar.

Ele desapareceu dentro da construção e não saiu por um longo tempo. E quando o fez, parecia ainda mais bêbado do que antes.

Aren não iria ajudá-la, e se era porque não queria arriscar a própria fuga ou porque pensava que ela merecia isso, não importava muito. Lara estava sozinha.

Quando o sol era pouco mais do que uma lasca brilhante de laranja, Aren, o comerciante e o resto do grupo se levantaram, rindo e dando tapinhas nos ombros de seus companheiros de bebida enquanto se despediam. Aren

cambaleou instavelmente sobre os próprios pés.

— Idiota — Lara murmurou. — Espero que se divirta racionando água com uma ressaca a reboque.

— Falando sozinha, menina bonita?

O homem gigante estava de volta. Agachando-se, ele despejou água na boca dela antes de alimentá-la com um pedaço de pão, pedaço por pedaço.

— Coma! Coma! — ele murmurou, o hálito fedendo a álcool. — Espero que o sol cozinhe sua carne até os ossos, e isso leva tempo.

Lara mostrou os dentes, mas ele só riu e se empertigou. Ao fazê-lo, ele cambaleou como um bêbado, apoiando o peso na berlinda. A moldura de madeira gemeu e se mexeu, mas ele não pareceu notar, mais decidido a aumentar as poças de urina ao redor dela.

Afivelando o cinto, ele se encostou na berlinda novamente, fazendo a areia sob os joelhos de Lara se mover.

— Te vejo depois, menina bonita.

Lara esperou até que ele se reencontrasse com seus companheiros. E então, sorriu.

— É melhor você torcer para que não.

34
AREN



— QUANTO TEMPO VAI DURAR A JORNADA? — Aren perguntou a Timin, cambaleando pela trilha que levava aos estábulos, onde a caravana aguardava. Ele não estava exatamente bêbado. Mas também não estava exatamente sóbrio, visto que as recentes privações que sofrera não lhe garantiram o estômago resistente para suportar a bebida forte que esses homens preferiam. Para o plano dar certo, ele precisava clarear a mente.

— Uma semana — Timin respondeu, dando um tapinha nas costas dele. — Talvez dez dias. Para onde você irá depois, meu amigo?

— Para a costa. — Um dos rapazes do estábulo entregou as rédeas de Jack a Aren. O camelo ergueu um lábio como se fosse mordê-lo antes de decidir que Aren não valia o esforço. — Já estou farto de areia.

— Você tem amigos lá? Família que certamente estará preocupada com o seu bem-estar?

Aren se esforçou para não revirar os olhos diante da obviedade da armadilha do homem, mas respondeu:

— Minha família está toda em Harendell, graças a Deus. Terei tempo para pensar em uma maneira de explicar que perdi todo o dinheiro deles. — Ele arrotou alto. — Posso ir com calma e usar as tempestades como desculpa para não voltar lá por um ano.

Timin riu antes de gritar para seus homens começarem a se mover, o grupo caminhando para fora da cidade e para o sul, rumando em direção a Valcotta.

O ar esfriava rapidamente e Aren se perguntou por quanto tempo isso seria uma bênção para a pele queimada de Lara antes de se transformar em uma maldição. Ela parecia miserável e profundamente indisposta. E cada vez que um dos mercadores se aproximava dela, era uma luta não puxar uma arma e partir em defesa dela.

— Tão sério, James. — A voz de Timin invadiu os pensamentos de Aren.

— Meramente contemplando uma semana de caminhada.

— Ah, sim. Talvez ajude a acalmar sua mente.

O comerciante tentou passar uma garrafa para Aren, mas o Ithicano ergueu as mãos.

— Você já foi mais do que generoso com a oferta que fez pelo meu camelo. Não posso aceitar mais nada.

— Que nada! O animal é do melhor tipo. Sou eu quem está saindo na frente em nosso acordo.

Fingindo vacilar, Aren finalmente aceitou a garrafa e fingiu tomar um grande gole.

— Você é um verdadeiro amigo.

Eles caminharam por cerca de uma hora na escuridão, Timin cantarolando o tempo inteiro enquanto Aren fingia beber e derramava sorrateiramente o conteúdo na areia de vez em quando. Ele cambaleava frequentemente, colidindo com um Jack descontente.

Mas Aren estava completamente sóbrio quando escutou a lâmina sendo puxada atrás dele.

Virando-se, Aren analisou Timin, que segurava uma longa faca, seus dois companheiros flanqueando-o. O mais jovem estava mais distante e segurava as rédeas dos camelos, medo em sua expressão.

— Largue a rédea do seu animal — Timin ordenou. — Depois, deite-se na areia.

— E eu pensei que éramos amigos. — Aren largou a guia de Jack, mas permaneceu em pé.

O comerciante ergueu um ombro.

— O que posso dizer? Negócio é negócio.

— Isso parece muito mais um roubo.

Os três homens riram, e Timin comentou:

— Só é roubo se o indivíduo que sofre a perda estiver vivo para relatar o crime.

Foi a vez de Aren rir.

— Eu não poderia concordar mais.

A sobrancelha de Timin se franziu em confusão, que se transformou em pânico quando Aren puxou a espada da bolsa de Jack e atacou os homens antes que eles tivessem chance de reagir. Ele abriu as entranhas de Timin, depois se virou para a outra dupla, executando-os sem piedade. Em sua visão periférica, ele viu o menino largar as guias do camelo e começar a correr, mas Aren estava atrás dele num piscar de olhos.

Sendo mais alto e mais forte, ele agarrou o garoto facilmente, jogando-o na areia.

— Por favor — o menino choramingou. — Por favor, tenha misericórdia. Eu não sabia o que eles pretendiam fazer.

Provavelmente uma mentira, mas Aren não tinha o costume de matar crianças.

— Não vou te matar, mas temo precisar mantê-lo quieto até eu estar bem longe daqui.

Depois de amordaçar o menino e prender seus pulsos aos tornozelos, Aren largou-o perto dos camelos. Ele prendeu os animais a uma maneia, depois enfiou-a no chão. Então, um gemido de dor chamou a atenção dele.

Com um braço segurando suas entranhas, Timin rastejava em direção ao oásis. Seguindo-o, Aren deu um chute nas costelas dele e o virou de costas, mesmo quando o homem gritou por ajuda.

— Estamos muito longe para qualquer um escutar. — Aren se ajoelhou ao lado do moribundo. — Mas você sabia disso, não é?

— Quem é você? — As palavras de Timin saíram engasgadas. — Que tipo de demônio é você?

— O tipo que está farto de ser apunhalado pelas costas por imbecis — Aren respondeu antes de deslizar a lâmina pela garganta do homem. — Agora, se me der licença, irei buscar a minha esposa.

35

LARA



INCLINE-SE PARA FRENTE.

Incline-se para trás.

Inclinar-se para a esquerda.

Incline-se para a direita.

Lara repetiu o cântico em sua cabeça, forçando seu corpo a obedecer, embora a exaustão e a exposição estivessem cobrando o preço. A pele dela ardia nos lugares onde o sol a queimara, mas o resto estava congelando, seu corpo coberto por arrepios. Ela estava com sede, o estômago se revirando com cãibras e a cabeça latejando. Se Lara não fugisse hoje à noite, a única saída seria a morte.

Incline-se para frente.

Incline-se para trás.

A berlinda estava enterrada na areia, mas não o bastante. O peso do homem gigante havia afrouxado-a de modo que, se Lara se esforçasse durante horas, deveria ter sido fácil levantá-la. Exceto que ela descobriu que estava fraca demais para isso. Sua única opção era continuar se esforçando para desestabilizar a maldita coisa, tentar derrubá-la e, com sorte, não quebrar o pescoço no processo.

O mercado fervilhava com pessoas dedicadas à compra e venda de mercadorias, visto que uma grande caravana havia chegado de Maridrina pouco depois do pôr do sol. Felizmente, o interesse por Lara havia diminuído, embora homens e mulheres tenham se dado ao trabalho de cuspir ou jogar areia nela ao passarem. Lara não se importava muito com o que jogavam nela, contanto que nenhum deles percebesse o que ela estava fazendo.

A taberna Maridriniana estava movimentada, dezenas de homens sentados às mesinhas do lado de fora, uns bebendo e rindo, outros com as cabeças inclinadas próximas ao discutirem negócios. Estava barulhento, ainda mais barulhento

devido a um par de músicos tocando tambor. Uma dançarina – que provavelmente trabalhava como prostituta – se movia sedutoramente no topo de uma plataforma que fora montada para ela. Por esse motivo, a multidão levou vários momentos para perceber o grande captor de Lara caindo no chão em frente à construção, espuma saindo da boca dele.

Houve gritos de alarme e mais dois homens caíram de suas cadeiras, apresentando os mesmos sintomas.

— Veneno! Eles foram envenenados — alguém berrou, e o mercado inteiro se transformou em caos quando os clientes da taberna empurraram copos e garrafas para longe com os olhos arregalados em terror.

Essa era a chance dela.

Colocando as pernas sob si, Lara empurrou, os pés impulsionando contra a areia. As costas dela gritaram de agonia, mas lentamente a berlinda tombou para a frente, puxando-a junto. Ela tentou desacelerar a queda da estrutura, mas foi um esforço inútil. O corpo dela caiu ereto, deixando sua bunda direcionada para cima ao mesmo tempo que o topo da cabeça dela batia na areia com força suficiente para Lara ver estrelas. A abertura ao redor do seu pescoço bateu contra o queixo dela, pressionando com força contra a garganta. Mas ela ouviu a trava abrir.

Cravando as pontas dos pés no chão, ela tentou empurrar a parte superior da berlinda para afrouxá-la e se soltar. Mas a estrutura estava presa na areia.

E ela não conseguia respirar.

Desespero a invadiu e Lara tentou puxar a bagunça de madeira para trás e para fora da areia, mas ela não conseguia se apoiar.

Se ela não se libertasse logo, iria desmaiar. E se ninguém a notasse, Lara estaria morta, estrangulada e esmagada devido ao próprio plano falho.

Prendendo um dedo do pé em um dos buracos no chão, Lara puxou, os ossos dos pulsos rangendo contra a madeira e seus músculos tremendo.

A estrutura virou e ela sentiu a peça de cima se soltar, liberando seus pulsos e pescoço.

Ela tinha conseguido!

— Essa não foi a sua manobra mais graciosa — uma voz familiar sibilou, e mãos agarraram os braços dela, puxando-a para cima. — Você tem sorte de não ter quebrado a porra do pescoço.

Aren.

— Vamos embora enquanto eles ainda estão distraídos.

Ele a arrastou entre duas barracas, indo em direção ao lago. Momentos depois, ela ouviu gritos de alarme quando seus captores perceberam que ela havia escapado.

— Por aqui.

Aren guiou-a até a água, mas foi só quando eles chegaram nas pedras que ladeavam as margens que ela percebeu o que ele pretendia fazer.

— É proibido!

— Eu lembro. E como a maioria dessas pessoas provavelmente não são melhores nadadoras do que você, elas nunca irão pensar em procurar aqui.

A água estava mais quente do que o ar ao redor de Lara, quase como um banho enquanto Aren a conduzia mais afundo no lago. As águas mais profundas subiram até os quadris dela e depois alcançaram a cintura, mas quando a altura da água desceu aos seus pés, ela recuou.

— Estamos muito perto da margem. Segure-se em mim.

Não fazia sentido argumentar, visto que luzes oscilantes seguiam na direção da água, uma busca por ela a caminho. Envolvendo os braços ao redor dos ombros de Aren, Lara tentou manter a respiração estável enquanto ele caminhava silenciosamente em direção ao centro do lago, onde ele parou, a água logo abaixo do queixo.

Os perseguidores procuravam pelo bosque ao redor do lago, movendo-se constantemente ao redor do perímetro, mas nenhuma vez olharam para a escuridão da água. Mais longe, ela conseguia ouvir sons da cidade sendo revistada, as vozes cheias de fúria. Eles iriam revistar até a última pedra.

A cabeça de Lara girou, os pequenos goles de água que ela engoliu não contribuindo em nada para conter a náusea crescente. Os braços dela se contraíram, visto que o esforço de segurar Aren era quase maior do que a sua capacidade. O corpo dela estremeceu e ela respirou fundo para acalmar o coração acelerado, mas não adiantou.

Então, a mão de Aren agarrou seu pulso, puxando-a para ficar diante dele, e ele agarrou a cintura dela. A pele queimada de Lara gritou com o toque, e ela engoliu um gemido.

— Use suas pernas.

Tremendo, ela envolveu as pernas nuas ao redor da cintura dele, a pele de suas coxas misericordiosamente não queimada. Passando os braços em volta do pescoço do Ithicano, ela descansou a testa contra a bochecha dele, sentindo a respiração dele roçar sua orelha. O peito dele pressionou contra os seios de Lara, e ela não tinha certeza se o que sentia acelerado era o coração dele ou o dela mesma.

— Calma — ele murmurou, as mãos agarrando-a sob os braços para um maior apoio, com cuidado para não tocar onde doeria. — Você vai ficar bem.

— Você voltou por mim.

— Você pensou que eu não voltaria? — Embora a voz dele não fosse nada

mais que um sussurro, ela escutou incredulidade.

A mandíbula dela tremeu, e Lara deu o mais leve dos acenos.

— Lara… — A mão dele segurou a bochecha dela, depois se moveu para o rosto dela para fazê-la encará-lo nos olhos, embora estivesse muito escuro para ver mais do que sombras. A respiração do Ithicano era quente contra os lábios dela, e Lara ouviu-a ficar acelerada quando ela apertou as pernas ao redor dele, enredando os dedos nos cabelos de Aren.

Deus a ajudasse, mas ela o amava. Precisava dele como precisava de ar para respirar. Desejava-o, apesar de seu corpo parecer estar à beira da morte.

Então, os lábios de Aren roçaram os dela, e pareceu que tudo havia desmoronado. Como se não houvesse nada no mundo inteiro além dos dois. Ela tremeu, puxando-se para mais perto dele, e ele sussurrou:

— Lara, não importa onde você esteja no mundo, se precisar de mim, irei buscá-la. Por favor, saiba disso.

A realidade a estapeou e dor preencheu sua alma. *Não importa onde ela...* Porque ela poderia estar em qualquer lugar, mas não seria com ele. Ela não podia estar com ele, ela sabia. E ainda assim…

Eles permaneceram em silêncio, escondendo-se na água até aqueles que a procuravam se afastarem da costa. Depois, Aren começou a caminhar na direção do penhasco baixo onde a pequena cachoeira que enchia o lago escorria. Alcançando a borda, ele segurou Lara para mantê-la firme até ela alcançar as pedras.

Eles escalaram, e Aren parou para observar por cima da borda.

— O caminho está livre. Você consegue correr?

Lara sentia que mal conseguia andar, mas assentiu.

— Vamos.

Os pés descalços dela batiam suavemente contra o chão enquanto ela corria. O cabelo molhado bateu em suas costas nuas, fazendo-a estremecer de dor. Lara tropeçou, mal conseguindo manter o equilíbrio, mas não foi até eles cruzarem uma duna e descerem do outro lado que ela finalmente desmoronou.

— Te peguei — disse Aren no ouvido dela, pegando-a nos braços. — Você vai ficar bem.

Sangue rugiu nos ouvidos dela, as estrelas acima rodopiando, e o mundo caiu em escuridão.

36
AREN



ELE CARREGOU O CORPO trêmulo dela pela escuridão, seguindo as pegadas na areia. Não foi uma tarefa nada fácil, já que ele precisava manter a lamparina com um brilho quase imperceptível para não chamar a atenção dos perseguidores na cidade.

Os camelos, o menino e os cadáveres permaneciam onde ele os deixara. Os olhos do menino se arregalaram quando pousaram em Lara, que continuava inconsciente.

— Olhe para o outro lado — Aren rosnou para ele antes de depositar a esposa nua na areia. Aumentando o brilho da lamparina, ele fez uma careta ao ver as costas e ombros queimados pelo sol da mulher. Ela estava febrilmente quente ao toque, a respiração e a pulsação muito mais rápidas do que deveriam.

Vasculhando as malas nos camelos, Aren encontrou a bolsa do menino, que continha um conjunto extra de roupas que caberiam em Lara. Ela choramingou quando ele tentou vesti-la, tentando se encolher. A tarefa tomou mais tempo do que ele queria desperdiçar. Depois de retirar de Jack as mercadorias dos comerciantes, o Ithicano jogou Lara nas costas do camelo e usou pedaços de tecido, em vez de corda grossa, para amarrá-la à sela. Então, ele se virou para o menino.

— Irei deixá-lo ir embora. Encontre melhores companheiros de viagem.

Ajustando as amarras do menino para que ele conseguisse rastejar, Aren apontou para o oásis.

— Se você começar agora, talvez consiga chegar lá antes do nascer do sol.

Verificando se os animais ainda estavam presos uns aos outros, Aren assumiu as rédeas de Jack e o cutucou com a vara para fazer com que ele e os outros se levantassem.

— Guarde os dentes para si mesmo — Aren advertiu ao animal. — Tem dois

substitutos logo atrás de você.

Jack lançou-lhe um olhar de reprovação, mas seguiu Aren obedientemente conforme eles se dirigiam ao sul.



LARA FICOU DOENTE durante dias, mal conseguindo manter a comida no estômago e exausta demais para fazer qualquer coisa além de permanecer na sela de Jack. A pele de suas costas estava cheias de bolhas e, onde não havia nenhuma, estava um vermelho pálido. O maxilar dela enrijecia de dor toda vez que Aren aplicava a pomada que ele encontrara em uma das bolsas do camelo. Ela continuou inconsciente na maior parte do tempo, resmungando e chorando durante o sono, embora ele não soubesse se era devido a horrores antigos ou novos. No entanto, Aren não tinha escolha além de manter um ritmo árduo pelas dunas vermelhas, cavalgando durante a noite e o dia até o calor se tornar insuportável.

Foi só quando eles chegaram ao fim do deserto e dentro das colinas de Valcotta que ela se recuperou. E a visão de Lara caminhando ao lado dele, com a espada presa ao cinto, foi mais bem-vinda do que a dos riachos gorgolejando água preciosa que surgiram. Com o retorno da saúde dela, a mente de Aten teve a oportunidade de se voltar para pensamentos além da sobrevivência.

— Podemos acampar por aqui até amanhã de manhã — ela anunciou, saindo da trilha que levava a um conjunto de árvores. Um riacho passava por entre elas, e os viajantes anteriores o represaram com pedras para criar uma piscina com alguns metros de profundidade.

— Você mal se recuperou e já está me dizendo o que fazer. Me faz sentir saudades dos dias em que você não conseguia formar uma frase coerente.

Lara revirou os olhos e começou a acariciar os camelos, sua voz suave enquanto ela erguia sacos cheios de grãos diante dos focinhos dos animais para que eles pudessem comer. Fios do cabelo dela haviam se soltado da trança e esvoaçavam com a brisa suave, o sol da tarde iluminando-os. Ela começou a descarregar a tenda das costas de um camelo, mas Aren segurou seu pulso.

— Deixa comigo.

Ela o encarou, os olhos azuis atraindo-o. Afogando-o, como sempre faziam.

— Eu estou bem, Aren.

— Eu sei que está. E sei que consegue fazer isso sozinha. Mas me deixe fazer por você mesmo assim.

Um rubor surgiu nas bochechas de Lara, e ela desviou o olhar.

— Como quiser.

Eles começaram a montar o acampamento e, embora as mãos dele estivessem ocupadas armando a barraca, acendendo o fogo e retirando água do riacho, sua mente estava completamente tomada por Lara.

E completamente tomada por aquele beijo.

Ele não deveria ter feito aquilo, Aren sabia. Ele disse a si mesmo que era porque estava com medo de que ela morresse em seus braços. Que não era nada mais do que um simples roçar de lábios. Que não significou nada.

Exceto que significava tudo, porque aquele único beijo havia desintegrado as muralhas já em ruínas construídas contra ela em seu coração, e Aren sabia que se ela quisesse, se ela oferecesse, o que aconteceria a seguir seria qualquer coisa, menos casto.

Depois de colocar uma panela para ferver, ele pegou um saco de lentilhas e o que restava das frutas secas e sentou-se diante do fogo e da esposa.

— A dor melhorou. — Lara levantou a camisa para coçar as costas que descamavam. — Nunca senti tanta coceira em toda a minha vida.

— Você certamente nunca pareceu pior — ele comentou, mastigando um damasco seco, e se esquivou para o lado quando ela arremessou um pedaço de pele morta em sua direção, uma risada deixando a garganta dele.

— Babaca. — Ela puxou uma barra de sabão de uma das bolsas. — Vou tomar banho enquanto você cozinha. Talvez seja melhor você considerar fazer o mesmo em algum momento, já que está cheirando a camelo.

— E ainda assim, você não me mima nem metade do que mima os animais.

Lara deu uma risada baixa.

— Fique atento, então. Prefiro não ter que sair do meu banho e lutar contra ladrões nua.

— Pode funcionar a seu favor.

— Já tenho vantagem suficiente, obrigada. — Ela deu uma piscadela, pegou uma faca e caminhou descalça até o riacho, seus quadris balançando e tornando impossível olhar para qualquer outro lugar. Então, ela gritou: — Eu disse para ficar de olho nos soldados, Aren. Não para ficar de olho na minha bunda.

— A bunda que está descascando como um grumete com um saco de batatas?

Girando, ela levantou lentamente o dedo médio, lançando-lhe um olhar penetrante antes de voltar-se para a água.

O que você está fazendo?, ele se perguntou silenciosamente. *Por que está agindo como se estivesse tudo bem entre vocês quando as coisas não poderiam estar mais erradas?*

Ithicana nunca aceitaria Lara, muito menos a perdoariam, e ele não podia,

em sã consciência, pedir ao seu povo que o fizessem. Até mesmo admitir que a perdoara seria um erro, porque ele sabia que muitos veriam isso como uma forma de traição. E já que ele ainda tinha a própria redenção a considerar, permitir-se qualquer forma de intimidade seria um erro. Especialmente levando em consideração que eles se separariam em algum momento.

Ele derramou as lentilhas na panela e pegou uma colher para mexê-las, tentando se concentrar na tarefa em mãos.

Quando?

Quando ela iria embora? *Agora* era provavelmente um momento oportuno, visto que estavam em Valcotta, um lugar muito mais perigoso para ela do que para ele. Aren se encontraria com a Imperatriz para implorar por perdão, e levar a mulher por quem ele havia rompido os laços com Valcotta estava longe de ser um linha de ação prudente.

Apesar das próprias intenções de não fazer isso, Aren se virou, os olhos bebendo a visão da esposa. Ela havia tirado as roupas do menino que vestia e estava sentada somente com a roupa de baixo na beira do riacho. Ela lavara o cabelo, as longas mechas cor de mel descendo até a parte inferior das costas, escondendo os machucados ainda cicatrizando de queimadura de sol. Eram cicatrizes em cima de cicatrizes que, em vez de diminuir a beleza, apenas a deixavam mais feroz. Deixavam Aren desejando-a mais.

Ela ergueu um braço para lavá-lo, revelando o lado de um seio curvo, o mamilo eriçado. O pau dele endureceu, desejo percorrendo-o enquanto Aren observava a água escorrer pela pele dela. Ela inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados enquanto ela espremia mais água da roupa, seus lábios se entreabrindo em deleite.

Cravando as unhas nas palmas das mãos, Aren lutou contra o desejo de ir até ela. De arrancar a última peça de roupa de suas coxas e saboreá-la. De fazê-la perder o controle e gritar o nome dele, seu corpo estremecendo sob ele, os dedos dela enredados no cabelo dele enquanto ele se enterrava dentro dela.

Ela era tudo. Mente, corpo e alma, ela era tudo o que ele queria. Tudo que ele precisava. A rainha que Ithicana precisava.

Mas, graças a Silas e sua ganância, ela era tudo o que Aren não podia ter.

Aren se virou de volta para as lentilhas com as mãos fechadas em punhos. Ele queria bater em algo. Queria ficar com raiva. Não era justo. Porra, não era justo.

Ela se aproximou dele, o odor agradável de sabão exalando dela.

— Você está bem?

— Estou bem.

Ele sentiu os olhos dela nele, sentiu Lara considerando o que fazer. O que

dizer. E tudo o que ele queria era implorar para que ela *acabasse com ele*. Porque bastaria um toque dela, uma palavra, e a força de vontade dele estilhaçaria.

Faça, ele desejou silenciosamente. *Decida por mim.*

Em vez disso, ela disse:

— Quando voltei para Eranahl, a única razão pela qual não me mataram foi porque Ahnna não permitiu. E a única razão pela qual ela não me matou foi porque queria te resgatar mais do que queria me ver morta.

Respirando fundo, Aren se virou. Lara estava parada com um pedaço de tecido enrolado ao redor do corpo e o sabão na mão.

— Eles me amaldiçoaram. Cuspiram em mim. Exigiram a minha morte das piores formas possíveis. Porque eles me odeiam. E estão certos nisso.

Ele abriu a boca para argumentar, mas Lara ergueu uma das mãos.

— Ficarei com você até chegarmos a Pyrinat e acharmos os Ithicanos que devem nos encontrar lá. Depois, irei embora.

Parecia que alguém estava enfiando algo lentamente no coração dele, esmagando-o cuidadosamente em vez de fazer um corte rápido.

— Lara…

— Eu te amo, Aren. — Os olhos dela brilhavam. — Mas está tudo acabado entre nós. Tem que estar, e nós dois sabemos disso. Fingir o contrário só vai piorar as coisas quando eu for embora.

Ela tinha razão, e ele sabia. Mas em seu coração, Aren sabia que mesmo se nunca voltasse a vê-la pelo resto da vida, nunca estaria acabado.

Ela sempre seria sua rainha.

37

LARA



ELES VIAJARAM DIRETO PARA PYRINAT, a capital de Valcotta. A maior parte da viagem se deu em um barco fluvial depois que Aren demonstrou suas habilidades Ithicanas de negociação e vendeu os camelos pelo dobro do valor dos animais.

Eles fingiram ser Harendellianos, embora mais do que alguns Valcottanos tenham franzido a testa para Lara, a cor de pele e cabelo dela indicando que ela era Maridriniana, independentemente dos trajes Harendellianos de gola alta que usava.

Eles estavam quase um mês atrasados, fazendo o número de semanas que Aren tinha para convencer a Imperatriz de Valcotta a aceitar uma aliança se reduzir a uma questão de dias.

E isso se ela pudesse ser convencida.

Mesmo assim, apesar de toda a pressão que os atrasos colocavam sobre os dois, Lara não tinha certeza se renunciaria a qualquer tempo passado com Aren. Não quando havia momentos em que ela podia fechar os olhos e acreditar que estavam de volta a Eranahl, jogando e bebendo vinho e um caçoando do outro, sempre a um batimento cardíaco de distância de cair na cama para fazer amor.

Mas, ao contrário de Eranahl, o último nunca aconteceu.

Apesar da luxúria evidente que via nos olhos dele, uma luxúria que Lara provocava intencionalmente em momentos de fraqueza, Aren havia levado as palavras dela a sério e nenhuma vez chegou perto de ceder ao calor entre eles. Calor que, apesar do que ela dissera a ele, parecia esquentar a cada dia.

Está acabado, ela dizia a si mesma, de novo e de novo. *Ele é o rei de Ithicana. Ele precisa colocar o povo dele em primeiro lugar.*

Contudo, nas horas mais escuras da noite, quando ela estava enrolada em torno de si mesma na cama, com o corpo doendo em uma mistura distorcida de

desejo e solidão, a lógica significava muito pouco e a esperança, tudo.

Foi só depois que o barco atracou em Pyrinat que ela finalmente abandonou essas esperanças, dedicando a mente inteiramente à tarefa em mãos.



ACEITANDO o braço de Aren estendido para ajudá-la a subir no píer, Lara parou para se maravilhar com a enormidade da cidade ao redor deles.

O rio Pyr, com mais de um quilômetro de largura em alguns pontos, corria pelo centro de Pyrinat, ramificando-se em incontáveis áreas e criando canais que serpenteavam pela cidade como ruas alagadas. As construções perto dos canais tinham portas que davam para pequenas docas. Havia dezenas de pontes curvas com escadas estreitas que levavam até a água. As edificações em si eram todas feitas de blocos de arenito, a maioria com grandes janelas do vidro mais claro do mundo, e faixas de tecido colorido penduradas nas sacadas que davam para as ruas.

O cheiro do mar soprava para a terra, misturando-se aos aromas de especiarias e comida cozinhando, e as ruas da cidade eram imaculadas e desprovidas de sujeira. Valcottanos vestidos com roupas brilhantes e volumosas ocupavam as ruas, o ar sendo preenchido com o som de vozes enquanto as pessoas negociavam com vendedores pelos mercados lotados.

Músicos pareciam tocar em cada esquina. E, ao contrário de Vencia, eles estavam bem vestidos, aparentemente mais interessados em entreter a multidão que se reunia para escutar do que em ganhar qualquer moeda. Cantores frequentemente os acompanhavam, rapazes e moças cujas canções Lara nunca tinha ouvido antes, os instrumentos diferentes de tudo que ela já vira.

Aren, familiarizado com a cidade devido a visitas anteriores, a conduziu pelo fabuloso mercado de vidro. Os vendedores exibiam de tudo, de vasos a taças a esculturas que se estendiam ao céu. A luz do sol filtrava-se por entre os objetos, lançando um arco-íris de cores pelas trilhas de arenito. Ela parou mais de uma vez para observar com espanto homens e mulheres transformarem fios de vidro em formas ornamentais, às quais eles frequentemente acrescentavam filamentos de ouro e prata para criar obras de arte dignas da própria Imperatriz.

— Por aqui — disse Aren, puxando-a pelo braço. — Qual foi mesmo o nome do lugar que você disse?

— Hotel Nastryan. O proprietário é aparentemente um dos seus espiões. — E com a lembrança disso, a admiração de Lara pela vidraria evaporou, sendo substituída por apreensão. Deveria ter alguém aqui para recebê-los com

informações sobre a situação de Ithicana, mas com a demora dos dois, quais eram as chances de o indivíduo ter permanecido? Não que ela e Aren não soubessem se cuidar, mas ela torcia por notícias. De Eranahl. De suas irmãs. Não saber se todas haviam conseguido sair em segurança do palácio era um fardo em que Lara tentava não pensar.

— Aqui.

Aren parou diante de uma construção de três andares, o piso principal aberto para a rua e ostentando uma grande cafeteria. Havia pelo menos uma dúzia de pessoas sentadas em almofadas coloridas ao redor de mesas baixas, bebendo um líquido marrom fumegante em xícaras de vidro. Um corredor de azulejos levava à uma grande mesa de madeira, e atrás dela sentava-se um homem Valcottano cuja pele brilhava à luz das lamparinas colocadas nos dois lados dele.

Aproximando-se, Lara sorriu.

— Bom dia. Nós temos uma reserva.

Os olhos do Valcottano se arregalaram ligeiramente, se deslocando para Aren e depois de volta para ela. Então, ele acenou com a cabeça.

— Vocês estão um pouco atrasados.

— Circunstâncias imprevistas nos atrasaram. — Ela hesitou, com medo de perguntar. — Há alguma mensagem?

O homem balançou levemente a cabeça e o estômago de Lara despencou. Tinha acontecido alguma coisa? Ahnna falhou na tentativa de garantir o apoio de Harendell? Eranahl tinha caído?

— Nenhuma mensagem — o homem repetiu. — Mas talvez o outro membro do seu grupo possa lhes dar as informações que vocês procuram.

Ele gesticulou para dentro da cafeteria na direção de uma figura solitária sentada em uma mesa no canto.

Lara sorriu.

38

AREN



FOI UMA LUTA manter a compostura. Evitar desatar numa corrida pela cafeteria. Evitar desmoronar completamente.

Mas Aren se obrigou a caminhar lentamente por entre as mesas. A ficar em silêncio ao puxar uma cadeira e sentar-se diante de seu compatriota.

Com os olhos fixos na xícara à sua frente, que *não* tinha café, Jor rosnou:

— Não estou interessado em companhia.

— Nem mesmo a companhia de um velho amigo?

Jor se enrijeceu e, com uma lentidão dolorosa, ergueu o rosto. O velho soldado encarou Aren por um longo momento, então sussurrou:

— Eu quase perdi as esperanças. Semanas... semanas, estive aqui esperando.

De repente, Jor estava do outro lado da mesa, a xícara se espatifando no chão enquanto seus braços se apertavam ao redor de Aren, os dois quase caindo para trás.

— Você está vivo.

Além do breve encontro com Nana, fazia meses desde que Aren conversara com alguém de Ithicana. Estar diante de Jor agora era quase tão bom quanto estar em casa.

— Pensei que você estivesse morto. — A voz de Jor estava estrangulada, como se ele tentasse conter as lágrimas, embora Aren nunca tivesse visto o homem chorar em toda a sua vida.

— Quase morri mais vezes do que eu gostaria de contar — Aren admitiu, percebendo que todos os outros clientes os encaravam. Empurrando Jor de volta para o assento, Aren endireitou a mesa e sentou-se novamente. — Acredite em mim, se eu nunca mais ver o deserto, ainda assim será pouco tempo.

— O deserto? — Os olhos de Jor se arregalaram e ele se virou para encarar Lara, que estava a alguns passos de distância com um leve sorriso no rosto. —

Esse não era o plano, garota. Você deve algumas explicações.

— Mais tarde. Temos assuntos mais importantes a discutir.

O olhar de Jor escureceu e ele assentiu.

— Mas não aqui. — Levantando-se, ele chamou uma das serventes: — Ponha na minha conta, garota. A xícara também.

— Você vai pagar essa conta, velhote? — a moça retrucou, mas havia afeto em sua voz. — Mandarei comida para o seu quarto. Lembre-se de comer. Você está desaparecendo.

Era verdade. Aren percebeu as diferenças em Jor enquanto o seguia para fora da cafeteria em direção a um lance de escadas. Os ombros dele estavam curvados de uma forma que não faziam antes, o corpo mais estreito e os passos mais lentos. Menos confiantes. Ele não era mais um jovem, mas não foi o tempo que o envelheceu nos meses em que estiveram separados. Jor cuidava de Aren desde que ele tinha idade suficiente para andar, sacrificando a própria oportunidade de ter uma família para manter o herdeiro de Ithicana seguro... para mantê-lo vivo. E Aren sabia que Jor se culpava por sua captura, o que significava que ele se culpava ao mesmo tempo que acreditava que Aren estava morto.

— Obrigado. Por me tirar de lá. E por esperar por mim.

Jor olhou por cima do ombro, seus olhos castanhos encontrando os de Aren. Porém, a única confirmação que ele deu de ter escutado foi um curto aceno. Tirando uma chave do bolso, Jor abriu a porta de um quarto no segundo andar, revelando uma suíte que dava para o pátio central do hotel.

— Chique.

— É para você. Foi bom você ter aparecido agora, porque acho que nosso homem lá embaixo estava pensando em me despejar em favor de um cliente pagante. Só o que nos dava alguma esperança de você ainda estar vivo era o fato de os homens de Silas estarem rastejando por toda a cidade.

Carrancudo, Aren jogou a bolsa escassa de pertences no canto.

— Serin antecipou para onde estávamos indo e nos tirou da jogada. É por isso que tivemos que atravessar o deserto. Mas não se preocupe com eles. O que tem de notícias de Eranahl? E de Ahnna?

— Eranahl ainda está de pé, assim como sua irmã. Ela está lá agora.

O alívio que percorreu Aren quase o fez cair de joelhos.

— Graças a Deus.

— Não agradeça a ninguém ainda. A cidade sobrevive graças aos suprimentos entregues por um misterioso benfeitor em algumas das ilhas vizinhas, mas mesmo que esse indivíduo esteja inclinado a fazer outra entrega, não há como buscá-la a menos que ocorra uma forte tempestade. Eranahl

permanece cercada, dia e noite, por navios Amaridianos. E a estação de calmaria deste ano fez jus ao nome.

— Então Zarrah foi fiel à própria palavra. — Lara constatou.

— Assim como seu irmão.

Jor ergueu uma sobrancelha em confusão, e Aren acrescentou:

— Foi Zarrah Anaphora quem providenciou os suprimentos. Ela concordou em fazer isso em troca de eu arranjar sua fuga do palácio de Silas. Mas, na verdade, o que eu arranjei foi uma distração para que Keris Veliant conseguisse libertá-la.

— O *príncipe herdeiro?*

Aren assentiu.

— Acontece que o príncipe filósofo é um grande conspirador político. Ele quer livrar Maridrina do pai e da nossa ponte, então ele é um aliado.

— Você não deve confiar nele.

— Foi isso que *eu* disse — Lara murmurou. — Para ele, nós somos um meio para um fim, e se aparecer outra oportunidade de conseguir o que ele deseja, ele nos atirará aos lobos sem derramar uma lágrima.

— Talvez. — Aren teve muito tempo para considerar as motivações de Keris: o longo jogo, como o príncipe havia colocado, e o Ithicano não estava convencido de que Keris agia somente por motivação própria, como ele havia feito parecer. Qualquer pessoa com recursos e dinheiro podia providenciar que um navio cheio de suprimentos fosse largado em Ithicana, o que levava à questão do porquê de Keris achar que Zarrah precisava ser libertada para atingir esse objetivo. E Aren tinha quase certeza de que sabia a resposta. — Zarrah está aqui?

— Se está, não me disseram nada. Talvez ela tenha retornado ao comando da guarnição Valcottana em Nerastis? A propósito, é lá que Keris está. O boato que rola por Pyrinat é que ele partiu de Vencia no dia seguinte à sua fuga. Ele assumiu o comando das forças Maridrinianas na fronteira e se interessou muito mais ativamente por seus deveres do que no passado.

— Provavelmente para disfarçar o fato de ter libertado Zarrah bem debaixo do nariz do pai dele.

— Você tem notícias das minhas irmãs? — A voz de Lara estava firme quando ela fez a pergunta, mas Aren viu a maneira como os punhos dela se cerraram e abriram, demonstrando nervosismo.

— Você é tia.

Ela ofegou.

— Sarhina?

Jor sorriu e deu um tapinha no ombro de Lara, fazendo-a cambalear.

— Certa como a chuva. Nana fez o parto da menininha de Sarhina menos de um dia e meio depois que vocês se separaram. Pelo que soube antes de partir, Bronwyn estava aguentando bem, e o resto das suas irmãs chegaram em Vencia relativamente ilesas.

Lara acenou rapidamente com a cabeça, enxugando os olhos.

— E Coralyn? — Aren indagou.

Jor deu um suspiro pesado.

— Ela não foi vista, receio. Mas também não conseguimos confirmar sua morte.

Aren só podia esperar que Keris tivesse intervido em favor da tia, porque se Coralyn estivesse viva, ela poderia muito bem estar desejando a própria morte.

— Você disse que Ahnna retornou a Eranahl?

— Sim. Aparentemente, ela teve que nadar sob a cobertura da escuridão quando voltou de Harendell porque não conseguiu passar um barco pelos Amaridianos.

Aren empalideceu. Durante a temporada de calmaria, as águas fora da fortaleza da ilha ficavam cheias de tubarões.

— Ela não devia...

— Ela tinha que fazer. — Jor interrompeu. — Os ânimos estão ruins. Muitos estão falando sobre abandonar a cidade. Abandonar Ithicana. Ela está segurando as pontas para lhe ganhar tempo, mas... — Ele hesitou. — Assim que a temporada de tempestades afugentar as embarcações, haverá um êxodo ao norte em direção a Harendell, que ofereceu abrigo seguro.

E Ithicana não existiria mais.

— Talvez seja o melhor.

— Se eles pensassem que era o melhor, todos teriam partido na última temporada de tempestades — Lara rebateu. Em seguida, jogou a própria bolsa ao lado da de Aren. — Eles planejam ir embora porque não há outra escolha, não porque querem. Precisamos lhes dar outra opção. Jor, o que o rei Harendelliano disse sobre a proposta de Ahnna?

Antes que ele pudesse responder, houve uma batida na porta. Jor andou até ela, pegou uma bandeja fumegante com comida e agradeceu à garota que a entregou. Derramando água de uma jarra, ele entregou um copo a Aren.

— Os Harendellianos têm razão quanto ao fato de Maridrina estar travando a ponte, especialmente considerando o favoritismo demonstrado a Amarid em Northwatch. Nosso amigo, Rei Edward, foi rápido em concordar. Com condições, é claro.

— Quais foram?

— Termos comerciais, principalmente. — A boca de Jor se apertou. — E a

palavra de Ahnna de que ela retornaria para Harendell assim que tudo terminar. Aparentemente, é hora do príncipe herdeiro, William, se casar.

Aren abriu a boca para argumentar que não concordaria com isso, mas Jor o interrompeu.

— Ela já deu a palavra dela, então economize seu fôlego. Mas tudo isso depende de você garantir o apoio de Valcotta; de pouco serve o rei Edward ficar ao nosso lado, a menos que a Imperatriz também o faça.

— Então, tudo depende de mim. — Aren bebeu toda a água, desejando que fosse algo mais forte.

— Sim, e você só tem alguns dias para fazer isso. É preciso tempo para organizar uma caravana com tantos convidados assim, e isso tem que ser feito antes de as tempestades começarem. Estamos quase sem tempo.

— Então, suponho — Aren comentou — que esteja na hora de a Imperatriz e eu termos uma conversinha.

Jor bufou.

— Não tenho certeza se vai ser muito uma conversa. Vai ser mais você rastejando de joelhos por perdão.

Indo em direção à bolsa, Aren puxou sua navalha, esfregando tristemente a barba que ele vinha usando como parte do disfarce.

— Se for para eu implorar, é melhor que eu esteja bonito.

39
LARA



— VOCÊ TEM ALGUMA forma de provar sua identidade? — Lara perguntou a Aren. Ela pisou em uma poça na rua, fazendo as contas de vidro colorido nas sandálias dela cintilarem ao sol. Jor havia fornecido a eles roupas Valcottanas apropriadas. Lara nunca havia visto Aren usar cores tão brilhantes, e ela poderia ter achado graça do desconforto dele se não fosse pela gravidade da situação.

— Existem alguns detalhes que só Ahnna ou eu saberíamos — ele respondeu, conduzindo-a para fora do caminho de um burro que puxava uma carroça. O motorista ergueu a mão para eles em agradecimento. — Essa não é a parte que me preocupa. — Ele balançou a cabeça bruscamente. — Maridrina possuir a ponte é indesejável para Valcotta, mas ainda assim, a Imperatriz não fez quase nada a respeito disso a não ser bloquear o comércio. Por quê?

— Talvez ela esteja ganhando tempo? Ela sabe que você está livre. Talvez esteja esperando por uma oferta de aliança?

Aren resmungou baixinho.

— Uma aliança com Ithicana sempre foi uma possibilidade, mesmo eu estando preso. Existem outras pessoas que poderiam ter feito um acordo, e ela sabia disso, mas optou por não fazê-lo.

— Você acha que ela ainda está com raiva por Ithicana ter ficado ao lado de Maridrina e quebrado o bloqueio de Southwatch?

Ações que haviam sido tomadas com base nos conselhos *dela*. E um conselho que Lara não se arrependia de dar. Os meses de Ithicana alimentando os estômagos Maridrinianos não só salvaram vidas, como também conquistaram os corações Maridrinianos.

— Suponho que iremos descobrir em breve.

Eles se aproximaram dos portões do palácio murado e Aren murmurou:

— Deixe que eu falo, pelo menos dessa vez. Eles não vão querer escutar uma

Maridriniana, especialmente alguém com olhos como os seus.

Guardas fortemente armados observaram-os se aproximando. Um deles ergueu a mão, fazendo Lara e Aren pararem a alguns passos de distância do guarda.

— Suas identidades e intenções, por favor.

— Rei Aren de Ithicana — Aren anunciou. — Estou aqui para ver a Imperatriz.

O queixo do soldado caiu com uma surpresa que refletia a de Lara. *Isso* não fazia parte do plano. Por volta do meio-dia, a porra da cidade inteira saberia que eles estavam lá, e em pouco tempo os assassinos do pai dela iriam atrás deles. O que diabos Aren estava pensando?

— Vossa Graça. — O soldado pressionou a mão contra o coração, a maneira Valcottana de demonstrar respeito. — Não sabíamos que estava na cidade. Por favor, perdoe minha grosseria.

Aren inclinou a cabeça.

— Não é necessário perdão. Por razões que tenho certeza de que você está ciente, anunciar minha presença suscitaria um risco claro.

— Eu entendo, Vossa Graça. — Os olhos castanhos do soldado se voltaram para Lara, endurecendo. — Então essa daqui é…

— Lara. — O tom de Aren era frio, encerrando efetivamente qualquer comentário que o homem estivesse prestes a fazer sobre a identidade de Lara.

O soldado acenou com a cabeça, mas Lara não deixou de perceber que ele não ofereceu a ela nenhuma da cortesia concedida a Aren. Não que isso importasse. Eles podiam odiar as entranhas Maridrinianas dela o quanto quisessem, desde que perdoassem Aren e Ithicana.

— Por aqui, Vossa Graça.

As portas pesadas abriram para dentro, revelando um amplo pátio com uma grande fonte no centro. Depois de despachar um menino para que ele avisasse sobre a chegada de Aren, o guarda conduziu-os pelo espaço aberto, passando por um par de portões de bronze do lado oposto, e eles entraram no palácio.

Era um prédio bem diferente de tudo que ela já vira, principalmente porque mal podia ser chamado de prédio. Acima deles, havia ferro forjado e moldado em delicadas formas curvas adornadas com o vidro colorido pelo qual Valcotta era famosa. Através do vidro, a luz lançava um arco-íris pelas trilhas de mosaico de vidro translúcido que serpenteavam pelos jardins repletos de flores desabrochando.

— Por aqui, Vossa Graça — disse o soldado, conduzindo-os para a esquerda, seguindo uma das trilhas até um pavilhão. No centro, havia uma mesa baixa rodeada por grandes almofadas envoltas em seda. A cor delas era de pedras

preciosas e, ao lado, um chafariz em níveis preenchia o ar com uma melodia suave.

— No momento, a Imperatriz está ocupada. Mas se vocês esperarem aqui, refrescos serão trazidos. — O soldado tocou o coração com a mão e deu um passo para trás antes de se virar para andar rapidamente pela trilha.

Dois meninos apareceram com tigelas de vidro cheias de água, além de toalhas tingidas de ametista Valcottana penduradas nos braços.

Lara lavou cuidadosamente as mãos e as enxugou na toalha, depois se sentou em uma das almofadas, alisando o tecido de sua calça larga. Uma garota com o cabelo trançado em ouro ofereceu a ela uma longa taça de vidro cheia de um líquido cintilante, e outra menina trouxe um prato cheio de trufas de chocolate com cheiro de menta.

Lara mordiscou uma trufa.

— Eles não irão correr riscos caso você não seja quem diz ser.

Aren bebeu profundamente da taça e franziu a testa para o conteúdo, colocando-a de lado.

— Os Valcottanos são um povo educado, mas não toleram desonestidade. Se descobrirem que estou mentindo, irão me executar antes do pôr do sol.

Comendo um dos chocolates, Lara inclinou a cabeça para o céu para admirar o lustre acima. Havia incontáveis bacias minúsculas penduradas por correntes delicadas. Óleo perfumado queimava dentro delas e a luz refletia no teto revestido de prata. Arbustos com folhas largas emolduravam o pavilhão em três lados, dando uma aparência de privacidade, porém, por entre as folhagens, Lara conseguia ver as silhuetas dos guardas observando-os.

— Pare de andar de um lado para o outro — ela murmurou para Aren, que já havia cruzado o espaço meia dúzia de vezes. — Te faz parecer nervoso.

Ele ignorou-a e continuou andando de um lado para o outro, não parando até escutar passos suaves se aproximando. Uma deslumbrante jovem vestida em trajes militares apareceu, um largo sorriso surgindo em seu rosto ao ver Aren. Lara imediatamente a reconheceu como a mulher que se juntara a eles durante parte da fuga do palácio de seu pai.

— É bom vê-lo vivo, Vossa Majestade — Zarrah cumprimentou, levando a mão ao peito. — Ouvi dizer que você teve alguns problemas depois que nos separamos do lado de fora dos portões de Vencia.

Lara manteve o rosto impassível diante da mentira da mulher. Obviamente, ela havia dito ao seu povo que Ithicana fora a responsável pela fuga dela, mantendo o envolvimento de Keris em segredo. Na opinião de Lara, era uma jogada inteligente, e que só podia funcionar a favor de Aren.

Os olhos de Aren se estreitaram um pouco, mas ele simplesmente falou:

— Igualmente. Fico feliz em ver que você está bem.

— Não tive a oportunidade de lhe dizer obrigada, então me deixe agradecer agora. Talvez chegue um momento em que eu possa retribuí-lo.

— Acho que já estamos quites.

Zarrah balançou a cabeça levemente, os olhos cheios de advertência mesmo enquanto sorria. A entrega de suprimentos para Eranahl claramente não era algo que ela desejava que as pessoas soubessem, o que significava que havia feito isso sem a aprovação da Imperatriz. Lara olhou para Aren para ver se essa revelação o preocupava, mas o rosto dele permaneceu inabalável.

Zarrah acenou com a mão para os guardas além deles.

— Abaixem as armas. Sua Graça é quem diz ser. — A cabeça dela se inclinou para o lado, os olhos escuros encontrando os de Lara. — Assim como ela.

O silêncio se estendeu enquanto elas se encaravam, uma analisando a outra. Zarrah era mais bonita do que Lara pôde perceber durante a fuga. Os cachos castanhos curtos revelavam maçãs do rosto altas e arredondadas, e ela tinha grandes olhos castanhos que Lara poderia ter descrito como “ingênuos” em outra mulher. Mas Zarrah era tão predadora quanto a própria Lara. Seu corpo alto portava a força e a graça de uma pantera na caça, e os dedos dela estavam flexionados ao redor do cetro que a Valcottana segurava. Então, ela disse:

— Gostei bastante da sua dança, Vossa Majestade. Embora não tanto quanto gostei de vê-la chutar vinho na cara do seu pai.

Lara inclinou a cabeça.

— Eu também gostei muito disso.

A atenção de Zarrah retornou para Aren.

— Venham, venham. Minha tia deseja saber o rosto por trás do nome. Imagino que ela também esteja ansiosa por uma chance de repreendê-lo por cada escolha feita em seu reinado.

Zarrah conduziu-os pela trilha. Aren caminhou ao lado dela, Lara logo atrás.

— Silas está espalhando boatos sobre sua morte, Aren. Por toda a costa, embora a história de como você morreu mude a cada narrativa. É claro que questionamos a veracidade das afirmações. Silas gosta de se gabar, mas não há nenhuma cabeça Ithicana adornando os portões de Vencia.

Virando-se, Zarrah acrescentou:

— Também não há relatos de nenhuma mulher que se encaixe nas descrições daquelas que te ajudaram. Elas eram mesmo todas suas irmãs?

Lara encontrou o olhar dela.

— Sim.

As sobrancelhas da outra mulher se ergueram.

— Fascinante. Eu me pergunto se seu pai já percebeu que Maridrina poderia ganhar a guerra entre nossas duas nações se ele deixasse de lado as noções tolas sobre o papel de uma mulher.

— Isso exigiria que ele admitisse que estava errado em primeiro lugar — Lara respondeu. — O que parece improvável.

— Estou inclinada a concordar. — Zarrah ergueu um ombro. — Há bastante tempo, a desgraça em sua terra natal beneficia Valcotta, então não posso dizer honestamente que sinto muito.

Lara não se deu o trabalho de responder. Aren, ela percebeu, escutava atentamente, mas também não fez comentários.

Eles prosseguiram em silêncio. Lara se deleitou com a beleza do enorme jardim, que era atravessado por riachos, passarelas ornamentadas e pedras lisas formando trilhas que permitiam que as pessoas cruzassem a água. Havia lugares em que a água se acumulava, onde crianças nadavam e brincavam nas profundezas, lembrando-a do porto-caverna de Eranahl, onde eles dois haviam feito o mesmo.

As torres que ela vira de fora das muralhas eram as únicas estruturas fechadas e com vários pavimentos, e foi para uma dessas torres que Zarrah conduziu-os.

Guardas armados abriram as portas feitas de metal retorcido, adornadas com vidros de mil cores diferentes. As cores formavam o vitral de uma mulher Valcottana com as mãos erguidas em direção ao céu azul. Lá dentro, uma escada curva levava para cima, mas Zarrah gesticulou para um aposento com janelas e repleto de pequenas mesas e grandes almofadas.

Contra uma parede, havia um soldado enorme, mais alto até do que Aren. Seus braços musculosos eram mais grossos do que as pernas de Lara. Apesar do tamanho dele, a atenção de Lara foi atraída pela mulher esguia sentada em uma das almofadas, as mãos ocupadas com o que parecia ser uma pequena boneca. Ela estava confeccionando a boneca com fios coloridos.

— Tia — disse Zarrah, com uma estranha falta de formalidade — Devo apresentar Sua Majestade Real, o Rei Aren de Ithicana, Mestre da Ponte…

— Ah, mas você não é mais o mestre da ponte, não é, garoto? — a Imperatriz interrompeu, a atenção ainda na boneca. — Essa honra pertence ao rato Maridriniano. Imagino que seja por isso que você está aqui, não é?

Antes que Aren pudesse responder, ela prosseguiu.

— E você, garota. Presumo que seja a prole do rato? Você não receberá títulos nesta casa. Fique feliz por eu não ordenar que a arrastem para fora daqui e cortem sua garganta.

Lara inclinou a cabeça.

— Por que não faz isso?

As mãos da mulher pararam.

— Porque, por mais que desejemos o contrário, sua vida não pertence a Valcotta. Nem sua morte.

— Sua honra é minha salvação.

A Imperatriz soltou um suspiro irritado.

— Não fale de honra comigo.

Deixando de lado a boneca, a mulher levantou-se. Mais alta do que Lara, ela era magra e musculosa, o que dava crédito às histórias de que um dia ela fora uma guerreira formidável. Linda, os únicos sinais da idade eram o leve enrugado na pele ao redor dos olhos e o cabelo grisalho, que se destacava na cabeça em meio aos cachos apertados. Os fios haviam sido trançados com fios de ouro, nos quais dezenas de ametistas cintilavam. Suas calças largas e a blusa exibindo o estômago eram de seda dourada, além do cinto pesado com bordados e pedras preciosas. Braceletes de ouro subiam pelos dois braços até os cotovelos. Argolas de ouro e pedras preciosas adornavam suas orelhas, e a garganta dela estava envolta por um colar de ouro intrinsecamente entalhado. Era incrível que ela conseguisse suportar o peso de todo aquele metal, mas ela o portava como se fosse leve feito uma pena.

— Vossa Majestade Imperial — disse Aren, abaixando a cabeça. — É um privilégio conhecê-la pessoalmente.

— Um privilégio ou uma necessidade? — A Imperatriz indagou, circulando Aren em passos comedidos. Seus pés descalços não faziam nenhum som no chão de mosaico. A Imperatriz era, Lara pensou, a pessoa mais majestosa que ela já conhecera.

— Não podem ser os dois?

A Imperatriz franziu os lábios, fazendo um ruído evasivo em resposta.

— Por causa de sua mãe, que era nossa mais querida amiga, estamos contentes em vê-lo vivo. Mas por nós? — A voz dela endureceu. — Não esquecemos como você cuspiu em nossa relação.

Lara enrijeceu, desejando desesperadamente ter uma arma. Trazer Aren aqui sempre fora um risco, mas ela acreditava que a Imperatriz era honrada demais para fazer qualquer mal a ele além de se recusar a ajudar Ithicana. E se ela estivesse errada? Ela conseguiria tirá-lo de lá? A fuga sequer era possível?

O gigante soldado parado próximo à parede viu o movimento dela. Ele se aproximou, os olhos castanhos fitando-a intensamente, julgando-a como uma ameaça, e ele tinha razão nisso. Aren não faria mal à Imperatriz, mas Lara não tinha os mesmos escrúpulos.

Aren também não demonstrou sinais de preocupação. Esfregando o queixo,

ele analisou a Imperatriz pensativamente.

— Você fala da minha mãe como sua amiga mais querida, mas foi ela quem propôs o Tratado de Quinze Anos entre Ithicana, Harendell e Maridrina, incluindo a cláusula de casamento. Minha mãe fez aliança com o seu maior inimigo, e você não guardou rancor dela por isso. Ainda assim, quando eu cumpri os desejos dela, caí em desgraça diante dos seus olhos.

A Imperatriz parou na frente de Aren com a expressão suave, seus olhos castanhos escuros, ilegíveis.

— Sua mãe tinha pouca escolha. Ithicana estava morrendo de fome. E o tratado escrito por ela não custava nada a Valcotta. Foram os termos com os quais você concordou, quinze anos depois, que foram negligentes. — Ela apontou um dedo para ele. — Meus soldados morreram pelo aço fornecido pela ponte da Ithicana.

Lara sabia que Aren odiava esses termos. Que ele queria ter fornecido *qualquer coisa* a Maridrina, exceto armas. Assim como ela sabia que o pai dela não dera escolha a ele.

Mas em vez de usar esse argumento, Aren balançou a cabeça lentamente.

— Aço fornecido por *Harendell,* de quem Maridrina já importava via navio. Custou menos a Maridrina, sim, mas dizer que eles tinham uma grande vantagem contra seus soldados é uma falácia. E isso também deu a Valcotta a oportunidade única de impedir que Silas recuperasse sua preciosa importação durante a maior parte do ano, então pode-se argumentar que os termos trabalharam a seu favor.

Era verdade, embora o pensamento nunca tivesse ocorrido a Lara. Antes do tratado, o aço vinha em navios de Harendell ou Amarid – navios que Valcotta não podia atacar sem o risco de retaliação por parte das duas nações. Porém, depois do tratado, todo o aço que passava pela ponte aguardava em Southwatch até que os navios Maridrinianos pudessem recuperá-lo. E Valcotta não sentia remorso em afundar esses mesmos navios Maridrinianos.

— Um benefício que vimos desaparecer rapidamente quando você direcionou seus destruidores de navios à minha frota — a Imperatriz retrucou. — Você escolheu a aliança com Maridrina em vez da amizade com Valcotta, e agora vem chorando porque descobriu que seu aliado era um rato.

Aren balançou a cabeça.

— Você colocou Ithicana em uma posição em que todas as direções levavam à guerra e, quando eu lhe dei uma direção à paz, você a recusou.

— Não era uma escolha. — A Imperatriz ergueu as mãos. — Se tivéssemos derrubado o bloqueio, Maridrina teria conseguido o que queria sem resistência. Mais aço para usar contra Valcotta. Além disso, ficou claro que a última coisa

que Silas queria era paz. Especialmente paz com Ithicana.

Lara prendeu a respiração, esperando que Aren reagisse à revelação. Esperando que a raiva dele explodisse. Mas só o que ele disse foi:

— Se você previu o que estava por vir e não disse nada, que tipo de amiga você é?

— Só porque vejo as nuvens no céu não significa que posso prever onde o raio cairá.

Aren apenas apoiou o queixo em uma das mãos, batendo o dedo indicador no lábio, pensativo.

O silêncio se estendeu e, para a surpresa de Lara, foi a Imperatriz quem o quebrou.

— Temos mais o que discutir, mas acredito que seja uma discussão melhor feita em particular. — Ela lançou um olhar frio na direção de Lara. — Você vai esperar aqui.

De jeito nenhum Lara deixaria Aren fora de sua vista.

— Não.

As sobrancelhas da Imperatriz se ergueram, e ela estalou os dedos para o soldado.

— Welran, domine-a.

Assentindo, o homem gigante avançou pela sala.

40

AREN



AREN LUTOU PARA se manter parado quando o Valcottano gigantesco agarrou Lara, torcendo o braço dela atrás das costas, e o rosto dela começou a ficar vermelho com o esforço de tentar respirar sob o peso do grandalhão.

Se aproximando das escadas, a Imperatriz fez um gesto para que Aren e Zarrah a seguissem.

Aren seguiu atrás das mulheres, mas parou ao lado de Lara e do guarda, Welran. A última coisa que ele precisava era que as coisas piorassem. Pressionando a mão contra o ombro do grandalhão, ele falou:

— Não posso ir em sã consciência sem avisá-lo.

Os olhos castanhos do Valcottano escureceram.

— Ela viu você se aproximando a quilômetros de distância. Roubou sua faca quando você a derrubou. E ela estar se contorcendo toda? Aposto minha última moeda que a lâmina está a somente alguns centímetros das suas bolas.

Empertigando-se, Aren começou a subir as escadas, e o som da risada estrondosa de Welran o seguiu até o andar superior.

Eles subiram até o topo. A escada se abria em uma grande sala com vitrais exibindo os governantes anteriores de Valcotta, todos com as mãos estendidas para o céu. Zarrah permaneceu ao lado da porta, seu cetro ainda em mãos, mas a Imperatriz fez sinal para que Aren se sentasse em uma das muitas almofadas. Um criado apareceu com bebidas e bandejas de sobremesas. Embora não gostasse de doces, Aren obedientemente comeu um deles, engolindo-o com o vinho viscoso de que os Valcottanos gostavam.

— Vamos começar primeiro com uma discussão sobre a razão de você estar aqui, Aren — a Imperatriz anunciou. — Eu tenho minhas próprias teorias, é claro, mas gostaria de ouvir de seus lábios.

Ele assentiu.

— Acho que você sabe que o fato de Silas Veliant controlar a ponte não beneficia ninguém, nem mesmo o povo dele.

Ela fez um som que não era nem de confirmação nem de negação, então ele continuou.

— Recebi a notícia de que minha irmã, a Princesa Ahnna, garantiu o apoio de Harendell para retomar Northwatch. E tenho esperanças que você verá o mérito em me ajudar a proteger Southwatch de Maridrina e reestabelecer Ithicana como uma nação soberana.

Pegando uma taça, a Imperatriz observou seu conteúdo.

— Não há como acessar Southwatch. Ou, pelo menos, não sem uma perda intolerável de barcos e vidas.

— É possível acessar Southwatch se você souber como. E eu sei.

— Revelar tal segredo tornaria Northwatch e Southwatch vulneráveis para sempre… tornaria Ithicana vulnerável para sempre.

Como se ele não soubesse disso. Como se ele tivesse escolha.

— Não se Harendell e Valcotta forem verdadeiros amigos e aliados.

Ela deu uma gargalhada divertida.

— Amizades entre nações e governantes são inconstantes, Aren. Você mesmo provou isso.

— Verdade — ele admitiu. — Mas a amizade entre os povos não é assim.

— Você é um idealista.

Aren balançou a cabeça.

— Um realista. Ithicana não pode continuar como está. Para perseverar, devemos mudar a forma que lidamos com tudo.

Silêncio pairou entre eles enquanto a governante da nação mais poderosa do mundo conhecido ruminava sobre o pedido dele, seus olhos distantes. Atrás dele, Aren pôde ouvir Zarrah mudando o peso de um pé para o outro. Os governantes Valcottanos escolhiam os herdeiros de sua linhagem, e era sabido que a Imperatriz não favorecia o próprio filho. Zarrah seria sua escolha? Ela continuaria sendo a escolha da Imperatriz se a mulher soubesse o que Aren sabia?

— Você se parece com sua mãe — a Imperatriz comentou, arrancando Aren de seus pensamentos. — Embora seu pai fosse igualmente agradável aos olhos.

Aren franziu a testa.

— Como você sabe disso?

Divertimento passou pelo rosto da Imperatriz... e prazer também, por ela saber algo que ele não sabia.

— Certamente você não acredita que eu concederia amizade a alguém que só falou comigo por trás de uma máscara?

Ele nunca havia conseguido uma resposta direta da mãe sobre por que ela tinha um relacionamento tão próximo com a Imperatriz, e agora Aren estava começando a suspeitar do motivo.

— Ela visitou Valcotta.

— Ah, sim, muitas, *muitas* vezes. Delia não era do tipo que podia ser confinada, e seu pai a perseguiu por todos os continentes tentando mantê-la segura. Eu fui derrotada somente uma vez nos jogos de Pyrinat, e imagine meu choque ao descobrir que a vencedora era uma princesa Ithicana. — A Imperatriz sorriu e esfregou uma cicatriz desbotada na ponta do nariz. — Ela era destemida.

Era uma revelação incrível, e a voz de Aren saiu estrangulada quando ele respondeu:

— Sim.

— É verdade que seu pai morreu tentando salvar a vida dela?

Ele assentiu.

Tristeza passou pelo rosto da mulher e ela pressionou a mão contra o coração.

— Eu irei lamentar a perda dela, e a dele, até o fim dos meus dias.

Era um luto verdadeiro, não apenas palavras ditas por educação ou obrigação, e, embora ele detestasse fazer isso, Aren teve que tirar proveito.

— Se você conhecia minha mãe tão bem, devia saber do sonho dela para Ithicana e seu povo.

— Liberdade? Sim, ela me disse. — A Imperatriz balançou a cabeça. — Mas concordei com seu pai que isso não era possível. A sobrevivência de Ithicana sempre dependeu de ela ser impenetrável ou, no mínimo, quase isso. Libertar milhares de pessoas que conheciam todos os segredos de Ithicana significaria que esses segredos não existiriam mais. — O olhar dela endureceu. — E permitir que outros tenham uma visão de dentro é pior ainda. Mas você aprendeu a sua lição, não é?

Ele aprendeu. Mil vezes.

— E, ainda assim, você não só permite que a arma de Silas Veliant viva, como também a mantém por perto. Por que isso?

— Ela não é a arma dele. Não mais. — Aren mordeu o interior das bochechas, irritado por soar tão na defensiva. — Ela me libertou de Vencia e, depois disso, precisei dela para sobreviver à jornada pelo Deserto Vermelho.

— Isso pode ser outra estratégia, sabe. Ithicana ainda não caiu, e esse fato entristece Silas profundamente. Qual a melhor forma de tomar Eranahl do que colocar dentro da cidade a mulher que rompeu as defesas da ponte?

Aren considerou a sugestão da Imperatriz de que as motivações de Lara não eram o que pareciam. Que o resgate fazia parte de um grande plano orquestrado

por Silas ou pelo Magpie para tomar o que eles não conseguiram pegar à força. No entanto, parecia improvável, dado o risco que Lara e suas irmãs correram. Bronwyn quase morrera. E a própria Lara quase perdeu a vida várias vezes ao longo da jornada.

— Não custaria nada para nós te livrar desse problema em particular — a Imperatriz afirmou. — Ela pode desaparecer.

O pensamento dos Valcottanos arrastando Lara para algum lugar escuro e cortando a garganta dela invadiu a mente dele, e as mãos de Aren gelaram.

— Não.

— Seu povo nunca irá aceitá-la como rainha. Ela é a traidora que lhes custou seus lares e a vida de seus entes queridos.

— Eu estou ciente. A resposta ainda é não.

Silêncio.

— E se eu disser que o apoio de Valcotta depende da morte dela?

A vida de Lara em troca da retomada da ponte. Colocando os próprios sentimentos de lado, parecia a escolha óbvia. A escolha *certa* para garantir que o povo dele resistiria. Exceto que ele *sabia* que a Imperatriz não era tão mesquinha a ponto de condicionar ajuda à vida de uma mulher.

— Não.

A Imperatriz empurrou a taça para longe, levantando-se em um movimento rápido.

— Mesmo agora você coloca Maridrina em primeiro lugar.

Aren também se levantou.

— Eu coloco a chance de paz na frente de velhos problemas. Que é algo que você deveria considerar.

A Imperatriz se virou para ele com os olhos brilhando de raiva.

— Paz com Maridrina? Filho da minha amiga ou não, nisso você vai longe demais. Pela minha vida, não irei recuar meus homens até que Silas Veliant abaixe sua espada, e nós dois sabemos que isso nunca vai acontecer.

— Não irá. — concordou Aren. — Mas Silas não governará para sempre. — Ele olhou para trás, em direção à Zarrah, que observava o chão. — E nem você.

Inclinando a cabeça, Aren pressionou a mão contra o coração, rezando para que não estivesse cometendo o maior erro de sua vida.

— Foi uma honra conhecer a amiga da minha mãe, mas agora devo me despedir. Hoje à noite, embarco para Ithicana.

Zarrah não tentou pará-lo quando ele deixou a sala, e ninguém interferiu em seu caminho pelas escadas curvas. Na sala principal na base da torre, ele encontrou Lara sentada no chão com Welran, e a dupla jogava algum tipo de jogo de tabuleiro. Ela se levantou ao vê-lo.

— Fico feliz em ver que você ainda está intacto — disse Aren ao grandalhão.

— Por pouco, Vossa Graça. — Welran pressionou a mão contra o peito. — É melhor você dormir com um olho aberto e uma mão na adaga com tal mulher em sua cama.

— Talvez um dia você tenha essa sorte. — Aren inclinou a cabeça para o Valcottano. Para Lara, ele disse: — Precisamos ir.

41

LARA



— O QUE ELA DISSE? — Lara exigiu saber no momento em que eles passaram pelos portões do palácio. — Valcotta irá ajudar?

— Não. — Aren ergueu os olhos na direção do sol e balançou a cabeça. — Ela não tem mais interesse na paz entre Maridrina e Valcotta do que o seu pai.

— Isso devia trabalhar a nosso favor. — Lara começou a trotar para acompanhar os passos largos dele. — Arrancar Southwatch das mãos do meu pai deveria ser uma oportunidade irresistível. A não ser que… ela quer a ponte para Valcotta?

— Não. — O tom de voz dele estava furioso. Entrecortado. — Não é isso que ela quer.

Lara considerou a situação, e compreensão surgiu no rosto dela.

— Ela tornou a ajuda de Valcotta dependente da minha morte. Era isso que ela queria, não é?

Ele assentiu.

— Por quê? — Mas a verdadeira pergunta que ela queria que ele respondesse era o porquê de ele não ter concordado.

— Porque sua morte garantiria a aniquilação total e completa de qualquer chance de uma futura aliança entre Ithicana e Maridrina.

Ela havia subestimado Aren. Todo esse tempo, Lara acreditara que ele só se importava em ir para casa e expulsar o pai dela de Ithicana, mas parecia que ele ainda tinha ambições maiores para o destino de seu reino.

— Você abriu as portas de Ithicana, Lara. Não há como fechá-las de novo. Nem como voltar a ser como era antes. Isso significa que preciso encontrar outra maneira de manter meu povo seguro.

— Paz com Maridrina? — Lara esfregou as têmporas. — Deus, Aren, isso é impossível. Você tem que entender que meu pai nunca permitirá que isso

aconteça.

— Não, mas talvez seu irmão permita.

— Quaisquer sentimentos que Keris possa ter por mim dificilmente importam. Sem Valcotta, não vamos conseguir retomar a ponte. Ganhar o apoio da Imperatriz deve ser a sua prioridade.

— Permitir que ela defina os termos só nos fará ser como éramos antes. — Aren abriu a porta do hotel. — E não são nos sentimentos de Keris por *você* que estou apostando meu reino.

Lá dentro, Lara o seguiu pelas escadas. Ele subiu os degraus de dois em dois, caminhando pelo corredor até o quarto onde Jor esperava.

— E então?

Aren balançou a cabeça.

— Vamos prosseguir como se estivéssemos por conta própria. O quão rápido conseguimos chegar em casa?

— Podemos embarcar em um navio hoje à noite, embora só os navios da marinha Valcottana tenham permissão para passar por Nerastis. De lá, é uma questão de seguirmos para o norte até o ponto de encontro.

Pânico invadiu as veias de Lara.

— Aren, não podemos ir embora sem convencer a Imperatriz a se aliar a nós.

— Não estou disposto a fazer o que é preciso para convencê-la.

— Então tudo isso é uma causa perdida — ela gritou, seu temperamento fora de controle, porque ela sabia o que precisava ser feito. — Não só é impossível para nós tomarmos Southwatch sem a marinha da Imperatriz, como também a ajuda de Harendell dependia do envolvimento dos Valcottanos. Nós *precisamos* deles.

— Não.

— O que a Imperatriz quer? — Jor perguntou, olhando de um para o outro.

— Eu morta.

Jor estremeceu.

— Entendo. — Mas Lara já havia se aproximado de Aren.

— Aceite. Dê a ela o que ela quer. Não é como se eu fosse capaz de viver comigo mesma se perdermos Ithicana por causa disso. — O coração dela estava uma desordem dentro do peito, terror e tristeza serpenteando por suas veias, porque ela não queria morrer. Mas ela morreria. Por Ithicana. Por Aren. Por si mesma, ela morreria. — Deixe-os me matarem.

Aren abaixou a cabeça.

— Não.

— Então eu mesma me matarei. — ela rosnou. Saindo do alcance das mãos dele, Lara se lançou em direção à porta, abrindo-a.

Somente para encontrar Zarrah Anaphora em pé diante dela.

A outra mulher empurrou Lara para trás, olhando por cima do ombro antes de entrar.

— Não temos muito tempo. Há soldados a caminho para escoltá-los até o porto e colocá-los em um navio para Nerastis. Minha tia quer que vocês sumam daqui.

— Tempo para o quê? — Lara olhou para Aren, que não parecia nada surpreso com a chegada de Zarrah.

— É hora — ele respondeu — da General Anaphora e eu negociarmos uma aliança entre Ithicana e Valcotta.

42

AREN



— É UMA PENA não termos tido essa conversa antes de eu enfrentar o Deserto Vermelho. — Aren fez um gesto para que Zarrah se sentasse. — Tudo estaria dito e feito por agora.

— Não sabia que você pretendia pedir ajuda à minha tia até que fiquei sabendo de brigas no oásis de Jerin e percebi suas intenções. Você realmente não deveria deixar testemunhas vivas, Vossa Graça. Não serei a única a ouvir essa história.

Ele encolheu os ombros.

— Eu não mato crianças.

— Seus princípios seriam louváveis se os riscos não fossem tão altos. — Zarrah estalou os ombros. — Mas nesse caso, funcionou a meu favor. Eu precisava chegar aqui antes de você para garantir o alinhamento das nossas histórias. Meu fornecimento de comida para Eranahl não foi exatamente *sancionado* pela Imperatriz.

Não era a única coisa que ela estava escondendo da Imperatriz, mas Aren apenas assentiu.

— Sendo assim, nós não estaríamos tendo essa conversa se meu retorno a Pyrinat não tivesse deixado claro para mim alguns detalhes sobre os planos da minha tia para o futuro.

Lara observava Zarrah com os olhos cerrados.

— Acho que você precisa começar a explicar desde o início.

— Não tenho tempo para isso.

— Arranje tempo.

Dando um longo suspiro, Zarrah começou.

— Sirvo em Nerastis desde meus dezessete anos. Isso significa que, durante quase cinco anos, estive na linha de frente da guerra com Maridrina. Ao longo

dos dezesseis quilômetros da faixa costeira, eu vi o nosso povo lutar e matar sobre o mesmo monte de escombros. De um lado para o outro, sem um fim à vista. E por que haveria um fim, se lutamos essa mesma guerra há centenas de anos? Ninguém sabe como é *não* estar em guerra.

Aren conhecia esse sentimento muito bem.

— Exceto que minha tia vê um fim. — Zarrah hesitou, mordendo o lábio inferior. — Ela acredita que Silas se comprometeu demais para tomar a ponte, e ela tem razão. Maridrina está muito sobrecarregada, o que a torna vulnerável. Valcotta vem bloqueando o comércio para que a ponte não ganhe dinheiro com taxas, sabendo muito bem que chegará um momento em que Silas não conseguirá mais pagar pelo uso da marinha à rainha Amaridiana. E quando esse dia chegar, o que resta do povo Ithicano irá atacar as forças Maridrinianas que dominam a ponte. Assim, Silas terá que remover mais soldados da guerra contra nós para manter o controle da ponte. Na busca pelas fortunas ocultas de Ithicana, invasores e piratas irão atacar esses homens. Isso exigirá que ainda mais soldados Maridrinianos sangrem na defesa da ponte. Silas terá que pegar todas as forças navais da costa ao redor de Nerastis para combatê-los, porque o orgulho dele o forçará a fazer o que for necessário para manter a ponte.

— E, ao fazer isso, ele deixará Maridrina pronta para ser tomada. — Aren deduziu, o estômago se revirando. — A Imperatriz pretende vigiar e esperar até que Maridrina esteja fraca, para depois atacar. O fato de que Ithicana não irá sobreviver o bastante para ver Maridrina perder a ponte não importa para ela.

Zarrah balançou a cabeça.

— Importa sim. Mas ela decidiu que a derrota Ithicana compensa o saqueamento de Vencia e, eventualmente, a conquista de Maridrina. — Os olhos dela encontraram os de Aren. — O jogo é maior do que você imagina, e vai infinitamente além.

As palavras ecoavam as que Aren já ouvira Keris falar.

— Qual é a opinião de Keris sobre o assunto?

— Como vou saber os pensamentos de um príncipe Maridriniano?

— Eu tive a impressão de que vocês dois eram bastante próximos. — Ao lado dele, Aren sentiu Lara se empertigar. A surpresa dela era palpável. — Por qual outra razão ele arriscaria tanto ao libertar você do pai dele?

— Keris Veliant é meu inimigo. — Os olhos de Zarrah encontraram os de Aren, sem piscar. — Ele me ofereceu um acordo: me libertaria de Vencia se eu concordasse em fornecer suprimentos a Eranahl. Como nós dois cumprimos nossa parte do trato, nosso acordo acabou. Ainda assim, eu prefiro que a Imperatriz nunca saiba que o acordo existiu.

Aren balançou a cabeça suavemente.

— Qualquer um com dinheiro e meios poderia ter deixado um navio cheio de suprimentos em Ithicana, e Keris tem os dois. Se ele só se importasse com a sobrevivência de Eranahl, poderia ter feito isso sem nenhum de nós dois. O que dá a entender que abastecer minha cidade foi somente uma isca para me atrair e me fazer executar o objetivo maior dele.

— E que objetivo seria esse, Vossa Graça?

— Libertar você.

Zarrah revirou os olhos.

— Você é louco. Por que ele iria querer isso?

— Porque você e Keris planejam acabar com a guerra entre Maridrina e Valcotta. — Inclinando-se para trás e usando as mãos como apoio, Aren tentou manter o sorriso presunçoso longe do rosto. — Esse é o longo jogo de Keris, mas esse jogo não tem chances de se concretizar se a Imperatriz se aproveitar da ganância de Silas e invadir Maridrina.

Zarrah permaneceu em silêncio e, por fim, admitiu:

— Keris e eu partilhamos a opinião de que a guerra entre as nossas nações precisa acabar.

É mais do que partilhar a opinião, Aren pensou, mas manteve as suspeitas sobre a natureza da relação entre Zarrah e Keris para si mesmo.

— Então por que você simplesmente não conta a Keris sobre as intenções da Imperatriz? Ele poderia levar as informações ao pai, e Silas teria que se retirar de Ithicana para proteger Maridrina e seu trono. Poderíamos vencer a guerra sem uma luta.

Lara estalou a língua contra os dentes, balançando a cabeça.

— Ithicana venceria a guerra com Maridrina, mas o que atualmente são conflitos fronteiriços e alguns navios naufragados irão se transformar em uma guerra entre Maridrina e Valcotta diferente de qualquer outra vista em gerações.

Zarrah deu o mais leve dos acenos.

— Então, qual é a sua sugestão? — Aren indagou. — Porque não permitirei que meu povo passe fome e perca seus lares para preservar a paz entre Maridrina e Valcotta. — Jor e Lara concordaram com a cabeça.

— Eu não ia sugerir isso, Vossa Graça — Zarrah respondeu. — Ithicana deve ser libertada de Maridrina, mas isso deve ser feito de forma que ninguém saiba sobre o envolvimento de Valcotta. É por isso que pretendo te levar de volta a Nerastis, pegar os navios Maridrinianos que meus soldados capturaram e retomar Southwatch para você. — Ela sorriu e, por mais que a jovem lutasse pela paz, Aren podia ver que ela também conhecia a guerra, e muito bem. — As únicas testemunhas do nosso envolvimento serão os mortos que deixaremos para trás em sua ilha.

Era muito complicado, com muitas pessoas envolvidas, mas Aren não tinha outras opções.

— Um problema — ele falou. — Você irá diretamente contra as ordens da Imperatriz. Irá sabotar os planos dela de invadir Maridrina. E, por mais leais que seus soldados possam ser, você não vai conseguir manter isso em segredo, especialmente considerando que as baixas são inevitáveis. Você será acusada de traição e executada.

Lambendo os lábios, Zarrah hesitou antes de responder.

— Minha frota testemunhou os Maridrinianos avançarem sobre Southwatch, e nós sabíamos que eles pretendiam atacar. Tivemos a oportunidade de avisar Ithicana, mas não avisamos.

Um aviso que podia ter mudado tudo.

— Seus navios de guerra foram avisados para se manterem longe de Southwatch, ou nossos destruidores de navios atacariam. Não posso te culpar…

— Com todo respeito, Vossa Graça, não tente me absolver. Eu podia ter te avisado, mas não avisei. Reis e rainhas tomam decisões, mas são as pessoas comuns que pagam o preço. — A voz dela tremeu levemente, mas ela ergueu o queixo e olhou diretamente para ele. — Não há nenhuma honra no que eu fiz, Vossa Graça. Não irei insultá-lo pedindo por perdão, mas saiba que lutarei até meu último suspiro para ver Ithicana livre.

Aren garantira a aliança.

— Eu rezo para que você dê seu último suspiro daqui a muitos anos, General.

Zarrah concordou com a cabeça lentamente e, nos olhos dela, Aren viu um sonho se extinguir. Não um sonho para o país dela, mas um para si mesma.

— Vale a pena morrer por algumas coisas. — Levantando-se, ela disse: — Arrumem as coisas de vocês. Navegaremos para Nerastis hoje à noite.

43

LARA



Os soldados Valcottanos chegaram pouco depois para escoltá-los até o porto. A Imperatriz claramente não tinha nenhum interesse em permitir que Lara ou Aren permanecessem em seu país por mais tempo.

Zarrah já estava a bordo do navio quando eles chegaram, mais uma vez vestindo o uniforme de general Valcottana. Soldados e marinheiros corriam pelo convés enquanto se preparavam para abrir passagem, mas quando a jovem ergueu a mão, todos eles pararam.

— Por ordem da Imperatriz, iremos transportar o Rei e a Rainha de Ithicana para Nerastis — ela anunciou, sua voz soando pelo navio. — Eles devem ser tratados com o devido respeito. Se eu ficar sabendo do contrário, o indivíduo responderá a mim e, em última instância, à própria Imperatriz. Agora, prossigam.

— Lá se vai evitar sermos detectados. — Jor murmurou de onde estava à esquerda de Lara. — A porra da cidade inteira vai saber que estivemos aqui e para onde vamos.

— Essa é a intenção dela — Lara murmurou. — Serin antecipou que nós viríamos para Valcotta, o que significa que ele sabia pelo que procurávamos. A cidade está abarrotada com os espiões dele, então a notícia de que a Imperatriz se recusou a ajudar Ithicana viajará rapidamente de volta a Maridrina. Supondo que Zarrah saiba como guardar um segredo, e eu acho que ela sabe, o ataque Valcottano em Southwatch será totalmente surpresa.

Nada mais pôde ser dito, pois Zarrah caminhou até eles.

— Se for do seu agrado, Vossas Graças, sigam-me. Jantaremos nos aposentos do capitão.

O quarto para o qual Zarrah os levou era grande, com janelas que davam para a coluna de espuma deixada pelo navio ao passar pela água. As paredes

decoradas com painéis eram pintadas em tons brilhantes, e castiçais elaborados de vidro brilhavam com óleo queimando. Gesticulando para a mesa baixa cheia de comida, Zarrah disse:

— Por favor. Sentem-se.

Lara se sentou em uma das almofadas, cruzando os calcanhares sob si enquanto pegava o que era oferecido. A maioria não lhe era familiar, mas não foi isso que a deixou sem apetite. O navio estava fora do porto agora e o mar estava longe de estar calmo. Um gosto amargo invadiu a boca dela e, amaldiçoando silenciosamente o enjoo, Lara se levantou.

— Por favor, me deem licença.

— Lara não gosta muito do mar — ela ouviu Jor dizer quando a porta se fechou atrás dela.

Correndo pelo caminho de onde eles vieram, Lara mal conseguiu chegar ao parapeito antes que o conteúdo em seu estômago subisse rapidamente pela garganta. Os marinheiros que assistiam riram baixinho.

— Achei que você tivesse superado isso.

Ela ergueu a cabeça, vendo que Aren estava ao seu lado na balaustrada. Ele lhe entregou um copo cheio de água e, em seguida, deslocou a atenção para as ondas, quase invisíveis na escuridão crescente da noite. Quando ela terminou de lavar a boca, ele entregou-lhe um doce reluzente.

— É gengibre.

Deslizando o doce na boca, Lara sorriu para ele.

— Obrigada.

— Havia uma tigela cheia deles sobre a mesa. Eu peguei todos. — Enfiando a mão no bolso, Aren retirou um punhado de doces e os enfiou no bolso das calças Valcottanas folgadas dela. A mão dele estava quente através do tecido fino que cobria a perna de Lara.

— É melhor você voltar. — ela disse, sabendo que planos precisavam ser feitos e que era bom o fato de ela não fazer parte deles.

— Em breve. Zarrah não fala de negócios antes do jantar, e Jor tem um grande apetite.

— Pelo menos um de nós tem. — Ela triturou o doce entre os dentes, substituindo-o por outro enquanto considerava se o ruído ambiente estava alto o bastante para esconder a conversa deles. — Como você sabia que Zarrah nos ajudaria?

— Eu não tinha certeza até perceber que a Imperatriz não queria que a guerra com Maridrina acabasse, pelo menos não pacificamente. Foi por isso que ela estabeleceu um termo com o qual ela sabia que eu nunca concordaria. — Ele apoiou os cotovelos no parapeito e acrescentou: — Keris sempre falava por

enigmas, mas quanto mais eu pensava nas coisas que ele dizia, mais claras elas ficavam. O que ele quer é a paz entre Valcotta e Maridrina e, para que isso fosse possível, Zarrah tinha que querer o mesmo. Ithicana não é nada além de uma pequena peça no jogo.

Ela levantou a cabeça para encará-lo.

— Você está citando o Keris?

— Mais ou menos.

— Os herdeiros dos maiores inimigos do mundo são aliados — Lara fez piada. — Me pergunto como eles se conheceram.

— Tenho certeza que é uma história e tanto. E tenho igual certeza de que nenhum deles vai nos contar nada sobre ela.

Eles permaneceram de pé, juntos em silêncio. Os últimos vestígios da luz do sol desapareciam no horizonte e o céu sem nuvens acima logo brilharia com estrelas. O vento ficou mais frio e Lara estremeceu, seus braços nus formigando com arrepios.

— Quanto tempo vai demorar para chegarmos a Nerastis?

— Com esses ventos, três dias. É um navio rápido.

Três dias.

Os olhos dela queimaram e, sabendo que ela precisava dizer isso antes que perdesse a coragem, Lara deixou escapar:

— É quando irei deixar você e Jor. Fiz tudo o que pude por vocês, e ir para Ithicana com vocês seria um erro.

Ele suspirou.

— Eu sei.

Ela prendeu a respiração, esperando que ele discutisse com ela. Esperando que ele dissesse que partir seria um erro. Mas ele apenas a puxou para seus braços e admitiu:

— Eu queria que as coisas fossem diferentes.

Lágrimas quentes desceram pelas bochechas dela.

— Mas não são.

Ela sentiu Aren pressionar o rosto contra o cabelo dela.

— Eu preciso que você saiba que eu te perdoo, Lara. Que eu… — Ele se interrompeu, pigarreando. — É melhor eu voltar. Eles se perguntarão onde estou.

Ela assentiu, incapaz de falar. Incapaz de dizer uma única palavra quando ele a soltou e voltou para dentro. Mas em sua cabeça, a mesma frase se repetia de novo e de novo.

Eu te amo.

44

AREN



CADA DIA QUE passava o deixava um passo mais perto de voltar para Ithicana.

E um passo mais perto de ter que deixar Lara.

A situação ficou mais fácil porque ele, Zarrah e Jor se trancaram nos aposentos do capitão para discutir estratégias – especificamente como tomar Southwatch com o mínimo de perdas para Valcotta – enquanto Lara optou por permanecer no convés ao ar livre.

Mas Aren sabia que os motivos dela não tinham nada a ver com enjoo e tudo a ver com manter distância dele.

Doía. Doía tanto que, em alguns momentos, Aren sentia que mal conseguia respirar, sabendo que era uma questão de horas até que ela se distanciasse dele. Uma questão de horas até que ele provavelmente nunca mais voltasse a vê-la.

Além dessa dor, havia o medo, porque Aren sabia para onde ela pretendia ir. Assim como sabia que não tinha poder para impedi-la.

— Então essa é Nerastis. — Lara estava de pé ao lado dele na balaustrada, observando enquanto o navio navegava diante da enorme cidade. — É bonita à noite.

— Não se deixe enganar pelas luzes. É um lugar sombrio. — respondeu Zarrah. — Metade da cidade está queimada. Metade dela é destroços. Está cheia de estabelecimentos imundos de bebidas, bordéis infestados de vermes e antros de má reputação que atendem a todos os desejos ou vícios possíveis. As únicas pessoas dentro dessas muralhas ou estão sendo pagas para lutar pelo controle da cidade ou são pobres demais para ir embora.

E, mesmo assim, não paramos de lutar pela cidade. Aren se perguntou se Lara ouviu as palavras não ditas de Zarrah tão claramente quanto ele.

— Chegaremos o mais perto possível da costa pelo lado Maridriniano e levaremos vocês a remo até a terra firme — Zarrah informou. — A partir disso,

vocês estarão por conta própria.

A última frase foi para o bem dos marinheiros e soldados ao redor de Aren, porque o momento em que eles se separariam era o momento em que as coisas começariam a se desenrolar.

— General — o capitão chamou suavemente, cauteloso devido às patrulhas Maridrinianas. — Estamos abaixando as velas e preparando o barco a remo. Você ainda tem certeza de que deseja levá-los ao litoral remando sozinha?

— Sim.

Ninguém no navio falou enquanto o grupo subia no pequeno barco, que foi baixado até a água, Jor levando os remos consigo.

— Tomem cuidado — disse Zarrah. — A notícia que eu estava trazendo vocês para cá pode ter chegado antes de nós devido a bons cavalos ou velas mais rápidas que as nossas. O Magpie pode muito bem estar esperando por vocês.

Aren instintivamente tocou as armas em sua cintura, mantendo os olhos no litoral em busca de qualquer sinal de movimento captado pelo luar.

Mas não havia nada.

— Ficarei aqui em Nerastis até o último momento possível, para que os Maridrinianos não suspeitem — disse Zarrah. — Depois navegarei para o norte e ancorarei minha frota ao longo da sua costa, como combinamos. Assim que recebermos seu sinal, seguiremos para a Ilha de Southwatch.

— Você tem certeza — ele perguntou pela décima vez — de que eles seguirão suas ordens?

Zarrah concordou com a cabeça.

— Eu sou a herdeira escolhida pela Imperatriz. Ninguém vai acreditar que coloquei minha posição em risco ao ir contra a vontade dela. Eles irão me seguir sem questionar.

— Praia — Jor murmurou. — Fiquem quietos.

Uma onda empurrou-os para a costa, e Jor e Aren saltaram do barco para mantê-lo longe da água.

— Vou ficar de guarda — Lara sussurrou, então puxou uma faca e saiu correndo pela praia, sumindo na escuridão. Aren observou-a partir, temendo que aquela seria a última vez que a veria. Que, em vez de dizer adeus, ela fugiria noite adentro.

Zarrah entregou a ele uma bolsa de suprimentos.

— Boa sorte, Vossa Graça. Estou ansiosa para lutar ao lado de Ithicana.

Ele observou Jor empurrar o barco mais adentro na água. Zarrah voltou a remar e a embarcação sumiu na escuridão. Depois, eles caminharam pela praia até a base da íngreme colina coberta de arbustos.

Lara se materializou na escuridão e os três permaneceram em silêncio. Jor

pigarreou.

— Há uma aldeia ao norte daqui. Vou procurar por um barco que sirva aos nossos propósitos.

Aren assentiu, mas antes que Jor pudesse se mover, Lara estendeu a mão, segurando o braço do velho soldado.

— Adeus, Jor.

— Adeus, Lara. — Jor inclinou a cabeça. — Obrigado por trazê-lo de volta para nós. — Então, ele saiu correndo pela praia.

Lara e Aren ficaram em silêncio, o único som sendo o rugido das ondas e o vento farfalhando nos arbustos. Finalmente, ele indagou:

— Você vai me contar para onde pretende ir?

— Provavelmente vou me esconder por um tempo. Ficar perto da costa para ser a primeira a saber como foi a batalha. Com sorte, não terei motivos para me arrepender por te deixar por conta própria.

Ignorando a mentira, Aren diminuiu a distância entre eles.

— Não minta para mim. Não agora.

Ela ficou em silêncio, o luar transformando seu cabelo e pele em prata.

— Ele precisa morrer.

— Eu sei, mas não precisa ser você a matá-lo. Deixe Keris conquistar aquela coroa que ele tanto deseja. É hora de ele sujar as próprias mãos. — Aren ergueu uma mão para segurar o rosto de Lara. — Eu já tenho o bastante para me preocupar sem você tentar assassinar Silas. Já é ruim o suficiente eu ter que…

Ele se interrompeu, sem terminar o resto da frase. *Já é ruim o suficiente eu ter que deixá-la.*

— Se eu conseguir matar meu pai, tudo isso pode muito bem acabar sem uma batalha. Se Keris deseja tanto a paz, ele deixará Ithicana e se voltará para ambições maiores com Zarrah e Valcotta.

— Ou você pode ser capturada e morta.

— O risco vale a pena.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não te usei como assassina antes, Lara. E me recuso a usá-la agora. Prometa que vai esquecer isso.

— Não. — Ela estava determinada. E naquele momento, Aren soube que não havia sentido em discutir, porque ela nunca cederia. Era isso que ele amava nela.

E o que ele odiava.

Chutando a areia, ele olhou para o luar. Então, algo chamou sua atenção. O reflexo da luz contra uma arma. Caindo para frente, ele derrubou Lara e rolou com ela para trás de uma pedra.

— Corra!

Cambaleando, eles se jogaram nos arbustos. Flechas passaram por eles.

— Você vai, eu te dou cobertura! — Lara empurrou Aren, mas ele segurou o pulso dela, puxando-a consigo.

— De jeito nenhum.

Eles rastejaram pela restinga, escondendo-se sob a cobertura da escuridão enquanto davam a volta na direção da aldeia, onde Jor explorava em busca de barcos. Os soldados Maridrinianos faziam barulho enquanto vasculhavam a área.

— Chamem reforços! Digam que há invasores Valcottanos chegando por trás! — um homem ordenou, sua voz familiar.

Porque era a voz de Keris.

O solo estava úmido, e Aren e Lara estavam deixando para trás uma trilha que até um cego conseguiria seguir. Eles tinham que se apressar.

Indo para o norte em direção à aldeia, Aren se moveu por entre as árvores com um silêncio treinado. Lara permaneceu tão quieta que a única razão pela qual Aren sabia que ela continuava ali era pelo aperto no pulso dela.

— Eles foram por aqui! — Gritos ecoaram por detrás deles dois e, subindo a encosta, um cavalo galopava pela estrada em direção à aldeia.

Desistindo de ser furtivo, Aren atravessou a restinga. Eles estavam tão perto. Não podiam ser capturados agora.

E então, eles estavam ao ar livre, correndo por uma praia estreita. Assim como o soldado a cavalo.

O cavalo cinza galopou na direção deles. O cavaleiro estava curvado sobre o pescoço do animal, com uma lâmina reluzente em uma das mãos. Então, o homem se inclinou para trás e puxou as rédeas, levantando o capuz para revelar seu rosto.

— O que diabos vocês estão fazendo em Nerastis? — Keris exigiu saber, depois balançou a cabeça. — Deixa pra lá. Vocês têm que fugir. Eles estão vindo e não estou em posição de ajudá-los.

Soldados Maridrinianos saíram do mato e se aproximaram da praia, correndo na direção deles. O rosto de Keris se contorceu em frustração, e ele gritou:

— Peguem os Valcottanos! Eles estão fugindo!

Ainda segurando o pulso de Lara, Aren correu em direção à linha d'água, onde Jor soltava a corda que prendia um pequeno barco de pesca à praia. Juntos, eles empurraram a pequena embarcação na água, suas botas se enterrando na areia.

Mas os Maridrinianos já estavam atrás deles.

Espadas se chocaram, e Aren se virou para ver Lara lutando contra eles. A espada dela era um borrão de prata ao luar. Mas havia uma dúzia deles e só uma dela.

— Vão! — ela gritou. — Não parem!

— Vamos, Aren — Jor rosnou. — Empurre!

Aren ignorou-o, largando o barco e correndo na direção de Lara. Puxando sua espada, ele atingiu um soldado, mal escutando o grito do homem quando ele caiu, porque só o que importava era chegar até ela. Ele matou outro homem, depois outro, e então ele e Lara estavam lutando juntos, mantendo-os à distância.

Só que mais Maridrinianos invadiam a praia, os reforços chegando.

Era aqui que tudo ia terminar.

E não era, pensou Aren, a pior maneira de morrer: com a rainha dele lutando às suas costas.

— Recuem! — A voz de Keris ecoou pelo caos, o príncipe de pé em sua sela. — Recuem!

Os soldados Maridrinianos correram para obedecer, e Aren se virou a tempo de ver os primeiros barcos Valcottanos chegarem à costa. Dezenas de soldados saíam das embarcações.

— Por Valcotta! — Zarrah gritou, mas quando passou por Aren, ela disse: — Saia daqui, Ithicana.

Jor havia colocado o barco de pesca na água, e Aren e Lara mergulharam nas ondas, levando o bote ainda mais para dentro do mar enquanto Jor lutava para erguer as velas sozinho. Subindo, Aren ajudou a desembaraçar as cordas. Lara continuou segurando na borda da embarcação e chutando os pés com força, empurrando-os na direção das águas mais profundas. Os Valcottanos já começavam a recuar.

— Suba — ele gritou para ela, a vela subindo. — Precisamos ir.

Mas Lara não respondeu.

Pavor o invadiu, e Aren se virou.

— Lara!

Ela ainda estava lá. Ainda nadando. Mas ela olhou para cima, encontrando o olhar dele.

— Adeus, Aren — ela falou, e largou o barco, se direcionando para a costa.

O instinto assumiu.

Aren avançou, abaixando-se para agarrar o cinto da mulher e puxá-la para fora da água. Os tornozelos dela ficaram presos na beirada e ela caiu para trás, caindo nos braços dele.

— O que você está fazendo? — Ela se virou nos braços de Aren, de modo que eles ficassem cara a cara, as pernas entrelaçadas no fundo do barco.

O que ele estava fazendo?

Sem saber a resposta, ele respondeu:

— É hora de irmos para casa.

45

AREN



DE JEITO NENHUM ele teria deixado-a para trás.

Aren disse a si mesmo que foi porque a praia estava infestada de soldados, que ele havia feito aquilo para evitar que ela fosse capturada e morta. Que ele não teve escolha. Mas a verdadeira razão era porque, quando chegou o momento de deixá-la, ele não conseguiu.

— Ela teria ficado bem. — Jor lançou um olhar para onde Lara dormia, a lenta subida e descida do peito dela visível na luz crescente do amanhecer. — As ondas teriam empurrado-a de volta para a costa.

— Direto nos braços dos soldados à espera.

— Melhor nos braços dos soldados Maridrinianos do que nos dos nossos soldados. Keris poderia ter inventado uma desculpa para mantê-la viva por tempo o suficiente para ela escapar. Acha que conseguirá fazer o mesmo?

Aren não tinha muita resposta pra isso, porque ele sabia que havia retirado Lara da frigideira somente para atirá-la ao fogo. O plano era navegar diretamente para Ithicana a fim de eles se encontrarem com o que restava da guarnição militar de Midwatch. E havia uma boa chance dos soldados dele tentarem matar Lara quando a vissem.

E Aren não tinha certeza do que exatamente ele poderia fazer para detê-los.

— Temos que voltar à costa Maridriniana hoje à noite — Jor declarou. — Podemos largar Lara lá e deixá-la seguir seu próprio caminho.

— Não há tempo. A temporada de calmaria está quase no fim, e nós *precisamos* atacar antes das primeiras tempestades. — Aren lançou uma rede no rastro da embarcação. Seu estômago roncava de fome, já que a maioria dos suprimentos que Zarrah havia fornecido a eles foi abandonado na praia. — E existe uma chance muita grande de sermos pegos por uma patrulha. Vamos permanecer em alto mar.

— As patrulhas também estão em alto mar. E de jeito nenhum seremos mais rápidos que eles nesta lata-velha Maridriniana.

— Eu disse não.

Jor cuspiu na água.

— Você irá fazer com que ela seja morta. Você mesmo também pode ser morto só por levá-la de volta para Ithicana.

Amarrando a rede na parte de trás do barco, Aren se virou e encontrou Lara acordada e encarando-o.

— Eu vou dar um jeito.

Ela balançou a cabeça, mas não disse nada, apenas rolou para o lado e puxou um pedaço de lona de vela sobre os ombros.

Apesar de todo o discurso de Aren, nenhuma ideia lhe ocorreu enquanto navegavam para o norte, finalmente alcançando os arredores de Ithicana. Lá, despistar inimigos exigiu toda a atenção dele conforme eles se infiltravam por rotas secretas e perigosas entre as ilhas, escondendo-se sob a cobertura da névoa enquanto tentavam evitar naufragar nos infinitos perigos espreitando sob as ondas.

Quando chegaram à ilha onde Jor acreditava que a guarnição de Midwatch estava escondida, todos os três estavam sujos de maresia e cansados, os nervos e ânimos à flor da pele.

— Esse pedaço de merda Maridriniano. — Jor chutou o barco de pesca. — Vou queimar isso no segundo em que tiver a chance.

Aren não respondeu, apenas olhou para Lara.

— Levante seu capuz. Prefiro ter a oportunidade de falar com eles antes que te reconheçam.

A leve tensão no maxilar de Lara era seu único sinal de nervosismo enquanto ela puxava o capuz para esconder o cabelo e rosto. Uma faca apareceu em suas mãos e voltou a desaparecer um batimento cardíaco depois. Aren levantou o próprio capuz, também não querendo que seu povo o reconhecesse antes que ele estivesse pronto.

Pegando o remo que Jor passou para ele, Aren acrescentou força ao esforço de conduzir o barco pela estreita fenda na rocha, o topo dos penhascos oculto pela névoa. Não havia nenhum som, exceto pelo canto dos pássaros e pelo barulho de água contra as rochas, mas ele sabia que seu povo estava lá. Sabia que observavam. E considerando que o trio estava em um barco Maridriniano, provavelmente havia flechas apontadas para suas cabeças.

Eles abriram caminho adentro, os penhascos altos o suficiente agora para que nenhum raio solar atingisse a água. Mas Aren ainda percebeu a grande silhueta com barbatanas nadando sob eles, monitorando o progresso do grupo. O tubarão

subiu à superfície, sua cabeça saindo da água para que o animal pudesse olhá-los, e deslizou de volta para as profundezas.

— Mau presságio — murmurou Jor, mas Aren ignorou-o, virando o barco em uma curva. Os penhascos desapareceram, revelando uma pequena lagoa com uma dúzia de embarcações Ithicanas paradas na pequena faixa de praia.

Erguendo o remo da água, Aren permitiu que eles fluíssem em direção à margem. Ele detectou movimento nas árvores um segundo antes de seus soldados aparecerem com armas apontadas para o barco. O estômago dele se revirou diante da visão da aparência maltrapilha dos combatentes: roupas remendadas onde não estavam rasgadas, cabelos bagunçados e muitos dos homens ostentavam barbas grossas sob as máscaras de couro que usavam.

Mas suas armas cintilavam, afiadas e polidas.

— Apontem para outro lugar. — Jor saiu do barco. — Seus desgraçados, vocês sabem quem sou eu.

Nenhum deles abaixou as armas.

— Saiam do barco — um dos homens ordenou, sua voz familiar fazendo Aren estremecer. — Devagar.

Eles obedeceram, descendo e ficando em pé com a água na altura dos joelhos.

Jor pisou na praia.

— Quem está no comando? Com sorte, alguém com mais bom senso do que vocês, seus idiotas sem cérebro.

— Eu. — respondeu o outro homem, tirando a máscara. Apesar de ter reconhecido a voz, Aren ainda amaldiçoou a visão do rosto de Aster. O velho não somente se ressentia por Aren tê-lo substituído por Emra como comandante da guarnição militar de Kestark, como Aster também desconfiava de Lara desde o início e nunca deixou o sentimento de lado.

— Não temos notícias suas há semanas, e aí você chega em um barco Maridriniano — Aster retrucou. — Como vamos saber que não é uma armadilha?

— Não é uma armadilha. — Aren puxou o capuz para trás. Arquejos de surpresa ecoaram dos soldados, e muitos deles se afastaram das árvores com as armas abaixadas.

— Vossa Graça! — Os olhos de Aster se arregalaram. Em seguida, se estreitaram novamente, a atenção dele indo para além do ombro de Aren. — É melhor que essa não seja…

Aren soube que Lara havia removido o capuz, porque todas as armas se levantaram abruptamente. Movendo-se rapidamente, ele se colocou entre o grupo e sua esposa.

— Se quiserem matá-la, terão que me matar primeiro.

— Essa desgraçada é uma traidora — Aster rosnou. — Ela merece morrer milhares de vezes. Você mesmo disse isso antes de ser capturado. Eu disse isso desde o momento em que ela pisou em nossa costa.

— Eu entendo mais agora do que antes. — Aren respondeu, vendo um movimento com o canto do olho e sabendo que estava sendo cercado. — Ela me libertou da prisão. Eu devo minha vida a ela.

— E, aparentemente, ela tem usado truques mágicos em você desde então. — Aster fez um gesto vulgar. — Não há nenhuma outra explicação para você trazê-la de volta para Ithicana. A bruxa tem controle sobre você.

— O que eu trouxe de volta foi um plano e os aliados para realizá-lo. — Aren se obrigou a manter a calma, apesar do terror que crescia em suas entranhas. Ele sabia que seria difícil convencer seus soldados a aceitarem a presença de Lara, mas com Aster no comando, talvez fosse impossível. — Valcotta concordou em nos ajudar a retomar a ponte e expulsar os Maridrinianos.

Os soldados mudaram de posição, as armas hesitantes, e ele percebeu como todos estavam magros. Pouco mais do que pele e osso. Os de Eranahl não deviam estar muito melhores.

— Ahnna também garantiu o apoio do Rei de Harendell. Em conjunto com as duas marinhas, conduziremos um ataque coordenado contra as guarnições militares. Então, vamos nos recolher e deixar que as tempestades tomem conta do resto deles.

— Como se fosse tão fácil assim. — Aster balançou sobre os calcanhares, os olhos passando rapidamente por Aren uma vez, e de novo. — Passamos meses tentando retomar aquelas guarnições, e só o que isso nos rendeu foram companheiros mortos.

— Isso porque antes estávamos espalhados — Aren argumentou. — Dessa vez, seremos mais estratégicos. Dessa vez, não vamos perder.

Aster balançou a cabeça, assim como vários dos outros. Pouco convencidos, sim. Mas também com medo. Essa invasão já havia cobrado seu preço.

— Talvez deva considerar o que irá acontecer se você *não* lutar. Eranahl está faminta. Se não retomarmos a ponte, a cidade terá que ser evacuada na temporada de tempestades, e as pessoas não irão retornar para seus lares. Essas pessoas irão fugir para Harendell ou Valcotta, ou para onde quer que o vento as leve. E sem seu povo, Ithicana não existe mais.

— Talvez seja assim que tem que ser.

Aren balançou a cabeça.

— Se *algum* de vocês acreditasse nisso, já teriam partido. E ainda assim, aqui estão vocês. — Sabendo que estava se arriscando, Aren avançou para ficar

entre eles. — Temos uma chance de recuperar o que é nosso. Me escutem e façam sua escolha.

Pegando uma vareta, Aren começou a traçar formas na areia, lentamente desenhando Ithicana de memória.

— É isso que vamos fazer.

O plano que vinha se formando na cabeça de Aren saiu dos lábios dele, e as armas lentamente foram abaixadas conforme ele explicava aos soldados como eles retomariam a ponte. Como retomariam seus lares. Como retomariam seu reino. Quando Aren terminou, o céu estava começando a escurecer e sua garganta estava seca e pedindo água.

— E então? O que me dizem?

— É um bom plano — admitiu Aster, coçando a barba, mas seus olhos retornaram para Lara, que permanecia em silêncio ao lado de Jor. — Como ela está envolvida?

Antes que Aren pudesse responder, Lara falou.

— Todos vocês têm motivos para me odiar — disse ela. — Vim para cá como espiã de Maridrina. Enganei vocês. Manipulei vocês. Conspirei para traí-los.

Os soldados mudaram de posição, suas expressões severas, mas eles estavam escutando.

— Meu pai me criou com mentiras para que eu odiasse Ithicana. Para que eu odiasse *vocês* a ponto de dedicar minha vida à sua destruição. Mas quando entendi a farsa dele, dei as costas para os esquemas do meu pai. Exceto que isso pouco significa, porque o dano já havia sido feito. — Ela fez uma pausa, e acrescentou: — Não estou aqui para pedir perdão. Estou aqui para pedir que me permitam lutar, porque garanto-lhes que odeio meu pai mais do que qualquer um de vocês jamais odiará.

Aster cuspiu no chão aos pés dela.

— Você merece a morte de uma traidora.

— Eu sei. Mas permita-me vingar o prejuízo causado a Ithicana.

Aren ficou quieto quando seus soldados recuaram e debateram o pedido de Lara, as cabeças juntas. Suor frio escorria pela espinha dele, porque ele sabia que eles tinham todo o direito de exigir a morte dela.

Por que você a trouxe aqui?, ele exigiu silenciosamente de si mesmo. *Por que não a deixou naquela praia?*

Aster se afastou do grupo.

— Você ainda a considera sua esposa?

Sim, Aren pensou, mas balançou a cabeça.

— Não.

— Rainha?

— Não.

— Ela irá embora assim que terminar o que deve ser feito?

Aren não hesitou. Não podia. Não se ele quisesse tirar Lara dessa com vida.

— Sim.

Aster trocou longos olhares com vários dos outros soldados. Então, ele acenou com a cabeça e retirou uma corneta do cinto, jogando-a para Aren.

— Acho melhor você dizer a Ithicana que está em casa, Vossa Graça.

Respirando fundo, Aren levou a corneta aos lábios e convocou seu reino para a guerra.

46

LARA



NO VERDADEIRO ESTILO ITHICANO, não houve atrasos.

E por isso, Lara era profundamente grata. Durante três dias e noites, Aren traçou estratégias com Jor e Aster, as cornetas soando constantemente conforme o plano era transmitido ao longo de Ithicana. Soldados espalhados por todas as pequenas ilhas se reuniam, tomando cuidado ao esconder seus movimentos com escuridão e névoa. A guarnição militar de Midwatch aumentou para cerca de trezentos homens e, cada vez que outro barco chegava com mais soldados, Lara cerrava os dentes, ciente do que estava por vir.

Não ameaças.

Não atentados contra a vida dela.

Não mais pedidos para Aren executá-la.

O que eles deram a ela foi a verdade, e isso era uma coisa muito pior. Um depois do outro, eles se sentavam e contavam para Lara o que haviam sofrido por causa da invasão de Maridrina.

Por causa dela.

Aster foi o primeiro.

— Minha menina, Raina, fazia parte da *escolta* do seu irmão pela ponte. — A voz dele estava monótona. — O seu povo a massacrou, depois pendurou o cadáver dela sob a ponte para apodrecer com o resto de nossos companheiros.

Lara empalideceu, mas Aster não havia terminado.

— Eles mataram meu sobrinho. Mas não sem antes obrigá-lo a assistir a própria esposa morrer. Eu sei disso porque o filho deles testemunhou de onde estava escondido na selva. Encontramos o menino e algumas das outras crianças quase morrendo de fome, sobrevivendo dos restos que encontraram na aldeia incendiada. Vivendo com os cadáveres dos pais porque nenhum deles era grande o bastante para movê-los.

Lara vomitou, as entranhas se revirando mesmo quando não havia nada no estômago.

— Eu sinto muito.

Ele apenas a encarou, enojado.

— Minha esposa e outros filhos estão em Eranahl. Não os vejo há quase um ano. Nem sei se estão vivos, mas se estão, estão com fome. Assustados. E não posso entrar em contato com eles.

— Eu rezo para que você os veja novamente.

Ele apenas balançou a cabeça para ela.

— Provavelmente não nesta vida.

Uma soldada foi a próxima.

— Meus três filhos estão em Eranahl. Lá sempre foi um abrigo. Mas agora… — A voz dela falhou. — Eu os *abandonei* lá.

— Foi a escolha certa. Eles estão mais seguros lá do que aqui.

A mulher balançou a cabeça lentamente, os olhos cheios de ódio.

— Eles não deveriam estar em perigo.

Em seguida, um menino que não devia ter mais de dezesseis anos.

— Eles estão mantendo minha irmã prisioneira na Ilha Gamire. — As mãos dele se fecharam em punhos. — Você sabe o que seu povo faz com os prisioneiros?

Por Deus, ela sabia.

— Vamos tentar trazê-la de volta.

— Você quer dizer que vamos trazer de volta o que sobrou dela. — Ele cuspiu na cara dela. — Traidora.

Ela perdeu a conta de quantos deles falaram com ela, mas não esqueceu nenhum dos nomes, que circulavam por seus pensamentos toda vez que ela fechava os olhos. O sono era quase impossível sob o fardo da culpa.

Se Aren estava sendo submetido ao mesmo, Lara não sabia, porque ela mal o via. Parcialmente porque ele passava cada minuto acordado planejando estratégias, mas ela sabia que o verdadeiro motivo era porque ele estava evitando-a. E embora ela soubesse que ele não tivera escolha, a conversa dele com Aster a assombrava.

Não era a esposa dele.

Não era a rainha dele.

Não era dele.

— Está pronta?

Lara saltou, virando-se para encontrar Aren parado atrás dela. Ele voltara a usar roupas Ithicanas, mas seu cabelo ainda estava comprido, mechas escuras roçando suas bochechas. Havia um facão amarrado à cintura dele, e o arco

estava pendurado no ombro, junto com uma aljava cheia.

Ele entregou-lhe a espada afiada dela, a lâmina reluzente.

— Está na hora.

LIA, que se juntara a eles recentemente, estava de pé no barco. Junto à jovem, estavam Jor, Aster e outros três Ithicanos. Além deles, outro navio cheio de soldados flutuava na lagoa, esperando por eles. Lara escalou para dentro da embarcação, movendo-se instintivamente para ficar fora do caminho. Jor e Aster pegaram os remos para movê-los por entre os penhascos estreitos.

Uma névoa pesada pairava sobre a água parada, reduzindo a visibilidade em alguns metros em todas as direções. Ninguém falou mais alto do que um sussurro conforme eles vagavam pelas ilhas.

Aren se ajoelhou ao lado dela, o arco apoiado sobre os joelhos. O rosto dele estava inexpressivo, mas pequenos sinais traíam o nervosismo para ela. A maneira como ele batia o arco contra o joelho. A forma como os músculos da mandíbula dele se contraíam e relaxavam. O jeito que os olhos dele se voltavam para qualquer som.

O olhar de Aren pousou sobre ela, e o coração de Lara saltou quando ele disse:

— Vamos tomar Gamire.

Gamire era a ilha de Nana.

— Por que não Midwatch?

— É onde eles mantêm os prisioneiros. Iremos libertá-los e assumir o controle da ilha, e amanhã partimos para Midwatch.

Midwatch era um alvo estrategicamente melhor, mas ela entendia o motivo da escolha dele.

Tirando uma máscara do cinto, ele a entregou à Lara.

— Para a luta. Quando estivermos no topo da ponte, mantenha-se perto. Siga o meu comando.

— Não esfaqueie ninguém pelas costas — Aster murmurou. Nem ela nem Aren reagiram à farpa. Agora não era a hora.

A ponte apareceu através da névoa, uma forma cinza sombria serpenteando acima deles. Os Ithicanos baixaram as velas, os barcos navegando em direção a um dos píeres que se erguiam além do oceano. Picos se projetavam de todos os ângulos, evitando que os navios se aproximassem demais e, sobre eles, a rocha era tão lisa que nem mesmo o melhor dos escaladores conseguiria escalar a

superfície lisa.

Entretanto, na frente do barco, Lia retirava as botas, um pedaço de cabo fino enrolado no pescoço e em um ombro.

— Tem uma abertura abaixo da superfície — Aren murmurou, sua respiração contra a orelha de Lara causando um leve arrepio pelo corpo dela. — Lia vai nadar até lá e escalar o interior do píer, onde há um acesso ao topo da ponte. Ela vai soltar a corda, e o resto de nós irá escalar.

— Por que escalar? Por que não nadar por baixo?

Inclinando-se sobre a borda da embarcação, Aren apontou quando uma grande sombra passou sob o barco. E a figura não estava sozinha. Medo subiu pela espinha de Lara enquanto ela observava os enormes tubarões circulando o píer.

Mas Lia não demonstrou preocupação, uma mão apoiada no mastro enquanto observava a água. O outro barco estava distante, e Lara viu-os tirarem peixes ainda se debatendo de um saco, juntamente a um balde que ela suspeitava estar cheio de sangue.

— Lia é rápida — Aren falou suavemente. — Ela só vai precisar de alguns segundos para descer e entrar no píer. — Os olhos dele se voltaram para a mulher em questão. — Pronta?

Lia concordou com a cabeça, e Aren ergueu a mão para sinalizar ao outro barco. Um dos soldados jogou o sangue na água, e eles começaram a lançar os peixes moribundos na mistura, as criaturas respingando contra a superfície.

Lara desviou a atenção para as profundezas abaixo, para as grandes formas disparando na direção da agitação.

Lia dobrou os joelhos, pronta para mergulhar.

Então, vozes vieram de cima.

Se lançando adiante, Lara agarrou a mão de Lia e puxou-a para trás, tapando a boca da mulher com a mão quando ela começou a protestar. Com a outra mão, Lara apontou para cima, e murmurou:

— Patrulha.

Todos no barco pararam. Aren gesticulou para a outra tripulação, pedindo silêncio enquanto eles escutavam.

Lara conseguiu captar vozes masculinas, embora a ponte fosse alta demais para ela ouvir o que eles diziam. Ou para ela determinar quantos deles havia lá em cima.

Mas Aren balançou a cabeça, suas mãos se movendo em sinais silenciosos para comandar ao outro barco que eles se afastassem do píer e entrassem em alto mar.

Foi só quando eles estavam longe que Aren praguejou e bateu com o punho

na beirada do barco.

— De todos os lugares que eles podiam ter escolhido para almoçar, tinha que ser lá.

— Existe outro píer que possamos usar? — Lara indagou.

— Nenhum perto de Gamire — Jor respondeu. — E estamos com um cronograma apertado.

— Existe um. — Todas as cabeças se viraram na direção de Aren. — É mais perto, então, mesmo com o atraso, vamos manter o cronograma.

— Não — Jor negou categoricamente. — Encontraremos outra maneira.

— Não tem outra maneira — Aren disparou. — Pelo menos não uma que siga o cronograma. Precisamos chegar ao topo da ponte e matar os Maridrinianos que controlam os destruidores de navios de Gamire, ou quando nosso pessoal atacar, eles serão alvos fáceis.

— Vamos mais para o sul, então. Existem alguns píeres que podemos escalar. Se nos movermos rápido…

— Os Maridrinianos não são estúpidos. Eles estão patrulhando o topo da ponte. Com quantos teríamos que lutar para retomar Gamire? Quais são as chances de eles não receberem um sinal de que estamos atacando? Essa é a única forma.

O rosto de Jor estava vermelho.

— Eu disse não. Sou lento demais, e não arriscarei nenhum dos membros dessa equipe com esse tipo de bobagem.

— É melhor ser eu, de qualquer forma — Aren retrucou. — Eu sou o mais rápido.

Foi então que Lara percebeu *como* Aren estava sugerindo que eles alcançassem o topo da ponte.

Ilha das Cobras.

Ao mesmo tempo que Jor rosnou: — De jeito nenhum. — Lara disse: — Eu vou.

Os dois homens pararam de discutir para encará-la, assim como os outros Ithicanos no barco.

— Eu vou — ela repetiu. — Sou rápida e boa escaladora.

Lia assobiou por entre os dentes em óbvia aprovação, mas Jor lançou-lhe um olhar que silenciou qualquer outra manifestação. Mas ele não conseguiu silenciar a maneira como os Ithicanos observavam Lara com interesse.

Aren flexionou a mandíbula.

— É mais difícil do que parece, Lara. E se uma das cobras enfiar as presas em você, não temos como ajudá-la. Você não conseguirá escalar antes que a paralisia apareça e, se a queda não te matar, uma das cobras maiores terminará o

trabalho. E você precisa fazer tudo isso carregando uma corda.

Ela encolheu os ombros, torcendo que o gesto escondesse a onda de medo que subia por sua espinha.

— Não será nenhuma grande perda para vocês se eu morrer. E se elas estiverem ocupadas tentando me comer, você tem uma chance melhor de fazer a escalada.

— Ela tem razão — Jor concordou. — Mas a decisão é sua.

Aren não disse nada, mas nos olhos dele, Lara pôde vê-lo lutando contra a decisão, sabendo como pareceria aos soldados se ele arriscasse qualquer outra pessoa, incluindo si mesmo, no lugar dela. Por fim, ele disse:

— Vamos.

Suor escorria pelas costas de Lara quando eles chegaram à pequena ilha. A névoa e a cobertura de nuvens mantinha-os escondidos das patrulhas Maridrinianas acima e na água. No dia em que Aren disputara corrida com as cobras, estava ensolarado. Mas hoje, as centenas de cobras fervilhando sob as saliências e por entre as rochas estavam escondidas pela névoa.

O que tornava o que Lara estava prestes a fazer ainda pior.

— Isso não é um teste de bravura. — Aren pendurou o arco no ombro, entregando a Jor um saco de peixes que ainda se debatiam antes de pegar um para si mesmo. — Iremos atraí-las para fora do caminho, e depois vamos te dar cobertura o melhor que pudermos com as flechas. Mas com essa visibilidade…

— Está tudo bem — Lara anunciou com uma confiança que não sentia. — Ou eu chego ao píer antes delas ou não chego. Um punhado de flechas provavelmente não fará diferença.

Aster se moveu para ficar ao lado dela, pendurando um pedaço fino de corda sobre os ombros dela e depois prendendo-o ao cinto de Lara. Era mais pesado do que ela esperava. Pesado o bastante para atrasá-la.

— Você não tem que fazer isso. Eu... — Aren começou a dizer, mas Lara apenas saltou do barco, caindo em um banco de areia submerso. Ela caminhou em direção à ilha até a água chegar à altura dos seus joelhos. Entrelaçando as mãos, ela esticou os braços, fazendo as costas estalarem.

— Estou pronta.

Ela não estava pronta. Nem perto disso. Acima do som das ondas, Lara podia ouvir as cobras se movendo, as serpentes se roçando umas contra as outras enquanto observavam os intrusos. Os sibilos de centenas de línguas se misturando em um chamado bestial.

As tripulações dos dois barcos estavam na água, e vários deles pegaram os sacos de peixes e começaram a arremessá-los ruidosamente em direções opostas, atraindo as cobras para fora do caminho. O resto ergueu seus arcos, incluindo

Aren.

Você consegue.

Havia movimento na praia, figuras sinuosas agitando a névoa enquanto se moviam na areia.

— O caminho é relativamente tranquilo — Aren informou. — Confie nos seus pés, e cuidado com as cobras.

Como se ela não soubesse disso.

— Elas conseguem pular. Você precisa subir pelo menos uns quatro metros acima do píer para ficar fora do alcance delas. Na melhor das hipóteses, você terá só alguns segundos para fazer a escalada.

Lara cerrou os dentes, lutando contra a vontade de assentir. Qualquer movimento chamaria a atenção das cobras.

— Ao meu sinal!

Ela não conseguiria.

— Vai!

Lara começou a correr. Água salpicou nela quando ela chegou à praia, as pernas pulsando. Ela não olhou para saber se haviam jogado os peixes. Não olhou para saber se as cobras a notaram.

Ela apenas correu.

A areia profunda se deslocou e afundou sob os pés dela, mas Lara fora criada no Deserto Vermelho, e a sensação era tão natural para ela quanto respirar.

Mas o deserto não tinha cobras assim.

Vagamente, ela ouviu os gritos dos Ithicanos que tentavam prender a atenção das criaturas.

Ela sabia que não estava funcionando. Podia sentir as criaturas convergindo nela, uma invasora e um prêmio melhor do que qualquer peixe.

A névoa rodopiou quando ela atingiu a trilha. Seu olhar estava fixo logo diante dos pés, em busca de movimento.

Ali. Uma cabeça escura reluziu na direção dela, cheia de presas e escamas. Lara se jogou, voando acima da serpente que se lançara, rolando e se levantando em um piscar de olhos.

Mas as serpentes estavam atrás dela. Ganhando terreno.

Ela correu mais rápido.

Pedaços de rocha cortaram seus pés descalços, mas Lara mal sentiu dor quando o píer da ponte emergiu da névoa.

Uma flecha passou por ela, acertando a cabeça de uma cobra que apareceu do nada. O cadáver colidiu contra o tornozelo dela quando ela passou, fazendo-a tropeçar.

Continue.

Ela correu, sentindo outras cobras convergindo em sua visão periférica.

Mais rápido!

— Corra, Lara! — A voz de Aren invadiu os ouvidos dela, o tom desesperado do Ithicano levando-a a uma velocidade maior. Ela saltou sobre uma pedra, e um arquejo escapou de seus lábios quando algo atingiu seu calcanhar.

— Corra!

O píer estava a somente uns quatro metros de distância, mas ela podia ouvir os corpos pesados das cobras atingindo o chão atrás dela quando os animais se lançavam.

Ela estava quase lá. Reunindo forças, Lara se atirou na pedra áspera.

O corpo dela se chocou contra o píer, e seus dedos procuraram por um apoio para as mãos, deslizando. As unhas se quebraram com o peso da corda puxando-a para baixo.

— Lara!

Soluçando, ela agarrou a pedra, os dedos finalmente se prendendo em algo. Ela escalou, com o coração na garganta.

Então, algo atingiu a parte de trás do joelho dela, e dor subiu por sua perna.

Terror a invadiu, mas ela não se atreveu a parar para verificar se tinha sido picada quando outras se atiravam contra o píer logo abaixo de seus pés.

— Escale mais alto!

O dedo do pé de Lara escorregou, o peso do próprio corpo fazendo seus braços gritarem, mas ela prosseguiu. Pé após pé, com seu corpo inteiro tremendo.

Será que a cobra havia picado-a? Ela estava prestes a despencar na direção da morte? Lara não sabia. Não tinha certeza se era suor ou sangue escorrendo pelas suas pernas enquanto escalava.

Ela subiu cada vez mais alto, contornando a lateral do píer para poder escalar a própria ponte.

Finalmente, ela chegou ao topo. Rolando sobre a borda, Lara deitou de costas, ofegante. Apenas para que vozes preenchessem seus ouvidos.

Vozes que não pertenciam aos Ithicanos lá embaixo.

47

AREN



JOR E ASTER agarraram Aren pelos braços, segurando-o, todos os três caindo na água e fazendo respingos voarem.

— Ela está lá em cima! Ela está escalando!

Mas ele viu a cobra atingi-la. Até mesmo uma picada superficial era o bastante para ser mortal. Ele tinha que chegar até ela.

Empurrando Jor para longe, Aren cortou a água em direção à praia, somente para ter sua cabeça empurrada para baixo da superfície. O rosto dele se chocou contra a areia.

Jor puxou-o pelos cabelos.

— Não me faça quase te afogar para fazê-lo ver a razão, garoto. Olhe! Ela já está no topo.

Ele tinha razão. Por meio da névoa, Aren enxergou vagamente Lara circulando o píer, movendo-se com uma confiança tranquila enquanto escalava a lateral da ponte, desaparecendo no topo. Exalando, ele abaixou a cabeça e se deparou com várias cobras se aproximando da linha d'água, observando-o com interesse.

— Podem tentar. — ele sibilou para elas, mas retornou ao barco em vez de desafiar a sorte.

E foi nesse momento que ele ouviu vozes.

— Merda — Jor murmurou. — Patrulha.

Aren mal conseguiu respirar, o terror apertando seu peito como um torno. Lara carregava apenas uma faca de cinto e estaria exausta com a corrida e posterior escalada. Ele precisava subir lá. Precisava ajudá-la.

Exceto que a praia estava coberta de cobras, e eles usaram todos os peixes como isca para atrair as serpentes para longe de Lara. Mas ele precisava tentar. Ele precisava…

A mão de Jor agarrou o pulso de Aren, e ele apontou com a outra mão.

Lara havia escalado pela lateral da ponte e estava pendurada lá, quase invisível através da névoa.

— Gritos vieram daqui. — Uma voz Maridriniana.

— Não vejo nada — respondeu outro. — Você está ouvindo coisas.

— É a maldita névoa — um terceiro comentou. — Nunca conseguir enxergar é o suficiente para levar alguém à loucura.

No mínimo três, mas provavelmente mais.

— Eles não conseguem nos ver — Jor constatou baixinho, então sinalizou para Lia e os outros ficarem em silêncio. — Logo irão seguir em frente.

Exceto que os soldados Maridrinianos pararam bem ao lado de onde Lara estava pendurada pelas pontas dos dedos. As vozes começaram a diminuir.

— Os Ithicanos estão tramando alguma coisa — disse o primeiro. — Eu consigo sentir. Todas aquelas cornetas tocando no outro dia, a mesma mensagem várias vezes.

— E daí se estiverem? É uma doce ilusão. Não deve existir mais do que algumas centenas deles vivos e, se eles estão com vontade de lutar contra as próprias defesas, melhor ainda. Quanto mais cedo estiverem todos mortos, mais cedo poderei voltar para minha taça de vinho e minhas mulheres.

Os Maridrinianos riram, o som ecoando pela névoa.

Aren enrijeceu de raiva, mas o aperto de Jor em seu braço aumentou.

— Deixe a luta para depois.

Mas Lara, ao que parecia, tinha outros planos.

Impotente, Aren observou-a subir silenciosamente para o topo da ponte.

O ar foi cortado por gritos.

Um soldado gritando voou, deslizando pela lateral da ponte, e caiu com um baque na areia. As cobras estavam sobre ele em um instante. Mas Aren não conseguiu desviar o olhar dos redemoinhos de névoa acima, a única coisa que ele podia ver da batalha. Grunhidos e baques invadiram seus ouvidos, e outro homem caiu, dessa vez na água.

Lia atacou o soldado agonizante num piscar de olhos, cortando sua garganta antes que ele pudesse revelar a presença dos Ithicanos.

Outro grito, e pés correndo.

Então, silêncio.

Aren não conseguia respirar. Não conseguia se mover. Não conseguia fazer nada além de olhar para a ponte, esperando.

Por favor, esteja viva.

Então, um assobio soou, dois trinados rápidos seguidos por um longo gorjeio. Ele soltou o ar profundamente e recuperou seu arco de onde a arma

flutuava na água. Um batimento cardíaco depois, Lara jogou a ponta da corda.

Lia deu um nó apertado do tipo usado para escalada no final da corda. Lara puxou o cabo para cima, prendendo-o à ponte.

Outro assobio.

— Eu vou primeiro — Lia anunciou, mas Aren ignorou-a, pulando para pegar a corda. Ele escalou, seus ombros queimando quando chegou ao topo.

Lara estava de pé no meio dos mortos, com o rosto e as roupas manchados de sangue, e o único sinal de ferimento era um lábio cortado.

— Você está machucada?

— Estou bem. — Ela deu uma leve cambaleada, e medo subiu pela espinha de Aren. Caindo de joelhos, ele levantou a perna da calça larga da mulher. Havia uma marca vermelha pálida causada pela força do choque da cobra contra a panturrilha, mas milagrosamente, as presas da criatura não haviam perfurado a pele.

— Aren, estou bem. — Ela tentou se afastar, mas ele enfiou os dedos nos furos duplos no tecido e encontrou o olhar dela, percebendo como ela estava pálida.

— O que você tem é sorte — ele rosnou, a raiva afugentando o medo dele.

Não raiva dela. Mas de si mesmo.

Por que ele a trouxe aqui? Por que não a deixara naquela praia?

Afastando-se dela, ele começou a empurrar os corpos para fora da ponte no caso de outra patrulha aparecer. Quando terminou, o resto da equipe estava no topo da ponte. Todos eles olharam para Lara com um novo nível de respeito, até mesmo Aster.

— Vamos. — ordenou Aren. — Só temos três horas para derrubar as defesas de Gamire.

ELES ENCONTRARAM APENAS mais uma patrulha Maridriniana na corrida até Gamire, os soldados falando alto o bastante para que Aren os escutasse a quase um quilômetro de distância. Era assim na névoa: aqueles que não estavam acostumados com ela não entendiam como a neblina atenuava o som, como distorcia a direção de onde qualquer ruído parecia vir. Mas era uma arma que Aren usava com frequência. E uma arma que ele usava bem.

Os homens morreram antes mesmo que pudessem alcançar suas armas.

Ainda segurando sua espada, Aren silenciosamente soltou o gatilho da escotilha que os Maridrinianos vigiavam. As molas empurraram a pedra para

cima o suficiente para que ele e Jor enfiassem os dedos por debaixo dela. Aren escutou por um segundo, então assentiu com a cabeça uma vez, e eles abriram.

Escorregando para dentro da ponte com Jor e Lia em seu encalço, Aren sentiu cheiro de mofo. Ele pressionou a mão contra a parede, a textura familiar do interior da ponte aliviando o ritmo acelerado de seu coração enquanto os outros fechavam a escotilha para abafar o som do mar.

Ao contrário do nevoeiro, o interior da ponte amplificava o som, fazendo parecer que os Maridrinianos tagarelando estavam a somente uns quatro metros de distância em vez de quase um quilômetro.

Aren caminhou pela escuridão por vários minutos, depois agarrou o saco que Jor lhe oferecia. Dentro, ele pegou uma tigela de latão e três frascos cujos conteúdos estavam rotulados com marcações gravadas nas laterais. Ele derramou dois deles na tigela e, em seguida, sussurrou:

— Vão. Estarei bem atrás de vocês.

Lia e Jor recuaram para a escotilha e, assim que eles saíram, Aren destampou cuidadosamente o terceiro recipiente. Puxando o ar profundamente e prendendo a respiração, ele derramou o conteúdo na tigela, ouvindo-o borbulhar violentamente. Largando o recipiente, ele correu de volta para a abertura e saltou, não inalando até que Jor e Lia o arrastaram para o topo da ponte.

— O que você fez? — Lara perguntou baixinho.

— Fumaça venenosa — respondeu ele. — A corrente de ar vai carregá-la até a patrulha.

Ela franziu o cenho.

— Eles vão escapar para o píer. Avise ao resto da guarnição.

— Não se chegarmos lá primeiro.

Quase correndo, Aren se moveu pelo topo da ponte até a ilha aparecer à vista. Então, ele diminuiu a velocidade para que seus movimentos fossem silenciosos. Agachando-se, ele espiou através da névoa que rodopiava em torno do píer da ponte, escutando. Jor estava amarrando uma corda em torno de Lia quando Aren ergueu a cabeça. Ele levantou dois dedos e ela assentiu. Então, com as armas em mãos, ela caiu para o lado.

Segundos depois, houve um gorgolejo e um baque abafado.

Foi uma questão de minutos para Aren e o resto deles descerem, e ele havia acabado de enfiar uma faca embaixo da entrada do píer para evitar que a escotilha se abrisse quando gritos abafados invadiram seus ouvidos. Seguido pelo estrondo de botas descendo as escadas correndo e um baque quando mãos bateram na porta, tentando desesperadamente abri-la.

A gritaria durou alguns minutos, e então havia apenas silêncio.

Gesticulando para que os outros recuassem, Aren retirou a faca sob a porta,

que se abriu, revelando fumaça e cadáveres, o interior marcado por arranhões e sangue. Ele deu uma olhada de relance para o rosto de Lara enquanto recuava a uma distância segura, mas se a morte terrível de seus compatriotas a incomodava, ela não demonstrou.

Eles se moveram silenciosamente em direção à margem da ilha, parando um pouco antes de alcançá-la.

— Como está o tempo? — ele murmurou para Jor.

Lambendo os dedos, Jor os ergueu no ar, e encolheu os ombros.

— Vinte minutos, talvez um pouco menos.

Não havia como saber se o resto dos homens dele estava em posição na água. Não era possível sinalizar sem que os Maridrinianos suspeitassem de um ataque iminente. Só o que Aren podia fazer era esperar que seus soldados ainda confiassem nele o bastante para seguir seus planos.

— Vamos acabar com os destruidores de navios.

Eles se dividiram em grupos. Lara e Jor permaneceram com Aren, e ele conduziu-os por entre o emaranhado de árvores, samambaias e trepadeiras. A vegetação rasteira estava densa devido ao intervalo de oito semanas sem tempestades. Lara se movia tão silenciosamente quanto qualquer um dos homens de Aren, mas o Ithicano se viu olhando na direção dela.

Carrancudo, ele agarrou o tornozelo da mulher e, quando ela se virou, ele gesticulou para a máscara em seu próprio rosto, sabendo que ela tinha uma igual enfiada no cinto.

Ela murmurou a palavra *não*, balançando a cabeça.

Mas ele não soltou o tornozelo dela. Se algum dos soldados que comandavam os destruidores de navio visse Lara e soasse o alarme, tudo teria sido em vão.

Lara franziu a testa, então enfiou a mão na lama e espalhou-a no rosto, escondendo o brilho de sua pele e fazendo-a parecer mais selvagem. Feroz. Olhos azuis feito o oceano encontraram os dele, e o coração de Aren bateu forte no peito, uma dolorosa necessidade familiar tomando conta de seu corpo. Mas ele apenas concordou com a cabeça e partiu em direção ao rugido do oceano.

Quatro soldados estavam de guarda, sentados de cada lado do destruidor de navios, dois deles vigiando o nevoeiro com o desinteresse de alguém realizando uma tarefa tediosa por muito tempo. Os outros dois estavam voltados para o interior da ilha, mas comiam um almoço de pão e carne seca, olhando para cima ocasionalmente. Jor ergueu seu arco, silenciosamente encaixando uma flecha ao mesmo tempo em que uma faca de arremesso aparecia na mão de Lara.

Mas esses homens não estavam sozinhos. Patrulhas moviam-se ao longo do perímetro da ilha, grupos de homens com os olhos no mar, não tão distraídos

quanto Aren esperava.

Mantendo-se imóvel quando um grupo de homens se juntou aos outros quatro, Aren cerrou os dentes, lutando contra o desejo de atacar, embora soubesse que estavam em grande desvantagem numérica.

Então, o vento começou a aumentar.

Aren ouviu antes de ver: o farfalhar de folhas e galhos quando a brisa soprou pela ilha. O ar soprou novamente, ganhando força, a névoa rodopiando violentamente.

Um alerta soou do outro lado da ilha, e Aren sorriu.

— Ataque! Ataque! Os Ithicanos estão atacando! — Os gritos correram por Gamire, junto a ordens para tomarem suas posições. Os soldados Maridrinianos sacaram armas e se agacharam, vários deles examinando a névoa, que permanecia espessa nesse lado da ilha.

O vento ficou mais forte e, do outro lado de Gamire, a brisa já devia ter dissipado a névoa, revelando os doze barcos cheios de Ithicanos em pânico por seu disfarce ter sido destruído. Ou, pelo menos, fingindo estar em pânico.

Sem dúvidas, o som dos destruidores de navios sendo disparados preencheu o ar com um estalo familiar, os Maridrinianos lançando pedras em navios cheios de Ithicanos bem cientes do alcance das armas e da rapidez com que podiam ser recarregadas. A essa altura, os soldados Ithicanos estariam se movendo para dentro do alcance das armas, usando todas as ferramentas à disposição para fazer os Maridrinianos acreditarem que era um ataque genuíno.

Não a isca que realmente era.

Uma explosão soou, depois outra, seguida pelo chamado por reforços.

Um dos Maridrinianos que vigiava o destruidor de navios levantou-se e, como se o objeto pudesse perfurar a névoa, ergueu uma luneta, balançando a cabeça em agitação.

Vá, Aren o encorajou silenciosamente, sabendo que seria uma questão de minutos antes que o vento limpasse a névoa desse lado de Gamire, revelando a verdadeira ameaça. *Vá!*

— Merda! — Um dos homens da patrulha rosnou a palavra em agitação, o instinto avisando-o onde seus olhos falhavam. Mas várias outras explosões e pedidos de ajuda não podiam ser ignorados. — Vocês quatro, fiquem com o destruidor de navios — ele ordenou. — Em nenhuma circunstância vocês vão embora, entendido?

Houve um som de restinga sendo estraçalhada quando ele e o resto dos Maridrinianos correram pela ilha para se juntar à defesa.

Bem na hora.

Agora, o vento soprava intenso e constante, e os olhos experientes de Aren

perceberam um movimento na água: barcos se posicionando silenciosamente.

— O que é isso? — perguntou um dos soldados que controlavam o destruidor. — Parece um…

Aren avançou, o vibrar do arco de Jor invadindo seus ouvidos. Um soldado agarrou a flecha que perfurou seu peito e outro caiu para o lado, a faca de Lara cravada em sua espinha. Os outros dois soldados giraram e a lâmina de Aren arrancou a cabeça de um deles. Mas antes que ele pudesse matar o outro, a bota de Lara esmagou a garganta do homem.

O soldado cambaleou para trás, os olhos arregalados, a boca se abrindo e fechando enquanto ele ofegava por ar, mas Lara apenas se virou e chutou mais uma vez. O pé dela acertou-o bem no peito e ele voou do penhasco, na direção das rochas abaixo.

Aren lançou um olhar para Lara, irritado por ela ter ignorado o plano dele, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, os barcos avançaram na direção dos penhascos. Os soldados dele saltaram habilmente e pousaram nas rochas reveladas pela maré baixa. Jor já removia as cordas sobressalentes do destruidor de navios, amarrando-as à arma e jogando-as para baixo a fim de ajudar na escalada.

Em minutos, havia dezenas de Ithicanos ao redor de Aren e, se tudo tivesse ocorrido conforme o planejado, o mesmo estaria acontecendo em torno dos destruidores que o resto de sua tripulação havia tomado.

— Mostrem a eles a mesma misericórdia que eles nos mostraram. — disse ele, depois liderou seu exército pela ilha.

48
LARA



AREN TEMIA QUE OS homens dele não o seguissem. Que não confiassem nele para liderá-los na batalha. Para guiar Ithicana de volta à liberdade.

Mas Lara nunca havia duvidado dele.

Os Ithicanos cruzaram a Ilha Gamire sem hesitar, o rei deles no comando, irradiando confiança a cada passo enquanto mobilizava seu exército para atacar o inimigo pela retaguarda.

Lara foi criada para lutar. Mas ela não havia sido criada para liderar homens e mulheres na batalha. Não do jeito que Aren fora. E não era porque as estratégias e táticas dele fossem magistrais, embora fossem. Era porque cada guerreiro que o seguia sabia que Aren lutaria por eles. Morreria por eles. Eles sabiam que Ithicana era tudo para ele.

E eles toleravam Lara apenas porque ela o trouxera de volta.

Com a faca em uma mão e a espada na outra, Lara seguiu Aren por Gamire, movendo-se na direção da batalha. Os Maridrinianos eram mais numerosos, mas apesar do histórico recente, não esperavam ser atacados pela retaguarda.

Fogo queimava dos explosivos que as tropas que haviam participado da isca jogaram na terra, a névoa de fumaça flutuando pela ilha com o vento. A cada poucos minutos, um dos destruidores de navios lançava um projétil e o som preenchia o ar, mas a julgar pelos gritos consternados, eles não estavam tendo muito sucesso com a mira. Então, uma voz familiar invadiu os ouvidos de Lara, e o coração dela deu um salto, mesmo quando Aren parou de andar.

— Não irei ajudá-lo a atacar meu próprio povo, seu idiota Maridriniano. — A mulher rosnou as palavras e, por entre as árvores, Lara conseguiu distinguir a prima de Aren.

Taryn não estava morta.

O corpo de Lara tremeu e, se ela já não estivesse de joelhos, poderia ter

desmoronado. Antes de exilá-la de Ithicana, Aren dissera à Lara que a jovem havia sido morta por um destruidor de navios enquanto tentava escapar de Midwatch para avisar sobre a invasão. Porém, de alguma forma, sua amiga estava viva. Uma onda de alívio fez Lara perceber o quão profunda era a culpa que ela sentia pela perda de Taryn. Apenas para ser substituída pela culpa por Taryn ter sido feita prisioneira em seu próprio lar durante todos esses longos meses.

— Faça-os funcionar direito ou corto sua garganta — gritou um dos soldados Maridrinianos, erguendo uma faca.

Taryn apenas empertigou os ombros, as cordas que amarravam seus pulsos não fazendo nada para diminuir a rebeldia dela.

— Eles funcionam bem. Vocês só têm uma mira de merda.

O soldado deu um tapa nela. Taryn cambaleou e se lançou adiante para cuspir na cara do homem. E Lara soube o que a mulher estava fazendo. Soube que sua amiga estava tentando se matar para que não houvesse chances de ser usada contra seu povo.

Mas não havia a menor chance de Lara deixar Taryn morrer sem uma luta.

Ignorando os movimentos frenéticos das mãos de Aren para que ela ficasse parada, Lara avançou, agachada, ganhando velocidade à medida que prosseguia.

O soldado Maridriniano ergueu a espada, preparando-se para golpear, no mesmo momento em que Lara se lançou para fora da linha das árvores, a faca dela voando.

Os olhos de Taryn se arregalaram quando a faca afundou no braço do soldado que segurava a espada, mas uma vida inteira de treinamento fez a prima de Aren agarrar a arma do homem quando ele largou a lâmina.

— Ataquem! — Aren gritou atrás dela, mas Lara mal escutou, sua atenção presa nesta parte da batalha.

Erguendo a espada, ela esfaqueou o homem que deu um tapa em Taryn e girou para atacar os outros soldados que cercavam o destruidor de navios.

Ela estava em desvantagem numérica de dez para uma, mas Lara jamais havia permitido que más probabilidades a impedissem antes.

Dois deles atacaram, e ela desviou de uma lâmina. Em seguida, ela se defendeu de outra, mantendo-se entre os homens e Taryn, que usava a espada para libertar seus pulsos amarrados.

E então, Aren estava lá.

Ele cortou as entranhas de um soldado antes de se virar para socar outro no rosto. Foi só isso que Lara conseguiu ver antes que os Maridrinianos atacassem.

Ela confiou na velocidade em vez da força, antecipando golpes e desviando somente para dançar de volta até a matança. Mas ela estava em desvantagem

devido à necessidade de proteger Taryn e de mantê-los longe até que a mulher se libertasse e pudesse lutar.

Um dos homens deu um soco em Lara e ela tropeçou, quase não desviando de um golpe nos joelhos. Rolando, ela levantou, e seus olhos se fixaram em um dos soldados feridos quando ele ergueu a faca.

Segurando suas entranhas com uma mão, ele cambaleou na direção de Taryn com fúria nos olhos.

— Não! — Lara se jogou no caminho do homem.

Dor queimou na lateral da perna dela, mas Lara ignorou, erguendo sua arma para bloquear qualquer ataque que viesse de cima.

Apenas para ver Taryn esfaquear o soldado no rosto.

A outra mulher puxou a arma, friamente observando o homem cair. Então, ela encontrou o olhar de Lara, o braço tremendo ao erguer a espada. Pronta para atacar.

Lara não se moveu.

Mas Taryn apenas disse:

— Te matar não mudará nada. — E, sem outra palavra, ela correu para a briga.

49

AREN



GAMIRE FOI LIBERTADA.

Era uma ilha entre dezenas, mas a vitória foi doce como nenhuma outra que ele já tivera. Os prisioneiros Ithicanos que haviam sido mantidos na ilha estavam, senão bem, pelo menos vivos, e Aren permitira a eles a satisfação de executar seus captores.

— Nós pensamos que você estava morta — ele informou à Taryn, enchendo a caneca dela com vinho, percebendo como a mão que a segurava tremia. — Lia viu a pedra atingir seu barco. Você afundou. Não subiu. Se soubéssemos que estava viva…

— Consegui nadar até a enseada. — As palavras dela eram inexpressivas. — Eles decidiram que eu tinha mais valor como prisioneira do que como cadáver.

E os Maridrinianos eram notoriamente duros com seus prisioneiros. Aren sabia disso em primeira mão.

— Me desculpe, eu…

— Por que ela está aqui, Aren? Por que ela não está *morta?*

— Muita coisa que você não sabe aconteceu. As coisas mudaram. — Ele bufou em frustração. — Lara salvou sua vida, Taryn. Apesar de tudo que ela fez, não pode pelo menos ser grata por isso?

Era a coisa errada a se dizer. Uma coisa estúpida a se dizer. Aren soube disso no momento em que as palavras deixaram sua boca, embora Taryn tenha confirmado ao jogar o vinho no rosto dele.

— Ela arruinou minha vida! — ela berrou. — Teria sido melhor se ela tivesse me apunhalado no coração!

Os soldados por perto fizeram uma pausa em suas comemorações, todos observando a confusão.

— Quando a guerra for vencida, ela irá embora. Ela só está aqui para lutar.

As mãos de Taryn se fecharam em punhos e ela balançou a cabeça.

— Certifique-se de que ela vá embora mesmo. — Então, ela saiu andando pela aldeia, furiosa. Lia soltou sua bebida para ir atrás de Taryn.

— Lia vai falar com ela. — Jor parou ao lado dele. — Ela explicará o que aconteceu.

Exceto que todos ao seu redor *conheciam* essa explicação, e não mudava nada. Esvaziando sua caneca, Aren se virou, procurando nos soldados por um sinal de Lara. Ele a vira ajudando a liberar a ilha, mas agora, ela não estava à vista. E Deus sabia que havia muitos homens e mulheres nessa ilha com motivos para tentar matá-la.

Ele começou a percorrer a aldeia, sua mente ocupada somente em encontrar o brilho familiar do cabelo loiro. Aqueles olhos azuis. O rosto que ele via em seus sonhos.

Mas só o que ele viu foram Ithicanos.

Inquietação atingiu o estômago dele e ele se virou para Jor.

— Onde está Lara?

50
LARA



DOÍA DEMAIS.

Deus, era profundo e doía, e, mesmo com a atadura que ela havia apertado ao redor, sangue quente escorria por sua perna. Lara precisou de toda a sua força de vontade para não mancar enquanto os grupos procuravam na aldeia por algum Maridriniano que pudesse ter sobrevivido ao ataque. Aren dava ordens, completamente à vontade no papel dele.

Estava funcionando. O plano dele estava funcionando e, supondo que Valcotta e Harendell cumprissem suas partes do plano, amanhã Northwatch e Southwatch cairiam, e Ithicana voltaria a dominar a ponte. Aren seria o rei de Ithicana mais uma vez.

Mas Lara não estaria em posição de lutar se não conseguisse parar o sangramento. Ela já mal conseguia andar.

Cerrando os dentes, Lara olhou para Aren e o resto. A maioria deles estavam reunidos em torno da grande fogueira no centro da cidade, numa tentativa de fazer parecer que os Maridrinianos ainda controlavam a ilha. Peixe defumado na grelha e vários cantis eram passados de mão em mão enquanto um dos curandeiros cuidava dos feridos.

Em vez de se juntar a eles, Lara mancou na direção da casa de Nana com a espada segurada frouxamente por uma das mãos, embora estivesse exausta demais para usá-la. Chegando à construção, ela abriu a porta com cautela, segurando a lamparina para iluminar o interior.

Os soldados Maridrinianos estiveram lá dentro, provavelmente à procura de algo valioso, a julgar pela bagunça. As gaiolas de cobras haviam desaparecido, mas Lara não sabia dizer se Nana havia libertado as criaturas ou levado-as com ela para Eranahl.

Se aproximando das prateleiras derrubadas, Lara vasculhou a bagunça de

potes e vidros quebrados até encontrar o que precisava. Depois, depositou a lamparina na mesa e começou a desfazer a atadura ensanguentada na coxa.

Mais sangue desceu pela perna dela, e Lara fez uma careta ao abaixar as calças rasgadas para revelar o ferimento. Um corte preciso, logo abaixo do quadril, mas com a profundidade até quase o osso.

— Merda. — Lara lutou contra o lampejo de náusea que passou por ela, uma mistura de medo, dor e perda de sangue ameaçando quebrar sua compostura.

Misturando ervas com um pouco de água da chuva em uma tigela, ela limpou o ferimento, a respiração saindo em pequenas arfadas devido ao ardor da mistura. Mas ela sabia que o pior ainda estava por vir.

As mãos dela tremiam e foram necessárias várias tentativas para enfiar a linha na agulha. Tremendo, ela se acomodou em cima da mesa, direcionando o ferimento sangrando para a luz.

— Você consegue. — Ela odiava como sua voz estava ofegante, o mundo ao seu redor focando e desfocando. — Faça de uma vez.

Cerrando os dentes, Lara uniu os dois lados do ferimento, o músculo ferido escorregadio sob seus dedos. Então, ela enfiou a agulha.

Um soluço deixou seus lábios e ela se virou para pressionar a testa contra a mesa, lutando contra a tontura antes de puxar o fio e dar um nó. Respirando fundo, ela pressionou a agulha contra a pele de novo, mas suas mãos tremiam tanto que ela não conseguiu segurar o músculo.

Lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto ela lutava para se controlar e segurar a agulha com os dedos encharcados de sangue.

Então, mãos familiares se fecharam ao redor dos seus pulsos. Erguendo o rosto, ela encontrou o olhar de Aren, a luz da lamparina refletindo nos olhos castanhos dele.

— Por que você não pediu ajuda?

— Porque não tenho o direito de pedir nada a nenhum deles — ela respondeu entre soluços, virando o rosto. — Não tem problema. Eu consigo. Só preciso de um minuto.

Mas Aren não soltou os pulsos dela, e segurou-os com firmeza ao se curvar para examinar o ferimento.

— É profundo.

— Depois que eu costurar, vai ficar tudo bem.

— Quando você terminar de costurar, já terá sangrado até a morte. — Ele soltou os pulsos dela. — Eu faço.

— Você não… — Ela se interrompeu, o olhar no rosto dele silenciando seus protestos.

Encontrando um pouco de sabão, ele lavou as mãos em uma bacia, e ela

aproveitou o momento de distração para observá-lo. Para memorizar o rosto dele. Essa era a primeira vez que eles estavam sozinhos desde a jornada para Valcotta. E até onde ela sabia, poderia ser o último.

— Você precisa parar de fazer isso.

— Fazer o quê? — ela perguntou, embora soubesse o que ele queria dizer.

— Se jogar em situações de perigo. — Ele esfregou a própria pele com força, lavando a sujeira e o sangue de seus inimigos. — Isso não vai mudar nada além de fazer com que você seja morta eventualmente. — A voz dele ficou rouca quando ele disse *morta*, e o peito de Lara apertou.

— Taryn está viva. Ela está livre. Já é alguma coisa.

— Isso não anula o fato de que ela foi feita prisioneira por sua causa em primeiro lugar. — As mãos dele congelaram. — Não muda o que todos pensam de você.

Uma mentirosa. Uma traidora. O inimigo. Afastando o olhar das mãos de Aren, Lara encarou o sangue que saía do corte em sua perna e lutou para suprimir os soluços causados pela crise de lágrimas.

— Não estou tentando mudar o que todos pensam de mim. Eu sei que isso nunca vai acontecer.

— Então por quê? — A voz dele estava zangada. — Tentando se matar?

— Não. — A garganta dela apertou. — Tentando encontrar uma maneira de viver comigo mesma.

Ela sentiu mais do que viu Aren levantar a cabeça. Sentiu o escrutínio dele ao perguntar:

— Está funcionando?

Fechando os olhos, Lara se concentrou na dor na perna, tentando abafar a dor em seu coração.

— Ainda não.

As botas de Aren fizeram baques suaves quando ele circulou a mesa, e um tremor percorreu o corpo de Lara quando ele segurou a perna dela, as mãos quentes contra sua pele nua.

— Você quer algo para morder?

Ela balançou a cabeça, pressionando a testa contra a mesa enquanto ele aproximava a lamparina. Ela cerrou os punhos quando Aren pegou a agulha, o puxão do fio causando pontadas de dor na coxa dela.

— Faça de uma vez.

As palavras dela eram nada além de uma bravata. Um soluço deixou seus lábios quando Aren mergulhou a agulha na ferida, unindo a carne, o autocontrole de Lara partindo-se a cada atravessada de agulha. Ela agarrou a mesa, seu corpo estremecendo com tanta força que a luz da lamparina dançava loucamente.

Em certo momento, ela desmaiou. Quando voltou a si, encontrou as mãos ensanguentadas de Aren descansando em sua perna. Suor gotejava da testa dele e seus olhos estavam vermelhos.

— O pior já passou — ele murmurou. Então, enfiou a agulha de novo, apertando a pele de Lara para uni-la e dar outra camada de pontos. — Considerando os sermões que você me dava por estremecer quando me costurava, você está lidando com isso muito mal.

Ela soltou uma risada ofegante.

— Eu odeio pontos. Prefiro ser esfaqueada a ser costurada.

— Você está sendo uma bebêzona. Não é tão ruim assim.

— Idiota. — Mas os olhos deles se encontraram, e o olhar de Aren afugentou a dor de Lara. Isso doía tanto nele quanto nela. — Obrigada.

— Obrigado por salvar minha prima.

Uma vitória em um mar de derrotas, mas ainda assim a tensão no peito de Lara diminuiu.

Ele terminou de dar os pontos, envolvendo um pedaço de atadura ao redor da perna dela e dando um nó com mãos experientes. Sentando-se ereta, Lara escorregou da mesa e ficou de pé, mas uma onda de tontura a fez cambalear, e ela instintivamente estendeu a mão para agarrar os ombros de Aren.

Ela esperava que Aren a afastasse, mas em vez disso, as mãos dele deslizaram ao redor de sua cintura, mantendo-a firme. E, embora Lara soubesse que não devia, ela descansou a testa contra o peito dele, sentindo seu calor através das roupas.

— Você perdeu muito sangue. — A voz dele estava baixa, o hálito quente contra a orelha de Lara. — Precisa descansar.

Ele tinha razão, mas ela estava com medo de demonstrar qualquer fraqueza. Com medo de que a deixassem para trás se ela não fosse mais útil para eles. Com medo de perder sua chance de se redimir.

— Eu vou ficar bem.

— Lara…

— Só preciso comer e beber algo. — Seus joelhos tremiam, traindo-a. — Por favor, não me deixe para trás. Por favor, me deixe lutar.

— Você mal consegue ficar de pé.

— Por favor. — ela engasgou. — Sei que não tenho o direito de pedir nada a você, mas por favor, não tire minha chance de ver isso chegar ao fim. Eu preciso fazê-lo pagar. Preciso forçá-lo a sair de Ithicana. Preciso. Se não…

Os dedos de Aren se flexionaram suavemente onde a seguravam, como se ele soubesse o que ela não dizia em voz alta. Ele a entendia como mais ninguém.

— Não vamos a lugar nenhum até de manhã — ele respondeu por fim. —

Veremos como você estará até lá.

Soltando o ar, trêmula, Lara assentiu contra o peito dele, esperando que ele se afastasse e voltasse para os outros. Mas Aren não abaixou as mãos. Não deu as costas para ela. Em vez disso, ele a puxou para mais perto, os dedos deslizando sob a bainha da camisola arruinada dela, acariciando a parte inferior de suas costas.

O coração de Lara acelerou, a névoa provocada pela perda de sangue e a exaustão diminuindo, a concentração dela se intensificando quando seus seios se pressionaram contra ele. Os quadris dela. Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele, o cabelo de Aren roçando seus antebraços nus e causando um arrepio pelo corpo dela, mesmo quando o medo deu as caras. Medo de que fosse um truque ou uma ilusão e que, se ela se movesse, estilhaçaria o sonho e ele desapareceria.

Mas ela se recusava a permitir que o medo a governasse, então Lara olhou para cima.

Os olhos de Aren estavam fechados, mas ela conseguia ver a vibração rápida da pulsação em sua garganta. Conseguia sentir sua respiração irregular contra a bochecha dela quando ele abaixou o rosto, uma mão deslizando pelo corpo de Lara para se enrolar no cabelo dela.

Com os lábios a um fio de cabelo de distância dos dela, ele sussurrou:

— Acordado ou dormindo, tudo que vejo é seu rosto. Tudo o que ouço é a sua voz. Tudo o que sinto é você nos meus braços. Tudo que eu quero é *você*.

Lara estava tremendo. Ou ele estava. Ela não sabia dizer. Não quando parecia que o mundo se inclinava, o corpo dela doendo de uma forma que não tinha nada a ver com o ferimento em sua perna.

— Aren…

Os lábios dele a silenciaram, a boca se fechando sobre a dela com uma ferocidade que fez os joelhos de Lara dobrarem. O braço do Ithicano ao redor da cintura dela era a única coisa que a mantinha em pé conforme a língua dele perseguia a dela, arrancando um suspiro da garganta dela. Ela se agarrou ao pescoço de Aren enquanto ele a devorava, os dentes arranhando a mandíbula dela, capturando o lóbulo de sua orelha, mordendo sua garganta.

Em um movimento rápido, ele puxou a camisola dela sobre a cabeça e a jogou de lado. As mãos dele envolveram suas costelas e, em seguida, subiram para segurar seus seios. Ele a empurrou contra a mesa, os olhos escuros de desejo ao percorrerem o corpo quase nu de Lara.

Lara agarrou-se à mesa para se equilibrar, observando-o puxar a própria túnica pela cabeça, revelando a pele bronzeada e as linhas definidas do peitoral. O corpo dele, de alguma forma, era mais perfeito por causa das cicatrizes que o

marcavam.

Ele desafivelou o cinto, o peso das armas penduradas puxando as calças para baixo. Aren arrastou-as para baixo, revelando a pele pálida, os ossos do quadril, depois ele *inteiro*, e a visão quase a desfez.

Lara começou a se ajoelhar, mas ele a agarrou pelos quadris, seus polegares se enganchando na cintura da roupa íntima dela, afrouxando o aperto sobre a atadura. Ele se ajoelhou, beijando o umbigo dela enquanto as mãos subiam por suas pernas, os dedos provocando e separando as coxas dela.

— Você é perfeita — ele rosnou, e ela pôde sentir o calor da respiração dele contra a umidade escorregadia de seu sexo, arrancando um gemido de antecipação de seus lábios quando ele abriu bem as pernas dela, os dedos deslizando dentro de Lara conforme ele abaixava o rosto para consumi-la.

Lara soluçou quando prazer a invadiu, uma necessidade há muito negada crescendo em seu núcleo enquanto a língua dele provocava sua carne sensível, os dedos dele acariciando mais profundamente, o corpo dela se transformando em líquido sob o toque do Ithicano. Ela se apertou contra ele, os dedos enrolados no cabelo dele, o mundo girando cada vez mais rápido até ela estar à beira do precipício. Então, em um movimento rápido, Aren estava de pé novamente.

— Ainda não — ele murmurou, curvando-se para beijar um de seus seios, a boca quente ao chupar um mamilo, e depois o outro. O corpo dela tremeu quando dentes roçaram seus seios.

Ela envolveu um braço ao redor do pescoço dele, beijando-o. Com a outra, ela pegou o pau dele, sorrindo quando ele gemeu contra seus lábios, os músculos flexionando quando ela segurou seu comprimento. Ela o acariciou de ponta a ponta, atiçando o desejo dele e levando-o ao limite do colapso. Então, sussurrou no ouvido dele:

— Eu preciso de você dentro de mim.

Ele a virou, a boca traçando linhas de fogo no pescoço dela, mordiscando seu ombro. Os dedos de Aren se entrelaçaram aos dela enquanto ele a curvava sobre a mesa, nenhum dos dois se importando quando suas mãos deslizaram pela confusão de sangue e derrubaram as armas de Lara no chão com um estrondo.

— Não há ninguém no mundo como você. — O peito dele pressionou contra as costas dela, e ela pôde sentir a batida do coração de Aren. Pôde sentir o pau dele entre suas coxas, transformando seu corpo em fogo enquanto ela se esfregava contra ele, precisando que ele a preenchesse. Precisando que ele a fizesse gozar. — Porra, você é a minha perdição, mas nunca haverá alguém além de você.

Então, ele entrou nela.

Um grito de prazer escapou da garganta de Lara quando ele se impulsionou

dentro dela, mais e mais, a sensação de Aren preenchendo-a de alguma forma familiar e nova, levando-a à loucura. Os ombros dela estremeceram, os cotovelos cedendo sob a força do Ithicano. A única coisa que a impediu de desabar foi o braço de Aren ao redor de seu torso, o outro braço apoiado na mesa.

Havia uma selvageria no sexo. Um desespero, como se os dois estivessem sem água há muito tempo e precisassem do líquido. Lara gritou conforme seu prazer crescia, e atingiu o clímax, cada grama de força que sobrara tomada pela intensidade, mesmo enquanto levava Aren para além do limite. Ele se impulsionou contra ela, ofegando o nome de Lara, os dois desabando contra a mesa.

Exausta além do limite de resistência, Lara mal sentiu Aren quando ele a ergueu e a carregou para a cama. Os braços dele ao redor dela enquanto ela caía no esquecimento.

HORAS DEPOIS, QUANDO ACORDOU, Lara se viu enrolada ao redor dele, seu rosto pressionado contra o peito de Aren, as batidas do coração dele reverberando em seu ouvido. Ela inalou, o cheiro familiar dele invadindo seu nariz, a mão dele pressionada contra suas costas. Era o lugar que ela deveria estar, o lugar que ela não ousara ter esperanças de estar novamente. No entanto, em vez de alegria, uma sensação de apreensão rastejava por suas veias.

Aren estava acordado. Ela sabia pelo som da respiração dele. No entanto, ele estava totalmente imóvel, a mão rígida contra as costas dela em vez de estar se movendo com os afagos e carícias suaves com os quais ela estava acostumada a acordar.

Tinha algo de errado.

Ela ergueu o rosto. Aren encarava o teto, sua expressão pouco visível à luz da lamparina do outro lado do cômodo. Mas com o movimento de Lara, ele se mexeu, saindo de debaixo dela e lançando as pernas na lateral da cama.

— Onde você vai? — A voz dela saiu rouca e ela tossiu para limpar a garganta.

— Preciso pegar um turno na patrulha.

Era uma desculpa. Ela pegou a mão dele, precisando que ele ficasse. Precisando estender esse momento que, em seu coração, Lara sabia que era bom demais para ser verdade.

— Deixe outra pessoa fazer isso.

Mas ele já estava do outro lado do cômodo, vestindo as próprias roupas, de

costas para ela.

— Aren. — Ela saiu da cama, as pernas se enrolando no lençol, a tontura forçando-a a pausar enquanto se levantava. — Não vá.

As mãos dele pararam no cinto. Então, ele terminou de afivelá-lo e agarrou as botas, arrastando-as para perto.

— Isso foi um erro.

— Não foi. Não diga isso.

— Foi sim. Eu prometi ao meu povo que nós dois estávamos acabados. O que fizemos esta noite não é melhor do que cuspir na cara deles.

Era como um torno preso ao redor do peito dela, apertando até que doía respirar.

— Não posso ficar perto de você, Lara. Não posso arriscar que isso aconteça de novo.

Ela sabia que ele tinha razão, mas ainda assim, disse:

— Eu amo você.

Aren apenas caminhou em direção à porta. Ele parou com a mão na tranca, antes de se virar para olhá-la.

— Sinto muito.

Então, ele desapareceu na noite.

51

AREN



AREN TROPEÇOU MEIA dúzia de vezes no caminho para a aldeia. Foi um pequeno milagre ele não ter pisado em uma cobra ou torcido o tornozelo, sua mente em todos os lugares, exceto no chão adiante.

O soluço dela quando ele saiu foi pior do que uma facada no estômago, a angústia mil vezes maior do que quando ele costurou a perna dela. Tudo o que ele queria era voltar. Puxá-la para perto e se perder nela. Mantê-la segura até ela estar forte. Nunca mais ficar longe dela.

Exceto que, toda vez que fechava os olhos, ele via as expressões que cruzariam os rostos dos seus homens se eles descobrissem o que Aren havia feito. Se descobrissem que ele, seu próprio rei, levou a mulher que os traíra de volta para a cama.

De volta ao seu coração.

Ele mal notou os acenos dos soldados de guarda enquanto caminhava na direção do centro da aldeia, do brilho fraco do fogo e da sombra solitária sentada ao lado da fogueira.

— Demorou bastante tempo para costurar aquela perna, até mesmo para você — Jor comentou lentamente, então se esticou até suas costas estalarem. — Ela está bem?

Lara não estava nem perto de estar bem, mas Jor não precisava saber disso.

— Vai ficar bem, contanto que o ferimento não infeccione. Contanto que ela se mantenha fora da luta.

— Poucas chances disso. — Jor estendeu uma garrafa. — *Você* está bem?

Nem perto disso.

— Estou bem. Onde está Taryn?

— Lia está com ela. A garota teve um ano difícil, mas é forte. Coloque uma arma em sua mão e ela lutará.

A última coisa que Taryn precisava era de mais violência, mas Aren somente concordou, confiando no julgamento de Jor sobre o assunto.

Sentado diante do fogo, ele deu um longo gole na garrafa, encarando as chamas. Tentando recuperar o controle de suas emoções, mas as reviravoltas selvagens de dor, raiva e culpa em seu estômago se recusavam a deixá-lo em paz.

— Você tem que escolher, sabe disso. — Jor pegou a garrafa de volta, bebendo profundamente. — Entre ela e Ithicana. Não pode ter os dois.

— Eu não a quero. — Como se dizer em voz alta tornasse verdade.

— Quase me enganou com os sons saindo da casa de Nana.

Aren enrijeceu e lançou um olhar para o outro homem, mas Jor apenas encolheu os ombros.

— Você não acredita mesmo que não estamos todos te vigiando de perto, não é, garoto? Acabamos de recebê-lo de volta e não queremos perdê-lo mais uma vez. Principalmente para ela.

— Aquilo foi um erro. Não vai acontecer de novo.

— Certo.

— Eu só precisava tirá-la do meu sistema.

Jor devolveu a garrafa.

— Você poderia ir para a cama com aquela mulher todas as noites pelo resto da sua vida e nunca tirá-la do seu sistema, Aren. Esse é o problema com o amor.

Aren cerrou os dentes, desejando poder espantar a dor em seu peito.

— Ithicana nunca irá aceitar uma rainha em quem não pode confiar. Especialmente uma que já causou tanta dor e perda. E se você ficar com ela, não demorará muito até que eles não confiem em você também.

Parte de Aren se questionava como seu povo poderia confiar nele *agora.* Questionava-se por que eles ainda o seguiam depois de todos os infinitos erros que ele cometera. Que continuava a cometer.

— Eu fiz minha escolha.

— Então você precisa mandá-la embora agora. Mantenha-a por perto e *aquilo* — ele gesticulou na direção da casa de Nana — Aquilo continuará acontecendo. Isso precisa acabar. Uma separação definitiva.

A ideia de deixar Lara *agora,* quando ela estava mais fraca, o fazia querer vomitar.

Mas Jor tinha razão.

Tomando mais um gole, Aren se levantou.

— Reúna todos e prepare os barcos. Seguiremos para Midwatch essa noite.

52

LARA



LARA DEIXOU AS profundezas do sono lentamente, os cílios colando uns nos outros ao abrir os olhos e piscar diante da luz fraca que entrava pela janela. A dor latejante em sua perna rivalizava com a do crânio, e a boca estava tão seca quanto areia.

Apoiando-se no cotovelo, Lara jogou as pernas para a lateral e se levantou, estremecendo devido à dor que percorreu seu corpo quando ela mancou até a mesa onde havia uma jarra de água ao lado de um copo. Alguém obviamente havia trazido os objetos durante a noite. *Foi Aren?* Ela imediatamente rejeitou o pensamento. Ele foi sincero no que disse: a noite passada havia sido um erro que ele não repetiria.

Os olhos de Lara arderam, mas ela esfregou-os furiosamente, recusando-se a chorar mais. Estava terminado. Eles estavam terminados. Só o que importava agora era libertar Ithicana e se vingar do seu pai.

No entanto, a única forma de isso acontecer seria se ela pudesse provar que conseguiria acompanhá-los. Que ainda conseguia lutar.

Se aproximando das prateleiras de Nana, ela procurou nos frascos por analgésicos, assim como estimulantes para compensar a exaustão. Enfiando-os em uma bolsa junto com bandagens limpas para seu ferimento, Lara partiu em direção à aldeia.

A pele dela se arrepiou com inquietação diante do silêncio. O único som era o rugido do oceano à distância e a leve brisa farfalhando os galhos das árvores. O ar cheirava à terra úmida e à vegetação, mas Lara não viu nenhum traço de fumaça de lenha ou comida cozinhando. Olhando para cima, por entre as nuvens e as árvores, ela tentou localizar o sol, mas era quase impossível determinar a hora. Considerando que Aren planejara partir pela manhã para tomar Midwatch, ainda devia ser cedo.

Então, as nuvens se moveram, revelando um raio de sol a oeste.

Ignorando a dor, Lara começou a correr.

Ela chegou à aldeia em minutos, seu estômago revirando enquanto procurava sinais de alguém. De qualquer um. Mas os Ithicanos haviam partido.

Aren havia deixado-a para trás.

Um grito deixou sua garganta e Lara caiu no chão, batendo os punhos na terra em uma tentativa inútil de aliviar a raiva. A frustração. A dor.

Qual era o objetivo? Por que ela sequer tentava? Ela não era desejada aqui… nem pelos Ithicanos e nem por Aren. Então, por que ela deveria ficar?

Porque você prometeu. Porque você disse que não pararia de lutar até que Ithicana fosse libertada.

Então, o som fraco de uma corneta invadiu seus ouvidos, distante. O barulho se repetiu, dessa vez mais perto, e de novo mais à distância, o sinal movendo-se para o norte. Repassando a notícia.

A notícia de que os Valcottanos haviam sido vitoriosos em Southwatch.

Acabou. Simples assim, havia acabado.

Ithicana estava livre.

Pressionando o rosto contra a terra, Lara chorou.

53

AREN



PUXANDO A CABEÇA do soldado Maridriniano moribundo pelos cabelos, Aren cortou a garganta do homem com a faca e o largou na lama, analisando o campo de batalha ao seu redor.

Os Maridrinianos estavam preparados para eles, não que isso tivesse lhes dado alguma vantagem. Aren e suas tropas escalaram os penhascos e, por trás, tomaram a guarnição militar em uma fervorosa batalha corpo a corpo que ele sabia ter custado vidas. Agora, curandeiros se esforçavam para ajudar os feridos.

Quantos morreram na luta pela retomada da ponte? Centenas. Possivelmente mais. Somando as perdas de quando a ponte fora tomada àquelas do ano seguinte. Números catastróficos.

Era o suficiente para deixá-lo enojado.

Então, o som de cornetas invadiu seus ouvidos. A mensagem passou por Midwatch, movendo-se ao norte, e ele soltou uma respiração irregular, mesmo quando seus soldados começaram a comemorar.

Valcotta havia tomado Southwatch. Zarrah cumprira com sua palavra.

E se a batalha prosseguisse como planejado, não demoraria muito até Northwatch se render a Harendell e, em breve, Ithicana estaria livre.

Exceto que a última coisa que Aren se sentia era vitorioso.

Limpando a faca no uniforme do homem morto, Aren andou em direção à sua casa, pisando em cadáveres. O sol já estava baixo ao oeste.

Não demorou muito para chegar à clareira onde ficava a casa de Midwatch: a casa construída pelo pai de Aren para sua mãe. A casa dada por Aren à Lara quando ele tinha ambições e sonhos de uma vida melhor para seu povo.

Os sonhos de um tolo.

A porta da frente pendia pelas dobradiças quebradas e, antes mesmo de Aren entrar, ele soube que Maridrinianos haviam explorado excessivamente a casa. O

cheiro vindo de dentro quase o fez parar. Cheiro de soldado e sujeira. De vinho derramado e comida podre.

De morte.

Mas ele se obrigou a entrar, uma lâmina à mão para o caso de um dos Maridrinianos ter escapado do massacre. O chão estava coberto de sujeira; as paredes ornamentadas de boiseries, rachadas; as peças de arte, desaparecidas ou destruídas. A mesa na entrada estava tombada e, ao lado, havia um Maridriniano morto no chão, as entranhas abertas já zumbindo com moscas. Aren observou a sala de jantar, o olhar passeando sobre as pilhas de pratos imundos e copos estilhaçados, o chão coberto de garrafas de vinho quebradas, que provavelmente pertenciam ao que agora era uma adega saqueada.

Ele continuou andando pelo corredor, olhando para os cômodos ao passar, até chegar à porta do seu quarto. A porta estava entreaberta e havia um homem morto e nu na cama dele. Um choramingo chamou a atenção de Aren, e ele se virou para encontrar uma mulher Maridriniana escondida no canto.

— Saia — ele ordenou, e ela passou correndo por ele, indo para o corredor. Seria tarefa de outra pessoa descobrir o que fazer com ela.

Aren examinou o quarto, os pertences do soldado morto intercalados com os seus. Ele esperou por alguma reação dentro de si. Por alguma forma de emoção. Tristeza. Raiva. Qualquer coisa.

Mas só o que ele sentiu foi entorpecimento, então saiu em direção ao jardim. Caminhou a passos largos para onde, uma vez, esteve no centro de uma tempestade e tomou a decisão mais catastrófica de sua vida.

Mais cornetas soaram, dessa vez com a notícia de que os Harendellianos dominavam a ilha de Northwatch.

Aren olhou para a queda d'água. Para a garrafa de vinho descartada boiando na água, vapor subindo ao seu redor.

Ele não sentiu nada. Por nada. Nem mesmo por esse lugar.

Saindo do jardim, Aren voltou para dentro da casa. Ele pegou uma lamparina apagada sobre a mesa e espirrou óleo nos tapetes. Na cama. Ele foi de cômodo em cômodo fazendo o mesmo até que encontrou uma lamparina acesa. Agarrando-a, ele aproximou a chama de um respingo de óleo, observando-a inflamar. O fogo cruzou o quarto que havia sido de Ahnna, queimando tapetes, lençóis e cortinas. Fumaça preencheu o ar.

Ele recuou pela casa, incendiando os quartos ao passar, e só saiu quando começou a tossir e engasgar com a fumaça. E encontrou Jor parado na clareira, esperando por ele.

— Está feito. — O velho soldado observou a casa, o interior dela agora um inferno, chamas saindo em labaredas pelas janelas quebradas da sala de jantar.

— Os Maridrinianos foram derrotados.

— Eu ouvi.

— Não houve muita resistência. — A voz de Jor estava baixa.

— Diga isso aos mortos.

O outro homem deu um longo suspiro e balançou a cabeça.

— Você sabe o que eu quis dizer. Durante meses, lutamos com unhas e dentes tentando expulsar os desgraçados, e eles revidaram em todas as tentativas. Só para ceder em questão de dias?

— Não tínhamos Harendell e Valcotta como aliados antes.

Jor fez uma careta.

— Mesmo assim. Não parece certo, e espero que seja por isso que você está aqui queimando sua casa em vez de celebrando no quartel.

Nada parecia certo. Aren olhou para as chamas, perguntando-se se Lara havia finalmente acordado. Se ela estava bem. Como ela havia reagido quando percebeu que ele a deixara.

Sinta algo! O que há de errado *com você?*

Ao longe, Aren ouviu o som de cornetas, mas não conseguiu entender a mensagem por causa do crepitar das chamas.

— Ela vai ficar bem — Jor assegurou. — Nós deixamos para ela tudo que ela precisava. Provavelmente já está voltando para as irmãs. Elas irão cuidar dela.

— Eu sei.

— Você fez a escolha certa.

— Eu sei.

— Haverá outras mulheres. Você encontrará uma de que goste, uma boa garota Ithicana. Dará ao reino um herdeiro para deixar todo mundo feliz.

Nunca haveria outra. Não como ela.

Mas talvez fosse melhor assim. Talvez fosse melhor não se importar tanto, porque assim sua lealdade não estaria dividida. Ele poderia se concentrar em reerguer Ithicana. Em tornar seu povo forte novamente.

— Vossa Graça! — Aren se virou, vendo um de seus soldados correndo na direção deles. Ele derrapou até parar, ofegante.

— O que foi? — Jor gritou acima do crepitar das chamas. — Outro ataque?

— Você não ouviu as cornetas?

— Obviamente não. O que elas informaram?

O soldado enxugou o suor escorrendo pelo rosto.

— Não houve batalha em Southwatch.

O estômago de Aren despencou.

— O sinal foi falso? Maridrina ainda está em posse da ilha?

— Não, Vossa Graça. Quando os Valcottanos atacaram, eles encontraram a ilha abandonada. Além disso, estamos recebendo mensagens de que nossas equipes estão encontrando a maioria das guarnições militares mal preparadas. Nenhum sinal das armadas Maridrinianas ou Amaridianas em nenhum lugar.

A pele de Aren formigou de inquietação.

— E quanto a Northwatch?

— Enviamos mensagem, mas nenhuma resposta ainda.

Assim que o homem disse as palavras, Aren ouviu o estrondo de cornetas à distância, a mensagem repercutindo por meio dos homens e mulheres responsáveis pelos avisos posicionados estrategicamente ao longo de Ithicana.

Os olhos de Aren encontraram os de Jor.

— Eles sabiam o que estávamos planejando.

— Como? Mesmo que tivessem avistado a frota Valcottana se movendo na direção de Southwatch, não teriam tempo suficiente para evacuar.

— Keris. — Xingando, Aren chutou a areia. — Ele estava na praia quando Zarrah e sua tripulação vieram até a costa nos salvar. Ele sabia que a Imperatriz se recusaria a nos ajudar, o que significava que Zarrah estava agindo por conta própria.

— Mas por que contar a Silas? Não seria melhor para Keris se o pai perdesse o controle da ponte?

— Para proteger Zarrah. Sem batalha. Sem perdas. Sem traição. A Imperatriz não ficará feliz com ela, mas é improvável que a execute. Ela pode até mantê-la como herdeira, que é o que Keris precisa.

Mas algo na situação parecia errado. Eles retomaram Southwatch sem luta, mas não parecia uma vitória.

— Não é típico de Silas recuar.

— Talvez Keris tenha feito o pai ver a razão.

— Improvável. — Aren *conhecia* o rei de Maridrina. Sabia que o outro homem nunca cederia. E naquele segundo, Aren soube exatamente o que Silas pretendia.

A ponte não era Ithicana. O povo dele era.

O estômago dele caiu.

Aren disparou colina acima, sem perceber nem se importar se os outros o seguiam. Só o que importava era chegar a um terreno mais elevado.

O sol era pouco mais que um brilho a oeste, lançando longas sombras conforme Aren escorregava pela trilha lamacenta, seu coração martelando no peito.

Mais rápido.

Ele chegou ao campo aberto no topo da montanha baixa e correu em direção

à torre de observação. Os degraus estavam irregulares, cobertos de destroços, mas Aren os subiu de dois em dois, atingindo o topo no momento em que o sol se pôs, lançando Ithicana na escuridão.

Aren agarrou a luneta, mas sua mão caiu de lado quando ele percebeu que não precisava do objeto.

À distância, brilhando em tons vivos de laranja e vermelho, havia um enorme sinal de fogo. Uma cena que ele nunca tinha visto em toda a sua vida e rezava para nunca ver.

Jor gritou do outro lado da clareira.

— O que é?

— Eranahl. — A palavra saiu estrangulada. — Eles estão pedindo ajuda.

54
LARA



ELA MANCOU AO longo da ponte para o sul, em direção a Maridrina.

Logicamente, Lara sabia que devia ter ficado na Ilha Gamire até seu ferimento começar a cicatrizar. Ou pelo menos até ela não sentir mais os efeitos do sangue perdido. Havia comida e abrigo, além de todos os suprimentos médicos de que ela pudesse precisar.

No entanto, a ideia de permanecer em Ithicana sem Aren era mais do que ela podia suportar. Então, em vez disso, Lara embalou o que precisava e escalou o píer, sem qualquer interesse em ficar enclausurada dentro da ponte. Não quando cada respiração já era uma luta.

Ela escutou as cornetas transmitindo a mensagem de que Northwatch havia sido tomada pela marinha Harendelliana, além de uma série de outros avisos que ela não conseguiu entender.

E do que importava, afinal? Ithicana estava livre, libertada de Maridrina e de seu pai. Era o que Lara queria, pelo que ela vinha lutando. Era o que ela acreditava que, finalmente, aliviaria o fardo da culpa que ela carregava há tanto tempo, e permitiria que ela seguisse com a vida.

Exceto que ela se sentia igual. Se sentia pior, já que antes, pelo menos, ela tinha um objetivo. Algo em que se esforçava para alcançar.

Agora ela não tinha mais nada além da necessidade de vingança contra o pai. Mas pensar nisso só a deixava apática.

Então, ela andou, sua direção definida pelo percurso da ponte e nada mais. O sol se pôs lentamente a oeste, mas ela não parou. Não considerou onde poderia passar a noite. Não comeu de seus suprimentos nem bebeu do cantil preso à cintura.

Passo.

Passo.

Passo.

De repente, um lampejo chamou sua atenção, vermelho e laranja ardentes que faziam parecer que o sol invertia seu curso no céu. Apertando os olhos, ela examinou o brilho, sua pulsação acelerando ao perceber que era um enorme sinal de fogo, visível apenas por ter sido aceso no ponto mais alto de Ithicana.

E havia somente um motivo para os Ithicanos acenderem aquele fogo.

Eranahl estava sob ataque.

55
AREN



— TODOS QUE PODEM LUTAR, PARA UM BARCO! — Aren correu para a praia, onde seus soldados já moviam as embarcações para dentro da água.

— Temos dezenas de feridos. — Jor ofegava intensamente, tentando acompanhar. — Não podemos simplesmente deixá-los.

— Eles conseguem se virar. — Aren subiu no barco que Lia, Aster e o resto da tripulação haviam preparado, as máscaras já nos rostos. Ele tirou a máscara dele do cinto, o couro ainda respingado de sangue da luta para retomar Midwatch. — Se Eranahl cair, será um massacre.

— Pode ser uma armadilha. — Jor subiu no barco depois dele. — Uma maneira de nos atrair e lutar contra nós em campo aberto.

— Nós já caímos na armadilha. Silas sabia que usaríamos todos os soldados na retomada da ponte. Ele só deixou para trás soldados o bastante para garantir que iríamos morder a isca. E agora ele está atacando Eranahl enquanto estamos de costas.

Aren olhou para as estrelas, mapeando a rota. Durante toda a sua vida, disseram para ele que derrotar Ithicana significava tomar a ponte, mas Maridrina provou que isso era falso. Derrotar Ithicana significava destruir seu povo. Sem eles, qual era a importância da ponte?

Silas, ao que parecia, aprendera com seus erros.

Mas o rei de Maridrina estava errado se acreditava ter vencido, porque Aren se recusava a deixar Eranahl cair sem lutar.

56
LARA



ELA PRECISAVA DE UM BARCO. Precisava entrar na água e ir até Eranahl. O que ela faria quando chegasse lá, Lara não sabia.

>Não importava.

Com um pequeno frasco de algas brilhantes em mãos, ela correu mais rápido do que era prudente pela ponte em direção à Ilha das Cobras, onde eles haviam deixado os barcos. E rezou para que ainda estivessem lá.

A perna dela gritava de dor e sangue encharcava a bandagem amarrada ao redor do ferimento, mas em vez de parar, Lara enfiou na boca um dos remédios que ela havia pegado da casa de Nana. Foi uma questão de minutos até ela sentir a ação do estimulante, que afastou a exaustão e a dor e deixou para trás nada além do desejo de lutar.

Ela só diminuiu a velocidade para espiar os marcadores de metros gravados no topo da ponte, e parou no marcador que ela sabia ser o mais próximo da ilha. Lá embaixo, ondas rugiam na praia e quebravam ao bater contra os pilares da ponte, mas a única coisa que os olhos dela conseguiam enxergar era escuridão.

Deitando-se de barriga para baixo, ela escutou atentamente e, por fim, detectou o som da água batendo contra cascos revestidos de aço. Os barcos ainda estavam lá.

Mas como chegar até eles?

Sem nenhuma forma de afastar as cobras, descer do píer direto para a ilha seria suicídio. No entanto, o píer mais próximo havia sido projetado para deter escaladores. Ela cairia e seria empalada por uma das incontáveis pontas de ferro.

A única alternativa era pular e nadar até o banco de areia, onde os barcos estavam ancorados.

Usando as algas para demarcar a altura da ponte em que os barcos estavam ancorados, Lara depositou o frasco vazio no chão e começou a andar até estar

acima das águas mais profundas. O suor que escorria por suas costas ficou gelado quando ela encontrou o ponto aproximado de onde Aren já pulara uma vez. Ela sabia que, se calculasse errado, seria um salto fatal. Se estivesse perto demais da ilha, ela atingiria a parte rasa do banco de areia.

Se estivesse longe demais, ela jamais conseguiria nadar o longo trajeto até o barco, principalmente se ficasse desorientada na escuridão.

Ou se o que rondava por essas águas se aproximasse para investigar.

O coração de Lara bateu forte contra o peito, a respiração saindo em arfadas rápidas e curtas, e o terror crescia a cada segundo. Ela ergueu o olhar para observar o ardente sinal de fogo vindo de Eranahl e, respirando fundo, pulou.

Uma corrente de ar passou por ela, a escuridão engolindo-a enquanto ela caía. Então, seus pés bateram contra a água e ela mergulhou nas profundezas. Afundando cada vez mais, pânico percorreu suas veias como fogo.

Nade! Você não vai morrer aqui hoje!

Chutando forte, ela nadou para cima, com os pulmões queimando, mas de repente sua cabeça atravessou a superfície. Lara soltou uma arfada desesperada, boiando desajeitadamente conforme era carregada pelas ondas, e procurou pelas algas que havia usado para demarcar a localização na ponte.

Batendo os braços e chutando com as pernas, ela nadou lentamente em direção ao banco de areia. Lara tinha certeza de que a qualquer segundo alguma coisa agarraria suas pernas e a arrastaria para as profundezas. Por isso, quando seus pés atingiram o fundo, ela gritou de surpresa.

Levantando, Lara espirrou água ao andar pelo raso e manteve as mãos erguidas até colidir com um barco. Erguendo a âncora, ela caminhou com dificuldade. A água subiu até a altura da cintura dela, e ela escalou para dentro do barco, tateando o bote para se localizar. Era maior do que a embarcação que ela usara para entrar e sair de Ithicana, mas ela havia visto Aren e o resto deles manejarem esse tipo de barco inúmeras vezes. Ela conseguiria lidar com a embarcação.

Ela tinha que lidar.

Porque ela se recusava a deixar Eranahl cair sem lutar.

57

AREN



— DEUS NOS AJUDE — murmurou Jor, levantando-se para ficar ao lado de Aren enquanto os dois observavam o caos que cercava a ilha.

Havia mais de cem navios, mas não foi isso que chamou a atenção de Aren. Foram os inúmeros incêndios queimando nas encostas de Eranahl. Os destruidores de navios, a principal linha defensiva da ilha, haviam sido reduzidos a destroços e cinzas.

No entanto, era um ganho que custara caro a Silas.

Havia navios queimados e tombados, alguns deles afundando. Além disso, as ondas estavam cheias de destroços. Ainda assim, dezenas de embarcações convergiam para Eranahl, e as tripulações arriscavam suas vidas contra os altos penhascos ao lançarem ganchos de escalada.

Aren conseguiu distinguir as sombras de seu povo lutando para impedir que os soldados inimigos alcançassem o topo, mas os arqueiros nos navios abatiam os Ithicanos. As inúmeras chamas iluminavam o céu como se fosse dia.

A única brecha na frota Ithicana localizava-se perto da entrada da caverna que levava ao porto subterrâneo de Eranahl, e era resultado do último destruidor de navios ainda disparar projéteis contra qualquer navio que se aproximasse. Mas os soldados em terra moviam-se em direção ao destruidor. Se ele fosse danificado, toda a força da frota de Silas iria convergir para aquela caverna, e o rastrilho seria a única coisa que os seguraria.

— Ataquem-os pela retaguarda — ele ordenou, seu comando passando para as outras embarcações. — Mantenham-os distraídos.

— Distraídos do que, exatamente? — Jor exigiu saber.

— De nós tentando entrar na caverna. — Puxando uma corneta, Aren tocou uma série de notas, repetindo-a três vezes. Seu sinal pessoal. Ele esperou, com o coração na boca, e então Eranahl atendeu a chamada. — Vão!

As velas foram esticadas e a embarcação voou sobre as ondas. Lia guiou-os por entre os navios, em direção à entrada da caverna, ao mesmo tempo que o resto dos soldados atacava pela retaguarda da frota, atirando flechas e lançando explosivos do modo que só eles sabiam fazer.

No entanto, mesmo com a distração, não demorou muito até a frota inimiga avistá-los.

Flechas zumbiram ao passarem próximas da cabeça de Aren, forçando todos a se abaixarem. Somente Lia permaneceu de pé, comandando o leme. Então, ela gritou de dor, segurando o braço. Puxando-a para baixo, Aren manuseou o leme para guiá-los pela abertura escura. Um barulho de correntes invadiu os ouvidos dele.

— Se segurem — ele berrou. A velocidade com que navegavam beirava o suicídio quando eles se lançaram dentro da caverna. Flechas atingiam a madeira da embarcação e ricocheteavam nas rochas.

O barco bateu contra o lado da parede da caverna, quebrando o estabilizador lateral, e Aren quase caiu na água, mas o impulso foi o bastante para mantê-los avançando.

Adiante, Aren conseguiu ver as luzes de seu povo do outro lado do rastrilho, que estava sendo levantado, com armas em mãos e rostos sombrios.

E por um bom motivo. Atrás dele, barcos a remo perseguiam-os, todos cheios até a borda de soldados.

O mastro ficou preso no rastrilho semi-levantado.

— Pulem! — Aren gritou.

Com Lia presa entre ele e Jor, todos mergulharam na água e nadaram por baixo do rastrilho sendo abaixado, na direção dos braços dos amigos que esperavam para puxá-los para dentro.

O ar foi preenchido pelo som de estilhaços e rachaduras do barco quando o rastrilho se fechou sobre a embarcação, arrastando-a para as profundezas. As flechas dos barcos a remo que se aproximavam atingiram o aço pesado.

Escondendo-se atrás dos escudos de seus homens, Aren se agachou junto à Lia, examinando a flecha fincada no bíceps da mulher. O rosto dela estava contorcido de dor, mas ela garantiu:

— Já estive pior. Me dê uma faca e eu lutarei.

— Levem-a de volta — Aren ordenou aos soldados no barco e, sem esperar por uma resposta, pulou no navio vizinho, fazendo as duas embarcações balançarem descontroladamente.

Metade dos homens que estavam no barco atiravam flechas contra o inimigo, e o restante empunhava escudos e lanças para manter os Maridrinianos afastados do rastrilho. Uma flecha passou zumbindo por sua orelha e Aren se agachou

entre dois soldados.

— Que gentileza da sua parte se juntar a nós, Vossa Graça. — Ahnna abaixou o arco para dar a Aren um sorriso selvagem. Em seguida, ela largou a arma e lançou os braços ao redor dele, cravando os dedos nos ombros dele.

Mas não era hora para reencontros.

Soltando a irmã, Aren espiou por entre os escudos, viu as correntes e cordas presas nas mãos dos Maridrinianos, e seu estômago caiu.

— Temos só um destruidor ainda em funcionamento do lado de cá, mas está danificado. Eles estão começando a atravessar os penhascos, e não temos homens o bastante lá para mantê-los longe por muito tempo.

A mandíbula de Ahnna se contraiu e ela disparou uma flecha, acertando um Maridriniano na garganta.

— Estamos quase sem flechas. — Ela foi até a água para pegar duas que flutuavam. — Não sei por mais quanto tempo conseguiremos segurá-los.

Medo invadiu as entranhas de Aren. Os inimigos eram mais numerosos, mas pior do que isso, todos os vulneráveis de Ithicana estavam em Eranahl. Crianças. Idosos. Indivíduos que não podiam lutar. E não havia como escapar.

— Eles estão nas cavernas de armazenamento — Ahnna informou, lendo os pensamentos dele. — Trancados e com barricada por dentro.

O que iria mantê-los seguros por enquanto, mas seria onde todos morreriam de fome se Aren não conseguisse manter o domínio da ilha.

— O último destruidor foi derrubado! — Uma voz se infiltrou pela caverna. — Eles estão ganhando terreno nos penhascos.

— Merda! — Ahnna bateu com o punho na borda do barco. Mas então, os olhos dela se voltaram para Aren. — O que fazemos?

Aren sentiu a atenção de todos os seus soldados se voltarem para ele, mesmo aqueles que lutavam para manter o inimigo afastado, todos esperando que ele oferecesse uma solução. Que os guiasse à vitória. Que fosse um rei.

Pânico paralisante cresceu em seu peito, mas Aren forçou-o a desaparecer. *Você sabe como lutar. Você sabe como defender Ithicana. Então defenda!*

À distância, um trovão ressoou e uma brisa que cheirava a relâmpago, chuva e *violência* varreu a caverna. E cada um dos soldados de Aren virou o rosto na direção do vento ao reconhecer aquele cheiro.

As tempestades que defendiam Ithicana não iriam abandonar o reino quando ele mais precisava. Aren só precisava aguentar até que elas chegassem.

— Deixe para mim dois barcos e suas tripulações, e leve todos os outros para defender os penhascos — ele ordenou à irmã. Em seguida, para Taryn, que atirava metodicamente nos Maridrinianos com uma expressão feroz no rosto, ele disse: — Conserte o destruidor de navios.

Os barcos sacudiam e balançavam conforme os soldados se locomoviam entre eles. Homens e mulheres que haviam crescido com Aren, que lutaram ao lado dele, que o seguiram por toda a vida, moveram-se para ficar ao lado dele.

Jor se ajoelhou ao lado de Aren.

— Se eles querem essa passagem, terão que sangrar por ela! — ele gritou, e a caverna ecoou com vozes repetindo a frase.

Aren espiou por entre os escudos, encontrando os olhares dos inimigos encarando-o de volta. Com uma das mãos, ele retirou a máscara e jogou-a na água, sorrindo diante do reconhecimento acendendo nos olhos dos Maridrinianos.

— Por Ithicana! — ele gritou, e ergueu sua lâmina.

58
LARA



A ILHA ESTAVA EM CHAMAS.

Lara encarou, horrorizada, afrouxando o aperto das mãos ao redor das cordas que ela agarrava com tanta força há alguns momentos.

Ela havia chegado tarde demais.

Mesmo com os inúmeros navios entre sua embarcação e a ilha, Lara conseguia distinguir os enxames de soldados inimigos escalando os penhascos, a confusão de lutas entre Maridrinianos e Ithicanos nas encostas do vulcão, os destruidores de navios pouco mais do que silhuetas fumegantes. Havia meia dúzia de navios aglomerados ao redor da abertura da caverna, além dos barcos a remo cheios de soldados sendo abaixados na água e depois remando escuridão adentro. Se a entrada ainda não havia sido invadida, em breve seria.

Eranahl estava caindo.

Dor atingiu-a no estômago e Lara se dobrou, agarrando-se às laterais do barco enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela havia lutado a noite toda com o navio, abrindo caminho lentamente por entre as ilhas em direção ao brilho do sinal de fogo em Eranahl, desesperada para chegar em casa a tempo de fazer a diferença.

Mas tudo havia sido em vão.

Abruptamente, raiva afugentou a sua dor, e Lara bateu as mãos com força no chão. Não era assim que as coisas deveriam acontecer. Ithicana deveria estar livre e o pai dela, derrotado. Agora, apesar de tudo que ela e Aren haviam feito, apesar de terem se esforçado tanto, estava acabado.

Um trovão ressoou, e Lara ergueu a cabeça e viu os relâmpagos à distância. Devia estar perto do amanhecer, mas nuvens negras dominavam a leste, ocultando qualquer indício de sol. Um vento violento soprou sobre ela, e o barco começou a subir e descer com as ondas crescentes.

As tempestades deveriam ser as defensoras de Ithicana, mas até mesmo elas chegaram tarde demais.

Voltando sua cabeça na direção da ilha, Lara observou os soldados escalarem as cordas penduradas entre os barcos e o topo dos penhascos. Ondas batiam contra as rochas rodeadas por barcos quebrados, destroços e cadáveres. No entanto, mais soldados continuavam a se aproximar.

E os Ithicanos continuavam a lutar.

Lara sabia que eles nunca parariam. Eles nunca se renderiam, não quando a única coisa que importava para eles estava dentro daquela cidade. E eles eram o povo *dela*. Pessoas que estavam lutando e morrendo enquanto ela *assistia*.

Empertigando-se, Lara apertou os olhos na direção dos navios que cercavam a ilha. Depois, ela enfiou a mão no bolso para pegar o resto do estimulante, sequer sentindo o gosto da mistura de ervas quando mastigou e engoliu. Esticando a corda em sua mão, ela observou a vela se tensionar contra o vento, conduzindo-a para a batalha.

Estava escuro o bastante para que os navios não a notassem. À medida que ela se aproximava de onde as fogueiras nas encostas de Eranahl iluminavam a água, os soldados ainda nos convés gritavam e apontavam na direção dela. Flechas passaram zumbindo, atingindo a água e o barco, e Lara se agachou, mantendo os olhos nos penhascos. Procurando por brechas em meio ao caos de barcos a remo e destroços na base.

— Você só tem uma chance. — ela murmurou, escolhendo seu alvo. — E se falhar, você está morta.

O sangue de Lara correu em suas veias, impulsionado pela adrenalina e pelo estimulante. A dor e o medo sumiram conforme ela soltava as cordas. Quando dobrou os joelhos, ondas agarraram sua embarcação e a lançaram contra a lateral do penhasco.

No último momento possível, Lara saltou, procurando por apoios mesmo quando o barco bateu contra a lateral do penhasco e a madeira se estilhaçou.

Dor ricocheteou pelo corpo dela quando Lara atingiu o penhasco, suas unhas quebrando enquanto ela arranhava as pedras lisas. Uma mão escorregou, e ela soltou um grito.

Mas a outra mão se segurou firmemente.

Lara pendeu por um segundo, e a água rugiu em sua direção mais uma vez, então ela enfiou a mão livre em uma rachadura e se puxou para cima.

Água borrifou nela, molhando seus tornozelos. Lara ignorou e começou a escalar. Subindo cada vez mais, seus dedos se cortavam ao segurar em pedras com pontas afiadas, deixando manchas de sangue pelo caminho.

Ela mal sentia os cortes.

Cada vez mais alto, o barulho das ondas foi substituído pelos gritos dos soldados Maridrinianos conforme eles se reuniam no topo, esperando até estarem em número suficiente para forçarem caminho pela encosta.

De repente, ela ouviu um estrondo.

A princípio, Lara pensou que fosse um trovão, mas então sentiu a rocha sob ela tremer e percebeu o que os Ithicanos haviam feito.

Pânico percorreu seu corpo e Lara se deslocou para o lado, posicionando-se abaixo de uma pequena saliência. Ela pressionou o corpo contra a encosta quando gritos preencheram o ar.

Cerrando os dentes, Lara fechou os olhos quando os soldados acima se jogaram do penhasco na água abaixo.

Não seria o bastante para salvá-los.

Uma avalanche de pedras e destroços explodiu na lateral do penhasco, chovendo sobre os barcos e soldados na água abaixo. Esmagando-os ou afogando-os.

Pedaços de rocha bateram em seus ombros, cortando tecido e carne, mas Lara abraçou o penhasco, seus braços e pernas tremendo com o esforço de manter a posição.

Quando o barulho cessou, Lara relaxou por tempo o suficiente para olhar para baixo. O mar estava cheio de sangue e corpos desmantelados, tudo misturado aos destroços de barcos.

Escale.

Mas a força dela estava no limite. Seu corpo tremia e as unhas arranhavam a rocha conforme ela lutava para manter o aperto.

— Escale! — ela gritou para si mesma.

Chegando ao topo, Lara agarrou uma pedra, apenas para a rocha se soltar. Um grito deixou seus lábios, e ela caiu.

59

AREN



ELES ESTAVAM SEM FLECHAS.

Eles lutaram corpo a corpo, as duas tropas brandindo armas por entre as barras de metal na tentativa de empurrar o adversário para trás e, em ambos os lados, corpos caíam aos montes na água. Mas enquanto Aren fora reduzido a uma dúzia de soldados, os Maridrinianos continuavam a chegar.

As fortes ondas não ajudavam a causa Ithicana, visto que o mar tornava quase impossível manter os barcos perto o bastante do rastrilho para lutar. Os Maridrinianos atacavam as mãos e os braços dos Ithicanos quando eles tentavam se segurar nas barras.

Estendendo a mão por entre o rastrilho, Aren esfaqueou um homem no rosto, mas quando o soldado escorregou e caiu na água, Aren viu o que eles levavam no barco.

Uma corrente, os elos tão grossos quanto o pulso dele.

Naquele momento, uma onda surgiu, jogando o navio de Aren para trás. O barco a remo Maridriniano chocou-se contra o rastrilho, jogando os homens na água, mas dois deles se mantiveram em pé. Aren viu, horrorizado, os soldados enrolarem a corrente ao redor das grades.

Enquanto seus soldados tentavam desesperadamente se reaproximar do rastrilho, Aren viu os homens passarem a corrente pelos barcos ao longo do túnel, as pontas dos elos desaparecendo de vista.

O barco dele finalmente chegou às grades e Aren agarrou a corrente, puxando-a com força, embora soubesse que era inútil.

Os barcos a remo Maridrinianos recuaram para fora do túnel e, um segundo depois, a corrente se esticou.

60

LARA



ELA ESTAVA CAINDO.

Bruscamente, o corpo dela parou de cair, uma mão forte agarrando seu pulso.

Olhando para cima, Lara viu o rosto de Ahnna. A princesa sorriu.

— É simplesmente impossível se livrar de você, não é?

Com um puxão violento, Ahnna ergueu Lara, outro Ithicano ajudando a içá-la até a borda, onde Lara se deitou de costas, ofegante, antes de se levantar lentamente.

Ahnna estava de pé ao lado de vários Ithicanos, e Lara reconheceu todos. Eles estavam ensanguentados, os ombros curvados de exaustão. Mas os olhos ainda brilhavam em desafio, garantindo que não tinham intenção de ceder a batalha.

— Devemos enviar alguém para avisar ao rei? — um deles perguntou.

— Aren está aqui? — Lara deixou escapar.

Ahnna balançou levemente a cabeça para o soldado, e se virou para Lara.

— Ele te deixou para trás por um motivo, Lara. Você não é desejada aqui. Me diga por que não devo jogá-la na água com o resto do seu povo.

— Estou aqui para lutar por Ithicana. — Ela estava lá para lutar por si mesma.

Ahnna a olhou de cima a baixo.

— Você mal consegue ficar de pé.

Endireitando os ombros, Lara encontrou o olhar da mulher mais alta.

— Gostaria de testar essa teoria?

Antes que Ahnna pudesse responder, um chiado alto de metal cortou o ar.

— O que diabos foi isso? — um dos Ithicanos exigiu saber, mas Ahnna apenas empalideceu e saiu correndo.

Lara correu atrás dela, saltando sobre os destroços do deslizamento de pedras

ao contornarem a ilha. O sol estava no alto agora, mas ao longe, uma parede de tempestade disparava na direção de Eranahl. Nuvens negras dançavam com relâmpagos, o vento uivando.

Elas chegaram ao limite do deslizamento de pedras, encontrando-se no meio da luta. Ithicanos lutavam corpo a corpo contra Maridrinianos e Amaridianos, e a encosta estava coberta de corpos.

Lara atirou uma faca na coluna de um soldado, depois cortou a parte de trás dos joelhos de outro com a espada, sem parar para matá-lo ao correr atrás da princesa. Os pontos na perna dela estavam abrindo, rasgando a pele, e sangue escorria em filetes quentes, mas ela ignorou a dor.

Ahnna não parou para lutar, somente eliminou aqueles que entraram no caminho de sua corrida selvagem ao redor do vulcão. Na beira do penhasco, mais e mais inimigos escalavam e disparavam na luta.

— Ahnna! Precisamos fazê-los recuar!

Mas a mulher ignorou-a, aumentando a velocidade. Ela era um turbilhão de punhos e aço, deixando cadáveres para trás. Então, a princesa derrapou até parar.

— Não! — Ahnna berrou, e Lara seguiu o olhar da mulher. Seu estômago despencou ao avistar o navio com as velas estendidas pelos ventos da tempestade. Os cabos estavam esticados atrás da embarcação, desaparecendo dentro da enseada na caverna.

Eles estavam arrancando o rastrilho.

Outro chiado agudo atravessou os ouvidos de Lara. Metal arrastava pedra, sendo torcido e deformado pela tensão. No momento em que os Maridrinianos arrancassem o rastrilho, a caverna seria invadida por inúmeros barcos a remo cheios de soldados.

Ahnna se jogou abruptamente no meio do combate, cortando e atacando qualquer um que entrasse em seu caminho. Lara se manteve logo atrás dela, protegendo as costas da mulher conforme elas se aproximavam de um grande grupo de Ithicanos defendendo o penhasco acima da entrada da caverna.

— Taryn! — Ahnna gritou o nome da prima, e fileiras de soldados se abriram para mostrar a jovem trabalhando em um destruidor de navios com a madeira carbonizada, as cordas puídas e enegrecidas. — Você precisa colocar esse destruidor pra funcionar!

Taryn balançou a cabeça.

— Eu preciso de tempo, Ahnna. Preciso substituir os cabos.

— Não temos tempo! Se arrancarem o rastrilho, Aren será derrotado. Temos que destruir aquele navio!

Aren estava lá embaixo.

Afastando-se da discussão, Lara correu até a beira do penhasco e olhou para

baixo. Havia centenas de soldados nos barcos, todos armados até os dentes. Se eles conseguissem entrar na cratera vulcânica, a batalha acabaria.

O vento açoitou o cabelo de Lara, agitando-o de um lado para o outro, e os ouvidos dela foram invadidos pelo estrondo do trovão. Os barcos a remo superlotados oscilavam nas ondas crescentes, água transbordando pelas bordas. E sob as embarcações, silhuetas se moviam, grandes barbatanas cortando as ondas. Mesmo quinze metros acima deles, Lara viu o medo nos rostos dos soldados. Ainda assim, nenhum dos barcos recuou.

— Os Amaridianos estão recuando!

As palavras foram repetidas várias vezes, e Lara ergueu os olhos para ver os navios com as bandeiras Amaridianas içando as velas, abandonando os homens nos barcos a remo e os soldados já em terra, fugindo da tempestade que se aproximava.

Navio após navio, todas as embarcações abandonaram o círculo ao redor da ilha, mas os Maridrinianos permaneceram, pressionando a entrada da caverna conforme os cabos se esticavam. Outro chiado de metal preencheu o ar.

Era uma corrida contra a tempestade. Uma corrida da frota do pai dela para tomar o controle da caverna e despachar soldados o bastante a fim de garantir o domínio da ilha; isso ao mesmo tempo que os navios fugiam dos ventos violentos e da chuva que acabaria por levá-los ao fundo do mar.

Lara se ajoelhou, paralisada, sabendo que não conseguiria chegar à entrada da caverna a tempo de fazer algo.

Uma onda inundou um dos barcos a remo e os homens nadaram para se agarrar às beiradas dos outros barcos, que corriam o risco de afundar.

Um por um, os soldados que nadavam foram empurrados para baixo da água. Vermelho crescia no mar escuro conforme os tubarões de Ithicana se banqueteavam com os inimigos. No entanto, os barcos a remo não recuaram.

O que os faziam querer tanto essa ilha a ponto de arriscarem as próprias vidas? Era por glória? Riqueza?

Medo?

O que poderia ser pior do que essa tempestade? Pior do que os tubarões dilacerando os companheiros diante dos próprios olhos?

Uma certeza repentina invadiu o peito de Lara e, levantando-se, ela arrancou uma luneta das mãos de um Ithicano. Levando-a ao rosto, ela analisou o navio que puxava o rastrilho, e congelou quando um homem familiar entrou em seu campo de visão.

O pai dela em pé no convés do navio, os braços cruzados e os olhos fixos no alvo, nenhum medo aparente em seu rosto.

Era ele o que os soldados temiam. Era ele o que impedia a frota de fugir

antes da chegada da tempestade. Era ele o que impelia os homens a estarem nessas águas mortais.

Abaixando a luneta, Lara agarrou Ahnna pelo braço, puxando-a em direção à beira do penhasco. Ela apontou para a água.

— Eu preciso que você me coloque naquele navio.

61

LARA



— TROCANDO DE LADO DE NOVO? — O rosto de Ahnna ficou sombrio, e ela ergueu a arma.

Lara balançou a cabeça, recusando-se a ser provocada.

— Meu pai está naquele navio. Se você me levar até lá e eu matá-lo, a frota irá recuar. Ele é a única coisa mantendo os soldados na luta.

Fazendo uma careta, Ahnna se virou para gritar ordens, fazendo uma dúzia de Ithicanos correrem encosta acima, depois deslocou sua atenção de volta para Lara.

— Impossível. As embarcações não conseguem sair da caverna e, mesmo que você soubesse nadar bem, não duraria um minuto nessas águas.

— Me leve até a corrente que eles estão usando para puxar o rastrilho. Irei usá-la para chegar ao navio.

— Eles vão atirar em você antes que sequer chegue perto do navio. Aren vai me matar se descobrir que concordei com isso.

Lara cerrou os punhos, sentindo as primeiras gotas de chuva pingarem em sua testa. Ela ouviu o chiado de metal conforme o rastrilho era puxado da caverna, centímetro por centímetro.

— Ele não estará vivo para se importar se não fizermos algo.

Tensionando o maxilar, Ahnna olhou para o navio que oscilava nas ondas violentas.

— Talvez exista uma maneira. — Agarrando dois de seus soldados, Ahnna murmurou algo para eles. Os homens assentiram e recuaram para o meio do caos. Momentos depois, um deles retornou com uma arma familiar em mãos, e entregou-a à princesa.

— Não vamos conseguir amarrar. — explicou Ahnna. — Não com a forma que o navio está balançando e se movendo. Iremos segurar o cabo, mas se o

navio se mover para longe demais, teremos que te soltar ou correremos o risco de sermos arrastados para fora do penhasco. Então você precisa ser rápida.

Lara se virou para observar a queda. O mar agitado. As barbatanas cortando a água.

— Serei rápida.

Alguém entregou à Ahnna um pedaço fino de corda amarrado na ponta de uma flecha grande, e a princesa acionou a arma com uma mão experiente. Então, ela parou e encontrou o olhar de Lara.

— Não conseguiremos te trazer de volta.

Engolindo em seco, Lara assentiu e aceitou um gancho do mesmo soldado.

— Já estava na minha hora de ir embora mesmo.

Ajoelhando-se, Ahnna ergueu a arma. Aster e vários outros Ithicanos seguraram a ponta da corda, seus rostos sombrios. Testando-a na direção do navio oscilante, a princesa mirou e, sem hesitação, lançou a flecha.

Lara enfiou uma faca entre os dentes, observando a corda avançar pelo espaço entre o penhasco e o navio, e a flecha se cravou profundamente no convés.

Os Ithicanos puxaram a corda para mantê-la esticada, e Ahnna gritou:

— Agora.

Lara não hesitou.

Lançando o gancho sobre a corda, ela saltou.

O vento e a chuva açoitavam seu rosto conforme ela deslizava para baixo, o mar se erguendo para encontrá-la em uma velocidade ameaçadora. O cabo se tensionava e afrouxava de acordo com a oscilação do navio sobre as ondas, fazendo Lara balançar violentamente. Os ombros dela gritaram em ardência a cada movimento brusco, as mãos apertando o cabo do gancho.

No navio, soldados preparavam os arcos, vários deles apontando para ela. *Ainda não,* ela implorou silenciosamente, terror correndo em suas veias. *Só mais alguns segundos.*

Então, um deles desistiu de tentar lançar a flecha. Erguendo sua lâmina, ele cortou a corda.

Lara caiu.

Ela gritou. Em seguida, os calcanhares dela atingiram o convés, e sua perna machucada cedeu. Instintivamente, ela rolou e levantou, a faca em em mãos.

Ao redor de Lara, soldados e marinheiros a encaravam em choque, vários murmurando:

— É a maldita princesa. A filha do rei.

— Eu gostaria de falar com meu pai.

Os soldados abriram caminho e o seu pai, o rei de Maridrina, andou pelo

convés na direção de Lara. O cabelo prateado dele estava encharcado de chuva, as roupas igualmente ensopadas, e ele tinha um hematoma lívido em uma das bochechas. Nada disso o tornou menos majestoso quando ele parou a alguns metros de distância para encará-la.

— Lara, querida. Que bom que você se juntou a nós.

— Não estou aqui para conversar — ela retrucou. — Você precisa ir embora. Aquela tempestade vai destruir essa frota e milhares dos seus soldados irão se afogar.

Alguém berrou:

— O rastrilho está se soltando! Preparem-se para atacar.

O pai dela ergueu uma sobrancelha.

— Parece que terei minha vitória *antes* da tempestade chegar.

Lara arriscou um olhar em direção à caverna, mas a corrente ainda estava tensionada, o portão ainda aguentando.

— Por que você está fazendo isso? — ela exigiu saber. — O que você tem a ganhar? Tomar Eranahl e massacrar inocentes não mudará o fato de que a ponte nunca será sua. Mesmo que você mate todos os Ithicanos, Harendell e Valcotta nunca permitirão que assuma o controle. Você *perdeu.*

Seu pai riu.

— Em breve, Harendell estará muito ocupada com seus próprios problemas para declarar guerra a nós e, quanto a Valcotta... Digamos que seu irmão finalmente provou o valor dele. — Ele sorriu, e era só dentes. — Ithicana perdeu, e você também, filha.

Ele se virou, gesticulando para os soldados.

— Matem-na.

— Eu te desafio. Aqui e agora. Você escolhe a arma.

Seu pai parou, olhando-a de cima a baixo.

— Você dificilmente está apta para um duelo, Lara. Pelo que estou vendo, você já quase sangrou até a morte. Não seria uma luta.

— Então você não tem motivo para temer aceitar.

Ele bufou.

— Eu não tenho a prática de lutar contra mulheres.

— Só de assassiná-las. — Uma onda de tontura passou por ela, mas Lara a afastou. — Assim como matou minha mãe. Assim como tentou matar minhas irmãs. Assim como fará comigo. — Ela riu. — Ou assim como fará com que seus soldados me matem, porque, aparentemente, não tem coragem de fazer isso você mesmo.

Todos os soldados se remexeram, o interesse afastando o medo da tempestade que se aproximava. Se o pai dela não aceitasse, ele seria rotulado de

covarde e, como consequência, haveria um motim. E se ele lutasse e perdesse…

Silas viu a maneira como os soldados o observavam. Sabia que se não lutasse com ela, ele estaria acabado.

— Como quiser. — Ele desembainhou a espada. — Vamos fazer do seu jeito. Talvez, se tiver sorte, você viverá o suficiente para ver seu reino cair.

Lara puxou a espada da bainha e fez um gesto com a faca para que ele desse um passo à frente.

— Chega de conversa, velhote. Vamos lutar.

Os soldados recuaram para abrir espaço, e Lara se manteve parada enquanto observava seu pai rodeá-la.

As palavras dela eram pura arrogância, e os dois sabiam disso. Ele era um espadachim habilidoso, com anos de experiência. Embora Lara provavelmente fosse páreo para ele em habilidade, o corpo dela estava exaurido. Os pontos em sua coxa haviam aberto completamente, e o sangue que escorria formava uma poça na bota, a perna mal suportando o peso. Tontura e exaustão passavam por ela em ondas, e até manter o equilíbrio no convés oscilante estava levando Lara ao limite.

Mas ela tinha que continuar. Pelo bem de todos em Eranahl, ela precisava continuar lutando.

Ele atacou, um relâmpago refletindo na lâmina, mas Lara antecipou o ataque. Ela se defendeu, seu braço estremecendo com o impacto quando ele atacou de novo e de novo, empurrando-a pelo convés, tentando derrubá-la.

— Isso não é nem um pouco interessante — o pai dela disparou, girando para longe quando ela contra-atacou. Os movimentos de Lara estavam lentos e fracos.

— Então termine logo com isso.

O pé do rei deslizou pelo chão e se prendeu no tornozelo dela. Lara desferiu o peso do corpo na perna machucada, e gritou quando o membro cedeu sob ela.

Desesperada, ela rolou, erguendo a espada a tempo de bloquear um golpe descendente que teria dividido-a em duas.

Suas espadas travaram, e o pai dela forçou o peso para baixo antes de recuar quando ela o golpeou com uma faca. Lara deu um pontapé no joelho dele, fazendo-o tropeçar.

Rastejando para se levantar, Lara atacou, cortando e apunhalando e procurando por uma abertura. O navio oscilou para a lateral e os dois caíram. Os marinheiros ficaram desnorteados, buscando apoio, até a embarcação se acertar.

— Está solto! Está solto!

O que se parecia com um punho fechado apertou o coração de Lara, ao mesmo tempo em que o rosto do pai dela se encheu de triunfo.

— Ataquem!

Mas os soldados hesitaram, avaliando as chances de sobrevivência entre tentar conquistar a caverna ou permanecer a bordo do navio.

— Precisamos zarpar, Vossa Graça! — o capitão gritou de onde se agarrava a uma balaustrada. — A tempestade irá nos destruir. Precisamos partir agora!

— Não! — Silas se esquivou quando Lara ficou de pé e avançou sobre o pescoço dele. — Qualquer homem que fugir será marcado como covarde. Como traidor! Qualquer homem que partir terá a cabeça espetada nos portões de Vencia!

Mas pelo canto do olho, Lara podia ver os navios recuando. Erguendo as velas e se apressando à frente da tempestade prestes a cair em uma vingança perversa. No entanto, isso não significava que Eranahl estava segura. Não quando centenas de homens em barcos a remo brigavam para entrar na caverna por saber que o pai dela nunca permitiria que eles recuassem para o navio.

Ela precisava dar a eles outra opção, e precisava dar agora.

Nunca houve qualquer chance de ela sobreviver a essa luta mesmo.

Recuperando o equilíbrio contra a balaustrada, Lara atacou, lançando golpe após golpe contra o pai.

Ela fingiu tropeçar. Viu o triunfo nos olhos do pai quando a espada do homem cortou as costelas de Lara.

E viu o choque que floresceu no rosto dele quando Lara afundou a faca em seu peito.

O navio oscilou e eles caíram distantes um do outro. Lara aterrissou com força de costas, ao passo que o pai caiu de joelhos, os dedos dele puxando inutilmente o cabo da faca.

— Você é uma traidora — ele sibilou. — Para sua família. E para o seu povo.

— Não, pai — ela sussurrou. — Isso é o que eles dirão sobre você.

Ele a encarou com fúria desumana. Então, a luz desapareceu de seus olhos azuis e ele tombou no convés.

Seu pai estava morto.

Lara olhou para o cadáver do homem que fizera dela o que ela era, mal percebendo os soldados baterem em retirada. Os barcos a remo se aproximavam, apenas para serem abandonados pelos homens conforme eles subiam escadas e cordas, o convés ao redor dela se enchendo deles.

— Içar velas! — o capitão ordenou. — Quem não estiver a bordo ficará para trás!

Os marinheiros correram para obedecer, mas quando o vento esticou as velas, o navio estremeceu e sacudiu. Os mastros rangeram e um guincho agudo

de metal contra pedra invadiu os ouvidos de Lara.

— Cortem os cabos, seus idiotas! — o capitão gritou. — Soltem-nos.

Se alguém obedeceu, Lara não sabia, já que os membros da guarda pessoal do pai dela se aproximavam com matança nos olhos.

Lutando contra a dor nas costas, Lara ficou de pé. Sangue escorria por sua lateral, ensopando a camisa dela a cada inspiração. Encostada na balaustrada, ela olhou para eles, os homens que haviam apoiado e protegido o pai dela durante toda a sua vilania. Se ela tivesse forças, mataria todos eles.

Eles ergueram suas armas.

Lara se inclinou para trás.

Ela deu um mortal sobre a balaustrada, despencando para baixo. A água gelada fechou-se sobre sua cabeça e ela lutou para subir, chutando com força.

A cabeça dela rompeu a superfície, apenas para uma onda empurrá-la para baixo. Sem ar e arfando em busca de oxigênio, Lara pegou alguns destroços, agarrando-se a eles enquanto subia e descia sobre as ondas violentas.

O destruidor de navios estalou de forma estrondosa, e uma pedra atingiu um barco a remo. Em seguida, outra caiu na espuma atrás do navio. Depois, outra se chocou contra outro barco a remo. Então, tudo ficou em silêncio.

Porque a batalha havia acabado.

Para onde quer que Lara olhasse, navios voavam ao navegar sobre as cristas brancas, velas tensionadas pelo vento enquanto os soldados tentavam fugir da tempestade que caíra sobre eles com fúria perversa. Ainda havia marinheiros na água, homens gritando para que os navios voltassem, para que seus companheiros os salvassem, mas um a um eles afundavam.

Ao redor de Lara, barbatanas circulavam.

A respiração dela saía em pequenos arquejos de pânico conforme os tubarões se aproximavam. Um soluço deixou sua garganta quando algo tocou seu tornozelo.

— Nade, Lara! Nade!

O som do nome dela desviou seus olhos das barbatanas para os Ithicanos de pé nos penhascos acima, o vento agitando suas roupas. Dezenas deles. Centenas deles. E Ahnna e Taryn gritavam por ela, apontando para a caverna abaixo.

— Nade!

De jeito nenhum ela chegaria lá a tempo. De jeito nenhum um dos tubarões não a levaria ou ela não sangraria até a morte.

Mas Lara começou a chutar.

Agarrando-se aos destroços de madeira, ela bateu as pernas, ignorando a dor e mantendo os olhos fixos na entrada da caverna. Os gritos dos soldados abandonados disputavam com o som da tempestade pela supremacia, e

relâmpagos cruzavam o céu em violenta sucessão. Barbatanas circulavam Lara, silhuetas enormes e esguias avançando somente para desviar no último minuto.

Os tubarões se aproximavam, as caudas batendo nas pernas dela ao se afastarem, e a cada toque ela esperava que dentes cortassem sua carne. Esperava ser puxada para baixo e dilacerada ou afogada.

Mas ela continuou a nadar.

Ondas quebravam contra os penhascos, mas os gritos haviam cessado. Lara era a última pessoa viva no mar. Seus braços tremiam com o esforço de segurar os destroços, e as pernas pendiam inutilmente conforme as ondas a levavam na direção da entrada da caverna.

Ao seu redor, a escuridão foi preenchida pelo rugido ensurdecedor do vento e do mar, e Lara se sentiu vacilar. Perdendo a força, ela afundou, lutando para subir por tempo o bastante para respirar.

Continue lutando, ela ordenou a si mesma. *Você não vai desistir. Você está perto demais para desistir.*

Adiante, ela avistou o brilho fraco da luz. O mar subiu novamente, e Lara gritou ao ser jogada contra uma teia de metal retorcido.

62

AREN



ESTAVA DIFÍCIL DE ENXERGAR.

Mas ele não precisava enxergar para saber que os inimigos escalavam o espaço entre o topo do rastrilho retorcido e o teto da caverna. Ele conseguia escutar as vozes murmuradas deles. Os grunhidos de esforço. O esguicho na água quando eles caíam do outro lado e começavam a nadar.

Somente para encontrar Ithicana esperando.

Aren atacava a qualquer sinal de movimento, seus braços dormentes de exaustão, os movimentos fracos e desajeitados.

Mas ele não parou. Não podia parar enquanto soldados continuavam vindo, a água cheia de corpos e homens nadando. Eles invadiram os barcos Ithicanos, mãos se estendendo para agarrar as roupas de Aren, empurrando-o para fora do barco e em direção às profundezas do mar.

Parte dele se perguntou se ele já estava morto, se isso era algum tipo de inferno.

Uma pontada de dor em seu antebraço o trouxe de volta ao momento, e Aren lutou para romper a superfície da água. Cadáveres o tocavam por todos os lados.

— Recuar! Recuar!

— Não! — Aren gritou, a palavra estrangulada. — Não vamos recuar! Eu não vou recuar!

Então, ele percebeu que as vozes que gritavam as palavras eram Maridrinianas. Ele sentiu o *movimento* do inimigo tentando recuar. Tentando passar por aquela pequena fenda acima do aço retorcido.

A luz das tochas brilhou atrás dele, tremulando na água e iluminando o mar de cadáveres e homens.

— Te peguei! — Mãos o puxaram de volta para um barco, e o rosto de Jor apareceu acima de Aren. — Eles estão recuando. Parece que a tempestade os

afugentou.

— Eu ouvi. — Aren fechou os olhos, tentando recuperar o fôlego.

Em seguida, um chiado ensurdecedor preencheu o ar e Aren se levantou, vendo o rastrilho ser puxado uns três metros para frente e ficar preso onde o túnel se estreitava. Depois, as correntes ficaram frouxas e caíram dentro do mar.

Não havia mais como entrar em Eranahl.

O que também significava que não havia mais como sair, e dezenas de soldados inimigos ainda nadavam deste lado do portão de metal retorcido. Eles se pressionaram contra o rastrilho, lutando para levantá-lo e se libertar, mas sem sucesso. E quase como um, os homens se viraram para enfrentar Aren e o resto dos soldados Ithicanos.

O instinto exigia que ele os massacrasse. Exigia que ele matasse esses homens que tinham a intenção de assassinar o povo dele e destruir seu lar.

Mas os olhos dos homens brilhavam em medo e desespero.

— Querem se render?

Houve rápidos acenos de concordância, e Aren inclinou a cabeça uma vez em entendimento.

— Larguem suas armas e venham um por um. Quem causar problemas terá a garganta cortada. Entendido?

Mais acenos de cabeça, e Aren disse aos seus soldados:

— Amarrem-os. Lidaremos com eles mais tarde.

Barcos se aproximavam pelo porto subterrâneo, vozes berrando a notícia de que a frota inimiga havia desistido de atacar, que os soldados inimigos ainda na ilha estavam se rendendo e perguntando quais eram as ordens de Aren sobre como deveriam lidar com os outros.

— Aceitem a rendição. Já tivemos derramamento de sangue o bastante hoje por toda uma vida de Ithicana. Vamos mantê-los prisioneiros até Maridrina se retirar totalmente de Ithicana, e depois eu... — Ele se interrompeu, incerto do que exatamente deveria fazer com aqueles homens. A última vez que Aren permitira que um estranho entrasse em Eranahl não tinha dado muito certo para ele.

Mas Ithicana tinha que mudar. Ele tinha que mudar.

— Negociarei o retorno deles para Maridrina.

— Certo, Vossa Graça.

Os soldados inimigos se aproximaram um por um, nadando, e os Ithicanos os colocaram nos barcos e amarraram-os antes de retornarem pela enseada. Aren escalou uma saliência na parede da caverna, apoiando os joelhos nos cotovelos. Respirando. Apenas respirando.

— Aren!

Ele se virou ao som da voz de Lia e, no meio da luz fraca, viu o barco com sua guarda-costas lutando contra a força do mar revoltoso para se aproximar.

— Você precisa levantar o rastrilho!

Olhando para o metal retorcido preso na caverna, ele balançou a cabeça.

— Impossível. Teremos que cortá-lo.

— Então corte! — A voz dela estava estridente. Desesperada.

— Por quê?

O barco alcançou Aren, e Lia saltou para a saliência ao lado dele, seu braço enrolado em uma bandagem.

— Porque Lara está lá fora.

A pele dele se transformou em gelo.

— Isso é impossível. Nós a deixamos em Gamire sem barco nenhum.

— Bem, ela encontrou uma maneira de chegar aqui. — Lia estendeu uma tocha, iluminando a água que avançava pela caverna e depois recuava com uma força igualmente violenta. — Ela desafiou o pai. Matou ele. Foi por isso que eles recuaram naquele momento. Ela nos salvou e agora precisamos salvá-la.

O mar e a tempestade se reduziram a um ruído monótono e, de repente, a luz da tocha ficou forte demais.

— Peguem as ferramentas para cortar o metal!

Um dos soldados que segurava um remo respondeu:

— Mas Vossa Graça, a tempestade está quase sobre nós! Precisamos sair do túnel antes que as ondas fiquem ainda piores!

— Peguem as malditas ferramentas! — Aren gritou as palavras no rosto do homem. — Se retirarmos o rastrilho rápido, talvez consigamos chegar ao navio. — E o que ele faria ao chegar ao navio, Aren não sabia. Só o que importava era que ele faria tudo o que pudesse para salvá-la.

Lia agarrou o braço dele, os dedos cravados na pele de Aren.

— Lara não está no navio, Aren. Ela está na água.

Assim que ela disse isso, o mar avançou, espuma e água invadindo a caverna e carregando consigo uma forma esguia.

— Lara — ele gritou, pouco antes do corpo da mulher se chocar contra o aço do rastrilho.

63
LARA



Essa era a sensação de morrer.

Dor atravessou o corpo de Lara quando o mar a lançou contra o aço e a puxou para trás, somente para jogá-la para frente de novo.

É o fim. Minha batalha acabou.

Escuridão preencheu sua visão, e ela sentiu uma mão se fechar ao redor da dela, a pessoa lutando contra o mar que tentava puxá-la para trás. O ombro de Lara gritou de dor quando ela foi puxada para cima. O rosto dela rompeu a superfície, e Lara respirou fundo.

Somente para mais água cobrir sua cabeça, arrastando o corpo dela.

Mas aquela única tomada de fôlego foi o bastante.

Quem quer que estivesse segurando seus braços ajudou Lara a escalar. O aço incrustado de cracas cortou seus pés conforme ela subia. As ondas não a afogavam mais. Tossindo e respirando fundo, ela abriu os olhos.

E deu de cara com Aren.

— Te peguei. — Ele a puxou mais para cima até suas cabeças estarem logo abaixo do teto da caverna. — Eu não vou te soltar.

Ela estava vagamente ciente de outras pessoas atrás dele, mas ele era o único que ela via. E a única coisa que ela sentiu foi o mais profundo sentimento de gratidão a Deus, ao destino ou à sorte por permitir que ela o visse uma última vez antes que o Mar de Tempestades a levasse.

— Você precisa se segurar! — Enquanto ele falava, o mar avançou mais uma vez. A força de Aren era a única coisa que impedia Lara de ser arrastada de onde ela estava. — Eles foram buscar as ferramentas. Vamos cortar as barras. Você só precisa se segurar até lá.

Ela assentiu, mas era uma mentira. Porque não havia esperança de Lara sobreviver a isso. A cada onda, o nível do mar subia e, quando a tempestade

chegasse a toda ferocidade, nem Aren conseguiria impedir que ela fosse levada. E seria um milagre se ele mesmo não se afogasse.

— Você precisa me soltar. — Ela estava tão exausta. Tão cansada de lutar. — Você precisa ir para um lugar seguro.

— Não! Eu não vou te deixar. — Ele passou os braços por entre as barras, envolvendo a cintura dela. Ela se encolheu quando os dedos dele tocaram a ferida na lateral do seu corpo, e viu a maneira como o rosto de Aren endureceu quando ele percebeu a profundidade do corte. Virando a cabeça, ele gritou:

— Onde estão as merdas das ferramentas?

Mas Lara sabia que nunca chegariam a tempo.

Estendendo as mãos por entre as barras, ela segurou o rosto de Aren.

— Olhe para mim. Me escute.

Ele resistiu. Como se soubesse o que ela iria dizer. Mas então, ele encontrou os olhos dela.

— Eu sinto muito. — Uma onda a atingiu nas costas, forçando-a a fazer uma pausa enquanto lutava contra a corrente. — Sinto muito por toda a dor que eu lhe causei. Por toda a dor que causei a Ithicana. E preciso que você saiba que eu morreria mil vezes se houvesse uma maneira de desfazer tudo isso.

— Lara...

Ela balançou a cabeça violentamente, porque não queria o perdão dele. Ela não merecia.

— Meu pai está morto. Ele está morto e não pode mais machucar você ou Ithicana. Keris será rei e haverá uma chance de Maridrina e Ithicana serem aliadas de verdade. Pela primeira vez, Ithicana tem a chance de um futuro melhor. Mas ela precisa de *você* para que isso aconteça. Não sacrifique isso por mim.

— Mas eu preciso de você. — Ele a puxou com força contra o metal, pressionando a testa contra a dela por entre as barras do rastrilho. — Eu te amo e nunca deixei de amar. Nem uma vez. Nem mesmo quando deveria.

Ele a beijou, a boca quente contra a pele gelada dela, a língua com gosto de mar. Ela se inclinou, apoiando-se nele, e as lágrimas que escorriam pelo rosto dela eram lavadas conforme as ondas os atingiam.

— Desde o dia em que nos conhecemos, nunca houve ninguém além de você. E nunca haverá ninguém além de você. Você é minha rainha e eu preciso de você.

Ela chorou. Mesmo que Lara sobrevivesse, não havia futuro para eles. Não com Aren como rei. E ela se recusava a fazê-lo escolher entre ela e Ithicana.

— Aren...

— Eu não vou te deixar morrer. — Os olhos de Aren procuraram por algo no

teto da caverna, e ela viu o Ithicano soltá-la por tempo suficiente para apoiar os pés contra a parede, os músculos tensionados ao tentar puxar o rastrilho para trás.

Mas o portão estava preso, travado no lugar pela força de um navio e suas velas.

Desistindo, ele se aproximou dela novamente.

— Não se solte. Me prometa que não vai se soltar.

Ele fitou diretamente os olhos de Lara até ela assentir e passar os braços pelas barras, firmando-se enquanto o mar avançava.

Em seguida, Aren mergulhou nas profundezas.

Ela não conseguia enxergá-lo em meio à espuma e escuridão. Quando ele não emergiu, o medo se sobrepujou à confusão causada pela perda de sangue e pela dor.

— Não. Não. Não. — ela soluçou. — Você não irá levá-lo.

Os Ithicanos nos barcos tentavam se aproximar, mas as ondas os empurravam para trás. Para cada vez mais longe, até que a única que restou foi Lia, que permanecia empoleirada em uma saliência estreita da caverna. A outra mulher começou a abaixar a tocha, claramente com intenção de mergulhar.

Então, Aren rompeu a superfície.

Ele agarrou o metal, subindo rapidamente até ficar cara a cara com Lara. Sangue de um corte na testa escorria pela bochecha dele.

— Tem um espaço no fundo — ele falou entre arfadas. — É pequeno demais para eu passar, mas seus ombros são estreitos. Eu consigo te passar por ele, você só precisa prender a respiração.

Mas para chegar ao espaço ela teria que descer.

Descer para a escuridão e para as profundezas da água. Um terror familiar cresceu no peito dela, percorrendo suas veias.

— Não consigo.

— Você consegue. — Ele a beijou com força. — Eu nunca vi o medo tomar uma decisão por você.

Lara balançou a cabeça. Era demais.

— Eu preciso de você. — A respiração de Aren estava quente contra os lábios dela. — E eu preciso que você continue lutando.

Fechando os olhos, Lara lutou contra o terror da água, o terror que assombrava seus passos desde o momento em que ela pisara em Ithicana. *Você é uma princesa,* ela disse a si mesma. *Uma rainha.*

Mas, acima de tudo, ela era a pequena barata.

Lara assentiu uma vez, respirando fundo.

E Aren a puxou para baixo da superfície.

Ela não conseguia enxergar. Não tinha noção do que era para cima ou para baixo enquanto o oceano atingia o corpo dela. O aperto de Aren ao redor dela era a única coisa que a impedia de ser levada pela água.

Mais fundo. Ela sabia que ele devia estar levando-a para mais fundo, porque a pressão em seus ouvidos estava aumentando, e Lara precisou de todas as suas forças para se agarrar às barras e se arrastar para baixo quando o instinto exigia que ela fosse para *cima*. De volta à superfície e ao ar.

Para baixo e para baixo.

Pânico correu pelas veias dela, e a necessidade de respirar crescia a cada segundo que passava. E a única coisa que a mantinha sã era saber que Aren estava com ela. Que para salvá-lo, ela precisava se salvar.

Então, as mãos dela se chocaram contra rocha.

Eles estavam no fundo da caverna.

Segurando os pulsos dela com força, Aren a puxou para o lado, e ela tateou a abertura onde as barras haviam sido forçadas a se separarem.

Mas o espaço era pequeno. Terrivelmente pequeno.

O peito dela se contraiu com a necessidade de respirar, mas ela não lutou quando Aren puxou seus braços, virando os ombros dela até ela passar.

Só para ela sentir seu cinto ficar preso.

Aren puxou, os pés apoiados no fundo, mas o cinto não soltou. Desesperada, Lara largou a mão dele, tentando alcançar a abertura entre o próprio corpo e o chão rochoso para desatar a fivela, mas não havia espaço.

E ela precisava respirar.

Precisava respirar.

Precisava respirar.

Lara respirou.

64

AREN



BOLHAS PASSARAM POR ele, e o braço de Lara ficou inerte nas mãos dele.

Não! Um grito silencioso passou pela cabeça dele, e Aren se arrastou na direção dela, tateando na escuridão o lugar onde ela havia ficado presa ao aço.

O cinto dela.

O peito de Aren doeu com a necessidade de respirar, sua vida passada na água lhe dando somente mais alguns segundos sem ar.

Depois de tatear em busca da própria faca, ele serrou o couro até o cinto se partir. Largando a faca, ele agarrou os braços de Lara e puxou-a com toda a força que possuía.

Ela passou pelo espaço.

Segurando-a com força, ele nadou para cima, a maré crescente empurrando-os mais para o interior da caverna conforme ele subia, chutando a água com força.

Eu não vou deixar você morrer.

Ele rompeu a superfície e arfou por ar. As ondas o jogavam contra as paredes rochosas e, logo em seguida, o puxavam para trás. Em direção ao rastrilho. E ele precisava tirá-la da água. Precisava salvá-la.

Braços o puxaram para cima e Aren caiu de costas no barco, o corpo inerte de Lara em cima dele.

— Lara! — Ele a rolou, empurrando as pessoas para fora do caminho.

A luz da tocha iluminou o rosto dela, os olhos abertos e vagos.

Sem vida.

— Não! — ele gritou, pressionando as mãos contra o peito dela. De novo e de novo.

— Chamem um curandeiro! — alguém gritou, mas não importava, porque Lara estava morta. Sua esposa, sua rainha, estava morta.

— Aren, chega. — Jor tentou afastá-lo, mas Aren o empurrou e suas mãos voltaram ao peito de Lara. Prontas para fazê-la voltar a respirar. — Aren, ela não vai voltar. Você precisa deixá-la ir.

— Não!

O barco se chocou contra o sopé dos degraus rochosos da enseada, e Aren pegou Lara nos braços. Ele carregou-a escada acima em uma corrida para depositá-la no patamar, onde voltou a fazer as compressões no peito dela, os braços tremendo devido ao esforço.

— Eu te amo. — Aren podia sentir o povo dele se reunindo ao seu redor, podia sentir a chuva caindo sobre eles. — Eu preciso de você. Por favor, volte.

Ela parecia tão pequena. Tão diferente da guerreira indomável que ele sabia que ela era.

— Lara! — ele gritou o nome dela. — Lute!

65

LARA



FOI UMA lenta escalada para fora da escuridão turva. A escalada mais longa que ela já fizera. Por entre a escuridão e a tristeza e o terror, perseguida por todos os vilões que assombraram a vida dela, exceto a vilã dentro de si mesma. Agarrando, alcançando e lutando. Mas então, ela ouviu a voz dele. O nome dela. Ouviu a única ordem que ele já havia dado a ela.

Lara abriu os olhos.

66

LARA



A PRIMEIRA COISA que ela percebeu foi o cheiro de Ithicana no ar. De mar, tempestade e selva.

A segunda foi a dor.

Estremecendo, ela abriu as pálpebras, a claridade fazendo-a piscar para conter as lágrimas. Ela estava no quarto que havia compartilhado com Aren em Eranahl uma vez. A queda d'água que enchia a piscina natural produzia um leve tilintar, e os potes de algas brilhantes lançavam sombras suaves na parede.

E Aren, com a cabeça apoiada em um braço, dormia na cadeira ao lado da cama.

Lara correu o olhar pelo rosto dele, percebendo sombras sob os olhos e pontos costurados devido a uma ferida na têmpora. Os nós dos dedos dele estavam machucados e com cascas de feridas, o antebraço nu manchado com hematomas roxos. Mas ele estava vivo.

E ela também.

Mudando de posição, Lara não conseguiu abafar um gemido quando dor atravessou seu corpo, e Aren se empertigou na cadeira.

— Você está acordada.

— Por quanto tempo eu dormi? — A língua dela estava seca como um deserto, e ela avidamente aceitou o copo de água que Aren segurou perto de seus lábios, sem se importar com a água escorrendo por seu queixo enquanto bebia.

— Três dias. — Ele colocou o copo de lado e se inclinou sobre ela, seus olhos à procura de algo. — Me disseram que é um verdadeiro milagre você estar viva, considerando os seus ferimentos e… — Ele se interrompeu, o rosto se contraindo.

— E o fato de eu ter me afogado?

— Sim. — Os olhos castanhos de Aren brilhavam com lágrimas não

derramadas quando cruzaram o olhar dela. — Você estava morta. Morta nos meus braços, e eu… Eu... — Ele esfregou a mão no rosto, balançando a cabeça.

— Eu ouvi você chamar meu nome — ela sussurrou. — Eu ouvi você me dar uma ordem pra lutar.

— Porra, primeira vez que você ouviu.

Ela sorriu, mas tristeza cresceu em seu peito.

— Não se acostume.

Era tudo uma névoa na mente de Lara. A batalha. Os momentos no túnel da caverna com o rastrilho entre eles. Mas ela se lembrava. Lembrava de Aren dizendo a ela que a amava. Que precisava dela. Que não a deixaria morrer.

Mas essas foram palavras ditas no calor do momento, quando os dois pensavam que a morte pairava sobre eles. Quando tudo parecia possível, desde que sobrevivessem.

Agora os dois precisavam enfrentar a realidade.

Ela era a rainha traidora. A razão pela qual Ithicana perdera a ponte. A razão pela qual centenas, senão milhares, de Ithicanos perderam suas vidas. O fato de ela ter sido fundamental na libertação do povo significava muito pouco. Algumas coisas eram imperdoáveis.

— A guerra acabou? — ela perguntou. — Você retomou o controle da ponte?

Aren assentiu.

— A tempestade durou só metade de um dia, mas afastou as frotas Amaridianas e Maridrinianas. Com seu pai morto, eles parecem ter escolhido voltar para seus respectivos portos. A maioria dos soldados que permaneceram nas nossas praias estão se rendendo, e permitiremos que partam de Southwatch. Faremos o mesmo com os prisioneiros aqui, assim que pudermos transportá-los.

— Você não está preocupado? — ela indagou, sentindo inquietação crescer em seu interior. — Irá devolver o exército de Maridrina sem recuperar totalmente o controle antes.

— Apesar da traição dele, Keris não é igual ao seu pai. E nós dois sabemos que a mente dele está totalmente voltada para o conflito com Valcotta. E para Zarrah. Com o fim da temporada de calmaria, as tempestades irão cumprir seu dever e manterão Ithicana segura enquanto nós nos reerguemos. O povo já está clamando por voltar para casa. Por reconstruir tudo. Assim que tivermos certeza de que as ilhas não estão ocupadas por inimigos, começaremos a enviar as pessoas de volta para seus lares.

O peito de Lara se apertou, mas era melhor acabar logo com isso.

— Assim que eu estiver bem o suficiente para andar, vou embora. — Para onde iria, ela não tinha certeza. Primeiro, encontraria Sarhina. Depois...

O futuro dela era aberto e ilimitado, mas parecia vazio.

Aren ficou em silêncio por um momento.

— Se essa for sua decisão, não irei impedi-la.

— Decisão implica escolha, Aren. E nisso não há escolha. Eu não sou desejada aqui.

Ele hesitou, o pomo de Adão se movendo quando ele engoliu em seco uma vez. Duas vezes.

— Eu te quero aqui, se você estiver disposta a ficar. Se você *quiser* ficar.

Fechando os olhos, Lara respirou fundo, estremecendo com a dor em suas costelas.

Seria mais fácil se ele dissesse para ela partir. Mas agora Lara teria que fazer isso sabendo que ele ainda se importava com ela. Ela teria que ir embora sabendo que ainda havia uma chance de eles ficarem juntos, se ela fosse egoísta o suficiente para aproveitá-la.

— Ithicana precisa de você, Aren. Precisa do seu rei.

— E da sua rainha. — Recostando-se na cadeira, ele puxou algo do bolso, e Lara reconheceu como o colar da mãe dele. A forma geográfica de Ithicana mapeada em ouro, esmeraldas e diamantes negros. Ela deixara o objeto aqui por segurança, sem esperar usá-lo novamente. — Você sabe como julgamos traidores em Ithicana? — ele perguntou, interrompendo os pensamentos dela.

— Vocês dão os traidores de comida aos tubarões.

Um leve sorriso apareceu no rosto dele.

— É mais que isso. Suspendemos o traidor acusado no mar, depois o jogamos como isca na água. Se os tubarões atacarem, significa que as acusações foram merecidas, assim como a punição. Mas se os tubarões deixarem a pessoa em paz, significa que ela não é uma traidora, que ela é fiel a Ithicana. — O olhar dele ficou afiado, focando nela. — Eu nunca vi os tubarões não fazerem um banquete do traidor. Nunca ouvi falar disso. Até agora.

O coração de Lara errou uma batida.

— Ahnna viu. Taryn viu. Aster, que Deus abençoe sua alma supersticiosa, viu você pular daquele navio e nadar, sangrando e se debatendo, por águas infestadas de tubarões, e nenhum deles tocar em você.

— Sorte — ela suspirou, mas Aren balançou a cabeça.

— Havia centenas deles. E Ahnna disse que o maior nadou pra bem perto de você, olhou e depois nadou para longe. Várias vezes. Eles mataram todos os soldados na água, mas não *você*. Além disso, *ninguém* mais está te chamando de rainha traidora.

Uma lágrima quente escorreu pelo rosto de Lara, porque ela *era mesmo* fiel a Ithicana. Ela amava esse reino e amava o povo, mas...

— Será preciso mais do que mitos e lendas para que as pessoas me perdoem,

Aren.

— Verdade. Mas esses mitos e lendas significam que eles te darão a oportunidade de *merecer* o perdão deles. Se você estiver disposta a tentar.

Ela chorava agora, soluçando em alívio. Era isso o que ela queria mais do que qualquer outra coisa. A oportunidade de se redimir. A oportunidade de ser melhor. A oportunidade de amar.

— Você vai ficar?

— Sim. — Ela sorriu quando ele a ajudou a se sentar e colocou os braços em volta do pescoço dele. Inalando o cheiro dele. — Eu vou ficar.

Alguém bateu na porta e, em seguida, Ahnna entrou. Os olhos da princesa de Ithicana estavam frios, mas ela inclinou a cabeça respeitosamente para eles dois.

— Todos estão reunidos, Vossa Graça. Eles estão esperando para ouvi-lo falar.

Aren se levantou.

— Irei contar meus planos a eles. Você fica aqui. Descanse. Eu voltarei.

Mas Lara balançou a cabeça. Engolindo a dor, ela se levantou, aceitando o braço de Aren para se equilibrar. Pegando as roupas que Ahnna ofereceu, ela se vestiu cuidadosamente, sentindo o puxão das feridas costuradas e a dor das costelas quebradas, mas Lara nunca se sentiu tão forte. Nunca se sentiu mais viva.

Aren balançou a cabeça.

— Você não precisa provar nada para mim, Lara. Eu sei melhor do que ninguém o quão forte você é.

Apertando o cinto, ela olhou para ele.

— Eu jurei lutar ao seu lado, defendê-lo até o meu último suspiro, cuidar do seu corpo e de nenhum outro, e ser leal a você enquanto eu viver. — Pegando suas facas, ela as deslizou nas bainhas, produzindo dois baques. — E isso significa que onde você for, eu também vou.

Os olhos dele estavam cheios de calor. De desejo por ela. De respeito por ela.

— Como quiser, Vossa Graça. — Oferecendo o braço, Aren se abaixou, seu hálito quente contra o ouvido de Lara. — Não há ninguém no mundo como você, você sabe.

— Não, não há. — Lara endireitou os ombros quando as portas da varanda foram escancaradas, revelando uma multidão do povo deles esperando abaixo. — Porque só existe uma Rainha de Ithicana. Assim como só existe um Rei. E se algum dos nossos inimigos ousar tomar o nosso reino, nós os colocaremos de joelhos.

A história continua com um novo romance sexy no terceiro livro da série The Bridge Kingdom.

Nas ruas devastadas pela guerra de Nerastis, a General Zarrah Anaphora encontra terreno comum – e paixão ardente – com um estranho, sem saber que ele é o herdeiro da coroa do inimigo mortal do seu país.